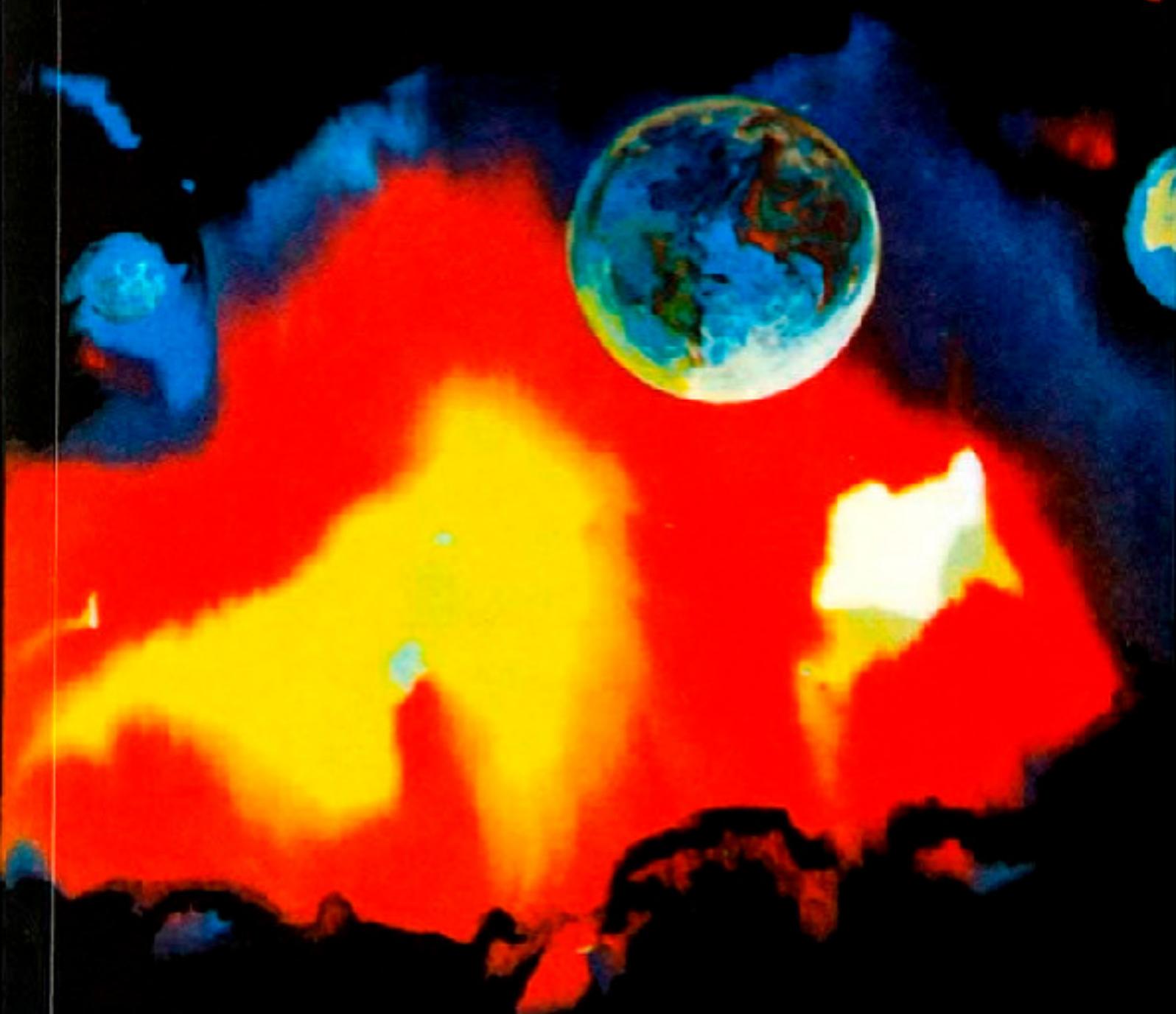


REGIÃO EM LITÍGIO

entre este mundo e o outro



Robert Dale Owen

feb

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

ROBERT DALE OWEN

REGIÃO EM LITÍGIO ENTRE ESTE MUNDO E O OUTRO

ÍNDICE

A ATITUDE ATUAL DO MUNDO RELIGIOSO

- § 1º PREÂMBULO
 - § 2º Sucessos e reveses do primitivo protestantismo
 - § 3º Princípios insuficientes sugeridos por si mesmos
 - § 4º Qual a explicação dos episódios precedentes?
 - § 5º O pecado em Marburg e em Genebra
 - § 6º A vida e a morte de Serveto
 - § 7º A tolerância religiosa no século décimo-sexto
 - § 8º Principais doutrinas dos reformadores
 - § 9º Que lição nos dá a história da Reforma
 - § 10º O espírito e os ensinamentos do cristianismo comparados aos da teologia calvinista e luterana.
 - § 11º Efeitos produzidos sobre a moral por certas doutrinas favoritas dos reformadores
 - § 12º Corroborante da história
 - § 13º O Cristianismo, expurgado dos credos parasitas, é uma ciência progressiva
 - § 14º O Espiritismo é necessário para confirmar as verdades e assegurar o progresso do Cristianismo.
- Notas de Rodapé da 1º Parte

PARTE PRIMEIRA

Comunicação dos conhecimentos religiosos ao homem

CAPÍTULO I - A infalibilidade humana

CAPÍTULO II - A revelação espírita

CAPÍTULO III - A inspiração

CAPÍTULO IV - Dificuldades e preconceitos

PARTE SEGUNDA

Algumas Características dos Fenômenos

CAPÍTULO I - Sua usual espontaneidade

CAPÍTULO II - Os animais percebem os fenômenos espíritos

CAPÍTULO III - Universalidade das manifestações espíritos

CAPÍTULO IV - Frivolidade aparente de alguns fenômenos espíritos

PARTE TERCEIRA

Manifestações Físicas

CAPÍTULO I - A tipologia espírita

CAPÍTULO II - Movimentos de corpos pesados, por um poder oculto

CAPÍTULO III - Escrita espiritual direta

CAPÍTULO IV - Os fatos espíritos

PARTE QUARTA

Identidade dos Espíritos

CAPÍTULO I - Provas reais das relações deste com o outro mundo

CAPÍTULO II - Identidade de um Espírito que deixou a Terra há trezentos anos

CAPÍTULO III - Manifestação espontânea de um Espírito elevado

PARTE QUINTA

A Prova Cabal da Imortalidade

CAPÍTULO 1 - O grande artigo de fé do primeiro século
CAPÍTULO II - Aparições espontâneas
CAPÍTULO III - Minha experiência a respeito das aparições
CAPÍTULO IV - Manifestação de um parente
CAPÍTULO V - O que são as aparições e como se formam

PARTE SEXTA

Os Dons Espirituais do Primeiro Século estão Aparecendo
Também em Nossos Dias

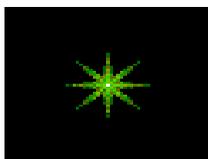
CAPÍTULO I - As curas por influência espiritual
CAPÍTULO II - Outros dons espirituais

PARTE SÉTIMA

Com Vistas aos Cristãos que Crêem na Lei Imutável e no
Progresso Religioso

CAPÍTULO I - Sumário
CAPÍTULO II - O que está contido nos ensinamentos do Cristo

Notas de Rodapé 2º Parte



PREFÁCIO DO TRADUTOR

Vertendo para o português esta obra, que já conta com três edições nos Estados Unidos da América do Norte, onde reside o seu autor, acreditamos prestar um serviço relevante aos que se dedicam ao estudo dos fenômenos espirituais, das manifestações dos habitantes do outro mundo, que, por toda parte e sob as mais variadas formas, estão vindo trazer aos deste planeta provas inconcussas da sobrevivência da alma após a dissolução do corpo, da sua imortalidade, do seu progresso indefinido; a fim de facilitar-lhes os meios de conhecerem as leis invariáveis e eternas que regulam o progresso da criação.

O trabalho do Senhor Robert Dale Owen, que ora traduzimos, é digno de sério estudo dos que buscam a verdade nas ciências espirituais, morais e religiosas. Quer na parte filosófica, quer na apreciação dos fenômenos das manifestações, o autor patenteia-nos a perspicácia de um diplomata e a sinceridade de um homem de ciência, que, livre de preconceitos, só quer achar a verdade.

O autor, nas inúmeras notas com que enriquece a sua obra, além de citar os capítulos e páginas dos autores que compulsou, transcreve grandes trechos. Isso tornaria o trabalho muito longo e viria entre nós dificultar a sua leitura, motivo pelo qual na tradução suprimimos esses trechos, limitando-nos a citar as obras, os capítulos e as páginas.

EWERTON QUADROS.

PREFÁCIO DO AUTOR

A escritura ensina que as leis do mundo espiritual são a mais alta expressão das leis da Natureza, cuja ação, modos de operar e efeitos estão presos à constituição e ao curso das coisas.

(ARGYLL)

Um dos mais conhecidos e brilhantes triunfos da ciência astronômica foi à predição, antes de ser feita à descoberta, da existência e, aproximadamente, do lugar no firmamento em que se devia achar um Planeta pertencente ao nosso sistema solar, fazendo a sua revolução além da órbita de Urano.

De longa data possuíam os astrônomos certos dados invariáveis, como, por exemplo, que todo Planeta sujeito somente à ação do Sol descreve uma órbita elíptica, porém que, se além dessa ação, ele for também sujeito a uma atração menor, mas apreciável, de outro Planeta, esta o desviará da elipse que ele tinha de descrever, e, tais perturbações, como dizem os astrônomos, podem ser calculadas, de modo a poder-se conhecer a posição exata de cada Planeta em uma certa época do passado ou do futuro. Apesar do Planeta Urano ter sido descoberto anteriormente, ele foi visto em 1781, mas confundiam-no com uma estrela fixa, depois do que desapareceu, ficando então registrado o seu lugar, como havia antes sido feito em 1690; porém, de tempos a tempos, ele foi também visto por muitos observadores no correr do século dezoito.

Notou-se que havia divergências entre as posições observadas do Planeta e aquelas que ele devia ocupar, entrando-se no cálculo com todas as influências perturbadoras conhecidas; e quando, depois da atual descoberta, foram calculadas as suas tábuas, fundadas em observações de muitos anos, reconheceu-se que essas divergências, entre as posições indicadas nas tábuas e as observadas no Planeta, cresceram gradualmente até 1822, depois ficaram estacionárias e em seguida começaram a decrescer. Isso indicava a permanente existência de uma causa perturbadora oculta. Qual podia ser essa causa? Sem dúvida era um Planeta além de Urano, afastado do Sol.

Com esses elementos, jogando com certos postulados prováveis quanto à órbita e a distância média do Sol desse suposto Planeta perturbador, depois de profundas investigações, esgotando todos os recursos da analogia, um jovem observador parisiense, Le Verrier, escreveu a um dos principais astrônomos do Observatório de Berlim, indicando-lhe o lugar em que devia encontrar-se o Planeta e

pedindo-lhe que o observasse. Ele foi encontrado naquela mesma noite, apenas notando-se uma diferença entre o ponto indicado e o real, menor que a de dois diâmetros do disco lunar. (*)

(*) J. C. Adams, da Universidade de Cambridge, sem saber que o astrônomo francês se entregava a esse trabalho, o fez também de sua parte, chegando, mais ou menos, ao mesmo resultado.

Se algum Le Verrier da ciência espiritual tiver tomado nota, durante os vinte e cinco últimos anos, da ação de certos agentes perturbadores, cujos efeitos se patenteiam por toda parte, no mundo religioso, poderá fazer uma predição ainda mais importante que a do astrônomo francês.

Por certo deve ter notado e é de toda a evidência, que uma antiga crença tende a desaparecer da sociedade civilizada e que se está operando uma transformação preñe de importantes resultados.

Essa modificação deve operar-se na feição excepcional e miraculosa da crença que, não se coadunando com a idéia que fazemos da Divindade, ao manifestar-se em suas obras mediante as leis naturais, ensina que em certas ocasiões, Deus modifica ou suspende o curso dessas leis, ou à imitação do homem, estabelece leis temporárias para uma certa época do mundo, suprimindo-as nas épocas seguintes. Em uma palavra, o mundo civilizado vai gradualmente se convencendo de que as leis naturais são universais, invariáveis e eternas.

Sobre o advento dessa transformação, um observador minucioso, dotado da faculdade da previsão, pode antever algumas das suas conseqüências.

Se as leis naturais são invariáveis, as obras maravilhosas, pelos evangelistas atribuídas ao Cristo e aos seus discípulos, não se realizaram ou, conformando-se com essas leis, não foram milagres.

Se elas não se realizaram, o Cristo, assumindo a sua paternidade, prestou-se a uma decepção, como acreditaram Renan e outros, o que é incompatível com a sua personalidade e desvaloriza os seus ensinamentos. Mas, se essas obras se produziram de conformidade com as leis naturais; e se essas leis não se alteram de uma a outra geração, nada se opõe a que, obedecendo a elas, os mesmos sinais e

maravilhas possam realizar-se ainda hoje e devemos esperar encontrá-los em todos os tempos. Um observador perspicaz, porém, pode ainda descobrir mais do que isso.

Ele encontrará duas escolas religiosas de opiniões antagônicas: uma tomando o miraculoso e o infalível como base da verdade espiritual, tendo essa base, como principal representante, uma Igreja assaz poderosa, com um domicílio de mil e quinhentos anos, vencedora de seus mais ativos e intrépidos adversários e, mesmo, aumentando o número de seus adeptos, como sucedeu nos últimos trezentos anos; a outra, datando apenas de trezentos e cinquenta anos, adaptando-se mais ou menos ao espírito do seu tempo e, assim, buscando trilhar o caminho do progresso, mas com precedentes menos imponentes, com menor número de aderentes, e esses mesmos enfraquecidos por sua mistura com os indiferentes e, ainda mais, por suas dissensões intestinas sobre questões de vital importância; mesmo entre seus partidos religiosos surge a questão da uniformidade da lei, ou dos milagres, inclinando-se muitos a crer que o abandono da doutrina do miraculoso implica a negação das obras do Cristo.

Uma luta aparentemente tão desigual pode produzir grande desânimo. O nosso Le Verrier espiritual, contemplando isso, há de como o seu homônimo, sentir-se desanimado pela dificuldade de predizer o lugar em que o mundo desconhecido deve ser encontrado.

Contudo, se o nosso observador tiver uma crença firme na superioridade do Cristianismo e na doutrina da lei natural, conseguirá, evitando essas dificuldades, chegar a uma solução prática.

A história lhe dirá que as obras do Cristo e dos seus discípulos, interpretadas pelos judeus como milagres, atraíram principalmente a atenção de povos semibárbaros, incapazes de apreciar o valor intrínseco e a beleza moral da doutrina por eles ensinada. A analogia poderá sugerir-lhe que, se fenômenos mais ou menos semelhantes a esses puderem ser testemunhados em nossos dias, e se eles não forem postos de lado pela pretensão de serem miraculosos, produzirão sobre a moderna indiferença uma impressão mais ou

menos idêntica. Então, se ele acreditar que Deus, em abundância nos concede os meios para suprimos à nossa deficiência física, e que não deixará de, no tempo próprio, prover às nossas necessidades espirituais, lhe ocorrerá à mente que a manifestação que ele observa de poderes e dons mais ou menos semelhantes aos que foram vistos nos tempos apostólicos, não é mais que o meio para isso empregado; e, se ele for cristão, a sua suspeita será confirmada pelos ensinamentos de Jesus, que, dispondo desses dons e poderes, prometeu semelhantes faculdades depois de sua morte, aos seus sectários, evidentemente não considerando somente como tais àqueles que viviam no seu tempo.

Guiado por tais premissas, o nosso suposto observador dos vinte e cinco últimos anos, ainda que vivendo em um tempo em que os termos médium e manifestações (na sua moderna acepção), não tinham aparecido, não poderá deixar de predizer o breve aparecimento e reconhecimento entre nós dos FENÔMENOS ESPIRITUAIS. Assim como Le Verrier, guiado por dados positivos e postulados admissíveis escreveu em 1846 ao Doutor Galle, dizendo-lhe o que ele havia de encontrar no céu, assim o previdente observador cristão poderia, no mesmo ano escrever a algum seu amigo, declarando-lhe que bem depressa alguma coisa ia ser testemunhada na Terra.

A manifestação dos fenômenos espirituais entre nós, obedecendo à lei, tende não só a reconciliar a escritura com a sã filosofia, a justificar a doutrina do reinado universal da lei, a explicar e confirmar a certeza geral das narrativas evangélicas, mas também a fazer muito mais que isso. Ela vem fornecer a uma minoria religiosa, que luta muito necessitada de auxílio, os meios de demonstrar, mesmo àqueles que não crêem na escritura, a grande verdade da imortalidade da alma, e pôr à disposição dessa mesma minoria, ameaçada pela grande superioridade numérica de seus adversários, os argumentos poderosos, as armas de que ela urgentemente necessitava para lutar.

Considerações menos valiosas que estas bastariam para provar que o assunto de que nos ocupamos neste volume é de inqualificável importância para a ciência e para o Cristianismo.

Nas páginas seguintes, procuro demonstrar que a religião, como o Cristo ensinou-a, conquanto esteja certo de seu triunfo final, achase atualmente sob uma cruel pressão, exercida, de um lado pelas hostes arregimentadas sob a bandeira da Infallibilidade, e do outro pelos vigorosos campeões da Ciência; e, nesse apuro, a evidência experimental da existência dos modernos fenômenos espirituais, uma vez demonstrada, prestar-lhe-á um serviço superior ao que se pode imaginar. Procuro também fazer ver que, se observarmos tão desapassionadamente, como o fez o astrônomo de Berlim, obteremos, quanto à realidade e verdadeiro caráter desse fenômeno, provas tão concludentes como as que confirmaram a existência do último Planeta descoberto.

Há doze anos que eu busco aplanar este caminho. Assim como Urano foi acidentalmente visto, mas não reconhecido como Planeta durante um século, assim também, os fenômenos espirituais têm sido observados e registrados de tempos a tempos no passado, sem se ter pensado que eles se produziam, como agora sucede, obedecendo a uma lei. Considerando-os sob esse ponto de vista, eu trouxe à luz da publicidade os que me pareceram mais autênticos. (*)

(*) Em uma obra publicada em 1860, *Foolfalls on the Boundary of Another World*, o autor apresentou a narração de fenômenos espirituais espontâneos dados no espaço de duzentos anos.

Na presente obra parcialmente histórica, não obstante apresentar nela narrações isoladas, a título de esclarecimentos, não deixarei de tocar incidentalmente em certas doutrinas, que para mim têm mais popularidade que utilidade. Se eu não for bem-sucedido, como bem pode acontecer, ingerindo-me de um modo sincero e desapassionado nos negócios dos credos em luta, não será isso por falta de esforço diligente.

Entro no assunto que ora me ocupa com uma profunda convicção de que ele pode fornecer as provas fenomenais de uma vida futura, pois as provas fenomenais convencem muito mais que a

evidência histórica. Se o telégrafo elétrico tivesse sido inventado há dois mil anos e se, depois de empregado por um curto período, houvesse caído no número das artes perdidas, embora nos falassem de seus velhos triunfos, essa lembrança produziria, da nossa parte, uma crença nesse invento mais fraca do que consegue fazê-lo o fenômeno moderno por nós observado.

Essas reflexões vencem a relutância, que se possa sentir em impelir para a frente aquilo que, por algum tempo, jazia no mundo interdito. Não sou temerário, nem ambicioso de um resultado imediato. As idéias novas, mesmo verdadeiras, raras vezes infundem desde logo respeito, no sentido que o mundo liga a este termo. Os homens que se fizeram por seus méritos, escolhem, porém, lentamente, o rumo que lhes parece melhor.

O leitor encontrará neste volume algumas repetições. Tratando-se de um assunto com o qual o ânimo do público está pouco familiarizado, é difícil evitar-se isso, mesmo porque, em discussões desta ordem o uso as permite.

AO CLERO PROTESTANTE

A atitude atual do mundo religioso

§ 1º PREÂMBULO

Cada coisa tem sua época própria, cada empreendimento tem o seu tempo marcado pelo Criador.

(ECLESIASTES)

Cada homem, seja de posição humilde ou elevada, tem, conforme suas luzes ou convicções, deveres a cumprir para com a

sociedade, seja por palavras, seja por atos. Aquele que, depois de cuidadosa vigília e sérias diligências para descobrir uma verdade e conhecer se ela merece ser propagada, adquirir a convicção de dever fazê-lo, será um infiel se conservar em silêncio. É por esse motivo e sob o império dessa impressão que a vós me dirijo.

Meu trabalho tem, pelo menos, este título de recomendação a vossas atenções; aquilo que eu nele avanço, poderá vir de envolta com algumas falsas concepções e ser limitado pela fraqueza das minhas vistas, mas foi escrito religiosamente, sob o impulso da consciência, como se cada palavra tivesse de ser pronunciada aos pés do trono do Onipotente.

Não podeis deixar de reconhecer a grave importância do assunto que vos vou expender, visto referir-se, em primeiro lugar ao presente estado da teologia, à deficiência religiosa do mundo e, incidentalmente, à realidade da inspiração completa; em segundo lugar, trata-se do caráter daquilo que, nos evangelhos e nas epístolas, tem o nome de maravilhas e milagres e, às vezes, de dons espirituais; afinal, e especialmente, à questão de saber se fenômenos análogos a esses não se estão operando em nossos dias.

Um perfeito conhecimento desses assuntos, cuja importância vai muito além da que se lhes tem prestado, é indispensável ao adiantamento da parte espiritual do homem. A vós, principalmente, compete enfrentar essas questões. Vosso cargo, por si mesmo e pela eminência de seus deveres, é o mais alto neste mundo, pois que cuidais da parte espiritual que constitui o homem.

Deveis ser os guias da humanidade. Para manter porém, uma tal posição, não basta ser zeloso, instruído e, mesmo, sinceramente piedoso.

A letra de uma lei, eclesiástica ou secular, governa menos que o espírito do tempo. Somente vós podeis dirigir o movimento religioso, ora sujeito ao impulso dessa verdade.

O leigo que ora reclama vossa atenção, justifica-se dizendo que no seio das imunidades de vossas igrejas não estais em posição favorável para ouvir a verdade que se expande fora do vosso meio. Julgo que a ouvis menos que qualquer outra corporação de homens.

Gozaís de um privilégio cheio de tentações, que é o falardes uma vez por semana, durante anos e anos, com a certeza de que ninguém vos pode replicar ou acusar, o que sempre perturba o orador e ao auditório. O maior número dos que se aproximam de vós, devido ao respeito, finge uma submissa aquiescência, mas, a maior prova de respeito que se pode dar a um homem ou a uma classe, consiste em se lhes falar com franqueza e boa fé.

A conseqüência geral dessa vossa posição é a restrição dos vossos ensinamentos habituais aos limites sectarianos. Enquanto outros transgredindo a rotina atiram-se a novos campos de investigações, vós, encerrados em vossas trincheiras, envergonhados e infecundos, nada observais. Não tenho a fortuna de saber se algum dos vossos, como eu o fiz, dedicou seu tempo e pensamento à questão de indagar se hoje, como no passado, os habitantes do outro mundo influenciam, para o bem ou para o mal em nossa vida. Entretanto, se discretamente estudassem, a investigação seria justificável, e ninguém poderia alcançar maiores resultados éticos e religiosos. Não somos nós que, prosseguindo em nossos estudos, temos a obrigação de defender a direção que lhes damos: são aqueles que os desprezam que devem ser chamados a dar as razões desse desprezo.

É crença justificada pela história do mundo que Deus permite que o homem adquira novos conhecimentos, à medida que vá reconhecendo a deficiência dos que possui e que o curso do tempo o tenha tornado apto para recebê-los. (João XVI, 12.)

Cada época tem suas necessidades especiais: industrial, política, social ou espiritual. Creio que militam poderosas razões a favor da opinião de que, no tempo atual, para sustentar uma verdadeira reforma de crenças e corrigir os velhos erros que se implantaram nelas, precisamos de um auxílio direto de fonte espiritual. Se a história escrita pelos Evangelistas é uma narração autêntica, a concessão desse auxílio em determinados tempos, faz parte do plano divino. Eis uma questão que somente pode ser decidida pela evidência própria, a fim de saber se Deus nos enviou agora esse auxílio.

É certo que essas memórias históricas, escritas há cerca de dois mil anos, não dão às almas investigadoras de hoje as mesmas convicções que eram colhidas pelos nossos antepassados. A crença moderna no invisível exige, desde já, novas e complementares explicações.

Isso se tornará mais manifesto se estudarmos desapassionadamente a posição atual do mundo religioso, sua atitude em relação à ciência e o dilema em que ele está colocado, de aceitar ou rejeitar as descobertas modernas já reconhecidas. Os mais atentos de entre os vossos, não têm deixado de notar os sinais dos tempos. Eles devem ter compreendido que não se pode ficar de braços cruzados ante esse movimento. Oculto, mas seguramente, o ceticismo minou as crenças populares: a base antiga vai faltando aos nossos pés.

Não há motivos de receio senão para aqueles que julgam que o mundo só pode ser salvo por meio do seqüestro. A religião não corre o risco de subverter-se, mais que as eternas colinas o de submergir-se, pois, os alicerces daquela, na alma, são mais sólidos que os destas, no solo firme; as opiniões, porém, que não se conformam com o progresso do mundo, essas sim, devem, mais tarde ou mais cedo, ser modificadas, não obstante todo o esforço contrário para sustentá-las. Debalde nos apegaremos às antigas perplexidades da doutrina; se ficar provado que elas estão em completo antagonismo com as luzes do século dezenove, continuarão a ser a crença somente dos tempos em que as colunas de Hércules marcavam o limite ocidental da Terra.

Sem dúvida, muitos dos vossos estarão sinceramente convencidos de que o que eles julgam ortodoxo não necessita de influxo espiritual para garantir seus progressos ou corrigir seus erros; estarão convencidos de que não há espírito antifilosófico que exija reforma, nem enganos perniciosos que devam ser corrigidos. Se eles, porém, tivessem razão nisso, muitos problemas conexos com a história do Protestantismo se tornariam de difícilíssima solução.

Aludo a certos incidentes, para falar dos quais precisamos retroceder cerca de trezentos e cinqüenta anos, pois que estão muito

relacionados com a elevação e os progressos da grande Reforma, com seus maravilhosos sucessos e seus enormes reveses, principalmente durante o primeiro século do seu desenvolvimento e uma quarta parte do século seguinte.

§ 2º Sucessos e reveses do primitivo protestantismo

Foi a dez de dezembro de 1520 que o valoroso Martinho Lutero queimou a bula papal de excomunhão, que, com repugnância, Leão X lançara contra ele. Menos de meio século depois, tendo falecido o filho do mineiro alemão e seu adversário Médicis, o espírito da religião reformada estendeu-se até os mais distantes e obscuros recantos da Europa. Que império imenso conquistou o Protestantismo no espaço de quarenta anos! Era um império que ia da Islândia aos Pireneus, da Finlândia às cumeadas dos Alpes Italianos. (1)

É certo que o todo desse vasto império não ficou definitivamente sob o domínio da nova fé.

Na Inglaterra, Escócia, Dinamarca, Suécia, Islândia, Livônia, Prússia, Saxônia, Hesse, Vurtemburgo e no Palatino, Holanda setentrional e muitos cantões da Suíça, a Reforma triunfou completamente; ao passo que na França, Bélgica, Baviera, Boêmia, Vestfália, Áustria, Polônia e Hungria, conquanto a luta ficasse indecisa, os dardos de Lutero e de Calvino deixaram muitos feridos nas massas populares. Em França, por exemplo, na fase calvinista, as doutrinas reformadas invadiram quase todas as províncias do reino; na Bretanha e Normandia, na Gasconha e no Languedoc, no Poitou, Turena, Provence a Delfinado uma grande maioria professava a fé protestante. "A Vossa Alteza (escreveu o embaixador veneziano junto à corte de França, ao Doge, em 1561) pode crer que, com exceção das classes inferiores, que ainda zelosamente freqüentam as igrejas, tudo mais as abandonou, especialmente os nobres, e quase sem exceção todos os que têm menos de quarenta

anos." Ele declarava, ainda, que não somente os sacerdotes, monges e frades tinham abraçado essa heresia, mas ainda bispos e muitos dos mais considerados prelados, acrescentando que as prisões, as barras e as estacas, somente tendo servido para agravar a situação, tinham sido abandonadas e os prisioneiros libertados se congratulavam uns com os outros, por haverem vencido seus adversários, aos quais eles chamavam Papistas. (2)

Na Polônia Prussiana o direito do chefe do Estado ao exercício da religião, conforme o rito luterano, foi confirmado por cartas expressas em 1557 e 1558, enquanto na própria Polônia os protestantes chegavam mesmo a obter sedes episcopais.

Na Hungria, em 1554, um luterano foi eleito palatino do império. Na Baviera uma grande maioria dos nobres abraçou as novas doutrinas e o próprio duque, em certas ocasiões, assistia aos ofícios protestantes. Na Áustria a revolução do sentimento foi ainda maior; os nobres estudavam em Vitemberg, com professores que tinham sido discípulos de Lutero; os colégios da Áustria eram filiados aos protestantes e asseverava-se que só a trigésima parte dos habitantes se conservava fiel ao Papa.

Na Holanda, as execuções e perseguições nada conseguiram; e a ferocidade desumana do Duque de Alba, fazendo executar, segundo os cálculos trinta mil protestantes, só nos Países Baixos, foi impotente para deter o progresso das novas opiniões. A Espanha e a Itália, conquanto não totalmente isentas do vírus da doutrina herética, foram os únicos países europeus de alguma importância, que, depois de uma luta de meio século, ficaram fiéis à Santa Sé. (3)

Se agora imaginarmos um homem de juízo reto e previsão segura, um espectador da revolução religiosa do século dezesseis, cujas convicções coincidam com as de Lutero e seus aderentes; se o supusermos, depois de passados dois terços do século olhando de perto para as modificações produzidas pela Reforma e refletindo sobre a provável religião futura da Europa, que juízo antecipado pronunciará ele? Não duvidamos de que a sua convicção racional será que daí a trinta ou quarenta anos se assista a agonia de todo esse venerável sistema de política eclesiástica, dotada de uma vitalidade

mais que antediluviana e que, das Sete Colinas tem estendido o seu cetro espiritual sobre o mundo, durante uma série de séculos mais longa que aquela em que os sucessores de Rômulo dominaram na cidade eterna.

Contudo, quão estupendamente falaz foi essa expectativa, acariciada por milhões de homens!

Havia oitenta anos que essa luta subsistia, quando, em 1648, os direitos e limites das igrejas rivais foram determinados por tratados. Mas, como foram determinados? Dos países europeus que em 1568 eram julgados Terreno em Litígio, na controvérsia teológica, cada um, sem exceção, a França, a Áustria e a Bélgica; a Baviera, a Boêmia, a Polônia, Hungria e mesmo a Vestfália, onde se assinaram tratados, parciais, haviam voltado à fé romana (4). Não somente o Protestantismo os perdeu todos, como, num lapso de duzentos anos, nunca mais os readquiriu.

Não há hoje uma nação européia protestante, que já o não fosse há trezentos anos.

Nós, cristãos estranhos à fé romana, temos muito que alegar em resposta. Pretendemos que a decadência da nação espanhola, de tão altiva proeminência, foi principalmente devida à influência da Igreja Católica (5); que a civilização da Itália e da Irlanda achou-se retardada pelo mesmo motivo; e, em geral, que o desenvolvimento da riqueza, da indústria e da inteligência foi maior no norte do que no sul dos limites estabelecidos pelo tratado de paz de Vestfália, não obstante haver sido mudada, desde aquele dia, a fronteira geográfica prescrita às duas religiões desde a data daquela paz, e essa variação é a favor dos últimos (6). Nos países mais fundamentalmente protestantes e em nossos dias mesmo, a invasão do Catolicismo no seio das crenças admitidas tem sido tal que provoca graves reflexões à mente dos pensadores. Em um terço de século, isto é, de 1833 a 1867, o número das igrejas católicas na Grã-Bretanha subiu além do dobro, e os dos seminários católicos quintuplicou-se. Em 1833, ano em que nasceu em Oxford o grande movimento, não havia nas Ilhas Britânicas um só convento, uma só escola católica; mas, nos trinta e quatro anos seguintes aí foram fundados cerca de trezentos dos

primeiros e quatrocentas e cinquenta das últimas. Não será isso um progresso notável, feito pela igreja romana, mesmo nos países mais protestantes? Isto se dá em nosso país, havendo outros em que as conquistas do romanismo sobre o protestantismo são ainda mais notáveis. No decurso dos dois séculos e meio, que passaram desde a convenção de Virgínia, no ano 1859, o número de católicos nos Estados Unidos da América do Norte subia somente a dois e meio milhões; nove anos depois, 1868, esse número tinha dobrado. Há doze anos eles faziam a décima-segunda parte da nossa população; hoje constituem mais da sétima parte.

Se supusermos que essas duas grandes divisões da igreja cristã sigam aumentando na proporção supra-indicada, durante quatro períodos de nove anos cada um, no fim desse tempo o excesso a favor dos católicos será de muitos milhões. (7)

Como tudo isso é estranho, quando se admite que a Razão e a Escritura estavam ao lado dos reformadores! Continuando o Protestantismo no seu ponto de vista atual, com que dificuldade vai lutar na sua prédica!

§ 3º Princípios insuficientes sugeridos por si mesmos

Algumas causas menores, baseadas nesse fluxo e refluxo de opiniões, ainda que somente acessórias, são por alguns compreendidas com satisfação. O progresso temeroso do movimento luterano durante os primeiros dez ou vinte anos, convenceu a astuta corte de Roma de que só por uma reforma de si própria ela poderia resistir ao gigantesco Protestantismo, e essa sua convicção patenteou-se no caráter dos novos pontífices escolhidos. Antes do estandarte da heresia ter sido desfraldado nas margens do Elba, a igreja fora dirigida por um Xisto IV, desumano e desavergonhado nepotista; um Alexandre VI, com a sua sensualidade e o séqüito de seus filhos, os infames Bórgias; Leão X, com a sua elegante luxúria e profusa prodigalidade. Mas, o tufão partido de Vitemberg varreu a

superfície da terra e a hora da necessidade soou; a igreja recorreu à corretiva influência de homens como Paulo I^o, probo, inteligente e sagaz; e Paulo IV, austero, impulsivo, inflexível e guiado por sincera devoção, capaz de dar à antiga fé a sua primitiva pureza. Então, também com mais força que o poder de qualquer papa, surgiu a influência de um homem (8) tão notável em sua carreira como o grande reformador, ao qual se assemelhava no indomável ardor de propaganda e no devotamento completo, de corpo e alma, a uma idéia. Assim como Lutero era o espírito que animava o movimento reformador, assim Loiola era o espírito reacionário; e durante algum tempo, a agitação provocada pelo espanhol, com sua exaltação e ascetismo, foi pouco menor que a produzida pelo austero e sincero frade alemão. Essas coisas devem ser levadas em conta, mas, poderemos encontrar nelas a solução das dificuldades que nos assoberbam? Se os vícios do Papado foram extirpados, seus erros de opinião perduram. Se papas semelhantes aos terceiro e quarto Paulos, Pio V e Gregório XIII sustentaram a honra e a causa da igreja católica; se Loiola e seus coadjutores consagraram-lhe suas fortunas e vidas; não tinham eles contra si Lutero, Calvino, Melankton, Zwingli e toda a coorte de apóstolos da Reforma, trabalhadores tão hábeis como os melhores do Catolicismo?

A espada, é certo, foi empregada contra os inovadores; mas a perseguição, se com sua severidade não consegue exterminar, é insuficiente, se não for auxiliada pela força mental e moral para conter um movimento reformador tão poderoso e expansivo como o do Luteranismo em 1570. Sua insuficiência no passado ficou demonstrada quando procurou abafar a fraca seita dos primitivos cristãos, ainda nos tempos de Décius, em meados do século terceiro e, mais especialmente, nos de Deocleciano e Galério, cinquenta anos depois, apesar do aparato da morte e de torturas marcadas com um cunho de ferocidade sem igual na história do mundo. Os mártires, naqueles tempos, desejando a morte como meio mais seguro de entrar no céu, iam mesmo às centenas denunciar-se uns aos outros às autoridades, a ponto de seus diretores religiosos acharem necessário

usar de toda a influência para impedir essa espécie de suicídio em massa. O espírito da nova religião saiu incólume dessa prova feroz.

A contra-revolução que se assentou dentro dos limites do século dezesseis, foi antes um recuo da opinião que uma repressão pela força. Fora da Espanha e da Itália, nenhuma autoridade foi concedida à Inquisição pelos soberanos temporais, depois da data da Reforma. A Espanha foi o foco desses horrores (9). Não devemos atribuir às vitórias campais as perdas dos reformistas em conversos e em territórios. Quando a guerra empenhada pela liga Smalcalde dos protestantes contra Carlos V ficou terminada pela vitória do Duque de Alba em Muhlberg, em 1547, pareceu que de todo estava cortado o progresso da nova fé. Depois da terrível noite de S. Bartolomeu e dos horrores que lhe sucederam, em que se supôs estarem completamente esmagadas as esperanças e o espírito dos huguenotes, ninguém pôde descrever os sentimentos que dominaram em França, quando, vinte anos depois do massacre, Henrique IV, protestante e intrépido soldado, correndo o risco de ser abandonado pelos mais valentes dos nobres huguenotes, a cujos esforços tinha ele devido à vitória na batalha de Ivry, abjurou sua religião para subir ao trono.

Não. Nem a sorte das armas, nem as perseguições, nem a astuciosa ciência da Ordem, cujos membros se transformavam todos em verdadeiros autômatos, nem a purificação da imprudente corrupção que tanto escandalizou Martinho Lutero, quando, em 1510, visitou a degenerada Roma, nenhum desses incidentes e outros que possam combinar, dará explicação plausível do fato de haver o Protestantismo, depois de conquistar três quartas partes da Europa em meio século, perdido em oitenta anos a metade exata do que havia ganho.

Perdeu para não mais reaver, nem depois da passagem de dez gerações, nem mesmo até hoje. Se restar ainda alguma dúvida de que o movimento reacionário de 1570 não pode ser explicado como resultante de fatos acidentais e estranhos, ou se julgardes que a vinda da Reforma, foi prematura em um século tão rude, como o décimo-sexto, eu vos convidarei a interpretar um outro episódio da história

do movimento luterano, ocorrido duzentos anos depois do tempo de Lutero.

Deu-se esse episódio nos dias dos enciclopedistas franceses, quando Voltaire escarnejava, D'Alembert e Diderot escreviam, Paine discorria sobre a idade da razão e Volney sobre a ruína dos impérios. Nesse tempo de pasmo, terror e exaltação, os homens presenciaram fatos que pareciam ser um ataque combinado a tudo quanto era opinião vinda dos antigos, a tudo o que se acreditava de mais sagrado na religião. Deixemos falar Macaulay, que, graficamente, descreveu essa elevação do ceticismo, ora aliado ao talento e a instrução, ora a filantropia. Resumamos: "Durante o século décimo-oitavo, a influência da igreja romana esteve em constante declínio. A descrença estendeu suas conquistas a todos os países católicos da Europa, obtendo em alguns, completa ascendência. O Papado caiu tão baixo que se tornou objeto de irrisão para os infiéis, de lástima, antes que aversão, para os protestantes. Durante o século décimo-nono, essa igreja que decaía, foi gradualmente se levantando e reconquistando seu antigo domínio. Ninguém que reflita calmamente no que se tem passado nestes últimos poucos anos (10), na Espanha, Itália, América Meridional, Irlanda, Holanda, Prússia e mesmo na França, pode duvidar que seu poder sobre as almas e sobre os corações é hoje maior que o de que dispunha quando apareceram a Enciclopédia e o Dicionário Filosófico. É realmente notável que nem a revolução moral do décimo-oitavo século, nem a contra-revolução moral do décimo-nono tenha, em grau perceptível, concorrido para aumentar o domínio do Protestantismo. No primeiro período, o que o Catolicismo perdeu, também ficou perdido para o Cristianismo; no segundo, tudo que o Cristianismo readquiriu foi ganho para o Catolicismo, quando naturalmente esperávamos que as almas, nessas passagens da superstição para a incredulidade e da incredulidade para a superstição, ficassem num ponto intermediário. Ainda mais notável é o fato de nenhuma nação cristã, que não adotou os princípios da Reforma antes do fim do século décimo-sexto, os tenha adotado depois. As comunidades católicas que, desde

aquele tempo, tornaram-se infiéis, voltam depois, de novo, ao Catolicismo; mas nenhuma tornou-se protestante." (11)

Macaulay tem razão. Tudo isso é digno de nota. Isto nos fornece um tema para séria meditação, que não pode ser explicado descuidada e ligeiramente.

§ 4º Qual a explicação dos episódios precedentes?

Tudo quanto se diz e crê sobre o progresso humano, de ser ele uma grande verdade e infalível o seu triunfo sobre o erro, será uma pura fábula? - ou devemos crer que não foi pelo erro que o Protestantismo foi vencido?

Possuímos hoje uma lista oficial de algumas das pretensões do Catolicismo romano e são: que o próprio Cristo investiu o Papa de toda autoridade para dirigir e governar a igreja universal; que o Papa, por sua própria posição pode decretar, por seus conhecimentos seguros, por seu próprio impulso e pela força do seu poder apostólico, que esses decretos terão força de lei nos tempos futuros, nunca poderão ser revogados, limitados ou discutidos, mesmo que um Concílio Ecumênico, inclusive o colégio cardinalício, unanimemente consinta na revogação. (12)

Outras pretensões defendidas e mantidas pela igreja de Roma acham-se noutras fontes igualmente autênticas. As tradições verbais da Santa Igreja Católica, como tendo sido transmitidas pelo Cristo devem ser aceitas com a mesma veneração que as Escrituras Sagradas, das quais a Vulgata é a única tradução autorizada. A tradição da Vulgata deve ser recebida, porque o Espírito Santo assiste perpetuamente à Igreja, e porque a igreja romana, que a adota, preserva-a isenta de erros, por graça especial de Deus. Os sete sacramentos são divinamente ordenados e atribuídos ao Cristo, desde a instituição da Igreja e são a ela comunicados, não só pela Escritura, mas também pela tradição. A justificação não se obtém somente pela fé. Disse o Concílio de Trento, que o pecador se

justifica pelo mérito da mais sagrada paixão e pelo poder do Espírito Santo... Quando o homem observa os mandamentos de Deus e os da Igreja, pelo auxílio da fé e por suas boas obras, sobe em retidão e é justificado cada vez mais. A justificação, contudo, não pode dispensar o sacramento, pelo qual o indivíduo começou a ser um novo homem, e afirma que continua a sê-lo, e volta a sê-lo caso deixe de o ser.

Toda a instrução religiosa, toda a interpretação da Escritura só poderá ser dada por autoridade eclesiástica. A igreja visível é a única verdadeira e nenhuma religião será reconhecida fora do seu grêmio.

Juntamente com essas doutrinas, era imposta a exclusão da Bíblia, mesmo na sua versão latina e muito mais na vernácula, da leitura de qualquer pessoa, mesmo eclesiástica.

Noutros documentos, encontram-se as idéias da igreja romana relativamente às relações entre a ciência e a religião, sendo definida a pretensão Papal à infalibilidade nos ensinamentos religiosos. Os estudos científicos, sob pena de anátema, não podem ser feitos com plena liberdade, se a ciência em seu progresso vier contrariar as doutrinas da Igreja. E por isso, como a sede de São Pedro nunca pode errar, quando o seu soberano chefe - o Papa - falar, em virtude da sua suprema autoridade apostólica, definindo qualquer artigo de fé ou moral, para ser aceito pela igreja universal, é infalível, e, portanto, tais definições do pontífice romano são irrevogáveis de si mesmas e não por força da aprovação que a igreja lhes concede. Esse dogma também não pode ser contraditado, sob pena de anátema.

As idéias religiosas peculiares, contra as quais durante três séculos o Protestantismo tem resistido, são, pois, substancialmente, as seguintes: Um soberano espiritual da Cristandade (eleito de tempos a tempos pelo colégio cardinalício), divinamente instituído, infalível, autorizado pela Divindade a ditar, sem apelo, a religião e a moral do mundo. - Uma igreja universal, assistida perpetuamente pelo Espírito Santo, mantendo-a isenta de todo erro e cujas tradições têm a mesma autoridade que as Escrituras, ambas emanadas da plena inspiração de Deus. - A negação da entrada no céu a todos os que não tenham recebido os sacramentos. - Não se poder escapar do

inferno senão pela obediência aos mandamentos da igreja universal. - A não existência de uma religião fora dessa igreja universal. - A negação à alma humana, com exceção do clero católico, do direito de interpretar a Escritura. - A subordinação dos fatos científicos às doutrinas da Igreja. - Finalmente, uma solene maldição pronunciada contra todos os que se opõem ou negam qualquer cânone da igreja.

Não vos parece que a verdade foi impotente lutando durante séculos contra princípios como estes? - que, em todo esse tempo, batendo-se contra uma igreja que a si mesma se nomeia infalível, esta devia ir perdendo terreno em vez de progredir? Uma das inteligências mais poderosas e cultas do século, não católico romano (Macaulay), parece ter chegado à seguinte conclusão nos seus Essays:

"Freqüentemente, ouvimos asseverar que a instrução do mundo vai em constante aumento e que essa instrução será favorável ao Protestantismo, em detrimento do Catolicismo. Desejávamos que assim fosse; mas, temos motivos para duvidar dos bons fundamentos dessa expectativa: - Quanto à grande questão de saber qual o destino do homem depois da morte, não achamos que o mais civilizado europeu entregue somente à sua razão, tenha mais probabilidades de estar com a verdade que o selvagem. A religião revelada não está na índole da ciência progressiva. Toda a verdade divina, segundo a doutrina das igrejas protestantes, acha-se encerrada em certos livros.

É, portanto, claro que, no ensino divino não pode haver um progresso análogo ao que se observa na medicina, na geologia e na náutica. Um cristão do quinto século, com a sua Bíblia, vale tanto como um cristão do décimo-nono com a sua, sendo iguais em candura e natural perspicácia... Parece-nos, contudo, que não estamos certos de que prevaleçam no futuro todos os erros teológicos, que no passado vigoraram entre os cristãos.

O essencial é que, com um sistema de ensinamentos revelados, não há progresso religioso nem esperança razoável do triunfo da verdade espiritual.

Estareis satisfeitos com tão desesperadora convicção? Seguireis contentes a vossa vocação em condições tão desanimadoras?

O triunfo moderno das artes e ciências, principalmente no que concerne à riqueza material, é enorme e acima do que possuímos. Em 1760 todas as espécies de linhas eram preparadas em uma só fieira; a água e o vento eram os únicos motores inanimados; o cavalo e o camelo, os mensageiros pedestres, salvo quando a inteligência, por uma antecipação ocasional, empregava um farol nas eminências ou um sinal de braços móveis, expediente grosseiro, batizado naqueles tempos com o nome de telégrafo. Depois, manifestou-se uma irrupção repentina de inventos industriais, fabulosos nos seus resultados. Já pensastes bem sobre isso? Se consultardes as melhores estatísticas inglesas, achareis que só nas Ilhas Britânicas, em menos de um século a força produtora gerada pelo trabalho das máquinas tornou-se equivalente ao trabalho manual de uma população de homens adultos, dupla da terrícola.

Por outro lado, a par das empresas industriais, são espantosas as descobertas feitas nos mais recônditos departamentos da ciência, patrocinadas com os nomes de Faraday, Darwin, Tyndall e Huxley.

Não será a grande lei eterna do progresso, a mais importante de todas as leis, manifestando-se em todos os ramos dos conhecimentos humanos? Será exato que tudo deva progredir, exceto a religião? Veio um Galileu destruir a nossa ignorância acerca do movimento da terra ao redor do sol; um Newton esclarecer-nos sobre o curso dos planetas e dos sistemas planetários nos espaços celestes; um Harvey explicar-nos a circulação do sangue; um Humboldt desvendar-nos o Cosmos; um Bacon para dar-nos as regras da exploração em todos os campos das investigações terrenas. Em cada ramo da ciência material e intelectual, o homem vai avançando de conquista em conquista. Já teremos, porém, tocado a meta em pneumatologia? Que deverá o investigador religioso pretender ainda?

Podemos dizer a respeito de suas doutrinas, o que um filósofo escocês disse dos sábios institutos da Europa. Conservando-se imóveis sobre as bases, pela força de suas âncoras, eles servem para registrar a velocidade com que o resto do mundo passa ao seu lado, buscando o seu destino.

Dou graças a Deus por não crer como eles. Se isso fosse real, bem pouco valor teria a vida. Quantos corações ficarão abatidos, quantos seres se desgraçarão com essa concepção de que, nos planos divinos, o grande privilégio do progresso inerente a tudo na natureza e ao qual o homem tudo deve, não é permitido à ciência da alma!

Não falo dos arcanos da Teologia; trato da alma humana; e não da essência de Deus. Não creio que, residindo na Terra, possamos fazer progressos na literatura de Júpiter ou na linguagem falada pelos habitantes de Saturo. Há aí o incognoscível para o homem; e o progresso humano só pode operar nos limites da esfera do que o homem pode conhecer. Excetuando as obras divinas esboçadas ao redor de nós, julgo que as nossas investigações não poderão fazer progressos na descoberta dos meios, dos sentimentos e pensamentos do Criador, que, diferentes dos nossos, são impenetráveis e só conhecidos depois.

Quando nos internamos em busca da solução de tais mistérios, o poder do nosso intelecto expira antes de atingi-la, como as ondas do oceano revolto se despedaçam e se perdem na vasta extensão das águas.

A evidência está demonstrada em todas as obras da infinita inteligência, bem como o amor e a misericórdia de Deus. Quando, porém, pretendemos conhecer as intenções particulares da Divindade sobre a primitiva criação do homem, o motivo que a levou a permitir a existência do mal e da miséria; quando queremos analisar os divinos mistérios, topamos dificuldades que, provavelmente, nem no outro mundo poderemos compreender, e menos ainda, vencer.

Podemos, então, admitir o argumento de Macaulay, tanto quanto ele possa aplicar-se às partes mais obscuras da teologia especulativa, porque as doutrinas que daí dimanam pertencem à classe das coisas incognoscíveis.

Quanto à ciência espiritual, porém, estou firmemente convencido de que temos os meios de estudá-la, e, portanto, de fazermos conquistas em seus diversos ramos. Quando declaramos que a verdade é poderosa e há de triunfar, não excluimos a verdade

espiritual, que é a mais importante de todas. Quanto ao Calvinismo e ao Luteranismo não terem triunfado da igreja romana, o fato pode ser explicado sem se irrogar ao Cristianismo a pecha de não ter elementos de progresso. Indubitavelmente, só as verdades reconhecidas boas é que a Reforma deveu seu meio século de progresso. Mas, se o Protestantismo, a muitos respeitos, se aproximou mais da verdade que o Catolicismo romano, por outro lado ele deixou de atender as necessidades do tempo e conservou erros radicais, que foram fatais ao seu avanço.

A grande verdade inerente ao Protestantismo, a que lhe deu maravilhoso impulso no século décimo-sexto, é aquela que agitou o coração do homem, quando ele começou a pensar e raciocinar. Consultado a respeito, Lutero disse: "Discuto, escrevo e exorto, mas não procuro forçar a opinião dos outros." Se ele não foi chamado o apóstolo do pensamento e da palavra, é porque o brilho de uma luz repentina e muito viva pode ofuscar, e o mundo só avança passo a passo. Se o Doutor wittenbergense não tivesse pedido e obtido senão o direito do povo ler na língua vernácula os atos e as palavras do Cristo, em vez de receber o sistema cristão em segunda mão, de uma ordem privilegiada, ele teria sido credor da eterna gratidão da humanidade. Lutero não era tolerante nem persistente: falava demasiado e era muito audaz, mesmo que arriscasse a vida. Para o julgarmos não podemos deixar de recordar suas célebres palavras: "Eu irei." Quando, citado a comparecer perante a Dieta de Worms, seus amigos lhe auguravam a sorte de João Huss. "Eu irei, mesmo que aí haja tantos demônios como telhas nos tetos das casas." Ele foi a essa reunião e por muito tempo o mundo recordará o acontecimento.

§ 5º O pecado em Marburg e em Genebra

Deve ter sido profunda a dor experimentada pelos amigos do intrépido wittenbergense, quando se deu o fato que a história nos

apresenta como o reverso da medalha. Oito anos depois, Lutero foi citado por Felipe, landgrave de Hesse, para outra reunião, desta vez em Marburg, não formada pelo imperador, nobres e eclesiásticos, mas por amigos, a fim de conferenciar com um homem tão valoroso e honesto quanto ele; um companheiro das lutas pela fé, o valente Ulrico Iwingli, seguido de outros reformadores suíços. Eles divergiam na doutrina da Eucaristia e o landgrave procurava reconciliá-los, mas, cada qual se apegou à sua opinião. Por fim, Iwingli exclamou: "Confessemos nossa união em tudo em que estamos de acordo; quanto ao mais, lembremo-nos que somos irmãos." O landgrave buscou ainda harmonizá-los; Iwingli dirigindo-se ao Doutor wittenbergense, disse: "Não há na terra pessoa com quem eu mais deseje estar unido, do que convosco", e, banhado em lágrimas e aproximando-se de Lutero, o nobre reformador estendeu-lhe a mão. O endurecido alemão recusou-lhe a sua, dizendo: "Tendes um espírito diferente do nosso."

Ah, Martinho Lutero! Tu que foste tão valente na defesa da santa verdade, que escolheste e adquiriste um nome para sempre respeitado, semelhante aos outros discípulos que te precederam, não compreendeste o teu papel. Esqueceste a ti próprio mostrando-te tão pronto em acusar o argueiro que de longe descobrias nos olhos do outro, sem veres a trave que tinhas no teu, quando rejeitaste a mão do humilde e lacrimoso irmão que se dirigia a ti pedindo a paz como filho de Deus. O cristianismo morreu em ti e foi o mau espírito do amor-próprio, que a tua imaginação tão bem personificou no Demônio, quem te dominou. Que o céu não permita procurem outros imitar-te!

Esse erro radical influiu em toda a vida do grande reformador. Ninguém pode ler o seu Table Talk, sem entusiasmar-se com o gênio desse homem; sem admirar a força dos seus golpes rudes, apesar da sua aspereza anticristã contra os seus contraditores, o que embora pareça conformar-se ao espírito que dominava nas controvérsias do seu tempo, é inteiramente oposto a cordura ensinada pelo Mestre, a parecer que o doutor wittenbergense nunca leu o Novo Testamento, principalmente o Sermão da Montanha.

Pensando-se na perseguição que ele sofria, pode-se achar uma excusa ao ter afirmado que o papa era o anticristo, uma encarnação do diabo; pode-se desculpar-lhe ainda, o fato de ter dito que era mentiroso quem afirmasse que o Evangelho ensinava a salvação pelas obras; mas, quem o excusará, vendo os termos que aplica a um dos mais distintos sábios do teu tempo, o íntimo amigo de Tomaz Moore, o homem que fez reviver o estudo das Escrituras na língua original, publicando em 1516 a primeira edição do Evangelho tirado dos manuscritos gregos; um homem que, como ele, havia sido condenado pela igreja romana como herético; um homem cujas únicas faltas eram a timidez e uma moderação conservadora? "Erasmus de Roterdão - diz Lutero - é o mais vil dos incrédulos que têm desonrado a terra... Eu nunca oro, sem pedir para ele a maldição.

Não acreditamos, contudo, que, nessa fase do Protestantismo primitivo, tenha sido Lutero quem mais concorreu para afastar os homens das veredas da caridade e da justiça. Um homem de inimitável proeminência, como reformador, mais instruído e, no sentir das escolas, de um intelecto mais fino que o de Lutero, mais polido e mais calmo que o franco e rude Vitenbergense, João Calvino, pecou ainda mais gravemente do que ele, não contra a inteligência e o saber, pois ninguém pode tachar o austero genebrês de baldo de sinceridade, mas contra o espírito que só ele tem o poder de reformar o coração do homem contra o Espírito Santo e sem o qual o mais eloqüente mestre de todos os mistérios e conhecimentos não valerá mais que o bronze sonoro ou o retumbante címbalo.

Uma das 41 heresias articuladas contra Lutero na bula de excomunhão de Leão X, era que ele tinha dito não ser com o consentimento do Espírito Santo que se queimavam os hereges. Calvino era apologista dessa perseguição até a morte, por motivo de opiniões que o outro, logo no começo de sua carreira como reformador, havia tão enfaticamente condenado.

Não podendo aqui derramar toda a luz sobre esse importante episódio da história, por não havê-lo cuidadosamente estudado, peço me permitais falar sucintamente dos principais incidentes da

execução na fogueira, como herege, feita pelos protestantes de Genebra a um seu colega cristão, em 1553. A história foi contada por eminente teólogo protestante, com toda a imparcialidade, em todos os pormenores, ao tempo em que existiam documentos e testemunhas dignas de toda fé.

§ 6º A vida e a morte de Serveto

Miguel Serveto, mais comumente chamado Serveto, nasceu em 1509, na cidade de Villa Nova, do reino de Aragão, trinta e cinco anos depois de ser este anexado ao reino de Espanha. Filho de respeitável família católica, cujo chefe era um advogado considerado e notário da cidade, Serveto foi educado para eclesiástico em um convento espanhol; porém, aos dezenove anos emigrou do seu país, aonde nunca mais voltou. Era de constituição fraca e sofria de uma hérnia desde criança, pelo que nunca se casou. Parece ter sido sério e estudioso desde a infância, e é provável que, pelo fato de se terem manifestado nele sentimentos contrários à religião de seus pais, abandonasse o lugar onde nasceu. É certo que, três anos depois da emigração, abandonou a fé romana e abraçou as idéias religiosas que dirigiam a sua vida. Despendeu esses três anos em estudos na Universidade de Tolosa. Aos vinte e dois anos, isto é, em 1530, visitou em Bazel o célebre reformador suíço João Hausschein, mais conhecido pelo pseudônimo de Ecolampadius, expondo-lhe francamente o seu credo, que, em substância, parece ter sido o seguinte: "Há um Deus onipotente, e nenhum outro fora dele; esse Deus simples, não complexo, é quem por sua palavra e pelo Espírito Santo criou todas as coisas. Há um único Senhor Jesus-Cristo, filho de Deus, produzido pela palavra eterna do Pai e por ele mandado aos homens, como Salvador e Redentor. Ele pede sempre ao Pai por nós, e, a seu pedido e por intermédio dos anjos, recebemos o Espírito Santo." (13)

Ecolampadius, o chefe do novo movimento religioso em Bazel e homem muito estimado na Suíça, era por natureza, de caráter humilde e benévolo naqueles tempos, contudo, ficou seriamente impressionado pelo ardor, que classificou de presunção, desse jovem ainda quase imberbe, que lhe vinha apresentar a ele, mestre em Israel, doutrinas com o sabor do Arianismo e com ele argumentava em nível de completa igualdade.

Separaram-se. Como acontece aos homens honestos, mutuamente contrariados, o espanhol saiu protestando que sempre reconheceria Cristo como filho de Deus; o suíço partiu insistindo que, se o seu antagonista era cristão, devia reconhecer que Cristo era o filho incriado e eterno de Deus, e da mesma substância do Pai. Era a mesma questão discutida no Concílio de Nicéia, doze séculos antes, pelos advogados ortodoxos e heterodoxos, dos quais os primeiros sustentavam que o Filho era da mesma essência que o Pai. Se Serveto conhecesse um pouco o mundo, deveria estar convencido de que, se as suas doutrinas eram assim severamente repelidas por um homem da têmpera condescendente de Ecolampadius, iriam provocar, certamente, uma tempestade de indignação no seio da generalidade dos reformadores. Não o notando ou, se o notou, não se precavendo com prudência, arrastado pela convicção de estar cumprindo missão divina, o jovem espanhol publicou em Strasburgo, em 1531, sua obra - Os Erros da Trindade. Foi larga a circulação e o efeito exasperador. Ecolampadius, escrevendo a Bucer para impedir que seus compatriotas simpatizassem com uma tal heresia, acrescenta o seguinte: "Não sei como essa besta veio meter-se na Suíça." E Bucer, cuja linguagem era usualmente moderada, para um teólogo do século décimo-sexto, pregou violentamente contra Serveto, declarando que o herético devia ser despedaçado.

Mais exasperados ainda ficaram os reformistas, quando os católicos os acusaram, dizendo que esse novo Arianismo era um fruto legítimo da Reforma. O arrojado inovador começou a correr risco na Suíça e na Alemanha; pelo que se refugiou em França, primeiro em Lyon e depois em Paris, onde, por alguns anos estudou

a medicina, tomando o grau nessa ciência e em artes. Fazia também preleções sobre astronomia e matemáticas, segundo parece, a um auditório escolhido, no qual se contavam homens distintos qual o ilustre Pedro Palmor de Palmerio; depois, felizmente para Serveto, foi ele feito dignitário da igreja romana. Começou então a clinicar, mas, se desavindo seriamente com a Faculdade de Paris, saiu dali em 1540. Em 1542 estabeleceu-se em Viena, cidade situada à margem do Ródano, a vinte e cinco milhas de Lyon, onde tinha sede arquiepiscopal católica o seu velho amigo Palmier. Aí também encontrou sincera amizade da parte do irmão do arcebispo, o prior João Perulus, médico do arcebispo. Em Viena publicou duas obras, uma edição revista, anotada e corrigida do grande tesouro dos antigos conhecimentos cósmicos de Ptolomeu, que Humboldt diz ser um trabalho colossal, e uma nova edição da Vulgata, anotada, com um prefácio.

Dez anos passaram em Viena, os mais tranquilos da sua vida agitada; sua prática, como médico, cresceu diariamente com o auxílio de amigos influentes, para com os quais como declara na dedicatória do seu Ptolomeu, sua gratidão devia ser tão grande como a dos estudantes de geografia a Ptolomeu. Durante esse tempo, ia silenciosamente conformando-se com os ritos da igreja católica, constrangido sem dúvida por um sentimento de receio de alienar seus benévolos protetores, aos quais devia, não só o atual bem-estar, mas ainda a segurança da própria vida.

Depois de algum tempo, contudo, começou a inquietar-se, acusando-se a si mesmo por se ter assim conformado, abafando a consciência e desprezando a obra de que Deus o encarregara.

Procurou reatar com Calvino a correspondência teológica, que havia começado dez anos antes. Os biógrafos de Calvino dizem que a primeira correspondência terminou, porque Serveto acreditando que o reformador genebrês tinha-se afastado da verdadeira doutrina cristã, admoestou-o com muita aspereza, e isto parece verídico, porque o zelo do espanhol, como o de quase todos os demais reformadores daquele tempo, confundia-se com a arrogância.

Supomos que por isso Calvino não respondeu às suas missivas subsequentes.

Então, Serveto resolveu publicar a sua principal e mais notável obra (*Rastitutio Christianismi*), que ele trabalhou durante anos e acabou custando-lhe a vida. A idéia que o assediava no começo, voltou com força irresistível. Era um soldado do Cristo chamado, como se dizia, a tomar parte na grande batalha travada entre Miguel e o Dragão. O próprio Lutero não era mais zeloso na fé, nem mais ardente no exprimi-la.

O prefácio de Serveto exhibe sua profunda convicção de que Deus o chamou para fazê-lo observar um mundo em trevas. Com tocante candura implora ao Filho de Deus que se manifeste ao servo, esclareça-o, concedendo-lhe o Espírito Santo e dirigindo seus pensamentos e sua pena, para que a glória da sua própria divindade seja firmada e a verdadeira fé cristã restabelecida. Cristo foi banido do mundo, diz ele em seu livro, desde o dia em que o Concílio de Nicéia lançou de lado a verdadeira doutrina a respeito da sua pessoa e proclamou o dogma do Deus trino.

Seu entusiasmo não lhe fazia desconhecer o perigo de vida que corria. Em carta ao teólogo genebrês Abel Pepin, escrita alguns anos antes da publicação de sua obra, a *Restauração do Cristianismo*, que serviu de arma contra ele próprio, disse: "Sei que isto me levará à morte, mas não esmorecerei, pois desejo, como discípulo, assemelhar-me ao Mestre."

Noutro ponto dessa mesma carta há uma expressão imprudente, que o traiu. Diz ele, sem reboço ao pregador genebrês: "O vosso Evangelho baniu Deus, a verdadeira fé e as boas obras. Em vez de colocardes aí um Deus, pusestes um Cérbero de três cabeças; em vez da verdadeira fé, um desvario fatal; e em vez das boas obras um fantasma estulto."

Parece que nenhuma dessas expressões molestou tanto aos trinitários como o Cérbero de três cabeças, desvario fatal, fantasma estulto.

Apenas foi o livro publicado, um exemplar chegou a Genebra, onde produziu não pequena excitação.

Um francês, Guilherme Trie, convertido à igreja romana e refugiado nessa cidade, parece ter sido quem mais se irritou. Em março de 1553 ele escreveu a um irmão católico de Lyon, (dizem alguns que à instigação de Calvino), uma carta na qual ridiculizava seus amigos que, sem cuidarem dos interesses da igreja, que ele próprio havia abandonado, consentiam residisse em Viena um arquê-herexe, mencionando nome, morada e título da nova obra de Serveto. Seus protetores tiveram dúvida em levar o assunto ao conhecimento do arcebispo de Viena; enquanto seus amigos católicos demoradamente e com relutância tratavam do assunto, alegando não haver provas bastantes de que o tão conhecido e apreciado médico Miguel de Villa Nova (nome pelo qual o tratavam), fosse Serveto e tivesse escrito o livro em questão. Desiludido no seu primeiro esforço, Trie procurou obter de Calvino as cartas privadas sobre teologia, que Serveto lhe havia escrito e elas chegaram em abril a Viena. Mesmo assim, os católicos ainda hesitaram. Seis semanas depois, Serveto foi preso, mas, sem escandalizar aos muitos que lhe votavam sincero respeito. Deram-lhe na prisão um alojamento confortável; seu próprio criado teve permissão para acompanhá-lo; consentiram guardasse consigo dinheiro e objetos de valor e mesmo que regulasse a sua instalação. No exame que se procedeu, os livros e cartas que escrevera a Calvino foram empregados como armas contra, e ele francamente confessou-lhes a autoria. Alguns dias depois, antes da pronúncia da sentença, ele se escapou da prisão, provavelmente por conivência dos amigos católicos, inclusive o arcebispo; e, depois de uma infrutífera busca, que parece não ter sido cuidadosa, foi ele condenado a ser queimado em efígie.

Foi no mês de junho que Serveto saiu de Viena, resolvido a buscar um refúgio e a própria subsistência, como médico, em Nápoles.

Dois caminhos lhe eram abertos; um pelo Piemonte, mas neste era muito provável fosse facilmente encontrado pela ordem de prisão pronunciada pelos inquisidores de Viena; o outro por Genebra, atravessando a Suíça. Preferiu este por lhe parecer mais

seguro. Provavelmente, desconhecia a influência de Calvino entre os burgueses, e com que dificuldade alguns anos antes tinha escapado de sua sanha um distinto membro do conselho da cidade. Pedro Ameaux; bem assim que, no mês de novembro o Conselho de Genebra havia publicado um decreto declarando que o livro Institutos, de Calvino, era uma obra bem e santamente escrita, que a doutrina nele contida era a sagrada doutrina de Deus, e que daí por diante ninguém poderia emitir juízo contra esse livro nem contra essa doutrina, mandando que todos lhe aderissem.

Havia outro documento do qual, se o pobre fugitivo tivesse conhecimento, teria compreendido que a passagem por Genebra era a mais perigosa. Esse documento era uma carta dirigida, sete anos antes, por Calvino a seu amigo Guilherme Farell, na qual se lia: "Serveto escreveu-me ultimamente remetendo ao mesmo tempo um grosso volume dos seus desvários, cheio de estapafúrdios, que ele apresenta como importantes. Se o quisesse, ele aqui viria ter; mas não desejo deixar minha palavra comprometida. Se, porém, ele vier e a minha opinião prevalecer, daqui não sairá vivo." (14)

Não tendo conhecimento disso e esperando melhor acolhimento dos protestantes que dos católicos, o infeliz Serveto depois de conservar-se por algum tempo oculto no Delfinado, lançou-se na cova do leão.

A época exata de sua chegada a Genebra e o termo da sua residência ali são incertos, dizendo uns que ali esteve somente um dia, outros que ali se conservou incomunicável por três ou quatro semanas. O certo é que, na noite do seu desembarque em Zurique, ele foi a instâncias de Calvino, preso como herético e lançado ao cárcere. A propriedade que os inquisidores de Viena tinham respeitado, foi entregue aos inquisidores de Genebra, inclusive um grosso correntão de ouro que os homens da sua condição traziam ao pescoço naqueles tempos, e noventa e sete moedas de ouro. Deram-lhe por prisão uma masmorra, onde costumavam recolher os malfeitores presos por crimes capitais. Aí passou dois meses e meio.

Conduzido perante os síndicos, juízes da Corte Criminal, só o acusaram de heresia, pois seu caráter privado estava isento de

qualquer censura. Em Genebra, como em Viena, ele aceitou e justificou suas opiniões peculiares, pedindo permissão para discutir em público com Calvino, na igreja, ou perante um conselho de duzentos homens, a fim de provar que a sua doutrina era conforme com a Escritura. Isto lhe foi recusado; e, como a discussão verbal perante a Corte, relativa ao verdadeiro sentido das palavras pessoa, hipóstases e outras sutilezas teológicas, dessem origem a grande intemperança. de linguagem da parte dos dois controversistas, ordenaram que Calvino escrevesse seus argumentos, aos quais Serveto responderia do mesmo modo.

Duas semanas se passaram, a fim de Calvino completar o trabalho. Nele se empenhou a provar, e conseguiu-o, que muitas das opiniões religiosas de Serveto eram heréticas, isto é, não se conformavam com os ensinamentos do seu - Institutos; obra que, como já vimos, o Conselho de Genebra havia decretado ser a santa doutrina de Deus. Serveto, então, de posse desses materiais escritos e dos livros da biblioteca de Calvino, e outros, que desejou consultar, deu sua resposta. Com indignação, negou algumas das acusações de Calvino, mas sustentou vigorosamente as suas opiniões. Isso prolongou-se e o prisioneiro queixou-se aos juizes da condição miserável em que vivia, roído pelos vermes, atormentado pela enfermidade, pelo calor e pela umidade, sem meios de limpeza e mesmo de mudar a roupa, sofrendo, além disso, outras misérias que, diz: eu me envergonharia de narrar.

A controvérsia teológica ia terminar; então, o Acusador Público tomou conta da questão e Serveto pediu o auxílio de um advogado, alegando ser estrangeiro e ignorar os costumes do país. A isso o acusador respondeu que o prisioneiro, que sabia inventar tantas mentiras, não precisava de conselhos e o seu pedido foi rejeitado.

Aimé Perret, um dos principais membros do Conselho da Cidade, cujo espírito era um tanto tolerante, procurou desviar o perigo que ameaçava Serveto, mas, a grande autoridade de Calvino, que tinha resolvido a morte do herético, prevaleceu. As propostas para a comutação da pena em banimento ou prisão perpétua foram repelidas, e depois de uma demora de algumas semanas, à espera das

respostas das várias igrejas suíças, que tinham sido consultadas sobre o caso, a fraca esperança do prisioneiro foi afinal, 26 de outubro, esmagada pelo anúncio de que era justa a sua condenação e que seria executado no dia imediato. Nas cinco ou seis semanas precedentes, ele esforçou-se inutilmente para obter uma última audiência; mostrou que não se achava prevenido para o terrível resultado, quando, sem dúvida enfraquecido por sua longa e dolorosa prisão, sucumbia inteiramente, derramando lágrimas e pedindo misericórdia.

A sentença de morte cita as suas heresias, das quais a principal parece ter sido a seguinte: - Combater a verdade fundamental da religião cristã, blasfemando de modo detestável contra o Filho de Deus, e dizer que Jesus-Cristo não foi filho de Deus desde toda a eternidade, mas somente desde a sua encarnação. À vista disso ele foi condenado, em nome da Trindade, a ser atado e conduzido ao lugar chamado Champel, onde seria preso a um poste e queimado vivo, com o seu livro e manuscritos, até que o corpo ficasse reduzido a cinzas.

Quando na manhã seguinte intimaram-no para a execução, ele pediu que preferissem decapitá-lo, a fim de evitar-lhe sofrer as torturas do fogo, acrescentando que, se tinha errado, foi por ignorância e bons motivos, a fim de fazer brilhar a glória de Deus. Farell, amigo de Calvino e seu colega no ministério, que acompanhava o condenado, disse-lhe, como única resposta, que o que tinha de melhor a fazer era retratar-se e assim obter o perdão. Serveto respondeu que não havia cometido crime que o tornasse merecedor da morte, e que pedia a Deus perdoasse a seus acusadores o pecado que estavam cometendo. Isso ofendeu gravemente o outro, que retorquiu com vigor; e Serveto cessou de pedir perdão aos homens. Essa submissão abalou tanto a Farell, que se dirigiu ao Conselho pedindo que, na execução, o fogo fosse substituído pelo cutelo; os juízes, porém, foram inexoráveis e a procissão moveu-se para a colina, fora das muralhas, onde devia efetuar-se a execução. Pelo caminho, Serveto de tempos a tempos exclamava: "Oh! Deus!

salva minha alma! Oh! Jesus, tu, Filho do Eterno Deus, tem piedade de mim!"

"Corrige tuas últimas palavras; disse-lhe o consolador espiritual, se queres salvar-te, chama Jesus o eterno Filho de Deus." Ele, porém, não se comoveu com isso, e, quando se aproximou do ponto fatal e viu o poste e os feixes de lenha empilhados ao redor, caiu com o rosto no chão, orando em silêncio.

Então Farell falou à multidão: "Estais vendo, disse, como é grande o poder de Satanás. Este infeliz que vai morrer é um homem erudito, e talvez mesmo acredite ser justo o que sofre. O demônio, porém, colheu-o e se apossou dele. Acautelai-vos para que vos não fira igual calamidade."

Quando Serveto ergueu-se da sua oração, Farell tentou um último esforço, procurando tirar-lhe a confissão de que o Cristo era Filho de Deus desde toda eternidade. Em resposta, porém, somente bradou: "Meu Deus! Meu Deus!" "Não podeis dizer mais do que isso?" retorquiu o pregador. "Mais do que isso, respondeu o infeliz, mais do que chamar Deus em minha extrema angústia?" Depois, suplicou aos presentes que orassem por ele.

Por último, antes de ser o penitente entregue às mãos do executor, Farell exclamou: "O eterno Filho de Deus, dize só isto." Nenhuma palavra, porém, obteve em resposta.

O penitente foi preso ao poste por forte cadeia, que lhe enlaçava o corpo e passava muitas vezes ao redor do pescoço; o livro que constituía o crime, estava-lhe atado à cintura. Quando viu os feixes ardendo e sentiu o primeiro contato das chamas, deu um grito tão lastimoso que a multidão estremeceu horrorizada. A lenha era verde e a tortura durou meia hora. Alguns dos espectadores, dominados de irresistível compaixão, atiraram feixes incendiados sobre ele, a fim de apressarem-lhe a agonia. Suas últimas palavras, pronunciadas com uma voz rutilante, foram: "Jesus, tu, Filho do Deus eterno, tem piedade de mim! "

Assim morreu mártir de suas opiniões religiosas um protestante, que Mosheim declara ter sido um dos homens mais pensadores e eruditos do seu tempo. Calvino foi o causador da sua morte, mas não

responsável pelas torturas que ele sofreu. Não consideramos como fingido um zelo, que só erra por falta de luzes. Não nos assiste o direito de negar que, como Paulo antes da conversão, o reformador genebrês acreditava, realmente, que perseguindo aos que destoavam de suas opiniões, trabalhava no serviço de Deus. O certo é que a sua justificação é impudente.

Não era só ele. Penaliza dizer que esse ato foi exaltado pelos protestantes daqueles dias como grato à Divindade. Mosheim, falando do estado da alma dos reformadores, quando a notícia da morte de Serveto se divulgou entre eles, diz que quando uma pequena parte condenava a severidade da punição, uma maioria enorme aprovava-a e aplaudia-a, como que imortalizando honrosamente o zelo de Calvino pela religião. O próprio Melancton, escrevendo a Calvino um ano depois do martírio de Serveto, não teve escrúpulo em dizer: "A igreja de hoje e do futuro tem para convosco uma dívida de gratidão... Eu afirmo que os vossos magistrados obraram justamente, quando, por uma sentença judiciária, condenaram à morte aquele homem blasfemo."

Se Lutero tivesse concordado com essa opinião, haveria motivo para conjectura. Ele, porém, tinha falecido sete anos antes de Serveto. Vinte e cinco anos antes desse acontecimento, ele havia escrito contra a pena de morte por motivo de opiniões, declarando que os falsos pregadores deviam somente ser banidos.

§ 7º. A tolerância religiosa no século décimo-sexto

Realmente, como regra geral, os reformadores do século décimo-sexto rejeitavam, na teoria e na prática, a idéia da liberdade religiosa. Entre todos os conhecidos teólogos da Reforma, porém, encontro dois que sustentavam o direito do homem à liberdade de consciência: Sebastião Castalio e Lelio Socino. Tanto um como outro não estavam colocados entre os chefes influentes do movimento protestante. Castalio, francês de origem e por muitos

anos professor de literatura clássica em Genebra, mas daí banido em 1544 por causa de uma disputa que teve com Calvino, era dos dois o mais falador; ao passo que o antitrinitário Socino, de nobre família italiana, tímido por natureza, era menos expansivo. Em geral, a liberdade religiosa era desconhecida na Europa durante o século décimo-sexto.

É importante ter-se uma idéia segura da posição guardada pelos reformadores de então acerca da emancipação mental. Lutero tinha despojado a Bíblia do privilégio de ser lida somente pelos doutos, expondo-a em língua vulgar à massa inculta de seus concidadãos (15). Dando-lhes, porém, esse livro, ele negava-lhes o direito de o interpretarem. Ele e seus colaboradores no ministério, declararam que se alguém lendo a Escritura traduzida dela tirasse, mesmo com sinceridade, conclusões relativas à natureza da Trindade e da divindade do Cristo ou às doutrinas da reparação, diferentes das que eles davam, seria um detestável blasfemo, que devia sofrer a morte ou, pelo menos, o banimento. Que será pior: - o decreto de um Papa, ou essa sentença ditatorial de um presbítero? Em que foi melhor o Conselho Cívico de Genebra, que esse Concílio Ecumênico de Trento, buscando ambos impor ao mundo cristão as suas interpretações da Santa doutrina de Deus? Que ganharam os homens com essas contendas espirituais?

Concluindo, poderemos dizer, como Macaulay, que em tudo isso não houve progresso religioso: O Protestantismo do século décimo-sexto perdeu-se, em vez de estabelecer-se como religião dominante da civilização. Esclarecendo, porém, o espírito, não o fez refletir, como devia suceder?

Essa questão prende-se não só aos artigos da crença religiosa, mas também aos direitos do juízo privado. Apesar de não desejar envolver-me em controvérsias teológicas, pois conheço que o mundo de hoje aborrece os in folios, quero, entretanto, escrever um pequeno volume, porque há utilidade em vos lembrar o que eram os dogmas de então. Isto é essencial, pois cada um encontrará na história simbólica do tempo o motivo e uma certa justificativa a essa negação de liberdade mental à humanidade. Quando os

reformadores decidiram que a fé, e não as obras, era um meio da alma obter a salvação, eles repeliram toda alteração da fé que se tomasse essencial ao progresso humano. Não acreditavam na virtude humana, e, como corolário, consideravam o homem incapaz de merecer confiança, especialmente em matéria de religião.

Permiti, pois, que ligeiramente reproduza aqui um pouco das importantes doutrinas extraídas dos mais conceituados livros do primitivo Protestantismo, sem dúvida bastante conhecidas à maioria estudiosa da vossa profissão, porém, provavelmente menos familiares em sua forma original, à maioria dos investigadores seculares.

§ 8º Principais doutrinas dos reformadores

A triste recordação do longínquo, pálido e quase esquecido passado, está oculta sob as produções do presente.
(LONGFELLO W)

O século décimo-sexto foi, principalmente, a época da escolástica. O espírito público da Europa alimentava-se de dogmas e confissões de fé, tão ardentemente como o da América nos dias da revolução, de axiomas e constituições estaduais. Luteranos, calvinistas e católicos, nos mercados e nos tribunais, nas assembleias e nas oficinas, discutiam a incandescente questão da infalibilidade papal com o mesmo zelo absorvente com que um século depois os puritanos o faziam na questão do direito divino dos reis. Os primeiros protestantes discutiam o livre-arbítrio, a real presença, a predestinação e a justificação pela fé, com o mesmo ardor inflamado dos nossos oradores políticos.

Somos hoje mais tolerantes, mas também mais indiferentes em matéria de religião, que esses obstinados controversistas.

As doutrinas fundamentais e características da Reforma, procedem principalmente de um homem cujas opiniões, disseminadas no século quinto, desde a velha capital dos reis numidas, influenciaram, com um poder que nenhuma outra ainda exerceu, a teologia do mundo durante cerca de mil anos, a contar da data em que ele floresceu...

Santo Agostinho parece ter merecido a reputação de que goza, como um dos homens mais puros, benignos e santos, pois era simples na sua humildade e severo em sua própria correção. Suas Confissões acharam eco em milhares de corações perturbados e penitentes, como o de Lutero, antes da sua questão, na cela agostiniana, e o de Calvino nos seus primeiros estudos. "Lutero, diz Tulloch, alimentava-se com a leitura da Escritura e de Santo Agostinho." Os Institutos de Calvino são estribados no livro de Santo Agostinho intitulado Cidade de Deus. Nessa grande obra, o monumento de mais alto gênio que nos legou a igreja antiga, e, em geral, nas volumosas lucubrações do bispo africano, encontramos a fonte, não só do credo dos reformadores, mas também, nos anos que se seguiram, da heresia Jansenista. Sua doutrina é polidamente expressa neste provérbio: "Que poderemos fazer sem teu favor? quem se poderá salvar sem o teu auxílio?" É pena que, reproduzindo de um modo exagerado às vistas peculiares do ilustre Padre, os pregadores no século décimo-sexto não tivessem buscado imitar sua mansidão e caridade.

Lutero dirigiu suas esperanças já esmorecidas contra a velha fortaleza da infalibilidade papal, e foi o pesado canhão da sua atrevida retórica, que aí fez a primeira brecha. Em relação, porém, a história dogmática do primitivo movimento protestante, Calvino é a figura central. Sua principal obra, o notável livro Institutos, aceito por seus concidadãos de Genebra, tão santamente feita que nem se permitia discuti-la, valeu-lhe, no seu tempo, da parte de Melancton e, geralmente, dos protestantes do mundo, o título, por excelência, de Teólogo; e mesmo hoje ele é aceito pelos historiadores populares da Reforma, não só como o livro mais completo e metódico daquele

movimento, mas ainda como dos mais belos triunfos do esforço humano. (16)

O principal característico dessa obra é a franqueza. Nela não se encontram subterfúgios nem equívocos. Seu autor, assentadas as premissas, não hesita expor as conclusões a que elas conduzem. Mesmo quando confessa que a predestinação é urda sentença horrível, não deixa de asseverar, atrevidamente, que há divina doutrina, neste ponto. Seria melhor que ele não despertasse em nós esse desprezo por nossa própria vida, ou que dissesse que a graça não era concedida a todos os homens, do que dizer que os mais odiosos crimes são uma obra de Deus.

Mas, deixemos falar esses audazes dogmatistas:

"Sustentemos como verdade indubitável, incapaz de ser abalada por qualquer oposição, que a alma humana está completamente alienada da justiça divina, que ela nada concebe, deseja e empreende que não seja ímpio, perverso, baixo, impuro e criminoso; que o coração humano está tão infeccionado pelo veneno do pecado, que não pode produzir coisa alguma, que não esteja corrompido; e que, se às vezes vemos homens aparentemente bons, é porque eles se envolvem no manto da hipocrisia e da baixeza, tendo o coração escravizado por íntima perversidade. Em vão buscaremos algum lado bom em nossa natureza." (17)

Ele reitera por diversas vezes esses sentimentos, e aparentemente parece, pela varredura da condenação, não querer deixar ao homem nenhum ponto em que ele possa basear o respeito a si próprio. Vede o que se segue:

"Tudo no homem: entendimento e vontade, alma e corpo, está poluído... O homem, por si mesmo, não é mais que a concupiscência." (18)

Até aí, pode alguém ser tentado a inferir que ele julgue todos os esforços humanos para reformar sua raça como loucura e perda de tempo. Diz ele:

"O homem não pode ser excitado ou atuado para fazer qualquer coisa que não seja o mal; por isso não há impropriedade em afirmar-se que ele vive sob a contingência do pecado." (19)

Calvino considera a Divindade como autora do mal e chega a essa conclusão honradamente. Expõe, como subterfúgio, que o próprio Deus rejeita a idéia de que o pecado e o crime ocorram pela permissão e não pela vontade de Deus. Ele diz que o homem mau e mesmo o diabo, nada podem fazer senão pela vontade secreta de Deus. Como elucidação, acrescenta: "Deus intenta enganar a esse pérfido rei, Achab; o diabo oferece seus serviços para isso e é enviado como um espírito de mentira atuando pela boca de todos os profetas. (1 Reis XXII, 20-23)."... "Absalão, manchando com um incesto o leito de seu pai, perpetrando um crime detestável; contudo, Deus declara ser isso uma obra sua... Jeremias ensinava que todas as crueldades que os caldeus praticaram na Judéia, eram obra de Deus. (20)

Mas, "quando Deus, por intermédio dos ímpios, cumpre seus desígnios secretos, eles não são excusáveis". (21)

Ainda em face desse sentimento, comum a todos os credos, que induz os homens nas horas de angústia ou de perigo a invocar para si mesmos ou para aqueles a quem amam a proteção do Onipotente, Calvino dá por base a vileza humana, e diz: "Deus nada encontra no homem que possa induzi-lo à sua bênção." (22)

Ele vai além. É arriscado falar-se da inocência que nunca pecou e que por esses autores é considerada odiosa e mergulhada no seio da corrupção; mas isso é um dos corolários da doutrina favorita de Calvino, e ele admite-o, como vereis: "Trazemos do berço uma depravação inata; negá-lo é dar prova de consumada impudência:.. Todas as crianças, sem uma só exceção, estão poluídas, desde que começaram a existir... Mesmo menores, trazendo consigo ao mundo a sua condenação, elas são sujeitas à punição por sua própria perversidade. Conquanto ainda não tenham tido o tempo de produzir os frutos de sua perversidade, eles têm em si os seus germes, e a sua natureza só pode ser odiosa e abominável a Deus." (23)

A sua doutrina da predestinação, ainda o leva mais longe:

"Deus escolhe os que quer para si e, antes que nasçam, põe de reserva a graça com que deseja favorecê-los... Não é a sua previsão da nossa futura santidade que determina essa escolha... A graça de

Deus é gratuita e não concedida aos que merecem nossos louvores; ela deixaria de ser gratuita se, escolhendo o seu povo, Deus atendesse à natureza das obras de cada um." (24)

Segundo essa teoria calvinista, mesmo o livre-arbítrio nos é negado, não sendo a graça de Deus concedida senão a poucos dos favorecidos entre as criaturas: "O homem não possui a faculdade de praticar boas obras, a menos que não seja assistido pela graça; e essa graça só é concedida aos eleitos na sua regeneração. Não me refiro aos fanáticos que pretendem que a graça é igualmente concedida a todos indistintamente." (25)

Depois disso, a ninguém assiste o direito de perguntar em que baseia ele a seguinte asserção: "Só Deus pode operar a conversão do homem, pois este nem mesmo possui a capacidade de pensar nela." (26)

Segundo a idéia que Calvino faz do inferno e atendendo-se ao pequeno número dos eleitos, esse dogma predestina milhões inumeráveis de seres ainda não nascidos, sem consideração, pela sua boa ou má conduta no futuro nem pelo seu arrependimento, a eternos tormentos. Querirá isso dizer que a grande maioria da raça humana é abominada pelo seu Criador? Inexorável em sua lógica, Calvino diz que sim. "Jacob e Esaú, lembra-nos, são irmãos gerados pelos mesmos pais, desenvolvidos na mesma madre, vindos à luz ao mesmo tempo; há pois, a todos os respeitos, perfeita igualdade entre eles; contudo, o juízo de Deus em relação aos dois é diferente, pois Ele aceita um e deixa o outro... Os seres que ainda não nasceram nada tendo feito de bom ou de mau, a escolha de Deus não podia basear-se nas suas obras, e por isso declarou: Amei Jacob e aborreci Esaú." (27)

Quando se lê, em virtude desse comentário, a estranha história a que Calvino se refere, parece que se escuta os lamentos surgidos do universo todo, de milhões e milhões de rejeitados órfãos, pedindo em vão, como Esaú: "Pai, abençoa-me também!"

Referindo-se noutra ponto a essa mesma narrativa e ao texto de Paulo, de que faz freqüente uso, e afirmando que Jacob, sem algum mérito adquirido por suas boas obras, tornou-se um objeto de graça,

Calvino não tem escrúpulos em acrescentar: "Se continuardes a dar importância às obras, insultais ao apóstolo." (28)

Não se pode suspeitar a fonte em que os reformadores beberam essa idéia, de que as boas obras não concorrem para a salvação do homem. Na Confissão de Augsburgo, depois da queixa de que as tradições católicas obscureciam os mandamentos de Deus, lê-se: "Todo o Cristianismo consiste para elas na observância de certos dias santificados, ritos, fastos e vestuários."

O sentimento aí contido não é mais que uma obra farisaica. Se, porém, foi esta a fonte original, bem depressa perderam-na de vista no labirinto da teologia. Calvino teve o especial desgosto de informar-nos que, fora daquela fé que salva, a vida a mais virtuosa conduz ao inferno somente. Diz que aqueles aos quais chamamos homens bons e julgamos dignos de admiração por suas reconhecidas virtudes, não são mais que instrumentos de que Deus se serve para a preservação da sociedade humana, pelo exercício da justiça, continência, amizade, temperança, fortaleza e prudência; se eles, porém, forem estranhos à religião do verdadeiro Deus, não só desmerecem recompensa, mas são dignos de punição por contaminarem os puros dons de Deus com a corrupção de seus corações... "Aqueles que não têm interesse em Cristo, quaisquer que sejam seu caráter, seus atos, seus empreendimentos, avançam constantemente, em todo o curso de suas vidas, para a destruição e para a sentença de uma eterna morte." (29)

Isso não é uma expressão isolada de sentimento, mas a idéia capital que domina a obra inteira. Eis um exemplo: "As mais esplêndidas obras dos homens não sinceramente santificados, estão longe da equidade das vistas divinas, que são computadas como pecado... As obras do homem não fazem conciliar o favor de Deus." (30)

O seguinte exemplo, Calvino considerava como o ponto capital de diferença entre os reformadores e seus adversários: "Ainda não houve um ato praticado por um homem religioso que, sujeito ao exame da vista perscrutadora da justiça divina, não seja digno de

condenação... Este é o eixo principal, em torno do qual gira a nossa controvérsia com os papistas." (31)

Todos se lembram, lendo os reformadores do século décimo-sexto, do incrível desenvolvimento a que a natureza de suas doutrinas costumava arrastá-los; como se deu, por exemplo, com o fato de Calvino ter declarado que somente uma parte do mundo pertence a Deus. Diz ele que as palavras de Jesus-Cristo: "Eu não oro pelo mundo, mas por aqueles que Tu me destes" (João XVII, 9), provam "que todo o mundo não pertence ao seu Criador", e que somente a graça liberta da maldição, da ira de Deus e da morte eterna os poucos que, sem isso, morreriam. 1132)

Um outro corolário funesto, é o seguinte: Calvino não crê que o amor de Deus ou a imitação do Cristo sejam bastante para a salvação: Devemos procurar acalmar a ira do nosso Criador, devemos temê-lo, pensa ele, de outro modo, todos os sacrifícios, todas as oferendas do coração são abomináveis a Deus. São estas as suas palavras: "Nenhum homem pode descer ao seu íntimo e seriamente considerar o seu caráter, sem perceber que Deus está irado contra si e que lhe é hostil, e, conseguintemente, ele tem necessidade de ansiosamente procurar um meio de acalmá-lo... O começo da observância da lei de Deus é um verdadeiro temor do seu nome. Se isso faltar, todas as oblações a ele feitas não são simples bagatelas, mas nauseabundas e abomináveis profanações. Deixai que os hipócritas, escondendo a depravação de seu coração, busquem por suas obras merecer o favor de Deus." (33)

Naturalmente, surgem em nossa mente as seguintes perguntas: Se não for por seu amor a Deus, nem pela pureza e benevolência da sua vida, por que meio, seguindo esse sistema, poderá o homem acalmar a cólera e a hostilidade de Deus? Como poderá ele escapar do inferno? A resposta do reformador é: "Pela crença e não pelos atos. Aqueles que têm certeza de sua eleição, são os eleitos; e estes, somente estes, são salvos pelo sacrifício voluntário do Filho de Deus." (34)

Calvino sustenta que essa certeza de possuir o favor de Deus é onipotente para salvar o pecador, mesmo quando, depois de o haver

obtido, ele incorra em grave pecado. Como prova, cita a seguinte passagem da Bíblia: "Rebeca, divinamente instruída da eleição de seu filho Jacob, procura obter-lhe a bênção por meio de um reprovável artifício; ilude o marido, testemunha e ministro da graça de Deus, força o filho a usar de uma fraude e corrompe a verdade divina por várias mentiras e imposturas." A isso Calvino qualifica de: "Transgressão dos limites da promessa", e excusa o ato "porque assim, diz, o erro particular de Jacob não anulava o efeito da bênção, nem destruía a fé que geralmente predominava na alma da mulher e era princípio e causa do seu ato". (35)

É sabido que Calvino era um dos mais austeros moralistas, e com justiça não se pode crer quisesse apadrinhar o vício e excusar uma vida viciosa. Observemos, contudo, de que modo levado pelo amor de um dogma, ele busca, claramente, na passagem supracitada, atenuar a fraude e a impostura, quando tais pecados coexistem com a crença na justificação.

Essa doutrina da justificação, somente pela fé, acha-se concisa e lucidamente exposta na Confissão de Augsburgo, pelo modo seguinte:

"O homem não pode ser justificado perante Deus por seus próprios esforços, méritos ou obras; mas sim, francamente, graças ao Cristo, por sua fé,. quando ele crê que foi recebido em graça e que seus pecados lhe são perdoados por amor do Cristo que, por sua morte, deu satisfação às nossas dívidas. Deus aceita essa fé como ato de retidão." (36)

Na citação acima grifamos as palavras que provam que a fé que, segundo esse sistema de redenção conduz exclusivamente ao céu, é a crença de havermos conseguido um favor pessoal do Onipotente, do que resulta a sua eleição e a sua adoção por ele.

Voltemo-nos agora do teólogo genebrês para o seu colaborador alemão.

Realmente, descobre-se entre os dois grande diferença de caráter, mas não uma variação essencial de crença. É fora de dúvida que, na generalidade, Lutero consentiu, verbalmente ao menos, no sistema de divindade segundo Calvino, como está estabelecido na

obra Institutos, ao passo que recusou sua mão de amigo a Zwingli, por causa de divergências sobre um ponto de doutrina. Acreditava, provavelmente, que o reformador suíço, depois de ter dado a vida pela causa protestante, iria sofrer tormentos eternos por não ter admitido o dogma da real presença (37). Esteve ligado até sua morte por estreita amizade a Calvino, quando com maior razão que a Ulrico Zwingli, podia dizer ao teólogo genebrês a seguinte frase: "Tendes um espírito diferente dos nossos."

A religião de Calvino, semelhante à filha amada de Jove, era produto do seu cérebro; a de Lutero nascera-lhe do coração. Os dois tinham isso em comum: as convicções que adotavam como premissas eram por ambos levadas às suas legítimas conclusões, movidos por inflexível temeridade; o coração de Lutero levava-o para uma região confortável, genial e mesmo alegre, ao passo que o cérebro de Calvino era encerrado num limbo, austero em tudo, frio, insensível, triste e, em relação ao destino geral da humanidade, desesperançado e implacável. Quem quiser penetrar a essência do Luteranismo, deve ler a sua obra favorita Comentários sobre os Gálatas (38). Ele aí acentua o mesmo aspecto degradado da natureza humana, que dá um tão funéreo brilho aos escritos de Calvino; mas, a sinceridade do homem e a natural jovialidade do seu estilo fazem-no passar sobre esses quadros lúgubres, como a aurora boreal iluminando vagamente às solidões dos pólos. Permitti que vos cite uma ou duas de suas mais notáveis passagens.

A única idéia (sem dúvida, comum a Calvino) que predomina no seu livro e constitui, de fato, a pedra angular de todo o sistema doutrinário de Lutero (39), é que a humanidade, até a última geração mergulhada no pecado pela transgressão de Adão, somente pode escapar de um inferno eterno, transferindo para Jesus-Cristo os pecados de todos os homens. Vede com que vivacidade afirma:

"Deus enviou ao mundo seu Filho único, carregado com os pecados de todos os homens, dizendo-lhe: Se tu, Pedro, o contraditor; Paulo, o perseguidor, blasfemo e cruel opressor; David, o adúltero, se tu, o pecador que comeu a maçã no Paraíso, o ladrão que prendem à cruz; em suma, a pessoa que cometeu os pecados de

todos os homens; vê, portanto, que vais pagar por eles. Então, cumpra-se a lei. Achei um pecador que assume sobre si o pecado de todos os homens, pelo que morrerá na cruz. Assim foi resolvido, e ele foi morto.

Por esse meio, todo o mundo ficou purgado e limpo de todos os seus pecados... Portanto, se virdes ou sentirdes o pecado em vós, isso não é pecado, porque, segundo o Deus de Paulo, o pecado, a morte e a maldição já não existem no mundo, mas sim no Cristo (40)... Alguns homens dirão: É realmente absurdo e calunioso chamar-se o Filho de Deus malvado pecador. Negai que ele tenha sido crucificado e morto... É um consolo imenso para todos os cristãos o fato de Cristo carregar com os nossos pecados." (41)

É curioso notar como a intensa noção de uma doutrina favorita, como esta, conduz o homem, passo a passo, como a vara de Aarão diante de Faraó, até absorver tudo o mais.

Falando "das opiniões fantásticas dos papistas sobre a justificação pelas obras", diz:

"Os papistas imaginam uma certa fé formada e adornada pela caridade. Por ela, dizem, os pecados são apagados e o homem se justifica perante Deus. Mas, o que vem a ser isso, dissei-me, a não ser despir o Cristo, tirar-lhe a carga dos nossos pecados, que assim não permanecerão nele, mas em nós mesmos? Certamente, isso não seria mais que pôr de parte o Cristo, torná-lo inteiramente inútil a nós."

De novo ele declarou ser blasfemo e inspirado pelo diabo aquele que diz que a fé sem as obras é morta, ou assevera que a fé, sem produzir obras, é impotente para levar o crente ao céu. Tal não se acreditada hoje, se no original não aparecessem como prova, as seguintes passagens:

"Os corruptores do Evangelho de Cristo ensinam que, realmente, essa fé que eles chamam infusa (fides infusa), não sendo recebida pela audição, nem alcançada por alguma obra, mas despertada no homem pelo Espírito Santo, pode existir ao lado do pecado mortal e que os ímpios podem também possuí-la. Portanto, dizem, ela por si só é estéril e inteiramente inútil. Assim, eles tiram toda importância à fé, para dar à caridade; de modo que a fé é nada,

salvo se a caridade, que é a sua forma e a sua perfeição, lhe estiver unida. É uma espécie de doutrina diabólica e blasfema... Porque, se a caridade é a forma e a perfeição da fé, como eles pregam, somos forçados a dizer que a caridade é a parte principal da religião cristã e assim perdemos Cristo, seu sangue e seus benefícios, e ficamos com uma moral semelhante à dos papas, dos filósofos pagãos e dos turcos." (42)

Ainda mais: "O verdadeiro ensino da lei é o justo e espiritual que não procura a justificação pelas obras; portanto, todos que executam a lei e todos os moralistas são abomináveis, pois eles aparecem a Deus na presunção de sua própria retidão." (43)

Essa doutrina aparece, sem a sua intensidade luterana, mas substancialmente a mesma, no livro do primitivo Protestantismo - A Confissão de Augsburgo. Aí se lê: "As obras não podem reconciliar-nos com Deus nem nos dar a remissão dos pecados, a graça e a justificação; somente pela fé podemos obtê-lo." Depois, acrescenta: "Ensinam nossos teólogos que precisamos de boas obras, não para merecermos por elas a graça, mas em obediência à vontade de Deus; ao passo que seus adversários ensinam obras pueris e inúteis, como o respeito aos dias santos, certas festas, irmandades, peregrinações, adoração dos santos, rosários, monaquismo etc."

Apesar, porém, dos reformadores ensinarem que a fé não exige obras, não somente eles em seus sermões aconselham plena moralidade, como ainda os principais chefes, Lutero, Calvino, Melancthon, Zwingli, fortaleciam, por sua vida exemplar, a moral que pregavam. (44)

É preciso, porém, tenhamos presente que a intenção correta de um homem ou a sua vida pura é uma coisa, e a tendência das opiniões que ele sustenta e das doutrinas que prega, é coisa diversa. Diderot pregou o ateísmo e confessava-se inimigo de todas as idéias religiosas (45); contudo, a sinceridade do seu entusiasmo em tais ensinamentos está fora da questão, pois suas obras foram condenadas ao fogo e ele morreu no cárcere.

O céptico d'Alembert, colaborador de Diderot na Enciclopédia, fortemente patenteia, em sua correspondência com Voltaire a sua

descrença no Cristianismo, ao passo que a sua benevolência era proverbial e a sua vida isenta de mácula (46). Mas, porque tais autores tivessem por isso justos motivos, ou por causa de suas vidas virtuosas, devemos concluir que o ateísmo que pregavam não seja uma injúria feita à humanidade e que o mundo possa dispensar a religião?

Estas observações têm restrita aplicação, quando, nas obras de um autor, por mais estimável que seja, se encontra uma passagem como a seguinte: "Acreditais que um cristão abundantemente dotado e batizado, embora o queira, não pode perder a salvação por seus muitos pecados, mas somente se ele não quiser crer, por que nenhum outro pecado, a não ser o da incredulidade, o pode condenar?" (47)

Finalmente, a má tendência de tais opiniões é agravada, no caso de Lutero, por suas doutrinas fatalistas, levando-o mesmo a negar o livre-arbítrio do homem. Pensai no efeito prático, deprimente e esmagador de todo o esforço virtuoso, devido a ensinos como o seguinte: "A vontade humana é colocada entre duas outras, como a besta entre dois varais, Se Deus vence, ela tem de obrar como Deus quer... Se vence Satanás, ela deseja e faz o que ele quer. Não tem a liberdade de ladear ou escolher a coisa melhor; são os cocheiros lutando para verem qual deles obterá e manterá a posse." (48)

Aqueles que estão familiarizados com os documentos originais, acharão nele a prova da precedente sinopse das opiniões protestantes no século décimo-sexto, na qual muitos detalhes foram omitidos, a fim de não nos alongarmos; não exageramos nem reduzimos as doutrinas fundamentais em que se apóia o sistema arquitetado pelos diretores da Reforma, isto é, a reparação, incluindo a justificação somente pela fé, a queda, a inata depravação do homem e a predestinação.

§ 9º Que lição nos dá a história da Reforma

A religião não se coaduna com a ciência progressiva. Não há nenhuma garantia para que deixe de prevalecer no futuro qualquer dar erros teológicos que dominaram os cristãos no passado.

(MACAULAY)

Será isso o que ensinai? Respondei, oh! guardas da fé protestante!

Se não é, eu vos rogo dispensar vossa atenção desapassionada aos fatos históricos e estatísticos e dar-nos a razão do que observardes.

No decurso de trezentos anos, de 1570 a 1870, observa-se que o Protestantismo tem sempre retrogradado! No começo desse período, havia na Europa uma esmagadora maioria protestante, e, no fim de três séculos, contam-se dois católicos para cada protestante. Mesmo entre nós (norte-americanos) presentemente, o número de católicos e protestantes cresce, mas, se atendermos à proporção desse aumento em cada um dos credos, veremos que, se continuar a ser o mesmo, no fim de um terço de século, os católicos romanos suplantarão os protestantes nos Estados Unidos. (49)

Quão longe estamos de ver a volta desejada da estação espiritual!

Se continuarmos a lutar pela fé, como a entendeis, que esperança razoável podemos ter de que o resultado da contenda nos seja favorável?

Depois de seguidos os conselhos fornecidos por uma tão grande parte da história civilizada, depois de prova tão persistente, tendo como resultado tão miserável bancarrota, continuaremos ainda a luta com a mesma bandeira, contando, sem confiança alguma, com o futuro?

Eis uma esperança irrealizável! É uma coisa horrível ter de concluir que são os ensinamentos verdadeiros, espiritual e ético, do Cristo, que tem estado à prova durante três séculos, nas mais esclarecidas partes do mundo, e que, durante todo esse tempo, tenham ido perdendo terreno contra uma Igreja que se proclama imutável e

infallível, e que nega liberdade e progresso ao elemento religioso do homem!

Lancemos um golpe de vista aos nossos anais, com um espírito confiante, cândido e católico, antes de adotarmos uma conclusão que leve os homens pensadores a olharem com desespero o futuro da nossa raça.

Os anais cristãos constam de cinco narrativas, sendo quatro escritas por diversos Evangelistas narrando os atos e palavras do Cristo, e uma contendo os atos dos seus discípulos, pondo-se de parte o Apocalipse; e de vinte e três Epístolas, das quais vinte e uma escritas por Paulo, cujos ensinamentos e qualidades de grande propagandista só foram admitidos depois de ter sido ele crucificado. Com exceção de duas ou três páginas, também devem ser admitidos os escritos dos três principais dos doze apóstolos, aos quais, no começo dos seus trabalhos públicos, o mestre havia escolhido como seus principais associados e colaboradores.

Dos Evangelistas, certamente dois (Mateus e João) foram Apóstolos e tiveram oportunidade de, durante três anos de convivência com Jesus, ouvir de seus lábios os discursos que recordam; os dois outros (Marcos e Lucas) também o podem ter conhecido e ouvido muita coisa do que contam.

Como, com essas antigas exposições da história e doutrina cristã, tão claras antes deles, procederam os chefes da Reforma no arquitetar para o mundo o seu sistema de teologia dogmática? Em substância, escolhendo trechos de duas Epístolas, ambas escritas por um só dos autores do Novo Testamento, autor esse que sabemos não viveu na intimidade de Jesus nem serviu sob sua direção, e empregando esses trechos como a base e a pedra angular de todo o seu edifício espiritual; as bases admitidas foram a natural depravação do ser humano; a sua condenação por seu Criador, como criminoso, a eternos tormentos e a impossibilidade de livrar-se desses tormentos por qualquer esforço virtuoso, por mais enérgico e persistente que seja; e a pedra angular ficou sendo a concessão da eterna graça a limitadíssimo número de uma enorme Multidão, escolhido não por ser melhor que o resto, mas por ter adotado os

dois seguintes artigos de fé: primeiro, que só uma diminuta fração da espécie humana, previamente escolhida por Deus, se salvará da perdição por ter transferido. seus pecados para uma das três pessoas da Divindade e pela terrível agonia sofrida por essa Santa Pessoa (50); segundo, que cada um dos membros dessa fração fazia parte dos escolhidos.

Penso que todos os que estudam com desprevenção e cuidado as Escrituras cristãs, admitirão que se as duas Epístolas aos romanos e aos gálatas, nunca tivessem sido escritas ou não tivessem sido incluídas no cânon do Novo Testamento, nunca se teriam tornado a base do Protestantismo. Não posso negar que, se escolhêssemos uns seis ou oito capítulos dessas duas Epístolas, cerrando os olhos ao resto das Escrituras Cristãs, havíamos logicamente de deduzir um esquema de Redenção idêntico ao dos reformadores.

Teriam Lutero e Calvino o direito exclusivo de fazer essa seleção? Não há dúvida de que Lutero era dessa opinião. Com a sua usual audácia ele arroga a si próprio o privilégio de julgar toda a obra, aceitando o que lhe parece vir do Senhor e abandonando o resto. Imitando o espírito de um texto de Paulo (51), diz: "Sem dúvida, os profetas estudaram Moisés e os últimos profetas estudaram os primeiros, escrevendo em um livro seus bons pensamentos, inspirados pelo Espírito Santo. Contudo, esses bons e verdadeiros pregadores e investigadores, às vezes faziam construções de erva seca, palha e madeira, em vez de só empregarem pura prata, ouro e pedras preciosas. Apesar disso a base ficou firme." (52)

Ele faz a distinção entre a mensagem e o mensageiro, dizendo noutro ponto: "Quando ouço Moisés prescrevendo as boas obras, parece-me ver alguém que esteja executando a ordem de um imperador ou príncipe; mas isso não é ouvir ao próprio Deus." (53)

Não se pense que Lutero tenha limitado sua liberdade de escolha ou rejeição ao Velho Testamento. Um dos maiores críticos da humanidade, ele, muitas vezes, nos deixa fazer um curioso estudo dos mais íntimos trabalhos da sua alma. Aconselha aos que acham dificuldade em conciliar as outras partes da Escritura com os seus

textos prediletos dos gálatas, a responderem ao adversário do seguinte modo: "Tu me opões a serva, isto é, a Escritura, que, não no todo mas em certas passagens, se refere à lei e às obras; mas, eu estou com o próprio Senhor, que é superior à Escritura... Nele me apóio, com ele me apego e deixo-te as obras... Firma-te e aplica-o contra todas as sentenças da lei, dizendo: Foi de Satanás que ouviste isso... Comigo ele há-de ceder o lugar, porque sei que Cristo é seu Senhor e mestre." (54)

Encontramos adiante um exemplo notável do modo audacioso por que Lutero manifesta esses sentimentos:

"Tiago, como vimos, era um dos mais proeminentes apóstolos do Cristo; um daqueles a quem, pela confiança que nele tinha, Jesus apareceu depois da morte. Paulo vindo a Jerusalém e notando que os discípulos receavam-no por não crerem que ele também fosse discípulo, precisou que Barnabé o apresentasse a Pedro e a Tiago, para que estes o apresentassem aos outros irmãos (55). Depois disso, Tiago ocupou o cargo de mais alta confiança no seio da primitiva igreja cristã." (56)

Esse distinto apóstolo, porém, autor da epístola que tem o seu nome, nela manifesta uma doutrina diametralmente oposta à da justificação pela fé sem as obras, sustentada por Paulo. Ele ensina que somente a fé não pode salvar, porque os maus também crêem e temem; e, finalmente, declara que "assim como o corpo sem o espírito é morto, a fé sem as obras é morta também". (57)

Vejamos, agora, como Lutero encara essa passagem tirada de uma fonte tão eminente: Mais lógico ou mais sincero que qualquer dos seus comentadores, que procuraram reconciliar o irreconciliável, ele rejeita a autoridade do apóstolo, declarando que toda a contribuição de Tiago para o Novo Testamento limita-se a uma Epístola insignificante. Maravilhoso exemplo do efeito que se produz numa alma entusiástica, quando sustenta, com parcialidade, um dogma favorito.

Todos os adeptos da liberdade religiosa admitiram que o audaz reformador gozava do privilégio que havia assumido, pois confiavam na circunspeção que em tudo Lutero devia empregar.

Longe de mim negar a Lutero, ou a qualquer outro honesto e sério investigador da verdade, o direito de julgar por si mesmo em relação à Bíblia, de separar o ouro e a prata da palha e erva seca, que aí encontram.

Também admitimos a grande importância da distinção que Lutero estabelece entre a mensagem e o mensageiro. Só ouvimos Deus em suas obras ou por intermédio dos seus mensageiros, e, como lembra Lutero, isso não é ouvir o próprio Deus.

De tudo devemos concluir, que não foi o grande sistema de moral espiritual ensinado por Jesus, que ficou contido em seus progressos durante séculos, que não pôde vencer aos adeptos da infalibilidade, que tem perdido mais de metade do que havia conquistado e que não se pôde sustentar contra a hodierna hierarquia romana: não, o vencido foi um comentário augustiniano sobre alguns dos escolasticismos de Paulo. Há abundantes provas dessa asserção no Evangelho, tomado em seu todo. Vejamos, em seu aspecto geral, qual deverá ser a sua forma essencial.

§ 10° O espírito e os ensinamentos do cristianismo comparados aos da teologia calvinista e luterana.

Depois de lapso de tempo incomputável, marcado somente de espaço a espaço por suas lutas em busca da luz, os homens viraram a folha da cronologia do mundo e começaram a datar seus anos do dia em que, afinal, o Mestre falou aos corações e aos sentimentos, que aí jaziam oprimidos, e ao espírito de Deus que dormia neles, em vez de despertar seus temores, superstições e más paixões. Somente a ignorância ou o cinismo nega ou desdenha o progresso moral e espiritual da humanidade. Mas, a que será devido esse progresso? Ao espírito inerente à nossa espécie, do mesmo modo que o princípio vital é inerente à árvore agreste, desfolhada e coberta de neve; a esse espírito, cuja existência patenteou-se em estado latente durante o longo e infrutífero inverno do barbarismo humano, e que

agora vai ganhando força na primavera da civilização e estende a virente e fresca folhagem, alegrando as vistas do mundo.

Que nome tem esse espírito? Quando ele impõe silêncio no indivíduo, ou na nação, ao feroz impulso dos combates e calca a força bruta, substituindo-a pelos brandos conselhos da razão, chamam-no a Paz. Quando suaviza a dureza dos códigos humanos e modera a indignação contra os culpados, tem o nome de Clemência. Quando procura descobrir, na conduta dos outros o bem e não o mal, quando respeita nos outros a independência do pensamento, da palavra e não encontra na sincera diferença de opinião um motivo de ofensa, tem o nome de Caridade. Quando nos atrai aos semelhantes, quaisquer que sejam os povos a que pertençam e as línguas que falem, impelindo-nos a tomá-los pela mão e beneficiá-los, chamamo-lo Benevolência. Qualquer, porém, que seja o nome que lhe dermos, ele é sempre benévolo, eminentemente civilizador, humanitário arauto da virtude, dispensador da felicidade.

Assim como acontece quando o triste inverno languidamente mantém o seu domínio sobre a terra, surgir um dia de esplêndido sol precursor de outros ainda mais tépidos e brilhantes, assim também sucede com as variáveis estações do mundo espiritual. Há clarões de prematuro brilho derramados sobre uma época silenciosa e, por sua natureza, brumosa; fluxos de lânguida fragrância de um outono ainda distante. Há disso notáveis exemplos na história do longo passado da humanidade, nos quais dificilmente podemos descobrir a ação divina, a não ser como longínqua estrela no manto da noite. A estrela e o sol derramam sobre nós sua luz celestial, mas a luz do astro que ilumina a terra é diversa da que projeta a pálida e cintilante estrela. Nunca, porém, em toda a história da nossa raça, o espírito benévolo de que vos falei, se manifestou à humanidade como a dezoito séculos passados, em uma das dependências asiáticas do império romano. Uma voz saída da Galiléia, ouvida primeiro por pescadores e vulgarizando seus primeiros ensinamentos entre os publicanos e pecadores, conseguiu, apesar do ruído das controvérsias, fazer-se ouvir por todo o mundo civilizado.

Ao lado das parasitárias sutilezas das doutrinas que comumente produzem tanto maior zelo quanto menor é a sua importância, qual o princípio capital, dominante, em todo o código do espiritualismo e da moral cristã, dando-lhe vida e caráter e distinguindo-o perfeitamente do judaico e de todos os outros severos sistemas do passado?

É o seguinte: Ele considera Deus não como um soberano implacável, armado com os terrores da lei e manifestando a sua cólera num fogo consumidor, mas, como pai amoroso, espargindo sua doce misericórdia sobre a sua obra, não exigindo longas preces nem sacrifícios cerimoniais e aceitando, como a mais grata das oferendas, o auxílio e o conforto prestados às suas criaturas sofredoras. Relativamente ao homem, em todas as suas ocupações, internacional, legislativa, litigante, executiva ou social, ele manda substituir o império da violência pela benevolência; manda substituir em todo o mundo a guerra pela paz, a dureza pela humanidade, as alterações pela mansidão, o ódio pelo amor.

Encontraremos, certamente, as cintilações de um idêntico espírito, em tempo anterior à era cristã, nas escolas gregas de filosofia, especialmente nos ensinamentos de Sócrates a nós transmitidos pelos livros de Platão; também as encontraremos em escola mais antiga, consignadas no código moral do grande sábio chinês Confúcio, contemporâneo de Pitágoras e Sólon, há vinte e quatro séculos. Esses códigos aconselham o perdão das injúrias, a clemência, a retidão, e declaram que toda lei consiste em fazermos aos outros o que desejaríamos que eles nos fizessem (58). Mas, isso que era um mandato subordinado ou um enfeite incidental nos velhos códigos, é a alma e a essência do ensino cristão.

Ele não nos dá uma máxima sem esse colorido, um preceito sem esse tom. Aí não encontramos muitos espíritos ministrando, sim a Divindade e o amor que é o cumprimento da lei.

Talvez eu erre dizendo que um tal sistema era extemporâneo há dezoito séculos no tempo do império da vingança legal e de um código de retaliações. Mesmo hoje, como nesse já distante passado, a natureza humana ensurdecida pelo clamor das armas e pelo

ruidoso conflito das paixões, talvez não se mostrasse favorável à voz benévola da nova filosofia, atestando a sua justiça e simpatizando com o seu espírito de mansidão. Para que esse seguro aliado se conserve dentro da cidadela, é necessário que o isolem dos elementos hostis que o rodeiam.

Difícilmente se pode imaginar outra coisa em maior discordância com o gênio do Cristianismo do que as opiniões e atos dos homens, não só no período em que ele apareceu, como nos que se seguiram. E, coisa notável! seu nome foi adotado e adorado de idade em idade, ao passo que dificilmente se pôde manter a obediência aos humildes preceitos que o caracterizam. O frade soldado de Malta, depois de haver perdido no seio da luxúria e da licenciosidade todas as virtudes, exceto a valentia, adotou o nome de cristão. O meio milhão de cruzados que, seis séculos depois, se reuniu à voz de frei Domingos e marchou, sob a bandeira da cruz, para exterminar os cismáticos valdenses, reclamava o título de peregrinos cristãos. Torquemada, que depois de ligeiro inquérito queimou cinco mil heréticos e entregou à tortura um número dez vezes maior, alegava que os tormentas eram aplicados e as fogueiras acesas em obediência e para conceituar o Cristianismo. Assim como os discípulos do Cristo que pediram que o fogo do céu consumisse os inospitais samaritanos, assim aqueles homens não conheciam o espírito que animava o Cristianismo, e que eles orgulhosamente blasonavam-se de seguir e servir.

Apesar dessas precoces e infelicíssimas profanações do seu nome, ele vai afinal emergindo. Já estamos provavelmente fora da era das perseguições levadas até a morte.

Podeis atualmente falar do Catolicismo Romano e eu do Calvinismo sem receio de sermos atados ao poste. No gozo dessa liberdade, posso convidar-vos a refletir sobre os ensinamentos teológicos dos chefes da Reforma, para que saibais quanto eles estão longe ou divergem da religião do Cristo.

Devemos tratar desse assunto com todo respeito e reverência, mas também sem temores. A verdade prescreve a liberdade.

Admito que um sistema doutrinário que tem, passando por várias fases, regido a Cristandade durante mil e quinhentos anos, pode legitimamente pretender todo o respeito da parte do historiador, do estadista e do filósofo. Racionalmente podemos asseverar que, como a guerra, em certa fase do desenvolvimento mental da humanidade, um tal sistema tenha desempenhado importante missão. Contudo, essa teoria não exclui a hipótese dos seus dias estarem contados, ou dessa missão estar terminada. Tudo tem o seu tempo.

Como pode um dogma, tão antigo quanto a igreja, aceito por duzentos milhões de homens, qual o que ensina que o Espírito Santo a guia sempre, exclusivamente e com infalível sabedoria, conciliar-se com a doutrina da igreja católica na depravação inata e incurável do homem, aumentada ainda pelo sacrifício de um enviado? Será tal doutrina destinada a subsistir ainda?

Se considerarmos que essa doutrina, apesar de sustentada por Paulo, contradiz as palavras de Jesus, teremos a explicação do fato desanimador do Cristianismo ir perdendo terreno de um há outro século. Se, a mais descobirmos que esses dogmas favoritos concorrem para a demora dos progressos da civilização e para humilhar o estandarte da moralidade (59), então, temos necessidade de não aceitar o corolário de Macaulay, isto é, que não há elemento progressivo em nossa religião e nenhuma garantia de que no futuro predominem os erros teológicos do passado.

Em breve resumo como este, não nos é possível cotejar os escritos de Calvino e de Lutero com os ensinamentos do Cristo, texto por texto. Teríamos de transcrever metade do Novo Testamento.

Esse cotejo seria, aliás, sem proveito algum, por não podermos, nesta geração, examinar o Testamento tão alterado pelos preconceitos.

Imaginemos que a cristandade só conhecesse a Bíblia pelos institutos de Calvino e pelos Comentários sobre os Gálatas, de Lutero; suponhamos que tenham aparecido pela primeira vez, no meio das luzes do século dezenove, os ensinamentos daquele a quem

chamam - Senhor, Senhor -, bem assim os de Lutero e de Tyndal, os campeões da Alemanha e da Inglaterra.

Ah! Que pequena seria, então, a necessidade de comentários e comparações!

A teologia, que se regozija em sua hodierna ortodoxia, ter-se-ia dissolvido em um ano antes de se ter inflamado com os ensinamentos sobre o mar e com o Sermão da Montanha. Surgindo assim às nossas vistas, que lembranças eles não despertariam em nós; como seriam belas as nossas primeiras impressões, não desbotadas pelas cópias formais; como as convicções se formariam calmamente, sem serem pervertidas desde o começo, seguindo rumos antiquados! Suas palavras nos apareceriam claramente com a sua intenção original; nenhuma explicação dogmática viria escurecer os ensinamentos, nenhum tenebroso comentário nos ocultaria as suas verdades de inestimável valor. Algumas coisas, é certo, nos intimidariam; outras nos levariam a duvidar da exatidão das recopilações do biógrafo. Lançaríamos para o lado a palha e erva seca aceitas por Lutero, mas o ouro puro seria reconhecido e a grande base permaneceria. "Arrependei-vos, porque o reino dos céus vem perto!" Seriam as primeiras palavras de exortação que nos saltariam aos olhos. Depois, ficaríamos sabendo que pregou o evangelho do reino. O Evangelho! Tomamos essa palavra em sua pureza etimológica, não adulterada pelas sugestões do catecismo e das confissões de fé. Ele nos informa que Jesus, o Ungido, veio como Mensageiro da Boa Nova.

A Boa Nova? Que quer isso dizer, se "tudo no homem: - pensamento, virtude, alma e corpo, está poluto... se Deus, nada pode achar no homem que o incite a abençoá-lo"?

Que boas novas são essas? Ei-las: "Bem-aventurados são os pobres de espírito, porque é deles o reino dos céus. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Bem-aventurados os pacíficos, porque possuirão a terra. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os de coração puro, porque verão a Deus. Bem-

aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus."
(60)

Recordemos um trecho da doutrina a que vossos ouvidos estão acostumados: "Todas as crianças trazem a sua depravação desde o berço... sua natureza deve ser odiosa e abominável a Deus." Como conciliar isso com a boa nova trazida pelo outro Pregador, para tirarmos das sombras e levar-nos à luz da vida?

"Jesus tomou em seus braços uma criança e abençoou-a, dizendo: É destes o reino dos céus; e dirigindo-se aos discípulos, acrescentou: Se não receberdes o reino de Deus, como uma destas crianças, nele não entrareis." (61)

No evangelho de Genebra estamos acostumados a ler: "O mundo inteiro não pertence ao seu Criador... a graça liberta um pequeno número da maldição e da cólera de Deus... mas abandona o mundo à sua destruição. Eu me detenho, sem me importar com os fanáticos que pretendem ser a graça dada igualmente a todos."

Como sentiremos nossos corações aquecerem-se dentro de nós, encontrando no Evangelho da Galiléia o convite feito a todos os que trabalham e são oprimidos na terra: "Pedi e vos será dado; buscai e encontrareis; batei e vos abrirão; pois, aquele que pede, receberá; o que busca, encontrará; e ao que bate, se abrirá... Se, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está no céu, dará seus dons àqueles que o buscam?., (62)

Não sabemos como conciliar os pensamentos vindos de Vitemberg e os do Calvinismo, com a boa nova de Nazaré que nos é patenteada, vendo que Lutero nos ensinou o seguinte: "Dizer que a fé é nada, quando não vem acompanhada pela caridade, é uma doutrina diabólica e blasfema. Todos esses legisladores e moralistas são amaldiçoados." Nós, porém, no novo Evangelho vemos o Cristo dizendo: Quando deres um banquete, convida o pobre, o mutilado, o coxo e o cego e serás abençoado; eles te não poderão convidar também, mas tu serás recompensado na ressurreição dos justos."
(63)

Lembramo-nos de ter ouvido o seguinte, vindo de Vitemberg: "Aquele que diz que o Evangelho exige obras para a salvação, é pura

e simplesmente um mentiroso." Quão diferente, porém, é o que lemos no Evangelho: "Aquele que cumprir e ensinar os mandamentos, será chamado grande no reino dos Céus." (64) Estudando a parte histórica do belo Evangelho, novas surpresas surgirão a cada passo.

A pecadora dos velhos tempos, teria sido perdoada de seus pecados por haver acreditado muito? O Evangelho nos diz: "Por haver amado muito." (64)

E a outra pecadora, trazida para ser condenada, seria mandada embora por causa da crença de que um santo Enviado carregava com os seus pecados? Realmente, não. Vemos que abandonada, sem ser condenada, Jesus lhe diz: "Vai e não peques mais." (65)

A prece das preces não deve ser lida: "Perdoai nossas faltas, assim como perdoaremos as que cometam contra nós." Mas, sim, conforme o ensino de Genebra: "Procedei como de justiça, pois que os nossos pecados foram transferidos para teu Filho e nós fomos escolhidos por Ti."

Quando lemos na Boa Nova do Cristo que há grande alegria no céu por causa de um pecador que se arrependa, seguramente perguntaremos: "Como, quando um pecador se arrepende, deverão todos se alegrar, se é a eleição e não o arrependimento que tem o poder de o salvar?" Mas, fixemos principalmente atenção sobre as maravilhosas narrações instrutivas de Jesus; que o profundo objeto de meditações neles encontraremos!

Suponhamos que, deixando apenas o esquema da substituição da Reforma, deparamos com a mais bela das parábolas, a história do filho pródigo. O pai, aí vemos, mandou dar-lhe a melhor roupa, anéis e sapatos. Seria esse fato (característico da boa vontade de Deus para com o pecador) devido a ter o filho inesperadamente aceitado um certo dogma e à sua crença de ter o favor de seu Pai e ser destinado à felicidade? Mil vezes, não! - respondemos nós. Era devido à humanidade e ao arrependimento de um que se havia extraviado, ao seu desgosto pelo passado e à sua resolução de adotar uma vida proveitosa, mesmo em posição servil. "Pai, pequei contra

os céus e contra Ti, não mais mereço que me chames teu filho; considera-me como um dos teus servos”

Chegamos depois à parábola do homem trabalhador. Vemos aí que ele chamou seus servos e lhes confiou seus bens, por precisar ir a um país longínquo e que, na volta, tendo um dos servos lhe restituído o que recebera, com os juros que havia alcançado, o amo lhe disse: "Partilha da alegria do teu senhor", o outro servo entregou-lhe apenas o talento recebido sem nada ter produzido, e o amo mandou-o para as trevas."

Poderá vir à mente de alguém, a menos que não tenhamos sido mistificados por pregadores ignorantes, que essa parábola signifique que o servo que procurou justificar-se por suas obras ficou sabendo que as obras não justificam, sendo por isso lançado no lugar onde havia lágrimas e ranger de dentes; ao passo que o outro, que não confiava nas obras mas sabia que se tivesse a crença de ter sido eleito se salvava e iria partilhar da alegria de seu senhor?

Afinal, parece-nos ser conveniente, para dissipar nossas dúvidas, retrocedermos em busca de uma solução definida, a respeito do destino do ser humano depois da morte. Mateus, em seus vinte e cinco capítulos, vai satisfazer.

Aí vemos Jesus apresentando um quadro bem delineado, do efeito produzido pelos atos do homem neste mundo, sobre a sua situação no outro.

Quando o Rei diz aos que o mereceram: "Vinde. Entrai na herança do reino", apresenta os motivos da sua escolha: "Eu tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; fui um estrangeiro e me acolhestes; andava nu e me vestistes; estive na prisão e me fostes visitar." Quando eles perguntam em que época lhe haviam prestado esses serviços, a resposta é a seguinte: "Todo aquele que isso fez ao menor dos meus irmãos, a mim o fez." Não devemos concluir que o melhor serviço que prestamos a Deus é fazer o bem às mais humildes das suas criaturas, e que, se empregarmos aqui a nossa vida em obras boas a morte nos fará passar a uma outra fase da vida e a nossa situação será, então, mais feliz? No entanto, se adotarmos os ensinamentos calvinísticos, vemos que

as palavras do Rei devem ter sido estas: "Vinde. Entrai na herança do reino, porque eu vos escolhi por minha livre vontade para entrardes no reino, sem me importar com as vossas obras na terra, tenham elas sido boas ou más."

Quais, porém, segundo o Cristo, os que vão para as chamas eternas, no sentido rigoroso das palavras, ou que, em todo caso, vão sofrer em vez de gozar? É claro que são aqueles que estando dominados pelo egoísmo, deixaram de cumprir os seus deveres para com os semelhantes. Mas, como podemos aceitar essa conclusão, se não lançarmos para bem longe o nosso respeito a Calvino? Com a incredulidade, sem dúvida, ou com o sentimento de que a sentença do condenado é concebida nos seguintes termos: "Vai, maldito, vai morar para sempre com o demônio e seus anjos, porque, desde o começo do mundo foi isso assim determinado, qualquer que fosse o tempo em que tivesse de nascer, quer fizesses na vida o bem ou o mal. O meu propósito não se baseia nas obras, mas na eleição. Eu escolho os que me parecem bons. Aceito um e abandono outro. Amo aos que estão à minha direita e odeio a vós."

Não será isso uma impiedade? É mais que impiedade, é uma blasfêmia; mas essa blasfêmia é de João Calvino e não minha; e foi ela que parece haver chocado o sentimento de retidão e justiça do mundo moderno, que hoje, depois de três séculos, pronúncia contra ela o seu veredicto.

Contudo, existe ainda uma força, uma sutil fascinação a respeito da teologia do genebrês, terrível como as concepções de Gustavo Doré sobre o Inferno de Dante. Se do Calvinismo volto-me para o Cristianismo, sinto-me como que a despertar de um temeroso pesadelo, de um sonho em que se figurasse achar-me um árido deserto povoado de fantasmas, de monstros e demônios; encontrando-me, depois, diante da calma beleza de uma brilhante e festiva manhã de primavera, no meio de flores, e onde o canto das aves me deliciasse os ouvidos.

A vós, guias da igreja protestante, compete decidir se os fatos por mim apresentados justificam a proposição que avancei e repito ainda: Não foram os grandes ensinamentos de Jesus que estiveram

detidos em seu progresso durante séculos; não foram eles que deixaram de resistir. aos sectários humanos da infalibilidade; não são eles que têm perdido mais de metade do que havia sido conquistado; não são eles que não se podem sustentar contra a hodierna hierarquia de Roma.

Os vencidos foram os comentários agostinianos ou alguns dos consideranda de S. Paulo.

Deveis julgar também se é boa, ou não, esta segunda proposição: A história da Reforma nos fornece um exemplo notável do contrário que ensina o Protestantismo, isto é, que o Cristianismo não se coaduna com a natureza da ciência progressiva, e que não há garantia para que deixem de prevalecer no futuro os erros teológicos que dominaram os cristãos no passado.

§11° Efeitos produzidos sobre a moral por certas doutrinas favoritas dos reformadores

Não é somente a extrema divergência existente entre as doutrinas de alguns dos primeiros protestantes e os ensinamentos do Cristo que fere a atenção de muitos, mas também o efeito produzido por essas mesmas doutrinas sobre a civilização e o progresso humano. Chamo a vossa atenção para esse assunto, porque é de notável importância.

Ele é importante por muitas razões. Afastar-nos-emos muito pouco da verdade, afirmando que o progresso material do mundo nos últimos cem anos excedeu ao obtido nos dez séculos precedentes; mas também estou certo, e haveis de ter notado, que o adiantamento em moralidade não tem acompanhado o que se produziu em todas as artes e ciências físicas. Especialmente em nosso país, novo, sujeito como é aos excessos e erros da juventude, o progresso na moralidade das ações humanas é lamentavelmente inferior. A intemperança, ainda que de tempos a tempos apresente fases de moderação, é uma potência terrível no mundo. As grandes

riquezas e a ilimitada luxúria, arautos de ruínas anunciando o declínio e a queda das nações, vão rapidamente estendendo sua funesta influência sobre o nosso povo, de modo a poder-se aplicar propositadamente a máxima do Cristo: "Difícilmente entrarão os ricos no reino dos céus." A moralidade pública tem decaído muito abaixo do que era há um quarto de século; as nossas assembleias legislativas são hoje menos puras e o nosso serviço público geralmente mais inquinado de venalidade. Ainda mais: a verdadeira fonte donde se origina o nosso sistema político, a eleição, está ficando sujeita às invasões das corruptelas que cada ano se vão mostrando mais freqüentes e impudentes. A moralidade pública influi na moral privada. O mal vicioso originado da política, se assumir um caráter maligno, não pode ser limitado aos políticos; ele infecciona primeiro as repartições públicas, e depois os proprietários. Nunca, mais que hoje, se fez sentir entre nós a necessidade urgente de um poder reformador. O grande rio do progresso humano caminha sempre, mesmo quando nós por algum tempo nos detenhamos no seu curso.

Aquele sem cuja vontade nada deixa de suceder, se vigia as pequenas ações, não dispensa menos cuidado às maiores. No tempo próprio, as exigências da alma são satisfeitas não menos liberalmente que as necessidades do corpo.

Se, porém, considerarmos a lei divina, observaremos que Deus produz esses efeitos em nosso mundo, não por milagres ou intervenção direta, mas imediatamente por meio de agentes de progresso, sob o império das leis universais. E como Ele sempre atua sobre nós por intermédio de agentes humanos - os homens, como não possam estes conter a lei divina ou modificar sua influência, procuram precipitar ou retardar a sua ação. Precipitam essa influência quando chamam a atenção de seus companheiros para essa ação inevitável e para essa potência sempre benévola. Retardam-na quando enfraquecem a fé da humanidade na existência dessa lei, afirmando que Deus pode suspendê-la arbitrariamente. É isso que os homens, aliás zelosos num assunto que tão seriamente afeta à moral, fizeram prolongar durante séculos.

Se há uma lei universal patente, onde quer que o homem se ache, é no fato de cada ato seu, bom ou mau, ter a sua consciência apropriada, conforme os atos que ele tiver praticado.

Pela observação das obras de Deus, podemos conhecer alguma coisa a seu respeito; vemos que ele não permite que essa lei, ou qualquer outra lei natural, possa ser modificada ou suspensa em sua ação.

Os homens conscientemente culpados têm em todos os tempos se esforçado em iludir a ação dessa grande lei, inventando a respeito do pecado muita coisa com o fim de separar a consequência, da causa. Mas, isso não é possível realizar-se, assim como o sol não pode brilhar sem nos dar luz e um campo semeado de joio produzir trigo.

Um pecado pode ser corrigido e uma vida pecaminosa ser emendada. Desgostoso de haver feito o mal, o homem aprende a praticar o bem. O pecador pode corrigir-se do seu pecado, assim como o enfermo ficar curado de sua enfermidade. Somente desse modo as consequências do pecado serão afastadas. Somente cessando a causa o efeito cessará.

Tentam alguns persuadir aos homens que o efeito do pecado pode cessar, quando este procede de uma tendência excessivamente imoral, tendência esta mais forte que o temor da pena estabelecida na lei para o assassino. Seria isso o mesmo que iludirmos a um homem tentado a cometer um homicídio, dizendo-lhe que a lei contra os assassinos não estatua penalidade, ou que esta podia ser anulada, corrigindo-se ele. Perguntamos: Como? Continuará a assassinar por não haver penalidade contra isso? Deus proíbe-o! Deus impõe uma penalidade a isso, pouco aproveita mostrando-lhes a proibição divina.

Felizmente para o mundo, há homens nos quais, apesar da negativa de Calvino, o amor da justiça é tão forte que os faz dispensar qualquer outro incentivo para praticar a virtude. Contudo, presentemente, entre as massas, a esperança ou o temor da consequência decide ainda na prática dos atos. Por isso, os legisladores não consideram seguro confiar ao critério da

humanidade a observância dos preceitos morais, sem um código penal.

Baseado nos mesmos princípios, o mundo crê que não deve perder de vista o estado futuro de penas ou recompensas que o aguarda. De todas as doutrinas desmoralizadora, não encontro nenhuma de tendência mais inconsideradamente viciosa como aquela que nos conduz a não estudar neste mundo o nosso futuro no outro.

Não conheço nenhum incentivo mais poderoso à moral, neste estádio do progresso humano, como a convicção profunda de que, por uma lei inevitável, os nossos atos nesta fase de nossa existência decidem do nosso bem-estar nas que vierem depois.

O sagaz e humilde bispo Butler, por uma clara analogia e deduzindo do visível o invisível, pronunciou neste sentido algumas importantes palavras (66). Quando ele se abstém de fazer qualquer suposição sobre o modo pelo qual, no outro mundo, o pecado determinará o sofrimento, sugere "que a punição futura deve seguir-se à falta, como conseqüência natural, ou conforme as leis gerais que regulam o universo".

Apresentarei adiante as razões que me levam a crer que Butler exprime uma grande verdade, que as leis de Deus sobre a alma não são restritas à vida terrena, e que suas criaturas vivendo aqui sob o seu império, até à transformação chamada morte, irão ainda encontrá-las na vida do além-túmulo, inalteradas e inalteráveis.

Não bastará uma tal concepção (sem tratar das recompensas recebidas no céu e das penas sofridas no inferno) para recomendá-la à nossa atenção, como estando em concordância com os atributos do Pai da luz e da ciência, no qual não há variabilidade sem sombra de desvio? (67).

Que haverá no Judaísmo e no Cristianismo dos dez séculos últimos que se compare a isto?

Na infância do mundo, em todo caso, quando ele tinha três mil anos menos que hoje, foi instituído entre os hebreus um rito estranho, por pretensa ordem de Deus; os pecados foram tratados como objetos tangíveis e transportáveis, podendo ser pelo supremo

pontífice retirados do pecador e lançados, qual vestuário gasto, ou farrapo incômodo, sobre um animal de carga (68). Essa ação característica podia ter muito valor nessa época de cerimoniais, caso se apoiasse nalgum princípio verdadeiro, porém, fundava-se num erro da mais grave espécie.

Não podemos fugir dos nossos pecados, transferindo-os de nós para outrem, assim como ninguém pode libertar-se da febre que o consome ou da enfermidade que lhe ameaça a vida, transferindo-as de si para um amigo ou inimigo. A imutável lei de Deus é contrária a isso. Ela tornou impossível a separação entre o efeito e a causa.

Paulo, o hebreu dos hebreus e, no que se referia à lei, um fariseu, continuou, depois de tornar-se cristão, a acariciar a antiga idéia judaica de que o pecado é remido pelo sacrifício, e que somente assim o homem pode aplacar ou reconciliar o seu Deus ofendido. Ele parece haver esquecido, caso tenha lido ou ouvido o que Cristo disse aos fariseus: "Ide e aprendei o que quer dizer: Eu quero a misericórdia e não o sacrifício." Ele quer a misericórdia e não o sacrifício. A misericórdia, em virtude do arrependimento, manifestando-se em uma vida de expiação; a misericórdia para cada criatura humana que abandona o caminho do mal, a fim de praticar o bem.

Tal é o plano de caridade, esperança e amor, a fim de se obter a reforma e a salvação ensinadas pelo Grande Mestre, buscando suavemente as almas enfermas; tal é o Evangelho que, para abrigar-nos sob suas asas, nos veio das praias do mar da Galiléia. Seus ensinamentos são eminentemente promotores da moralidade, animadores, humanitários e civilizadores, pois apresentam ao homem indeciso um motivo forte para resistir à tentação e seguir a pacífica e deliciosa vereda da sabedoria.

Quão diferente sobre a moralidade do mundo foi à influência do dogma de redenção, imaginado por Paulo e abraçado pelos chefes da Reforma! Calvino e Lutero exortavam, realmente, à prática de ações virtuosas e aconselhavam o exercício das graças cristãs; mas, ao mesmo tempo, empenhava-se em insinuar a idéia de que as ações virtuosas, mesmo as mais elevadas e eminentes graças cristãs, não

eram expiações para as faltas passadas, não apaziguavam a cólera de Deus, nem alcançavam a sua misericórdia. Esses atos bons e essas graças não tinham influência alguma sobre o destino venturoso ou miserável do homem no outro mundo. Nenhuma palavra de perdão ou conforto para o penitente que chora; nenhuma esperança de alcançar o céu pela purificação da vida! Eles buscam especialmente negar que as nossas boas obras concorram para o nosso bem-estar futuro, julgando que a boa crença pode substituir as boas obras. Eles elevam a fé num singular dogma misterioso, como a única coisa capaz de iluminar, remir e purificar a humanidade.

Contudo, essa fé num dogma não é mérito que caiba a todos. Amar a verdade é um mérito; o desejo de saber, é um mérito; uma investigação laboriosa, é um mérito; porém (cumpridos religiosamente esses deveres) ao resultado de tais estudos, a crença em um dogma verdadeiro ou falso não dá nenhum mérito ou demérito. A crença na verdade é uma graça celeste; a descrença é um infortúnio que provém freqüentemente de um caráter penoso, pois que a prática justa se baseia nas opiniões justas. Mas, a crença na mais alta verdade não é uma virtude e a descrença sincera num péssimo erro não é um crime; com o que podemos dizer que não tocamos a meta da loucura, pois que ela em tais casos procede somente de um zelo mal-entendido. O resultado de uma investigação sincera é que a crença nesta ou naquela doutrina não está, de modo algum, na dependência da vontade do homem. O homem, a pedido de outro, não pode juntar um novo artigo ao seu credo, do mesmo modo que não pode adicionar coisa alguma à sua altura.

Dizei-me, se puderdes, como hei de crer que Deus, que nunca neste mundo separa os atos bons e os maus de suas conseqüências, obra contrariamente no outro. Dizei-me, se puderdes; como hei de crer que Deus, desprezando os atos que os homens podem apreciar, escolhe, como capaz de lhes dar a felicidade eterna, uma certa espécie de fé no invisível; que a criatura que a não possui, não poderá obtê-la, nem a obterá qualquer que seja o seu esforço.

Explicai-me, se souberdes, como poderá formar-se tal crença em minha alma. A minha razão e a minha consciência rejeitam-na.

Poderei violentá-las? Aquilo que é falso aos olhos de Deus, deve também sê-lo diante do sentimento que dEle recebi, no que se refere à distinção entre o justo e o injusto.

Não sei o que direis em resposta, a não ser o que já dissestes outrora: "Oh! homem, quem és tu para replicares a Deus?"

A isso responderei que não é contra Deus nem contra o Cristo que eu replico; sim contra a concepção de Deus feita por Calvino e Lutero, do mesmo modo que todo homem tem o direito de fazer. Acuso aos reformadores que, sendo guias nessa matéria, ao Cristo preferiram Paulo, não em todos os seus ensinamentos, mas naqueles que deram origem às doutrinas que pregaram. Estou tão profundamente convencido de que Paulo foi inspirado quando escreveu o seu admirável décimo-terceiro capítulo da Epístola aos Coríntios, como que a inspiração foi nele suplantada pela filosofia vaidosa em outros lançamentos dos seus escritos. Penso que algumas vezes ele próprio o sentia. Parece que Paulo ensinou e partilhou a opinião de Lutero acerca da mistura da palha com o ouro. (69)

Nada aproveita a minha declaração de me crer indigno de Deus, por haver Paulo de vez em quando dado esse exemplo, ou de, por dispormos hoje de mais conhecimentos, decidir presunçosamente, por mim mesmo, quem merece ou não. Em nosso mundo sombrio, onde todos são falíveis, não devemos colocar a luz debaixo do alqueire, pelo simples fato de não ter ela a intensidade dos raios solares. Por convicção e sentimento, reclamo o direito de julgar, como eles o tiveram; e, no meu caso, quanto a essa matéria, o juízo que aceito se conforma com o verdadeiro e mavioso poeta da América, quando diz:

**"Eu não posso ler nos céus
o oculto ao Serafim; mas,
o que é bom para Deus,
não pode ser mau para mim."**

**O que eu sofro, de tormento,
no céu não terá valor.**

**Não creio num Deus odiento,
mas num Deus bondade e amor." (70)**

Há uma outra doutrina, universalmente aceita pelos primitivos protestantes, e para o seu efeito sobre o progresso humano, chamo vossa atenção.

As idéias desses austeros teólogos sobre a inata corrupção da nossa raça, foram levadas, como já vimos, a uma extensão temerosa. Eles consideravam o homem como um ser tão fundamentalmente perverso, de uma natureza tão completamente abatida e degradada, que os seus melhores atos não eram mais que pálidas variedades do pecado original; e os seus mais nobres sentimentos não eram mais que ramificações da sua inata depravação. E esse anátema não é limitado aos descrentes; eles sustentam que todas as ações, mesmo as praticadas pelo homem mais religioso, estão incluídas no anátema. "Nenhuma ação praticada, mesmo por um homem piedoso, diz Calvino, deixará, aos olhos de Deus, de merecer condenação."

Uma outra fase dessa doutrina projeta ainda mais longe a sua influência, pois ensina não só que todos os homens e mulheres são, desde a primeira infância, e por sua própria natureza, odiosos e abomináveis a Deus, mas também incorrigíveis. "O homem não pode, diz o reformador genebrês, ser excitado ou conduzido a fazer qualquer coisa que não seja o mal." (71)

A respeito desse dogma, Calvino devia ter declarado o que havia dito acerca do da predestinação, que era uma sentença horrível. Por esse dogma, ele afirma não existir na natureza humana elemento algum de progresso moral; estende uma mortalha sobre o futuro da nossa espécie neste minúsculo mundo, e declara aos reformadores e filantropos que suas esperanças a bem da humanidade são infundadas e seus melhores esforços totalmente improfícuos.

Nada é possível esperar da natureza humana, quando se lhe rouba a persuasão de que ela não pode fazer o que deve. Tal doutrina desanima e desmoraliza. Mesmo nas empresas materiais, isso produz a contrariedade e o malogro. Teria o exército italiano do jovem Napoleão praticado as maravilhas que praticou se ele pregasse aos

seus soldados a covardia e impotência, em vez de inspirar-lhes a salutar confiança em si mesmos?

Consideremos que mau efeito isso produziria noutra campo ainda mais nobre. Quando Oberlin começou o seu trabalho humanitário num obscuro vale alsaciano, teria ele a coragem de prosseguir por um só dia, se deixasse dominar pela desanimadora doutrina de Calvino, de que o homem não pode ser movido por qualquer impulso para o bem?

Deveremos aceitar a afirmação de que nada existe de bom nas obras humanitárias? Leiamos a história da nossa raça com a convicção antecipada de que nenhum ato virtuoso é aí recordado; nenhuma ação nobre feita de patriotismo, de sacrifício de si próprio, de misericórdia e generosidade; nenhum devotamento por amor; nenhum martírio sublime por amor de uma opinião; nenhuma consagração da vida ao alívio da humanidade sofredora; nenhuma aspiração pura sobrelevando-se às nuvens e à descrença de um presente sombrio; nenhum elevado empreendimento para trazer a luz e um futuro feliz à humanidade; - em uma palavra, que nada há de grande e ilustre no que tem sido pensado, empreendido e executado pelas criaturas de Deus, desde o aparecimento das primitivas sociedades até hoje e que tudo isso não tem sido mais que fruto de hipocrisia, uma fase da corrupção, ou, melhor, uma aparência vã, indigna, e ah! condenável aos olhos de Deus. O pior dos erros humanos consiste em identificar Deus com o mal, olhando-o como um Espírito odioso; o segundo, é o de identificar o homem com o mal, considerando-o um banido, incapaz de salvar-se. Livre-nos Deus de apoiarmos esse culto de Satanás e de cremos em nossa incorrigível depravação! Seria melhor, se fosse verdadeiro o credo de Calvino, lançar às chamas todos os anais desse passado detestável. Que lições nos pode fornecer essa longa série de abominações! Nos Institutos de Calvino encontram-se bons motivos para crer que o principal fim desse reformador era inocular a humildade e uma louvável intensão. Mas, a humildade e a degradação são tão distintas uma da outra, como o respeito de si próprio e a vaidade. A humildade espera e confia, a degradação nada

espera. Não podemos achar uma lição mais elevada do que a que nos deu o Cristo na parábola em que o fariseu está orgulhoso dos seus pretendidos méritos e onde o publicano se conserva afastado e implora misericórdia. Paulo prescreveu a verdadeira base da humildade: "Que possuís que não vos tenha sido concedido? Se receberdes, porque vos gloriáis, como se nada tivésseis recebido?" (72) Tudo o que temos, tudo o que somos, é uma dádiva; se esta for humilde, não a desprezemos; se valiosa, não nos orgulhemos; porém, reconheçamo-la como tal e tenhamos amor e gratidão. O que a justiça e essa prescrição do Cristo proíbem é que sejamos orgulhosos por motivo desses dons, o que nos levaria à perdição. Devemos recebê-la com humildade, usá-la sem ostentação, e se fizermos dela melhor emprego não devemos ir, como o antigo leproso, gritando por toda parte e chamando-nos a nós mesmos imundos.

Quando um dos eleitos, por si mesmo empossado, assim brada, mesmo que ele não tenha consciência da verdade, raramente o seu sentimento está nas palavras que pronuncia. A crença na depravação inata, ligada à de ser um favorito de Deus, por Deus escolhido, com mais alguns dentre as miríades inumeráveis de outras criaturas. A fim de, por exclusiva indicação, partilhar eternamente de sua glória, é uma crença praticamente incompatível com a verdadeira humildade. Não duvido que Calvino desejasse ardentemente ser humilde; contudo, sua vida foi toda de ostentação espiritual. Com que soberba arrogância ele se referia a Serveto! Declamava contra o despótico domínio da hierarquia católica; mas, haveria humildade na tirânica autoridade do teocrata genebrês?

É provável que Calvino tenha feito um sério estudo de si mesmo, buscando cuidadosamente conhecer os seus pecados e profligando com severidade as suas próprias faltas espirituais. Isso mesmo, porém, pode ser levado a um extremo pouco conducente àquela humilde caridade que nada tem de jactanciosa. Os maus efeitos de um persistente hábito de examinar-se a si mesmo, são freqüentemente tão grandes, como os que resultam do extremo oposto, nunca se estudando a si próprio. Temos o dever de cuidar da

conservação do corpo e de preparar o espírito para o outro mundo; não podemos, porém, consumir nosso tempo e pensamentos com os pequenos detalhes presos às condições do nosso bem-estar, físico ou espiritual, pois essa prática perniciosa pode fomentar o egoísmo e dar nascimento a um espírito de exação. Apliquemos a nós mesmos todas as nossas palavras, ajustando-lhes nossos pensamentos e emoções. Nada torna melhor um homem, física e espiritualmente, nada castiga mais um espírito soberbo e loquaz, do que em certos limites ter de esquecer-se de si para sentir e pensar nos outros.

A verdadeira lição que nos fornece a história do homem e seus atributos, é a seguinte: Há um justo motivo de surpresa e congratulação, à vista das terríveis influências exercidas pelas condições viciosas e pelas doutrinas desmoralizadoras da natureza humana, no fato de ver essa natureza exibir incessantemente o espírito eminente e progressivo que, de quando a quando, rompendo com os maus exemplos e velhos prejuízos, faz com que nos regozijemos de pertencer a uma raça transviada, fraca e pecadora é certo, mas encerrando em si, como nos disse o Cristo, as promessas do Reino de Deus.

É uma raça que vai gradualmente lançando para longe o fanatismo. No credo do mundo moderno vão sendo admitidos paulatinamente os princípios seguintes: O terror, a desconfiança e o desespero são influências abjetas. O terrorismo doméstico, político e religioso, é o pior de todos os governos; ele tolhe o desenvolvimento de uma raça e humilha-a. Uma criança habitualmente desconfiada, vive exposta às mais funestas tentações. O homem que não espera, não confia, não se respeita a si mesmo, perde metade do seu valor.

O reformador genebrês não procurou negá-lo. Nada se pode dizer, acerca da desanimadora influência do seu credo, que seja mais forte do que ele mesmo avança. Reparai na sua confissão: "Deus geralmente dirige seus discípulos, isto é, os crentes, de tal modo que, para qualquer parte que eles volvam os olhos, nada os faça perder a esperança." (73)

Assim Deus nos guiará? Eis a verdadeira solução:

**"O que da luz se desvia,
só vê sua sombra crescendo;
a senda vai-se escondendo,
e duvida se ainda é dia. (74)**

Assim, durante séculos, a sombra de Calvino estendeu-se pelo mundo cristão!

Mas, voltemo-nos para a luz; e pelo fato de haverem os chefes da Reforma satirizado as concepções humanas da fé, não neguemos à fé o seu legítimo valor. O Cristo empregou as mais expressivas metáforas para nos dar uma idéia do seu poder. (75)

Realmente, aceitando as palavras no seu verdadeiro sentido, é difícil dizer coisa melhor a respeito do poder da fé para o bem; ele pode remover todas as dificuldades que se elevam como montanhas no caminho do progresso. Assim, veremos a fé em todos os esforços nobres, a fé em nossa natureza comum, em suas possibilidades, em seus progressos. A fé no bem e no belo: no bem que sentimos sem o ver; no belo que pode ser concebido antes de ser realizado. Vemos a fé na economia do mundo, uma fé calma de que tudo está bem e sabiamente ordenado por uma Sabedoria que vê mais que a vossa. Vemos a fé estendendo-se para o futuro: a fé que progride em conhecimento e bondade e não se limita a este mundo, mas continua nas outras fases do ser, aí onde existem muitas mansões para serem ocupadas pelos que se preparam para ter nelas entrada.

E se Paulo em suas extravagâncias dogmáticas desencaminhou os primitivos protestantes, ele nobremente reparou essa falta, mostrando-se noutros pontos em verdadeira concordância com os mais elevados ensinamentos de Jesus. Muito acima, mesuro da fé e da esperança, o primeiro dos dons cristãos é o Amor, contendo em seu generoso seio a paz, a misericórdia, a caridade, a fraternidade, e dominando o céu e a terra.

Quem, em termos mais entusiastas que os do grande Apóstolo dos Gentios glorificou esse espírito elevado, princípio animador do sistema de moral e civilização estabelecido pelo Cristo? Quem esquecerá suas palavras? Ainda que eu falasse as línguas dos

homens e dos anjos, que possuísse o dom da profecia e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência; ainda que tivesse a fé capaz de transportar montanhas; pusessem todos os meus haveres nas mãos dos pobres e mesmo desse meu corpo para ser queimado, eu não valeria coisa alguma se não tivesse amor. "O amor sofre tudo e é benévolo; não tem inveja nem se vangloria, não é soberbo nem incontinente, nem egoísta, nem irritável, nem maldoso; não folga com a iniquidade, mas se compraz na verdade, humilha-se, crê, espera e sofre tudo... Juntai a fé, a esperança e o amor, mas acima de tudo está sempre o amor." (76)

Na sua tendência e influência, quanto se distancia desse espírito benévolo, humilde e clemente, cheio de misericórdia e de bons frutos, o espectro misterioso e austero, cuja vociferação desencaminhou os principais padres protestantes! Alguns homens só ouvem a voz de Deus no bramido da trovoadas. Pensai no sistema inventado por Calvino: "Um vale de lágrimas, diz ele: - um vale de lágrimas ou de ímpia licença, lúgubre e asqueroso, onde se amontoa uma multidão depravada, miríades e miríades dos quais, com exceção de um pequeno número de escolhidos são, como filhos sem herança, desprezados e abandonados por seu Criador, para vagarem por algum tempo mergulhados na escuridão moral, ao longo da grande estrada que leva à destruição, destinados, pelo divino fiat a se consumirem nas chamas que nunca se extinguem, em um abismo sem fundo." (77) Não discuto os horrores de uma tal doutrina imputada ao Deus do amor. Que a geração que a adotou, morra em suas superstições; apenas nos dirigimos às gerações que se seguem, de entendimento mais esclarecido e de melhor coração.

§ 12º Corroborante da história

Procurarei ser breve, pois já excedi os limites que no começo havia marcado à mensagem que vos dirijo.

Hallan, Guilherme Hamilton e outros falaram em termos enérgicos dos hábitos dissolutos que se manifestaram na Alemanha logo depois da Reforma. Julgo, porém, dever dar algum desconto a tais acusações, devido ao fato de ter-se dado sempre no mundo uma certa licença, depois de uma grande revolução moral. Tulloch trata desse assunto com mais moderação: "Um despertar como este, atenta à natureza do caso, cedo começou a apresentar muitas conseqüências extravagantes. Sentindo-se livres, os homens não souberam logo usar com moderação, da liberdade; e o anabatismo na Alemanha e o libertinismo em França dão testemunho da confusão moral e da licença social que se derramaram por toda parte em que achavam as pegadas da Reforma. Agora podemos conhecer quanto isso era funesto ao programa do Protestantismo. Afigurou-se a muitas almas que ele ia terminar em completa anarquia." (78)

É muito conhecido como esse estado de coisas amargurou os últimos dias de Lutero; e temos abundante evidência de que nesse tempo ele próprio perdeu a confiança no seu sistema. "Uma tarde, passeando com a sua Catarina no jardim, viu as estrelas cintilando com um brilho inusitado. Que luz brilhante, disse Lutero, porém ela não foi acesa por nossa causa. - E quando foi, perguntou Catarina, que nos separamos do Reino dos céus? - talvez, disse Lutero com um suspiro, quando abandonamos os nossos conventos. - Devemos então voltar a eles? - Não, respondeu ele. - É muito tarde para o fazermos." (79)

Seis anos depois da morte de Lutero, deu-se um fato notável. Amsdorf, um dos seus mais íntimos amigos e companheiro de trabalho em Vitemberg, sustentando uma discussão pública em 1552 com Major, partidário da necessidade das boas obras, declarava que as boas obras eram um impedimento para a salvação. O resultado foi notável: Major renunciou à doutrina, com receio de ser olhado como perturbador da igreja.

Um distinto teólogo protestante confessa que os Reformadores vitembergenses, por amor às polêmicas, abandonavam a verdadeira piedade e a propaganda da religião, e que nenhum deles procurou assentar um sistema regular de moral. (80)

Calvino, porém, empreendeu essa obra da confecção de uma moral e de um governo eclesiástico, que Lutero demasiado compassivo, não podia tirar de um código conforme o juízo que aquele formava da espécie humana. Seus esforços achavam-se tolhidos nos estreitos limites que lhe traçavam o juízo que formava da espécie humana; contudo, escreveu o que julgou que devia escrever. O corpo e a alma eram corrompidos incuravelmente e de uma vez, antes da intervenção da vida terrena, não obstante a dignidade exterior parecer reclamar a favor de alguns. O exterior do copo e do prato pode estar limpo, apesar de não conterem eles senão extorções e excessos.

Os talismãs, purificados com as palavras da lei, podiam ser usados por deferência, sendo as suas dimensões determinadas por uma regra imperiosa. O dízimo da hortelã e da arruda devia ser pago a juízo do povo; era permitido construir túmulos e enfeitar as sepulturas; não obstante serem matérias de maior importância o julgamento, a graça e a fé no homem, elas não eram consideradas. Segundo esse sistema, as coisas devem apresentar-se brancas e belas, mesmo que escondam em seu seio os ossos e todas as imundícies dos cadáveres. A coação podia forçar o cumprimento dessas determinações e a férrea vontade do rígido genebrês determinou que assim fosse.

Em 1536, Calvino e seu colaborador Farell publicaram uma confissão de fé em vinte e um artigos, dos quais um dava ao clero o direito de excomungar e eles obtiveram, de um conselho de duzentos membros, uma proclamação na qual ficou declarado que podiam obrigar a todos os cidadãos. Cinco anos depois foi criada uma Corte Consistorial, da qual parece haver Calvino assumido a presidência permanente (81) e então, como presidente da Corte, ele apresentou um código de leis eclesiásticas e morais, a que o povo jurou obedecer (82). Essa Corte dispunha de uma arma formidável: a excomunhão. Como a inquisição espanhola, que acabou derramando sangue, ela também, quando julgou que o anátema não era proporcional à culpa, passou a entregar o réu à autoridade civil, para puni-lo mesmo com a pena capital.

A história não apresenta um exemplo de mais formidável tirania do que aquela em que as autoridades da Igreja e do Estado estejam intimamente ligadas, dispondo de todos os poderes: social, religioso, político, santuário e doméstico.

Eis o que diz um biógrafo amigo: "Uma maravilhosa mudança, em prazo bem curto, se operou no aspecto exterior de Genebra. Um povo alegre e amante do prazer, apaixonado pela música e pela dança, apreciador do bom vinho e do jogo de cartas, viu-se de súbito privado dos seus passatempos. Não eram somente os sombrios vícios da libertinagem, que então dominavam, que se tornaram passíveis de severas penalidades, porém as mais leves distrações e os divertimentos da sociedade ficaram sujeitos a rígidas censuras, sendo abolidos os dias santificados, com exceção dos domingos; as inocentes festas de esposais e os costumados enfeites dos vestuários foram regulados pela legislação; a lei proibía que as noivas se apresentassem em suas recepções com as tranças soltas e que houvesse nos esposais festas ruidosas e orgias. Os sinos que lançavam aos ares suaves harmonias no tempo do deprimente domínio de Roma e se associavam a tantas recordações de amor e poesia, foram suprimidos e transformados em canhões." (83)

Os detalhes atestados pelas memórias oficiais desse tempo são burlescos e horríveis.

Nos casamentos e batizados não era permitido presentear os hóspedes com ramalhetes atados de arames, cordões de ouro ou fitas adornadas de pedras preciosas. Nos banquetes, quer de esposais, quer familiares, não se podia apresentar na mesa mais de cinco manjares diferentes, incluindo sempre o peixe; da sobremesa a lei baniu os produtos de confeitaria, salvo uma torta para cada dez pessoas. O caráter dos adornos pessoais, o modo de cortar o cabelo e o seu comprimento, o talhe do vestuário, tudo era prescrito na lei, que até proibía os bolsos nos fraques e casacas. (84)

A leitura de novelas era peremptoriamente vedada, salvo as do favorito substituto dos romances modernos Amadis de Gaul; ainda mais: menos tolerantes que o cura e o barbeiro (85) que salvaram o Dom Quixote das chamas a que fora condenada uma livraria em que

se achava essa obra, os pregadores de Genebra queimavam todos os seus exemplares, sem mesmo lhes quererem tocar.

Simples indiscrições pueris incorriam em penalidade legal; o mais fútil gracejo era uma ofensa digna de punição. Uma jovem na igreja, acomodando à música de um salmo a letra de uma cançoneta, foi açoitada; três meninos foram apurados pela autoridade, porque em vez de entrarem na igreja, ficaram à porta comendo bolinhos; um homem foi expulso da cidade, porque ouvindo zurrar um burro, disse que este estava cantando um lindo salmo; outro incorreu em multa e foi colocado em exposição na praça do mercado, com as mãos e os pés atados no tronco, por ter jurado pelo corpo e pelo sangue do Cristo.

Tudo isso, porém, é nada, comparado às tragédias que sobreviveram.

O legislador eclesiástico que acreditava que as crianças já nasciam poluídas e que as suas naturezas se conservavam odiosas e abomináveis a Deus, acomodou suas leis a essas idéias. Parece incrível que os entusiastas, admiradores de Calvino, tenham esquecido que em 1568 uma jovem, uma menina, por ter batido em seus pais, foi decapitada; e um rapaz de dezesseis anos foi condenado à morte, por ter ameaçado sua mãe.

A ordem reinava em Genebra!

Ah! mas à custa de quanto sofrimento e esmagamento de corações conseguiram esse sossego que, no meio das tristezas e dos terrores de sua prisão terrena, eles suspeitavam poder refletir-se nas brilhantes mansões de um mundo melhor!

Eu deveria passar agora do continente europeu à maravilhosa ilha donde procederam, principalmente, os nossos antepassados da América do Norte, especialmente os da parte setentrional; mas, falta-me espaço e outro já explorou perfeitamente esse campo. A política presbiteriana da igreja escocesa, no século que se seguiu à morte de Calvino, abraçou todas as piores concepções da tirania genebresa; teve as mesmas idéias desesperadoras sobre a vida e a morte, o mesmo infundado temor de que as coisas mais inocentes ofendiam ao Criador; o bem-estar e a jovialidade natural incorriam

nas penas do inferno; a mesma repressão dos afetos humanos, a mesma inquisição domiciliar, a mesma pretensão ao direito de excomungar e, igualmente, ao de infligir, por simples infrações da disciplina eclesiástica, a tortura do açoite e da marcação a ferro em brasa. (86)

Em compensação, também se manifestava aí a mesma luta sem tréguas contra a libertinagem e os costumes dissolutos. Contudo, uma importante diferença merece notada: enquanto o legislador genebrês ensinava a submissão aos reis, mesmo que fossem maus, os pregadores escoceses eram democratas até à rebelião (87), defendiam o povo contra toda espécie de despotismo, exceção do deles, e proclamavam que os ministros da igreja, cuja eleição vinha diretamente de Deus, tinham o direito de exigir uma obediência indiscutível. Subjugadores da consciência, inimigos da tolerância, eram resolutos amantes da liberdade política.

Resistindo, porém, à tentação de alargar-me neste e noutros exemplos análogos da história europeia, deixai-me indagar se o Calvinismo, quando transferido para o outro hemisfério, modificou-se no seu tipo e resultados. Passemos do décimo-sexto ao décimo-sétimo século, e, com os Puritanos, transporíamos o Atlântico.

Oh! grande raça antiga, de cujo estofado, são feitos os heróis e os fundadores de impérios! Eles iam fazendo tudo o que julgavam correto, sem indagar se isso era agradável. Eram dignos de apreço, mas não amáveis. Eram homens e mulheres de toda confiança na hora da prova, mas que lutavam pela sua vida cotidiana! Devemos alegrar-nos por não ter vivido entre eles, ao tempo em que Hester Pryme trazia no peito uma letra escarlate.

Com o distintivo colonial, a teologia dos Institutos foi um elemento forte para o bem e para o mal. As principais virtudes dos novos campeões ingleses eram as de fortes e devotados amantes da liberdade. A audácia com que eles romperam com o papado romano, levou-os a se separarem também do intolerante clero inglês, embora isso lhes custasse o seu voluntário exílio. As tristes idéias de Calvino sobre o mundo de Deus, endureceram-nos como colonos. Não esperando o sossego, o conforto; o gozo social e as amenidades da

vida, coisas para as quais olhavam desconfiados, considerando-as ratoeiras empregadas pelo demônio para apanhar os incautos, procuravam a fadiga e o sofrimento, e, quando em sua vida rude os encontravam, atacavam-nas com uma energia de ferro, considerando-as como provas concedidas por Deus a fim de experimentá-los. Eram duros consigo mesmos e com os outros, como convinha a crentes no meio da depravação universal.

Essa aspereza parecia adaptar-se à sua condição. Os companheiros dos peregrinos, porém, trouxeram de Plymouth um elemento fatal, relíquia do barbarismo humano, mas apesar disso amado pelos reformadores, um crime contra a alma imortal - a perseguição religiosa. As leis que mancham seus estatutos, os fatos que denigrem os seus anais, saíram da mesma fonte que os éditos e castigos da Corte Consistorial de Genebra.

"Eu aprovo, diz Calvino, o governo civil que estatui não dever a verdadeira religião, que está contida na lei de Deus, ser violada nem poluída pelas públicas blasfêmias." (88)

O novo fruto inglês desse sentimento, foi uma lei decretando que aqueles que afirmassem que as obras e não a fé levavam à salvação, que se opusessem ao batismo de uma criança, ou que propositadamente abandonassem a igreja quando seus filhos estivessem em condições de ser batizado, seriam castigados com o banimento; e os que negassem a infalibilidade de um ponto qualquer da Bíblia seriam, pela primeira vez, fustigados pública e severamente pelos executores, e na reincidência poderiam ser mortos.

Falando daqueles que imaginam haver um outro caminho para o homem se aproximar de Deus, a não ser o da Escritura, Calvino havia dito: "Eles não devem ser considerados como desencaminhados por um erro, mas como dominados por um delírio." E ainda: "São pessoas culpadas de um detestável sacrilégio." (89)

Foi restritamente no espírito dessas doutrinas que foram confeccionadas as leis puritanas contra "uma detestável seita de heréticos que ultimamente surgiu no mundo e comumente conhecida

com o nome de Quakers" (90). Eles estatuíram como punição de um Quaker, na primeira convicção, vinte vergastadas; na segunda, a perda de uma orelha, se for homem, e severo castigo de açoites, se for mulher; na terceira, seja homem ou mulher, a língua seria trespassada por um ferro em brasa; que o Quaker que voltasse ao país depois de banido, sofreria a morte. (91)

Não sabemos se a pena do trespassamento da língua com ferro em brasa foi aplicada alguma vez; mas Bishop, no seu *New England Judged*, recorda que três Quakers ficaram com as orelhas direitas cortadas; que Paciência Scott, menina de onze anos, foi presa como Quaker, e quando sua mãe Catarina Scott censurou-a por um ato irregular, eles mandaram aplicar-lhe dez vergastadas, apesar de reconhecerem que ela era de conduta inocente e de boa educação, sendo filha de um ministro inglês. (92)

A morte pela fome a quatro Quakers, três homens e uma mulher, por haverem voltado à colônia depois do banimento, é um fato mui conhecido. Eles morreram com grande fortaleza de ânimo, verdadeiros mártires da liberdade de consciência, na Comuna de Boston.

Alguns termos das denúncias puritanas contra homens cuja viria era assim jogada, tem hoje um estranho eco. Acusaram W. Leddra por não ter tirado o chapéu no tribunal e haver empregado o pronome tu (demasiado familiar). "Quereis matar-me, disse ele, por eu falar o inglês correto e não querer tirar o meu vestuário?" (93)

A excusa fútil apresentada por seus executores, foi uma declaração constante dos arquivos da Corte, de que: "Eles desejavam que os outros (Quakers) fugissem antes que se apresentassem para morrer." Os que hoje pretendem defender esses assassínios legais, dizem que os Quakers residentes em Boston eram perturbadores da paz e da moral pública e heréticos. Os princípios, porém, que eles enfaticamente sustentavam eram de paz, simplicidade e resignação; é falso que tenham provocado desordens, mesmo quando viam suas propriedades destruídas e sua liberdade pessoal violada. Os dois primeiros Quakers que aportaram à colônia, Mary Fisher e Ann Austin, estiveram presos a bordo, seus livros foram queimados pelos

executores públicos, e depois de cinco semanas de clausura, foram expulsos da colônia (94). No mesmo ano, oito outros foram mandados voltar à Inglaterra. Essas e outras piores infrações do direito de liberdade do cidadão precederam às clamorosas queixas dos Quakers contra a administração colonial.

O Calvinismo daqueles dias proibia mesmo a tolerância. O mais valente campeão do direito de adorar a Deus, conforme os ditames da sua consciência, o mais nobre apóstolo da liberdade humana, foi forçado a deixar essa colônia imerso nas sombras de uma noite de inverno; deveu a vida à hospitalidade dos selvagens, e foi em canoa de índios, apenas com cinco companheiros, que esse futuro legislador de Rhode Island embarcou, afinal, em busca de um estabelecimento onde somente Deus dominasse como juiz das religiões humanas.

O crime pelo qual Roger Willians foi assim banido, não era o de ser herético, mas o de querer, qual reclamava para si, que todos gozassem do direito de escolher o credo que cada um quisesse adotar. Pouco mais de um século depois, tinha a América uma constituição da qual eram banidas todas as leis relativas à adoção de uma religião determinada e a proibição do livre exercício dos cultos. Assim seguro, afastando o despeito que amesquinha os credos, o espírito humano pôde desenvolver-se em um país novo e livre.

Entre nós, também tiveram desenvolvimento outros calvinismos. Os traslados das leis, segundo as quais muitas crianças foram decapitadas em Genebra, se encontram nos arquivos de Plymouth: "Se uma criança até a idade de dezesseis anos e de suficiente inteligência amaldiçoar ou maltratar seus pais, será morta, salvo se ficar provado que os pais se descuidaram da sua educação cristã, ou que os acusados assim tenham procedido para se livrarem da morte ou de alguma mutilação."

Isso se refere aos dois sexos; o seguinte, porém, refere-se somente ao sexo masculino: "Se um homem tiver um filho teimoso e rebelde, de idade e inteligência suficientes, isto é, de dezesseis anos de idade, que não queira obedecer à voz de seu pai ou de sua mãe, e, se apesar dos pais o corrigirem, ele se não emendar, os pais devem

apresentá-lo aos magistrados e provar a sua teimosia e rebeldia, a fim de, nesse caso, ser morto." (95)

Em nosso próprio país, há pouco mais de duzentos anos, uma jovem de dezesseis anos que espancasse sua mãe e um rapaz da mesma idade que fosse por seus pais acusados de teimosia e rebeldia, deviam ser enforcados.

Se as escavações em virtude dessa lei e da que considerava crime capital a negação da infalibilidade da Bíblia deixaram de efetuar-se, foi somente devido a serem os peregrinos mais humanos que os calvinistas, e seus corações mais misericordiosos que as suas doutrinas.

A teocracia das duas primeiras colônias da Nova Inglaterra, imitando a de Genebra, não deixou também de ser um despotismo fatal ao progresso. Fatal, porque procurou basear-se no antigo e pernicioso erro de uma justiça retribuída, erro cuja tendência é demorar o adiantamento moral do mundo. Tomai uma qualquer das grandes reformas sociais, que hoje estão arregimentando os zelos filantrópicos, seja legislativa, educadora ou disciplinar, seja nos asilos de alienados, nas penitenciárias ou na repressão do grande pecado das grandes cidades; tomai um qualquer desses nobres movimentos civilizadores efetuados em nossos dias; observai a sua organização e perguntai aos seus diretores a que princípios eles obedecem: ficareis então sabendo que se baseiam na crença de que a natureza humana pode confiadamente ser convidada a tornar-se melhor; que o amor é mais poderoso que o temor; e que as boas influências são mais humanizadoras que os rigores penais. Isso conforma-se com a religião do Cristo, mas vai diretamente de encontro à teologia genebresca. As reformas assim administradas que se apresentam chocam as tendências amortecidas e abatidas do Calvinismo.

O mundo deve muito aos reformadores, mas não à teologia que eles ofertavam. Deve-lhes o terem sustentado que a sucessão dos eclesiásticos que, cerca de mil anos, dirigiram de Roma o mundo cristão, não era infalível; deve-lhes o haverem exposto aos olhos do mundo as tantas corrupções que se tinham insinuado no seio da

igreja presidida por esses eclesiarcas; deve-lhes o haverem negado a importância e o poder salvador de muitas cerimônias fúteis, austeridades ascéticas, reclusões monásticas, festas, peregrinações, votos de celibato e perdões de Deus comprados a peso de ouro e prata; deve-lhes o haverem, no seu começo, repellido o antigo sistema de governo eclesiástico que impedia o progresso religioso e empregava habitualmente as perseguições religiosas.

Nós, porém, lhes devemos mais do que isso. O inestimável bem que os reformadores fizeram à humanidade foi o libertamento dos ensinamentos cristãos, até então sepultados no latim da Vulgata, em sua forma exclusiva, com uma proibição como já vimos, por expresso canon, de ser lida por quem não fosse sacerdote.

Sua teologia desaparecerá, mas os resultados do presente que eles nos fizeram, durarão sempre. Esse bem trazia em si um antídoto contra o veneno da teologia. Quais às claras conseqüências do sumário dos fatos históricos e das doutrinas religiosas apresentado nas páginas precedentes?

O Protestantismo da Reforma não pôde triunfar do Catolicismo romano: 1º, porque seus princípios fundamentais foram colhidos em duas das Epístolas de S. Paulo e não nos ensinamentos do Cristo; 2º, porque a teologia dos reformadores, como a do romanismo, não se coaduna com a natureza de uma ciência progressiva; 3º, porque essa teologia não tem recursos para, nos tempos atuais, corrigir os costumes hodiernos e concorrer para a civilização da humanidade.

Finalmente, a história dos reveses sofridos pelos reformadores depois do seu primeiro meio século de sucessos, não deve ser aceita como uma demonstração de que o Cristianismo, por ser uma religião revelada, esteja privado dos elementos de progresso inerentes às ciências materiais.

A última conseqüência não é afirmativa; mas quero avançar ainda um passo, asseverando que o Cristianismo sabiamente estudado como religião revelada, está na natureza da ciência progressiva; e se me quiserdes acompanhar nas poucas páginas que se seguem, espero fornecei-vos as provas do que afirmo.

§ 13° O Cristianismo, expurgado dos credos parasitas, é uma ciência progressiva

Um cristão do quinto século, com a sua Bíblia, é igual a um cristão do décimo-nono, uma vez que ambos tenham a mesma candura e perspicácia natural.
(MACAULAY)

Ainda que eu discorde totalmente dessa opinião expressa por Macaulay, de boa vontade procuro imaginar por que processos ele chegou a tal conclusão.

Ele pensa, sem dúvida, que esse cristão do quinto século tinha o privilégio de ler a Bíblia e de encontrá-la escrita ou impressa em uma linguagem que lhe era familiar; condições que não existiam então para os leigos e continuaram a faltar até mil anos depois. Porém ele ainda quer mais do que isso. Presume, provavelmente, que o seu cristão do século décimo-nono acredita na plena inspiração da Bíblia, como a única fonte de conhecimentos espirituais, palavra por palavra, como os tradutores no-la transmitiram e, ainda mais, no caráter maravilhoso dos sinais e prodígios narrados nos quatro Evangelhos.

Não há dúvida de que muitos professores protestantes do Cristianismo ainda têm essa crença, como também que ela coloca o cristão de hoje no mesmo plano do cristão de há muitos séculos passados.

Se eu julgasse que tais crenças continuariam ainda no futuro, por muitas gerações, admitiria que Macaulay tinha motivos plausíveis para desesperar do progresso religioso e que o Catolicismo romano tenha razão esperando tomai-se a religião da cristandade, como o Protestantismo já o foi. Mas, tenho certeza de que essas doutrinas caducas passarão. Quando quer que isso suceda, o Cristianismo suplantará, não só os erros que precederam a

Reforma, mas também os da própria Reforma, e então o cristão, não católico-romano, nem protestante, mas como cristão, verá abrir-se diante de si um futuro de paz e progresso religioso.

Haja a infalibilidade, seja de um homem, seja de um livro! Em rigor, estas últimas palavras são desnecessárias, porque Deus nunca escreveu livros, nem se pode dizer que livro algum foi escrito sob o seu ditado. Ainda que isso possa ter sucedido no Éden, Deus neste mundo não se manifesta diretamente ao homem. Ele não passeia no jardim, ao cair da tarde, nem faz que suas criaturas aí ouçam a sua voz, exortando-as ou repreendendo-as. Assim como o próprio Deus não escreve a história, nem dita obras de ciência ou tratados de arte, assim também todas as histórias, sagradas ou profanas, vieram a nós escritas pela mão do homem, ou nos foram transmitidas por um médium falível. Não podemos modificá-las e não devemos esquecer que isto ocorre segundo natureza das coisas, isto é, por ordem de Deus. De fato, podemos imaginar que Deus possa fazer um Papa ou um Evangelista infalível, mas, em todo caso, eles não deixam de ser homens. Deus não nos revelou que Pio IX, desde a sua eleição pelo Colégio dos Cardeais, se tornou infalível, nem que Mateus também o fora, quando escreveu ou ditou o seu Evangelho. Enquanto, porém, Pio IX reclama a infalibilidade, nem Mateus nem nenhum dos seus discípulos jamais o fizeram. Essa reclamação foi feita a favor de Mateus e de alguns outros escritores há cerca de mil e quinhentos anos. O Concílio Ecumênico de Cartago, em 397, proclamou a infalibilidade dos autores de todos os livros então incluídos na Bíblia, e o Papa Inocêncio 1 confirmou essa decisão, que foi aceita por todos os protestantes ortodoxos. Do mesmo modo, o Conselho Ecumênico de Roma, em 1870, declarou infalível o Papa, bem como todos os seus predecessores oficiais, declaração que foi aceita por todos os católicos romanos ortodoxos. Mas os ortodoxos católicos e protestantes receberam esses cânones de infalibilidade das mãos dos homens e não de Deus.

A igreja de Roma deu imensa vantagem ao Protestantismo, reafirmando a infalibilidade do Papa; mas, o Protestantismo não se aproveitará dessa vantagem se continuar apegado aos restos do que

herdou do Catolicismo, que são totalmente insustentáveis, principalmente quando afirmam a inspiração plenária de todos os escritores da Bíblia. É um erro tão fatal o declarar infalível um homem como um grupo de homens.

Esse erro alia-se ao da descrença na uniforme permanência da lei. Não há, de entre as leis que governam o mundo uma que mais mereça ser chamada universal, ou que seja mais palpável, do que aquela que evidencia que todos os homens são falíveis, entregues por Deus à direção da razão que ele lhes deu, mas que não é isenta de erro. É muito difícil imaginar uma suspensão dessa lei, porque o dom da infalibilidade concedido a um homem não só tornaria inútil sua própria razão, como lhe daria um poder despótico sobre a razão dos seus semelhantes. É esse poder que o Papa reclama.

Enquanto os homens aceitarem esse dogma da infalibilidade do pensamento para um eclesiarca qualquer, a liberdade de consciência será desconhecida e calcada aos pés, e essa liberdade de consciência é uma condição indispensável ao progresso religioso. Digo-o não por duvidar que o Cristo fosse um pensador inspirado, nem que tenham tido um auxílio espiritual os biógrafos que recolheram e nos transmitiram os ensinamentos do Mestre; sim que, relativamente à doutrina, todas as palavras dos livros incluídos na Escritura Canônica da igreja latina e trasladados segundo as instruções do rei Jaime, tenham sido emitidas diretamente por Deus e devam ser consideradas como verdade literal e infalível.

A meu ver, esta opinião deve ser rejeitada, não só por ser insustentável, mas por causa dos seus resultados práticos. A adoração das palavras é mais perniciosa que a das imagens. Chegamos a uma era em que a letra destrói a fé. Já de há muito tempo foi ensinado que a letra mata.

Direi, de passagem, que é eminentemente perigoso abandonar a sombra do estandarte da infalibilidade. Sei que muito de vós acreditam sinceramente nisso; mas o mundo vai gradualmente chegando à conclusão de que o perigo se acha precisamente na direção oposta. A ciência não hasteia o estandarte da infalibilidade: se o fizesse, marcaria o fim de todo o progresso científico. Se nós,

porém, separarmos a teologia do resto dos estudos humanos, afirmando que a regra que preside aos outros ramos de conhecimentos não tem aplicação a ela, concorreremos para o descrédito da religião em todas as almas filosóficas. A afirmação da infalibilidade foi o pior inimigo do Cristianismo no século décimo-sexto, e ainda o é neste.

Tomai nota de algumas das dificuldades que se levantam. Há numerosas divergências, quanto à narrativa e à doutrina, como bem o sabeis, entre os diferentes Evangelhos; elas, porém, em nada afetam a verdade substancial das narrativas, nem ao escopo geral e ao espírito dos Ensinos do Cristo; o ouro puro, o que tem um valor real, ficou conservado. Estudos cuidadosos, os Evangelhos nos dão a evidência de não ter havido colisão entre os evangelistas, nem um plano combinado com o fim de nos enganar. Ao contrário, eles nos dão a prova da autenticidade do que narram. Se, porém, um zelo pouco esclarecido vos levar a sustentar a sua infalibilidade, perdereis todas as vantagens que eles vos deram. As menores variantes se tornarão fatais e tais variantes poderão ser alegadas e sê-lo-ão, como prova de que toda a superestrutura é infiel e há de desabar quando se sondar os alicerces.

A verdade tem muita força, sem precisar de escoras artificiais. Não devemos atribuir a nós mesmos a fé, ou qualquer grau de crença a que demos o nome de fé no Cristianismo, se não acreditarmos que ela em si mesma é poderosa e há de prevalecer. Isso foi uma visão sugestiva de Lutero na antiga fortaleza de Coburgo. Ele escreveu, então, ao chanceler Bruch: "Eu olhava ultimamente por uma janela, quando contemplei um quadro maravilhoso. Via as estrelas e o claro firmamento de Deus, mas em parte alguma os pilares sobre os quais o Pedreiro Celeste tinha assentado o seu grandioso edifício; no entanto, os céus não desabavam e o firmamento conservava-se firme. Há, porém, muitos que desejam conhecer esses pilares, segurá-los, senti-los e por não poderem fazê-lo, receiam e temem que os céus venham abaixo." (96)

Receios como esses dominavam as almas no que se costuma chamar velhos tempos, porém, que nós chamaremos juventude do

mundo. Acreditavam que, se eles não construíssem os pilares do infalível e do miraculoso, o céu do Cristianismo desabaria, envolvendo o mundo nas trevas do barbarismo. Se o Cristo ainda estivesse no mundo, por certo lhes diria: "Oh! gente de pouca fé!"

Contudo, tinha a desculpa de lhes faltar nessa época o elemento da verdadeira fé. Como não podiam avaliar a excelência do sistema que pretendiam escorar, nenhum julgava do seu poder intrínseco. Longe de nós negar que esses pilares, no passado, tivessem uma utilidade temporária.

Cada coisa tem seu tempo marcado. A obediência é própria da meninice e não podemos ensinar a uma criança as razões das nossas ordens. Ela aprenderá a obedecer até um certo tempo, sem saber por que. Isso se deu também na infância do mundo. A ficção de infalibilidade reforçando a fé cega pôde prevalecer por um ou dois mil anos. Hoje é extemporânea, quando nos tornamos homens e abandonamos as coisas infantis.

Conjuntamente com o dogma da infalibilidade ensinam a doutrina de que Deus, em certas ocasiões, faz milagres, isto é, suspende ocasionalmente, por algum tempo, o curso de uma lei do universo, a fim de confirmar uma verdade divina.

Tendo largamente tratado deste assunto em outro trabalho (97), não repetirei aqui os argumentos apresentados, mesmo por desnecessários, visto que não somente o mundo científico moderno quase unanimemente assevera a inalterável permanência das leis, como ainda porque os teólogos protestantes já vão gradualmente admitindo que os chamados milagres não são mais que o efeito de leis não conhecidas, ou ainda pouco conhecidas por nós. Essa idéia apresentada por alguns dos antigos padres da igreja (98) afirmada como hipótese no último século pelo Bispo Butler (99), e mais positivamente pelo Arcebispo Tillotson (100) e por Locke (101) tem sido sustentada proeminentemente em nossos dias por escritores leigos e eclesiásticos, de reputação e posição definidas.

Um volume escrito pelo Duque de Argyll sobre a invariável ação da lei (102) (que chegou à sua quinta edição em quinze meses) é notável exemplo do que dizemos. Os motivos apresentados contra

essa suspensão miraculosa das leis podem ser colhidos nos seguintes trechos:

"A idéia da existência de uma lei natural e o reinado universal do livre pensamento vão atirando para longe o sobrenatural. Essa idéia é um produto do imenso desenvolvimento das ciências físicas, e é o característico dos nossos tempos. Não se pode ler um periódico ou ouvir uma conferência de salão sem esbarrar com este enunciado... Não conhecemos o que existe além da natureza que podemos apreciar, nem mesmo tudo o que existe nela... Nenhum homem pode achar dificuldade em crer na existência de leis a ele desconhecidas... Nada há na religião que incompatibilize a crença de que todos os exercícios do poder divino, ordinário ou extraordinário, se executam pela instrumentalidade de leis naturais estabelecidas com um propósito divino. O Cristianismo não nos manda crer em exceção alguma da universal permanência e do poder das leis naturais." (103)

Um outro exemplo, igualmente importante, se encontra no sermão pregado perante a Universidade de Oxford, em 1860, na sessão anual da Associação Britânica para o desenvolvimento das ciências, pelo Bispo de Exeter, Frederico Temple. Disse ele: "Uma idéia surge hoje dominante na ciência, domínio que ela antes nunca possuiu, e pelo qual lutava caladamente; é a idéia da lei. Diferentes ordens de fenômenos naturais foram tidos no passado, tácita ou manifestamente, como independentes dessa idéia. A tempestade, o trovão e o relâmpago, as colheitas da terra, o progresso das enfermidades, seja num indivíduo ou num país, tudo era considerado como devido a uma intervenção especial... A marcha segura da ciência, porém, chegou a ponto de tentar, ou antes de compelir os homens a adotarem uma conclusão universal, reunindo os fatos análogos em uma só classe, e o estudante de ciência já aprende a considerar as leis fixas como universais.

Quão notavelmente mudaram as nossas idéias das que foram manifestadas há poucos séculos, pelo simples fato de então olharem os milagres recordados na Bíblia como os baluartes da fé, e nós conhecermos que eles dificultam a sua propagação. Os

comentadores procuram apresentá-los, não como simples intervenções nas leis da natureza, mas como a ação natural de leis ainda mais importantes, pertencentes a um mundo cujos fenômenos estão pouco revelados para nós."

Ainda, outro nome, não menos eminente na ciência física que nas sagradas letras, pode ser citado. O falecido Baden Powel, em sua colaboração para os *Essays and Reviews*, disse o seguinte: "O raciocínio moderno adota a crença de que uma revelação é tanto mais crível quanto menos apelar para derrogações das causas naturais. Por isso, se os milagres foram, na apreciação das primeiras épocas, os principais esteios do Cristianismo, atualmente eles se mostram como dificuldades e obstáculos à sua aceitação. Semelhantes opiniões também se manifestam nas igrejas americanas e são mesmo emitidas do púlpito, é certo que principalmente do púlpito das seitas mais heterodoxas. O Reverendo James Freeman Clarke, representante da fé-unitária, disse: "Se eu considerasse os feitos de Jesus como violações da lei, diria também que eles são essencialmente incríveis."

Realmente as almas pensadoras e desapaixonadas, de um e outro lado do Atlântico, vão adquirindo a convicção de que o velho dogma da miraculosa suspensão da lei vai rapidamente suplantando a crença nos Evangelhos, isto é, criando em milhões de almas a dúvida ou a descrença, de serem reais os prodígios e maravilhas atribuídos a Jesus. Renan é um dos mais valentes adeptos desta última opinião. Apresentar-vos-ei adiante as razões que me levam a crer que a sua opinião é falsa e nociva, apesar de estar muito espalhada.

A doutrina do miraculoso tende a subverter a fé. Ela diz que o possuidor dos dons espirituais, ou por outra, a pessoa por cujo intermédio se dão fenômenos fora do alcance da experiência humana, é um preceptor infalível de moral e religião. Examinemos essa doutrina. Suponhamos que as doutrinas moral e espiritual do Evangelho, em vez de serem a religião do amor, da paz e da caridade, contenham só prescrições para o homem odiar seus inimigos, fazer guerra aos vizinhos, nunca esquecer uma ofensa, não

perdoar ao pecador arrependido, recorrer à violência para civilizar o mundo, adotar a poligamia, reduzir à escravidão os que tivessem a pele mais escura que a sua, matar os que tivessem uma crença diferente; poderíamos crer ainda no seu caráter divino, por causa dos prodígios e maravilhas narradas no Evangelho? Se, como sucedeu com S. Paulo, uma voz do céu nos chamasse e, em vez de nos repreender por perseguirmos aos outros por suas opiniões, nos ordenasse que assim procedêssemos, teria ela a força suficiente para nos fazer renovar os horrores da inquisição espanhola?

Sei qual deve ser a vossa resposta Nenhum fenômeno, mundano ou ultramundano, pode fazer do assassinio voluntário uma virtude, ou provar que não devemos fazer aos outros o que não queremos que eles nos façam. Afinal, estamos de acordo, vedes, em nosso íntimo sentimento de retidão e justiça.

A obrigação de fazer o bem e evitar o mal não pode ser invertida para conformar-se com quaisquer ocorrências objetivas, por mais maravilhosas que elas se mostrem aos nossos sentidos. O justo e o injusto são eternos e só podem ser julgados por aquilo que é eterno como eles. Deus atendeu a isso, colocando o seu reino dentro de nós.

O que na terra mais se aproxima da infalibilidade é a constante e fraca voz da consciência humana.

Não acrediteis negue eu que os dons espirituais de elevada natureza atraíam nossa atenção para as doutrinas a que eles estão associados. Creio no valor desses dons, mas não posso admitir se forme um juízo definitivo sobre um sistema de ética espiritual, sem atender racionalmente ao seu caráter doutrinário e, à sua consistência, baseado somente em fenômenos externos. A evidência interna de qualquer sistema é superior à externa; e nada deve ser aceito como lei, antes de ser julgado por essa luz íntima que nos vem de Deus.

Esse senso íntimo, semelhantemente aos outros dons divinos, pode ser fortalecido e desenvolvido. A consciência do mundo se melhora de idade em idade. Ela é mais lúcida hoje do que o foi há trezentos anos, e, daqui a três séculos será mais lúcida do que hoje. De geração em geração ela vai se tornando mais capaz de apreciar as

grandes verdades do Cristianismo e de libertá-lo dos erros e superstições que o abafam. Daí o progresso moral e religioso.

Confio que me dareis por justificado em haver deduzido, das considerações acima, o seguinte resultado: O Cristianismo ortodoxo, embaraçado pelos dogmas extrínsecos, desviou-se do caminho e ficou durante os séculos passados privado da faculdade de avançar; mas esse tropeço temporário há de ser breve removido.

Quando quer que isso se dê, reconhecer-se-á que o Cristianismo de Jesus contém elementos de progresso e que gradualmente irá se tornando religião dos homens civilizados.

Por isso, não devemos abandonar a esperança de, uma vez afastados esses velhos tropeços, obter mais luz e maior auxílio. Com mais algumas palavras para clareza da última alegação, terminarei estas observações, que desde alguns anos desejo ardentemente apresentar-vos.

§ 14° O Espiritismo é necessário para confirmar as verdades e assegurar o progresso do Cristianismo.

Nunca, mais do que hoje, se fez sentir a necessidade de uma
nova revelação.
(EMERSON)

Agora, Chefes da nossa igreja protestante, se me prestastes vossa atenção quando tratei dos precedentes preliminares, permiti que peça o vosso juízo desapaixonado acerca de um assunto de vital importância para o progresso religioso, e que, por não o haver achado distintamente estatuído ou perfeitamente considerado, tomei por objeto de estudo no presente volume. Esse assunto não se prende à discussão de doutrinas disputadas, mas a um estudo do grande princípio sobre o qual as doutrinas devem assentar ao Leges legum

de Bacon, nas leis que regulam os ensinamentos espirituais e no modo por que devem ser dirigidas as investigações espirituais.

O estado do sentimento religioso nos dias da Reforma era peculiar. As duas grandes divisões da Igreja Cristã concordavam ambas que as Escrituras ou, mais particularmente, o Novo Testamento era a base real da verdadeira fé. O ramo católico romano afirmava, além disso, que dentro da sua igreja continuava a presidir a mesma inspiração que tinha produzido os Evangelhos e as Epístolas, guia infalível para conhecimento da verdade espiritual; ao passo que a parte ortodoxa do ramo protestante repudiando esse conceito, asseverava que Deus não permitiu que nas idades posteriores, se reproduzissem a inspiração, os dons espirituais e as revelações, que se manifestaram no tempo do Cristo.

Era natural que os reformadores protestando contra a infalibilidade papal, rejeitassem também a pretensão da igreja romana a esse exclusivo influxo divino, diretamente emanado do Espírito Santo. Eles, porém, não se limitaram a negar o caráter exclusivo dessa influência ultramontana. Negaram totalmente esse influxo por motivos que, certamente, não derivam nem do próprio Evangelho, nem da autoridade dos antigos padres da igreja.

Julgamos que nesta questão a igreja católica romana, deixando de parte as suas pretensões exclusivistas e os antigos padres, está mais próxima da verdade que as igrejas protestantes.

O principal motivo do repúdio aos dons espirituais, em nossos dias, é a idéia de que tais faculdades são sobrenaturais, ligadas à aplicação a todos os fenômenos modernos dessa classe do princípio ensinado pelo Renan: "Enquanto não recebermos nova luz, devemos manter o princípio da crítica histórica, de que relação sobrenatural não pode ser aceita como real, por implicar sempre credulidade ou impostura." (104)

Acautelemo-nos! Admitidas as premissas de Renan, busquemos suas conclusões lógicas, por frias e desanimadoras que elas sejam. Assim, os prodígios e maravilhas que nos dizem terem sido praticados pelo Cristo, são miraculosos; ora, não podemos aceitar o miraculoso; logo, esses prodígios e maravilhas não se realizaram. A

explicação que ele dá é: "Jesus foi, apesar de sua vontade em contrário, um taumaturgo... Sua reputação como ente capaz de fazer milagres foi-lhe imposta e ele não resistiu bastante... Os milagres de Jesus foram uma violência que fez o seu tempo, uma concessão que a necessidade do momento lhe arrancou. Por isso, o taumaturgo e o ente milagroso desapareceram, ao passo que o reformador religioso viverá sempre." (105)

Parece que esse autor não tira o corolário direto de suas palavras. Que reverencia, que respeito mesmo, merece o doutrinador que se presta a fazer imposturas?

Estaremos, porém, reduzidos a essa alternativa? Não. Os prodígios e as maravilhas podem ter sido fenômenos de um caráter realmente espiritual, mas obedecendo a uma lei. Há leis mundanas e intermundanas.

Essa explicação seria mais geralmente admitida, pois que é evidentemente o supra-sumo da presunção acreditar-se que conhecemos todas as leis do universo, se a muitos não se apresentasse uma dificuldade. As leis naturais não são somente invariáveis mas também constantes. Seus efeitos podem se tornar visíveis durante cinquenta ou cem anos e depois não serem apreciáveis por dezenas de séculos. Esses resultados podem, realmente, se manifestar com mais força e freqüência em uma idade do mundo que em outra, tal como determinada formação geológica pode atingir vasto desenvolvimento em uma certa localidade, quando noutra se mostra em restritas proporções. A ação da lei, porém, é perpétua, de geração em geração, não sofrendo interrupções.

Por isso, se as manifestações extraordinárias de poderes atribuídos nos Evangelhos e nos Atos dos Apóstolos ao Cristo e seus discípulos, ocorreram de conformidade com certas leis espirituais, as mesmas leis devem operar ainda; e se faculdades análogas às que a história menciona manifestaram-se há dezoito séculos, hoje também elas podem manifestar-se.

Essas faculdades devem ser análogas mas não da mesma força, embora apresentem uma semelhança suficiente para se reconhecer

sua comunicação de origem. Observai, rogo, o assunto que consideramos. Há duas teorias diretamente opostas. A primeira diz que os dons espirituais da época apostólica foram fenômenos isolados, manifestando-se somente durante um certo século da existência do mundo. Assim sendo, eles não obedeciam a lei alguma, visto que toda a experiência humana se opõe à idéia de Deus estabelecer leis, como fazem os homens, para vigorarem por espaço de uns cem anos e depois serem revogadas; então, eles devem ser olhados como miraculosos. Se, porém, com o progresso da ciência, a crença no miraculoso vai se dissolvendo, o último resultado será a descrença dos alegados milagres dos Evangelhos; e chegaremos à mesma conclusão que Renan, afirmando ter Jesus favorecido a fraude.

A segunda teoria sustenta que existiram de todos os tempos leis regulando as comunicações deste com o outro mundo, leis em virtude das quais certos homens e mulheres, mais ou menos favorecidos possuíam, ocasionalmente, faculdades e dons espirituais; que houve um extraordinário desenvolvimento dessas faculdades no primeiro século e cujo efeito foi atrair a atenção pública para os ensinamentos de um sistema, cuja natural beleza e grandiosidade moral eram insuficientes para recomendá-lo, ao semibarbarismo daqueles dias; que a existência desses dons espirituais deixou vestígios na história dos últimos mil e setecentos anos; e, finalmente, que dons e faculdades semelhantes estão hoje se manifestando entre nós.

O modo por que a evidência do Cristianismo é afetada por qualquer dessas duas teorias, torna-se digno da vossa especial atenção.

Com a primeira, somos levados a sustentar a crença católica romana e a ortodoxo protestante no excepcional e no miraculoso; e se, como desertores do progresso científico, mantivermos esse dogma, as obras maravilhosas do Cristo e seus discípulos irão tomar lugar entre os trabalhos de Hércules e outros semelhantes da mitologia pagã; e então, a biografia evangélica do Cristo vem prejudicar necessariamente a autoridade de suas doutrinas. (106)

Com a segunda teoria, se a história justificá-la e os fenômenos que diariamente ocorrem sob as nossas vistas confirmarem-na, o resultado é totalmente inverso, porque, neste caso, temos a evidência dos nossos sentidos provando que os poderes maravilhosos atribuídos a Jesus e os dons espirituais que se afirma terem os discípulos possuído, foram naturais e admissíveis; que, de fato, não mais razão temos para rejeitá-los, do que para negar as guerras de César ou as conquistas de Alexandre. Assim, as chamadas manifestações espirituais dos nossos dias, provada a sua veracidade, tornam-se as mais fortes demonstrações da autenticidade dos Evangelhos.

Há, ainda, outras considerações a fazer. Para atuar sobre a ignorância do primeiro século, havia necessidade dos fatos por ela julgados miraculosos; para atuar sobre a apatia do nosso tempo precisa-se de fenômenos que sejam reconhecidos como naturais, apesar do seu caráter ultramundano. A necessidade impõe-se hoje, tanto como outrora. Quando nos jactamos da nossa civilização, comparando-a com a rudeza do século décimo-sexto, devemos lembrar-nos de que naqueles dias dezenas de milhares de homens arriscavam suas vidas por causa das suas opiniões religiosas, ao passo que dificilmente o homem de hoje se resolve a pensar naquilo que o rodeia. É certo que não há muitos que, abertamente, entre nós, escarneçam da religião; os tempos de Voltaire e Holbach são passados; mas há milhões de homens alistados na vasta seita dos indiferentes. Há, porem, muita verdade no que disse um dos espíritos mais perspicazes do nosso país, quando dirigia a classe adiantada de teologia escolástica do colégio Harvard, de Cambridge:

É meu dever dizer-vos que nunca, mais do que hoje, se faz sentir a necessidade de uma nova revelação: Do que vos tenho exposto, podeis inferir a triste convicção que tenho -e comigo muita gente -da decadência universal e possivelmente da extinção da fé, na sociedade. Não se ocupam da alma. A igreja parece prestes a cair, quase exânime... Penso que nenhum homem pode estudar o que se passa no interior de nossas igrejas, sem sentir que aquilo que se

impõe à pública adoração já está de todo perdido ou vai se perdendo; não há mais poder para fazer amar o bem e temer o mal." (107)

É digno de nota que a classe superior dos cépticos de nossos dias lamentam a carência de sua própria fé.

O autor inglês de um estudo crítico minucioso sobre as origens do Cristianismo, é digno tipo dessa classe. Ele fala com reverência do Cristo e do sistema ético que ele pregou, mas conclui que a evidência histórica não é suficiente para provar os milagres e a missão divina. Descobre-se que deplora a convicção a que sua razão o conduz, quando diz:

"É impossível dissimular as conseqüências da rejeição da origem divina do Cristianismo, que, transformado depois, tornou-se objeto de especulação, quando devia ser uma fonte de verdade. Se Jesus não se tivesse mostrado depois da sua ressurreição, não teríamos ainda resolvido o problema da imortalidade; o véu estendido pela Natureza sobre esse assunto misterioso estaria ainda por descerrar... Relativamente a um dos assuntos que mais interessam ao homem, voltamos à posição em que esteve a raça humana durante quatro mil anos, na qual grande parte dela ainda se conservou."

Em outro ponto: "Bani o que vos disseram, de haver Jesus afirmado que o céu garantia a imortalidade do homem; julgávamos que isso era necessário para o melhoramento e felicidade deste. Enganamo-nos; tal garantia não nos foi dada; é mais justo concluir que o nosso melhoramento e felicidade serão mais bem promovidos pela nossa presente ignorância a respeito daquilo que sucederá. A obscuridade que esconde os recessos da eterna vida futura nos deixa mais liberdade para apreciarmos as vantagens do nosso estado presente... Há, contudo, condições em que todos esses raciocínios nos parecem insulsos e em que a alma humana sente um vácuo profundo." (108).

Finalmente, esse mesmo autor procura consolar-se, admitindo que há de chegar tempo em que os desejos dos corações e das inteligências serão satisfeitos, e em que ficará resolvido o enigma da nossa própria vida e da existência do mundo.

Essas observações, sem dúvida, mostram a disposição de espírito que prevalece em grande número dos cépticos inteligentes, especialmente entre os cientistas notáveis.

O simples teísmo, fechando a porta ao alegre entusiasmo das revelações espirituais, não excita ao progresso nem satisfaz a ninguém. Tudo isto, admito, está fora do meu assunto. Conhecedores do mundo, sem dúvida, compreendeis o perigo que há no rápido aumento do cepticismo, cujo aparecimento, creio, todos acharão justo, e no meio de cujas tantas sombras alguma coisa podemos achar de bom para nós. Admitis também a imensa importância que teria o Cristianismo, se Deus diariamente desse às suas criaturas as espécies de prova que não recusou ao incrédulo Thomé. Mas, tendes o direito de lembrar-me que provar a importância ou necessidade de uma coisa não é demonstrar a sua existência.

A consciência disso deu origem a este volume. No corpo da obra vos afirmo, por evidência direta, que a imortalidade está hoje demonstrada entre nós e que os dons apostólicos se reproduzem e não são um privilégio da igreja católica romana. Entretanto, creio de utilidade citar-vos alguns testemunhos históricos a esse respeito.

Devemos recusar ao Velho Testamento não só todo o direito à inspiração, em qualquer sentido que seja, mas também todo o crédito como história antiga; se o não fizermos, veremos que desde as primeiras idades os dois mundos estiveram, de tempos a tempos, em comunicação.

Afastai de suas páginas tudo o que se refere a essa comunicação espiritual, e de toda a sua narrativa apenas restará um resíduo inanimado e ininteligível.

Em todo o Novo Testamento, seja nos evangelhos, seja nas epístolas, não encontramos uma palavra que indique a cessação dos dons espirituais no futuro, e mesmo, segundo o modo pelo qual ele se exprime sobre o assunto, parece sustentar a crença em sua infinita continuidade. Vejamos alguns exemplos: Quando, depois de sua morte o Cristo se mostra aos discípulos, diz: "Estes sinais acompanharão os que crêem. Em meu nome, eles expelirão os

demônios, falarão novas línguas... tocarão nos enfermos e estes ficarão curados." (109) Ainda referindo-se a sua próxima morte, diz: "Se acreditardes em mim, fareis as obras que eu faço e mesmo ainda maiores." (110) Observai. Não há limitação alguma quanto ao tempo. Essas promessas não são restritas aos apóstolos, então vivos e aos discípulos daqueles dias: nada indica que elas não se estendam a todos os que crerem em seus ensinamentos até o fim do mundo, pois que em outro ponto assim está expresso a respeito do auxílio espiritual.

Mesmo naqueles dias, essas faculdades não eram exclusivas: os setenta também as possuíam; e quando os discípulos viram um homem que não era do seu séquito expelindo os demônios em nome do Cristo e proibiram-no de continuar, Jesus os censurou, dizendo-lhes: "Não proibais; porque, quem quer que seja que em meu nome opere um milagre, não dirá mal de mim; o que não é contra nós é por nós." (111) Ainda mais frisante é o seguinte: quase no fim do ministério do Cristo na terra, pouco antes de transpor o Cedron para ir ao jardim onde devia ser traído, ele disse aos apóstolos: "Eu tinha ainda muitas coisas a dizer-vos, mas não as compreenderíeis agora; porém, quando vier o Espírito de Verdade, ele vos guiará em toda verdade, porque não falará de si próprio, mas só dirá o que tiver ouvido." (112)

Não estará aí claramente expressa uma promessa de progresso espiritual, uma asseveração de constante adiantamento pelo auxílio do espírito de verdade, meio de perene revelação entre o céu e a terra? Não havia nisso uma declaração de que, em seus ensinamentos, Jesus até ali não tinha dito a última palavra nem o podia fazer, porque, mesmo os doze que ele havia escolhido e instruído durante três anos, não se achavam preparados para compreender tudo o que lhes tinha a dizer? O mundo cristão passou por alto sobre esse texto.

Os Atos dos Apóstolos estão cheios de passagens comprovativas dessa continuidade, através da época apostólica, de poderes e dons espirituais. Apresentou-se aos apóstolos uma grande multidão conduzindo pessoas enfermas e eles curaram todas (113). Por mãos dos apóstolos muitos prodígios e maravilhas foram operados entre o povo (114). Estevão, cheio de fé e poder, fez no meio do povo

grandes maravilhas e milagres (115). Milagres excelentes foram feitos por Paulo (116). Pedro ressuscitou Dorcas e Eutícus, da morte (117), e Felipe "tinha quatro filhos que profetavam". (118)

Todos os discípulos, logo depois da morte do Cristo receberam, no dia de Pentecostes, o dom das línguas, (119) e esse mesmo dom também apareceu entre os Gentios (120).

Relativamente à variedade de caráter dos dons espirituais, o testemunho de Paulo é o mais distinto e compreensivo. Ele declara que nas igrejas, então cheias de novos convertidos, se notava grande diversidade de dons; ao lado das palavras de fé e sabedoria, enumera os dons de curar, fazer milagres, profetizar, distinguir os Espíritos e falar diversas línguas (121). Ele próprio afirmava possuir esses dons (122), e, no mesmo texto em que recomenda a caridade, aconselha que se peça os dons espirituais, especialmente o da profecia (123). Negar que este último preceito se dirigia a nós é asseverar que todos os ensinamentos contidos nas epístolas de Paulo só eram dirigidos às Sete Igrejas, sem aplicação alguma à presente geração de homens. As palavras expressam por Paulo são: "Há diversidade de dons, mas o espírito é o mesmo. A manifestação do espírito é dada a cada homem para o proveito geral." (124) Deixando o primeiro século, deparamos com os milagres eclesiásticos ou dos padres da igreja, e entramos em campo já bastante trilhado, familiar aos que continuaram nas idéias do teólogo inglês que escreveu, em meados do último século, um notável estudo sobre o assunto (125).

Julgo que, estudando-se desapaixonadamente as lições contidas no livro de Middleton e os melhores comentários modernos sobre eles, fica-se na convicção de que o concorde testemunho dos Padres sobre os alegados dons espirituais dos primeiros séculos se não provam a evidência deles, como milagres, são entretanto suficientes para provar a sua ocorrência como fenômenos naturais. Vou referir-me rapidamente a esse testemunho.

Irineu (discípulo de Papias e de Policarpo, ambos adeptos dos ensinamentos de S. João) foi bispo de Lyon no ano 177. Só nos restam fragmentos de suas obras, porém ele é citado cento e cinquenta anos depois, por Eusébio, que diz em sua História Eclesiástica, que Irineu

afirma que até o seu tempo tinham-se dado exemplos desses poderes divinos e miraculosos. Ele cita textualmente de Irineu o seguinte: "Uns podem fazê-lo, e realmente expelem os demônios; outros têm o conhecimento das coisas futuras, assim como visões e comunicações proféticas; outros curam enfermos pela aposição das mãos... Até os mortos têm sido ressuscitados e continuado a viver conosco por muitos anos... É impossível dizer o número de dons que a igreja tem recebido de Deus através do mundo." (126) A mesma coisa é atestada por Justino Mártir e Teófilo, bispo de Antioquia, contemporâneos de Irineu; Tertuliano, que floresceu nos fins do século segundo; Origenes e Minúcio Felix no começo do terceiro e Cipriano, discípulo de Tertuliano, em meados do mesmo. Arnóbio e seu discípulo Lactancio, escritores do século quarto, também podem entrar nessa lista. (127).

Santo Agostinho, tão rigorosamente copiado por Calvino e Lutero, bispo de Hipone no ano 395, pode ser chamado o espírita dessa época. Em sua célebre Cidade de Deus, ele enche um capítulo com os detalhes minuciosos de muitos milagres operados nos seus dias. Ele diz no começo: "Perguntais-me, por que não se dão hoje os milagres que, dizeis, se operaram nos primeiros tempos? A isso respondo que também hoje ocorrem muitos milagres; que o mesmo Deus que produziu os sinais e maravilhas que vemos escritos, opera fatos ainda semelhantes por meio das pessoas que Ele escolhe." Ele atesta haver testemunhado mais milagres que aqueles que relata, e diz que se o espaço lhe permitisse, juntaria muitos outros dele conhecidos. (128)

Do outro Santo Agostinho, o apóstolo da Inglaterra, que aí viveu cerca do ano 596 e foi arcebispo de Canterbury, dizem ter num só dia batizado dez mil pessoas, e que gozava da reputação de possuir os poderes miraculosos de restituir a vista e mesmo a vida.

Eu poderia falar de S. Gregorio, do terceiro século, apelidado o taumaturgo, por causa das suas faculdades maravilhosas; de S. Martinho e muitos outros, igualmente dotados; assim como apresentar copiosas provas, de que o crente católico romano

continua a admitir a realidade dos milagres eclesiásticos até a presente data. Faltam-nos, porém, as particularidades.

Middleton duvida desses poderes e dons dos antigos padres, concluindo que "Eles foram todos arrançados ou, pelo menos, autorizados pelos diretores da igreja, com o fim de dominar com maior facilidade e absolutismo o espírito da plebe." (129) O motivo por ele apresentado para esse seu cepticismo, é porque "á crença nesses milagres e a sua afirmação auxiliam as imposturas modernas da igreja católica". (130) Ele esforça-se em nos recordar que "a admissão dessas faculdades nas primeiras épocas nos levaria naturalmente a admiti-las na atualidade". (131) Despreza o amontoado de provas apresentadas em favor da existência dos fatos alegados, para só pensar nos resultados teológicos de sua aceitação.

Do mesmo modo, o bispo Douglas, procurando no seu Criterion, demonstrar que "os verdadeiros milagres narrados no Novo Testamento são distintos dos milagres espúrios dos pagãos e dos papistas", conclui que devemos rejeitar os últimos, isto é, os eclesiásticos "como coisas que nunca se deram, invenções de impudente e interesseira impostura". (132)

Os protestantes geralmente, com exceção dos puseístas (133), adotam a mesma base. Locke, sem dúvida corretamente, apresenta o seguinte motivo capital e sugestivo: "Julgo ser evidente que todo aquele que quiser basear sua fé e raciocínio nos milagres narrados pelos historiadores da Igreja, terá motivos para ir buscar os que sucederam somente nos tempos apostólicos, ou mesmo até o tempo da conversão de Constantino." (134)

O cepticismo protestante, porém, vai além. Se os leitores desapaixonados aceitarem os argumentos contra os milagres papistas por escritores como Middleton e Douglas, serão obrigados a admiti-los também por causa dos prodígios e maravilhas dos Evangelhos e dos dons espirituais de S. Paulo. Refiro-me aos argumentos em massa. De passagem, diremos ser admissível que muitas das narrativas que nos vieram dos antigos padres são apócrifas ou claramente adulteradas por superstições. Aí se encontram misturados à verdade e as falsificações. A Santo Antônio, muito convencido do

diabolismo, Satanás, segundo o seu biógrafo, apareceu como na figura de um espírito de alto e ostentoso porte, e sumiu-se ao ouvir o nome do Salvador. Esse espírito queimava-o e ele não o podia suportar. (135)

Cumprir notar que muitos desses antigos dons espirituais, semelhantes aos do tempo do Cristo, se manifestavam freqüentemente, não nos principais campeões da causa cristã, mas em rapazes, raparigas e, sobretudo, leigos obscuros e desconhecidos, de um caráter inferior e muitas vezes mau (136). Isto somente prova que esses dons dependiam, como o poder magnético, de certas condições físicas; o que é também confirmado pelos exemplos que modernamente se dão entre nós. Contudo, os dons espirituais da mais subida ordem aparecem unicamente naqueles os mais elevados moral e intelectualmente. Daí, a preeminência sem exemplo dos poderes do Cristo.

Para chegar a uma justa conclusão em tal assunto, devemos examinar cada narrativa em seus méritos especiais. É uma questão que, como se deu com a queda dos aerólitos, só pode ser resolvida pela observação dos fatos e não por lucubrações de gabinete. O próprio Middleton admite que "o testemunho dos fatos bem pode ser chamado o testemunho de Deus". (137)

Foi depois de um aturado exame desse testemunho, qual se encontra entre nós, que foram escritas as narrativas que se seguem.

Aí achareis as razões da minha convicção de que Deus não nos deixou no presente sem indicações relativas às grandes verdades da nossa religião; de que nós, como os Apóstolos quando contemplaram a ascensão do Cristo, podemos ter a demonstração da imortalidade; de que o Espírito da Verdade, hoje como outrora, nos acompanha para mostrar toda a verdade, por intermédio dos Espíritos do outro mundo e dos homens da terra.

Creio que esse Espírito, proclamando aquilo que a razão pode compreender e aceitar, mas que ainda não foi adotado, é a origem de todas as religiões. Era essa a opinião do bispo Butler, assim expressa: "Nem na história nem na tradição se encontra o menor indício de ter sido a religião um fruto do raciocínio humano, mas, ao

contrário, ambas afirmam que ela veio ao mundo pela revelação. Realmente, o estado da religião nas primitivas épocas de que podemos ter conhecimento, faz supor que foi essa a sua origem no seio da humanidade." (138)

Se, porém, a revelação foi à origem de todas as religiões humanas, isso não pode ser um fenômeno restrito a um determinado século, ou manifestando-se em um certo período da história da humanidade e desaparecendo depois, para não mais ser visto. Ela deve ser uma influência guiadora em todos os tempos, um elemento permanente de civilização e progresso espiritual, a coisa mais essencial à religião de nossos dias, como o foi para a dos judeus há mil e oitocentos anos.

Negar que essa revelação vem de Deus é o mesmo que lhe negar a autoria da Natureza. Como tudo neste mundo, ela nos vem mediata e não diretamente d'Ele, e só assim poderemos recebê-la. Ela ajuda a razão, mas não a destrona; apela para a consciência, mas não a coage. Se tudo quanto pretende ser revelado fosse aceito como tal, deveríamos admitir todos os ensinamentos do Alcorão.

Em virtude dos homens serem falíveis perante uma lei divina universal e só podermos receber as mais santas verdades por intermédio deles, a razão e a consciência, esses guias que Deus nos deu, devem julgar todas as revelações que apareçam, com humildade e reverência é certo, mas também sem temor; porque o amor puro repele o temor.

Um espírito capcioso é realmente deslocado num tal trabalho; mas, temos o direito e o indispensável dever de examinar todas as coisas, inclusive as pretensões espirituais.

Se a vista geral que vos apresento sobre o assunto é fiel, então não podereis negar que, como membros do clero, muitos de vós restringiram demais o círculo dos vossos deveres. Desprezando o que disse o Cristo quando declarou que o Espírito da Verdade viria ensinar aos homens aquilo que então não desvendara, não procurastes saber se existe uma atual revelação, até que ponto ela é digna de confiança, quais são o seu caráter e títulos de apresentação. Se, como diz Middleton, dos dons espirituais aparecidos nos

primeiros tempos, os de hoje se manifestam algumas vezes em crianças e pessoas de caráter indiferente, mais imperativo para vós se tornava o dever de estudá-los e discriminá-los.

Muitos de vós, provavelmente, fugiram de empreender essa tarefa pela idéia de ter esta fase da revelação tendências anticristãs. Se, depois de uma variada experiência de dezesseis anos, em diversos países, me assiste o direito de emitir uma opinião, direi que, se essas comunicações espirituais forem estudadas com seriedade e conscienciosamente, o que elas encerram concorda rigorosamente com os ensinamentos do Cristo como os concebemos, segundo o testemunho dos seus biógrafos evangelistas. Realmente, elas tocam em muitos pontos em que Jesus não tocou, mas o espírito é absolutamente idêntico. Elas revelam a verdadeira essência da sua divina filosofia.

Refiro-me àquelas idéias em que dificilmente se pode encontrar uma variante de sentimento. Quanto às conclusões parciais e não essenciais, notaremos que, como aqui, existem no outro mundo a mesma variedade e incerteza de opiniões.

O seguinte pode ser tomado como os grandes princípios capitais admitidos pelos espíritas inteligentes:

1º. - A terra é um mundo governado por um Deus de amor e misericórdia, no qual todas as coisas concorrem para o bem dos que se conformam com as suas eternas leis.

2º - A rigor, não existe a morte. A vida futura é uma continuação da vida presente, como cada dia é a continuação daquele que o precedeu. O sono a que chamamos morte, não é mais que um repouso transitório, cujo despertar é, por certo, incomensuravelmente mais glorioso que o alvorecer da aurora mais brilhante da terra. Em todos os casos em que a vida seja bem empregada, a mudança a que os homens costumam chamar - morte - é a última e a melhor graça que Deus concede às suas criaturas neste mundo.

3º - A fase terrena da vida é uma preparação essencial para a vida futura. Seus direitos peculiares e suas necessidades não podem ser desprezados sem prejuízo da felicidade e do desenvolvimento do

homem, neste mundo e no outro. Mesmo seus gozos, aceitos com moderação, são prelúdios da ventura de uma situação mais elevada.

4° - A fase da vida que se segue à transformação - morte, é, no seu rigoroso sentido, o complemento da precedente. Ela apresenta a mesma variedade de distrações, deveres, gozos correspondentes, dentro de certos limites, aos da terra, porém muito mais elevados, e seus habitantes mostram a mesma variedade de caráter e inteligência, obedecendo, como os homens daqui, à lei do progresso. Libertado dos liames corporais, sua vista é mais extensa, suas percepções mais apuradas, seus conhecimentos espirituais são maiores, seu critério mais esclarecido e seu progresso mais rápido que o nosso. Muito mais lúcidos e desapaixonados que nós, eles são, contudo, também falíveis; governam-nos as mesmas leis gerais da natureza, porém modificadas pelo seu libertamento corporal, o que não gozavam aqui.

5° - Nossa situação aqui, determina o nosso estado. As habituais sugestões, os impulsos dominantes, os sentimentos ternos de toda a vida, em uma palavra o amor espiritual ou o que Swedenborg chama o poder do amor, decidem das suas condições ao entrar no outro mundo, e não os artigos escritos do seu credo e os erros acidentais de sua vida.

6° - Não conquistaremos o céu, seja pela fé, seja pelas obras, nem seremos condenados ao inferno em determinado dia de Juízo Final. No outro mundo gravitaremos para a posição a que fizemos jus na vida terrena; ocupa-la-emos, porque para ela nos preparamos.

7° - Não há mudança instantânea de caráter quando deixamos a presente fase da vida. Nossas virtudes, nossos vícios, nossa inteligência, nossa ignorância, nossas aspirações, nossas baixezas, nossos hábitos, propensões e, mesmo, prejuízos, tudo isso segue conosco, modificado sem dúvida, pelo fato do corpo espiritual (139) emergir, despindo seu invólucro material, contudo essencialmente o mesmo, quando a morte nos chega.

8° - Os sofrimentos ali, natural consequência dos maus atos e pensamentos aqui, variam tanto em caráter e gradação como os gozos; mas são mentais e não corporais. Deles ninguém escapa a não

ser somente, como na terra, pela porta do arrependimento. Ali, como aqui, o desgosto por uma falta cometida e o desejo de uma vida corrigida são as condições indispensáveis, prelúdio do adiantamento para um melhor estado de coisas.

9° - No outro mundo, o amor é preferível ao que neste chamamos ciência. Ali, os atos de benevolência valem muito mais que as profissões de fé; a simples bondade está acima do poder intelectual; os humildes são exaltados; os mansos entram em sua herança; os misericordiosos obtêm misericórdia.

Os melhores habitantes daquele mundo são caridosos com a fraqueza e compassivos com o pecado; perdoam aos irmãos que erram e nunca os abandonam, mesmo que pequem até setenta vezes sete vezes. Ali, respeita-se o sentimento e não a pessoa; o amor próprio é censurado e o orgulho é calcado.

10° - A confiança e a simplicidade são os estados da alma, em que os homens podem melhor receber as benéficas impressões espirituais e a melhor preparação para aportarem ao outro mundo.

11° - Sempre existiram as leis em virtude das quais os homens podem ocasionalmente obter, em certas condições, revelações daqueles que os precederam no outro mundo. Certos seres humanos são mais sensíveis às percepções espirituais e suas influências, que os outros (140); e é geralmente na presença de um ou mais deles que se operam as comunicações ultramundanas.

12° - Quando as condições são favoráveis e o sensitivo pelo qual se efetuam as manifestações é altamente dotado, pode-se receber importantes pensamentos e valiosas regras de conduta. Algumas vezes, porém, os fenômenos espirituais dão muito mais do que isso. Em suas fases mais importantes, eles fornecem provas tão fortes como as dadas pelos discípulos do Cristo, provas que falam à razão e impressionam os sentidos, a respeito da realidade de uma outra vida melhor e mais feliz que esta, da qual a nossa peregrinação terrena é apenas o noviciado. Eles firmam a imortalidade com um tal brilho de evidência que sobrepuja, como o sol às estrelas, todos os testemunhos tradicionais ou históricos. Em vez de descrença, eles

nos dão a convicção e um conhecimento seguro, em vez de crenças vacilantes.

13° - Os principais motivos que induzem os Espíritos a se comunicarem com os homens, parecem ser. - um benévolo desejo de convencer-nos, lançando para longe a dúvida ou a negação da existência do mundo do além; a atração que exercem sobre os Espíritos daqui e de lá as histórias nocivas de homicídios e suicídios; a influência terrena de dominar e fazer desordens, que, às vezes, ainda domina as almas materializadas; e, com mais freqüência, o impulso divino do afeto humano, pensando no bem dos seres amados que aqui ficaram e que os atraem sempre em suas aflições.

14° - Nas condições desfavoráveis e incompletas, as comunicações espirituais, por mais honestamente que nos sejam transmitidas, são insulsas e sem valor; e isso acontece principalmente quando essas comunicações são pedidas com muita assiduidade e persistência e as curtas mensagens espontâneas sendo então as mais dignas de confiança. A imprudência, a inexperiência, a negligência ou a idiosincrasia do recipiente podem, ocasionalmente, dar lugar à comunicação de Espíritos de uma ordem inferior, do mesmo modo que os homens aqui cedem, às vezes, o lugar à presunção de maus companheiros. Isso também pode provir do fato de exercer o investigador, principalmente se for dogmático e voluntarioso, uma influência dominante sobre o médium, tão forte que possa produzir o mesmo efeito do que chamamos possessão. Em geral, contudo, qualquer pessoa de inteligência vulgar em todos os casos poderá afastar de si essas sujeições malévolas ou, se por sua fraqueza e pouca cautela der origem a elas, uma outra pessoa, mesmo sem poder propriamente ser chamada exorcista, possuindo grande força magnética, pode ser levada, por um sentimento de benevolência e, ajudada pela prece, conseguirá libertá-la ou concorrer para que ela se liberte dessa influência anormal. (141)

Em tudo isto não existe uma teologia especulativa; e eu admito que, se achardes que as conjeturas teológicas de Arius e de Atanazio em relação à essência da Divindade se aproximam mais da verdade que essas comunicações de origem espiritual, não me respondais ou

digais: "Desconhecemos essa matéria", acrescentando: "Não entraremos em tal discussão."

Serão eles nisso mais perspicazes que nós? Desde os nevoeiros e horrores das perseguições do passado, está firmada a convicção de não haver um meio concebível de resolver alguma coisa em tais controvérsias, e de que, quando há uma resolução, ela não tem nenhuma influência sobre o moral e a felicidade do homem.

Mais do que isso, de entre milhares de comunicações recebidas, não tenho nenhuma que denuncie uma determinada crença religiosa, seja católica, protestante, maometana ou hindu.

É claro que nessas revelações modernas não se pode encontrar as deduções ortodoxas de uma parte das epístolas adotadas por Calvino e Lutero. Entretanto, nas páginas precedentes já me esforcei por apresentar as bases da minha crença de que, enquanto essas deduções forem conservadas, não haverá um progresso religioso; e de que, enquanto elas forem proclamadas de vossos púlpitos, a igreja que dirigis ficará estacionária ou perderá terreno.

Pesa-me acreditar que o fato de não ter o Espiritismo endeusado as doutrinas de expiação por delegação, e de depravação original, tenha feito com que muitos dos vossos, antes de conhecer-lhe a evidência, condenem a sua influência e rejeitem o seu direito de ser ouvido. Contudo, se um sábio do passado disse que era "uma loucura e uma vergonha rejeitar um assunto antes de conhecê-lo" (142) outros podem vacilar logo, pela natureza dos dons anunciados. O dom das línguas, talvez lhes pareça um incrível absurdo. Contudo, se isso não é incrível nem absurdo no segundo capítulo dos Atos dos Apóstolos e no décimo-quarto da primeira Epístola aos Coríntios, em que tempo perdeu seu primitivo caráter?

Baden Powell estudou um desses fenômenos, dados atualmente de conformidade com a mesma lei. (143)

O mesmo sucedeu a respeito do dom da profecia. Pode parecer-vos incrível que o que está além do vosso alcance seja desvendado a criaturas falíveis. Contudo, em todas as épocas, desde os dias de Abraão e Melquisedec, certos homens foram honrados e considerados como possuidores do poder profético. Será incrível que

o maior dos Mestres da terra tenha sido anunciado, mais ou menos distintamente, pelos antigos profetas, como o enviado de Deus, encarregado de levar a humanidade das trevas à luz?

Bunsen admite a existência desse dom. (144)

A ortodoxia considera Baden Powell e Bunsen como autoridades cétricas. Não vos ocorre à mente que os modernos fenômenos espirituais, que homens tão hábeis e tão pouco dispostos à superstição admitem como realidades, sejam dignos de estudo?

Lembro-vos, em conclusão, que fora da evidência fenomenal deste gênero de fatos, não podeis obter provas seguras como teve Tomé, da existência do outro mundo. Não são somente os cétricos que alegam e lamentam isso, como o faz Schelley:

**A quem um morto já contou seus fados?
Quem pôde o véu rasgar do que há de vir?
Quem as sombras pintou dos que, finados,
Nas covas sepulcrais foram dormir?**

Os mais eminentes teólogos admitem uma necessidade de certeza no que se refere à vida futura, na falta do testemunho dos sentidos. Os exemplos abundam, mas eu só tenho espaço para dois. Butler, em sua *Analogy of Religion*, confessa: "Não tenho meios para afirmar que haja o mesmo grau de convicção de que as faculdades que temos em vida continuem depois de nossa morte; como tenho a de que a nossa substância continuará.

O Arcebispo Tillotson, em um argumento contra a presença real diz: "Difícilmente os homens poderiam ser descrentes, se em relação à religião cristã tivessem a mesma evidência que têm contra a transubstanciação, que é a clara e irresistível evidência dos sentidos."

Centenas de milhares de homens sentem hoje a crença na imortalidade, firmada em uma clara e irresistível evidência. Pensai nessa vivificante convicção!

Considerai que acima de tudo o que as riquezas, a fama e todas as venturas terrenas podem dispensar, está a graça das graças, que o mundo não pode dar nem retirar!

Penso que, se atenderdes à grave seriedade com que milhões de homens têm desejado, com tão expressivo anelo, no passado, uma indicação segura da existência da outra vida, nós compreenderemos melhor o sagrado dever da investigação. Que interesses transcendentais nos poderão levar ao abandono de um tal dever, correndo o risco de, como os incrédulos do tempo de Gamaliel, nos acharmos, talvez, em luta contra Deus?

Assim, pois, procurarei demonstrar que o Protestantismo, há três séculos está perdendo terreno e continuará a perder - ; que essa retrogradação parece ser causada por seu apego a certos dogmas chamados ortodoxos - ; que a inteligência do mundo tendo crescido, reconhece como contrários às leis eternas de Deus, promotoras da intolerância, ofensivas à moralidade e prejudiciais ao progresso religioso; que o Cristianismo, expurgado do escolasticismo, que seu Autor nunca ensinou, é uma ciência progressiva, destinada a tornar-se a religião da civilização - ; que, se admitirmos os milagres, negaremos o reinado uniforme da lei e entraremos em conflito com a ciência moderna; mas, se reconhecermos o reinado da lei e admitirmos que os poderes e dons espirituais do primeiro século existem ainda, acharemos que, sendo a lei contínua e uniforme, fenômenos espirituais do mesmo tipo podem realizar-se ainda hoje: que, em conclusão, os ensinamentos do Cristo têm sido completados, como ele o havia prometido, mediante revelações trazendo verdades e conforto daquela alta esfera de seres, para a qual avançamos rapidamente; e que isto sucede, não miraculosamente, mas obedecendo a leis intermundanas, que podemos estudar; e, finalmente, que as revelações modernas, demonstrando a imortalidade, são essenciais para deter o desenvolvimento do ceticismo em nossos dias.

Se o que dissemos puder induzir os pensadores sérios de vossa profissão a estudar as leis ultramundanas, estas páginas não terão sido escritas inutilmente. Como, porém, as leis ainda mal definidas

só podem ser observadas nos fenômenos que elas governam, busquei, nos capítulos seguintes, esclarecer,"para vós e para os outros, os trabalhos de tais estudos, apresentando em forma de narrativa alguns dos mais salientes e sugestivos fenômenos em questão, atestados, afirmo, por uma evidência tão completa, como a que se exige nos tribunais onde se decide da vida e da morte dos homens.

ROBER DALE OWEN

NOTAS DE RODAPÉ DA 1º PARTE

(1) Banke - História eclesiástica e política dos Papas de Roma nos séculos 16 e 17.

(2) Micheli - Relazione delle cose di Francia, ano 1561.

(3) Pado Tiepolo - Relazione ai Roma al tempo de Pio IV e Pio V.

(4) Contudo, a Vestfália, como o resto da Europa setentrional, foi invadida no século precedente pelas doutrinas luteranas. O conselho central de Paderborn era protestante e em Munster muitos sacerdotes eram casados.

(5) O extermínio dos Albigenses e o massacre de S. Bartolomeu desapareceram, diante da injustiça enorme, perpetrada por instigação da igreja espanhola, na expatriação dos mouros, remanescentes de poderosa nação. Buckle: History of Civilization.

(6) Segundo as melhores estatísticas, a população do globo em 1868 era de 1.375 milhões de habitantes; destes, eram católicos 195.434.000; e protestantes, 100.835.000. Na Europa, o número dos católicos era de 142.167.500, e os dos protestantes 68.028.000.

Além desses católicos, propriamente ditos, existem os membros do catolicismo oriental, que, no geral, estão presos aos do ocidental, mesmo no assunto da autoridade infalível da Igreja, apenas restringindo essa autoridade aos Concílios e Ecumênicas.

(7) Segundo o Almanaque Eclesiástico, de Sechem, de 1869, o número dos católicos nos Estados Unidos era em 1859, de 2 milhões e meio e o dos protestantes de 21; em 1868 aquele era de 5 e este de 27.

(8) A carreira pública de Inácio de Loiola começou vinte anos depois da de Lutero. A bula que criou a nova ordem foi publicada a instâncias de Loiola, pelo papa Paulo III, em 1540. A ordem dos Jesuítas foi suprimida em 1773, restaurada em 1814.

(9) M. Crie - A Reforma na Espanha; Paramo - História da Inquisição.

(10) Isto foi escrito em 1840.

(11) Macaulay - Essays; Ranke: History of the Papes.

(12) Catholic Register: New York - jan. 22 - 1870.

(13) Mosheim - Geschichte des Michael Serveto. - Hottinger-Schweitzer Kirchengeschichte.

(14) Vytenbogaert; Kerkeligen Historie, liv. 11, pág. 45.

(15) A tradução de Lutero apareceu em 1523. Em 1533 já se publicava a 57 edição da tradução do Novo Testamento.

(16) Merle D'Aubigne - History of Reformation in the time of Calvin. VIII, págs. 170-172.

(17) Institutos - liv. 2, cap. 3. §§ 19 e 2.

(18) Institutos - liv. 2, cap. 1 § 10.

(19) Institutos - liv. 2, cap. 3 § 5.

(20) Institutos - liv. 1, cap. 18 § 4.

(21) Institutos - liv. 1, cap. 18 § 4.

(22) Institutos - liv. 3, cap. 14 § 5.

(23) Institutos - liv. 2, cap. 1 §§ 5, 6 e 8.

(24) Institutos - liv. 3, cap. 22 §§ 2 e 3.

(25) Institutos - liv. 2, cap. 2 § 6.

(26) Institutos - liv. 2, cap. 3 §6.

(27) Institutos - liv. 3, cap. 22 §§ 4 e 5.

(28) Institutos - liv. 3, cap. 22 § 11.

(29) Institutos - liv. 3, cap. 14 §§ 3 e 4.

(30) Institutos - liv. 3, cap. 14 § 8.

(31) Institutos - liv. 3, cap. 14 § 11.

- (32) Institutos - liv. 3, cap. 22 § 7.
- (33) Institutos - liv. 3, cap. 14 § 8.
- (34) Lutem.
- (35) Institutos - liv. 3, cap. 11 § 31.
- (36) Augsburg Confession - parte 1, artigo 4.
- (37) Lutero - Table Talk pág. 324.
- (38) Lutero - Table Talk pág. 21.
- (39) Ranke - Hist, of the Popes. v. 1, pág. 186. - Lutero-
Commentary on Galatians, cap. 3^o, verso 13.
- (40) Lutero - Table Talk, págs. 41 e 43.
- (41) Commentary on Galatians, cap. 3;, verso 13.
- (42) Commentary on Galatians, cap. 3, verso 11.
- (43) Lutero
- (44) Zwingli - De Providentia Dei, vol. 4., pág. 140.
- (45) Bouillon - Dictionnaire de Biographic Universelle, artigo
Diderot.
- (46) Idem, artigo D'Alembert.
- (47) Luther - De Captivitate Babylonica.
- (48) Luther - De Servo Arbítrio, parte. 1; sec. 24.
- (49) Vede o que demonstramos anteriormente no § 2:.
- (50) Institutos - liv. 2, cap. 14, § 12.
- (51) Paulo - I Corintios, 111, 13.
- (52) Lutero - Prefácio dos Commentaries on the four boobs of
Moses.
- (53) Lutero - Obras, vol. VII, pág. 2.044.
- (54) Commentaries on Galatians, cap. 3, vol. 10.
- (55) Paulo - Corintios, XV, 7.
- (56) Atos dos Apóstolos, IX, 27.
- (57) Tiago - Epistola, II, 26.
- (58) Tela - Life and Morals of Confucius.
- (59) Butler - Analogy of Religion.
- (60) Mateus - v, 3 - 11.
- (61) Lucas - XVIII, 15 - 17.
- (62) Mateus - VII, 11.
- (63) Lucas - XIV, 13 e 14.

- (64) Lucas - VIII, 47.
- (65) João - VIII, 10.
- (66) Buder - Analogy of Religion, parte 11, cap. 5, § 2.
- (67) Tiago - Epístolas, 1, 17.
- (68) Levítico, XVI, 10, 21.
- (69) Paulo - Coríntios 111, 11 e 13.
- (70) Whittier - The Tent on the Beach.
- (71) Calvino - Institutos, liv. 2, cap. 3.
- (72) Patilo - I Coríntios, IV, 7.
- (73) Calvino - Institutos, liv. 111, cap. 14, § 4.
- (74) Whittier - Among the Hills, pág. 80.
- (75) Mateus - XXI, 21. - Lucas - XVII, 6.
- (76) Paulo - XIII.
- (77) Suso - Büchlein der Heisheit, cap. XI.
- (78) Tulloch - Leaders of the Reformation, pág. 173.
- (79) Tulloch - Leaders of the Reformation, pág. 75.
- (80) Mosheim - Ecclesiastical History, vol. 4.
- (81) Tulloch - Leaders of the Reformation.
- (82) 20 de novembro de 1541.
- (83) Tulloch - Leaders of the Reformation, págs. 107 e 108.
- (84) Tulloch - Leaders of the Reformation, pág. 136.
- (85) Quando queimavam uma livraria condenada, um barbeiro, encontrando um volume de Dom Quixote, exclamou: É pena perder-se um livro destes, um modelo desse gênero. - Bem, disse o cura: separa e guarda-o.
- (86) Chalmers - History of Dunfermline, pág. 437.
- (87) Calvino - Institutos, liv. 4, cap. 20, §§ 26 e 27, e Buckle - History of Civilization.
- (88) Calvino - Institutos, liv. .IV, cap. 20, § 3.
- (89) Calvino - Institutos, liv. 1, cap. 9, § 1.
- (90) Palavras do preâmbulo das leis contra os Quakers.
- (91) Leis contra os Quakers, págs. 121, 126.
- (92) Hutchinson - History of Massachusetts, vol. 1, pág. 184.
- (93) Chandler - American Criminal Trials. vol. 1, pág. 46.
- (94) Eles chegaram em julho de 1656.

- (95) Lawes of Plymouth Colony, pág. 245.
- (96) Luther - Briefe, vol. IV, pág. 128.
- (97) Foptfalls on the Boundary of Another World - obra do autor deste livro, liv. 1; cap. 3.
- (98) Santo Agostinho - De Civitate Dei, liv. 21, cap. 8.
- (99) Butler - Analogy of Religion, pág. 194.
- (100) Tillotson - Sermão. Ord. 182.
- (101) Locke - A Discourse on Miracles.
- (102) Argyll - The Reign of Law.
- (103) Obra citada, págs. 3, 14, 22, 25, 51, 53.
- (104) Renan - Life of Jesus.
- (105) Renan - Life of Jesus.
- (106) Bull"mch - Evidences of Christianity, pág. 142.
- (107) Emerson - Miscellanies, Boston, 1856.
- (108) Hennel - An Inquiry concerning the Origin of Christianity.
- (109) Marcos - XVI, 17, 18.
- (110) João - XIV, 12.
- (111) Marcos - IX, 39, 40.
- (112) João - XVI, 12, 13.
- (113) Atos - V, 16.
- (114) Atos - V, 12.
- (115) Atos - VI, 8.
- (116) Atos - XIX, 11, 12.
- (117) Atos - IX, 37, 40, 41 e XX, 9, 10, 12.
- (118) Atos - XXI, 9
- (119) Atos - 11, 1, 4.
- (120) Atos - X, 45, 46.
- (121) Paulo - 1 Corintios, XII, 4 a 11, 28 a 30.
- (122) Paulo - I Corintios, XIV, 18.
- (123) Paulo - 1 Corintios, XIV, 1 e XII, 31.
- (124) Paulo - I Coríntios, XII, 4, 7.
- (125) Middleton - Free Inquiry in to the Afiraculous Powers whic, are supposed to have suhsisted in the Christian Church from the earliest ages. Londres - 1749.
- (126) Eusebius - Ecclesiastical History, liv. V, cap. 7.

- (127) Middleton - Inquiry, págs. 11 a 19.
- (128) Santo Agostinho - City of God, liv. XXI, cap. 8.
- (129) Inquiry, pág. 109.
- (130) Inquiry, pág. 176.
- (131) Criterion, pág. 26.
- (132) Criterion, pág. 26.
- (133) John Newman - Essay on the miracles recorded in the Ecclesiastic History of the early ages.
- (134) Loocke - Third Letter on Toleration.
- (135) S. Atanasio - Life of S. Anthony.
- (136) Midueton - Inquiry, pág. 25.
- (137) Inquiry, pág. 10.
- (138) Analogy of Religion, págs. 195, 196.
- (139) Paulo - I Coríntios, XV, 44.
- (140) Reichenbach - Untersuchungen uber die Dynamide.
- (141) James Freeman Clarke - Steps of Belief.
- (142) Provérbios - XVIII, 13.
- (143) Baden Powell - Recents Inquiries in Theology, pág. 122.
- (144) Bunsen - Gott in Geschichte, págs. 149 e 151.

REGIÃO EM LITÍGIO ENTRE ESTE MUNDO E O OUTRO

PARTE PRIMEIRA

Comunicação dos conhecimentos religiosos ao homem

CAPÍTULO I

A infalibilidade humana

O mais mortal inimigo da ciência e o que tem sido mais prejudicial à verdade, é a sua decisiva adesão à autoridade, - (SIR THOMAS BROWNE)

A consciência é o supremo intérprete que nos deve esclarecer, e ao qual nunca devemos desobedecer. - (TEMPLE, Bispo de Exeter)

Proponho-me investigar uma classe de fenômenos que têm sido considerados pelo mundo como milagres, práticas de magia, artes de negromancia, prodígios e maravilhas, obras excelentes, dons espirituais, forças ocultas, agências misteriosas, manifestações espirituais.

Não como objeto de estudos curiosos nem como tema de investigação especulativa, escolhi este assunto, tão escamecido hoje, porque ataca de frente as grandes questões do mundo.

Há muitos anos já, que os homens eminentes e pensadores têm sido levados a reconhecer, em certos fenômenos, quando racionalmente interpretados, a ação benéfica de um poder eminente e de vasta importância, influências urgentemente reclamadas na época presente, a fim de avivarem a fé decadente em uma vida futura, e fornecer, em apoio da moral pública e privada um auxílio mais poderoso que o comumente oferecido pelos credos convencionais.

O valor, porém, desses fenômenos, como agentes religiosos e reformadores, repousa sobre o seu título de espirituais e intimamente conexos com a solução de um problema que, mais importante que qualquer outro, impõe-se à atenção do homem: Poderão os habitantes do outro mundo intervir nas nossas ocupações? (1) Terão eles essa faculdade e exercê-la-ão ocasionalmente a fim de influírem, para o bem ou para o mal, sobre as vidas e fatos da espécie humana? Ter-nos-á Deus permitido ou proibido, enquanto

estamos na terra, comunicarmos, em certas condições, com o mundo espiritual?

Uma subjugadora maioria no seio de todas as seitas cristãs sustenta que a intervenção espiritual se realizou somente outrora, enquanto a mais numerosa dessas seitas ensina que ela ainda se efetua, apenas, porém, dentro dos limites de uma certa igreja. Uma minoria que vai crescendo rapidamente, acredita que as leis ultramundanas existiram sempre e ainda existem, de conformidade com as quais a comunicação ocasional entre os dois mundos é possível; e que, de fato, essa comunicação se opera hoje de vários modos, sem estar adstrita a uma igreja ou seita favorecida.

Consideremos como esta última crença se adapta às exigências da época presente, que relações tem ela com as tendências intelectuais e religiosas dos tempos, e que lugar lhe compete entre os credos da cristandade.

Desde que existiu religião, a alma humana sentiu a necessidade de indagar até que ponto e de que modo Deus repartiu entre os homens os conhecimentos espirituais, porém, a parte cética da sociedade (ativa na Europa do século décimo-oitavo) duvidava ou negava que Deus, algum dia, tivesse feito essa partilha.

A opinião dominante do passado era que Ele transmitia diretamente esses conhecimentos, donde a infalibilidade, visto que racionalmente não se podem imputar erros a Deus. Assim, todas as comunicações espirituais ou influências dessa espécie foram, pelo consenso comum da cristandade, interpretados como uma nova palavra da Divindade, uma intervenção divinal emanada de uma das Pessoas da Natureza Divina. Daí, julgarem-se os conhecimentos espiritualmente comunicados como isentos de todo erro; bem como a pretensão de todas as religiões dominantes, hindu, maometana, católica romana ou protestante, de serem órgãos da verdade infalível, os depositários da autoridade espiritual por direito divino, autoridade essa que não pode ser discutida sem impiedade, nem desobedecida sem incorrer em punição eterna. Mesmo o indivíduo que se julgaram espiritualmente favorecidos, chegava a essa mesma idéia. "Isso me veio de Deus" era expressão comum de Swedenborg.

A tendência, porém, das almas educadas, era certamente oposta à idéia da direta intervenção divina. Presenciamos milhares de intervenções benéficas ao redor de nós e, a menos que sejamos ateus, atribuímo-las a Deus. Contudo, vemos que algumas se dão por mediação. Não houve comunicação direta da Divindade. Hoje, sob o império das leis divinas, temos mais facilidade de adquirir e perpetuar conhecimentos, em que os nossos remotos antepassados nem podiam pensar. Não foi, porém, Deus quem para nós inventou o telescópio, a fim de descobrirmos planetas e sóis que esses antepassados nunca tinham visto, nem o microscópio para penetrarmos nos mistérios do mundo invisível. Ele não revelou aos homens os sinais sensíveis destinados a representar os pensamentos humanos, a pena para perpetuar esses pensamentos de geração em geração, a imprensa para esclarecer o mundo intelectual. Ele é o autor de todas essas graças, mas só indiretamente; elas nos vêm dEle, mas, por intermédio de criaturas como nós.

Toda analogia, então, fortaleceu a idéia não só de que a ação de Deus em favor do homem é sempre mediata, como também de que esse auxílio somente lhe é concedido em certas condições, as quais abrangem, por nossa parte, o pensamento, a investigação, a reflexão, a diligência, o empreendimento. Há uma grande verdade no conhecido provérbio: "Deus ajuda a quem trabalha." Compreendemos as intenções divinas, somente quando descobrimos que fomos beneficiados, quando gozamos do que recebemos. Uma das principais leis eternas de Deus é a do progresso, mas, vemos em todo o mundo físico que ele é operado pela cabeça e pelas mãos do homem e não por uma intervenção miraculosa.

Alguns dos mais fortes intelectos dos primeiros séculos, do visível deduzindo o invisível, chegaram ou se aproximaram da conclusão de que o exercício do poder de Deus, no domínio físico e no espiritual, é todo efetuado pela instrumentalidade de meios, isto é, imediatamente conforme as leis (2). Seguramente, da conexão da natureza do homem com a sua posição em um mundo onde existe o mal e com a sua raça nesse mundo, nascem as mais poderosas razões a favor dessa ação mediúnica. Ainda que mal possamos discriminar

essas coisas, que concorrem para sermos o que somos, concebemos que o homem ama o progresso e que as suas necessidades, morais e intelectuais, só acham plena satisfação num estado progressivo. Percebemos também que, se existe o progresso, deve também existir o pior e o melhor; o pior no passado, o melhor no futuro; em outras palavras, o mal no passado e o bem no futuro devem ser, em geral, relativos ao nosso estado atual. Só assim obteremos alguma luz para conceber uma teoria racional do mal e conhecer os motivos da sua permissão. Não temos fundamento razoável para esperar o bom sem mescla nas coisas da terra e a verdade pura nas revelações. Atesta a nossa consciência que a nossa maior ventura é uma conseqüência dos esforços constantes que fazemos para, das trevas, nos aproximarmos da luz, do mal avançarmos gradualmente para o bem, e do erro subirmos para as gloriosas veredas da verdade, franqueada por novos conhecimentos cada vez mais excelentes. A finalidade é uma estagnação, o paraíso só existe para os preguiçosos.

Percebemos ainda que as faculdades humanas definham, se não forem usadas convenientemente, e, mesmo o juízo, se não for sempre chamado a exercitar-se, deteriora-se e decai.

A seres assim constituídos e existindo em um mundo como este, uma revelação infalível, vinda diretamente do seu Criador, seria um dom totalmente impróprio da sua natureza, que varia em tudo o que vemos ao redor de nós.

Admitir-se que para a religião, não tendo a sua formação sido científica, não pode haver um desenvolvimento progressivo, é querer estabelecer uma finalidade onde tudo é continuidade, uma anomalia num mundo manifestamente progressivo. Seria introduzir um elemento estranho e discordante em um mundo a cujos habitantes Deus concedeu a razão para examinar todas as coisas e a consciência para escolher o que for bom; seria restringir, de um modo lamentável, o campo de ação das faculdades intelectuais e dos sentimentos morais do homem. A respeito da mais alta das vocações - o estudo da ciência espiritual, seu inexorável efeito seria amortecer a razão e impor silêncio à consciência.

Acima de tudo isso há uma forte influência determinando a corrente da opinião pública que se vai firmando contra a velha doutrina da infalibilidade. A linha do progresso humano dirige-se da menor à maior liberdade. Os despotismos cederam o passo às monarquias constitucionais e estas ao republicanismo. O principal sentimento, hoje dominante, é contrário ao absolutismo mental e à coação espiritual; ao passo que a infalibilidade perpetua e justifica a tirania; tanto da alma como do corpo.

Procura justificá-la não só pela lógica, mas também pela graça.

Se um homem possuir a infalível verdade religiosa, repelirá de si o que tem de baixar ao inferno, e chamará a si o que tem de alcançar o céu, assim, ele deve se e é, por direito divino, um déspota. Se ama a sua espécie e tem de guiá-la, julgará ser um dever imperativo calcar todas as doutrinas opostas à sua pelos argumentos, se o puder; pela força e mesmo pela morte, se a julgar necessária. Quando na Itália, no século décimo-quinto, a peste por três vezes dizimou a população, propalou-se a crença popular de ser o terrível flagelo produzido por envenenadores, cujas artes diabólicas ocasionavam a morte de centenas de milhares de pessoas. Se essa vã suspeita fosse justa, quem ousaria protestar contra a punição de tais criminosos? Não ganhariam a Itália e o mundo com a morte deles? O que foi, porém, essa ofensa cometida contra corpos perecíveis, comparada à daqueles que envenenam a alma imortal?

Se uma igreja conscientemente acreditar que possui e ensina uma religião infalível, não deverá, em relação a todos os heréticos, tomar para si essa posição? Albigenses e valdenses justamente nas condições daqueles envenenadores? Quando os massacres que se seguiram à noite de S. Bartolomeu concluíram a sua obra, não havia para menos na França dezenas de milhares de envenenadores espirituais?

Os horrores da Inquisição não devem ser imputados aos inquisidores (salvo os que eram hipócritas), mas à doutrina do seu credo, que justificava e santificava o despotismo mental que eles tinham exercido.

Um mundo, porém, que, de idade em idade, se está tornando mais amante da liberdade e mais humano; um mundo que procura obedecer ao preceito do Cristo: "Não julgueis para não serdes julgados"; um mundo que, com as suas faltas, vai gradualmente fazendo-se mais humilde, benévolo e caridoso, ou por outra, mais cristão, rejeita instintivamente essa doutrina que leva aos assassínios em massa por causa de opiniões sinceras. Rapidamente ele vai chegando à conclusão de que um Deus de bondade e misericórdia nunca concedeu e jamais concederá a homem algum, ou a alguma igreja, um dom de infalibilidade que dá ao seu possuidor o direito de punir e exterminar outros homens e outras igrejas, por fazerem o que lhes manda a sua consciência e acreditarem no que lhes ensina a sua razão.

O espírito do nosso tempo, porém, convém que o digamos, efetivamente nos protege contra tais ultrajes à liberdade religiosa. Não duvideis. O mundo civilizado de hoje não consentirá que a crença na infalibilidade se solidifique. A repulsa dessa doutrina nos dá a mais forte das evidências do adiantamento do mundo, pois que é pelo progresso das idéias humanas que o exercício dela se torna insuportável.

Diante de tão numerosas e fortes considerações, é permitido esperarmos o abandono imediato de uma doutrina tão cheia de barbaridades. Sua queda é certa, mas tal doutrina ainda está muito presa à alma humana e graves dificuldades se levantam para a sua abolição. Os homens sentem repugnância em demolir um velho edifício, por mais amainado que ele esteja, até que possam encontrar alguma coisa que os abrigue melhor.

No último quartel deste século, milhões de homens desertando da venerável mansão da infalibilidade católica, buscaram um abrigo no materialismo. Clara e infelizmente, está provado que depois de aí fazerem estágio, como já o vimos, uma parte deles voltou à antiga crença que haviam abandonado. Preferiram ser submissos católicos com a crença em uma vida futura, a gozar da liberdade religiosa. Não encontraram, fora dos ensinamentos da sua igreja, afirmação sobre as

realidades do outro mundo, nem no Racionalismo nem no Protestantismo.

Nada encontraram no Racionalismo, porque este não só rejeita toda a revelação de caráter espiritual vinda diretamente de Deus, como também nega, ou nunca ligou a consideração devida às revelações espirituais vindas daqueles que serão os nossos companheiros, quando a morte nos retirar deste mundo.

Nada encontraram no Protestantismo, porque, à imitação dos católicos, sua evidência no que diz respeito ao infalível, mostra-se manifestamente composta, em parte, de coisas falíveis. Realmente, seus primeiros dogmas foram tomados ao Romanismo, concordando com este em que o Novo Testamento, na língua original, contém narrativas e ensinamentos infalíveis, infalivelmente recordados. Ele próprio, porém, declara que essa revelação infalível, existindo por muito tempo em porções destacadas, foi confiada, durante séculos pouco esclarecidos, à guarda de homens falíveis; foi por homens falíveis transladada, primeiro para o latim e depois de mais de mil anos para as línguas modernas; foi sendo gradualmente alterada por aditivos apócrifos de homens falíveis; finalmente, mais de trezentos e cinquenta anos depois do crucifixo do Cristo, foi adotada por um concílio ecumênico e um papa católico (3), que decretaram que os livros incluídos no cânon eram as autênticas palavras de Deus; enfim, ela tem sido e é ainda interpretada por igrejas falíveis, que apresentam uma lastimável diferença no modo de compreender diversos pontos. As igrejas protestantes não aceitaram os prometidos dons espirituais, o miraculoso cunho da infalibilidade.

Por isso não nos devemos admirar que os fugitivos do redil romano não encontrando a tal respeito senão obscuridade em um mundo herético, voltem arrependidos aos braços de S. Pedro.

Isso dar-se-á repetidas vezes; uma classe numerosa irá acreditando no infalível; a igreja católica, sobrevivendo a sucessivos reveses, ainda continuará a crescer e prosperar em diversas gerações, como sucedeu em todo este século, chegando o número de seus adeptos a mais que o triplo dos de todas as outras seitas cristãs, somente porque, apesar da idéia da infalibilidade, nela se encontra a

conclusiva evidência da realidade da vida futura. Os homens podem, satisfeitos, dispensar os mistérios dogmáticos que fazem parte de todo credo infalível: podem ser felizes e contentes, apesar de não estar resolvido de vez o impenetrável enigma da Hipostase Divina; mas não podem ser felizes e contentes com a ignorância do magno futuro, nem dispensar a crença na imortalidade.

Tão universal, tão arraigado é esse sentimento no coração do homem, que, se ele tiver de escolher entre a igreja católica e o materialismo, o vulgo preferirá aquela; em outras palavras: as massas se oporão à tendência dos tempos em abandonar a revelação de uma doutrina vinda diretamente de Deus, adotarão totalmente essa idéia, contanto que com ela lhe venham às provas da imortalidade, assim como obtêm os conhecimentos físicos imediatamente, em virtude de uma lei natural.

Creio que quem me tem acompanhado terá percebido quão grande é a importância que ligo aos fenômenos do Espiritismo moderno. Se eles forem provados genuínos, obteremos, sem o acompanhamento da infalibilidade, a conclusiva evidência da realidade de um outro mundo. Se essa realidade ficar demonstrada, teremos a prova de que os conhecimentos espirituais podem ser recebidos, como os conhecimentos terrenos, por meio de seres semelhantes a nós.

Assim, a harmonia do Governo Divino ficará esclarecida em uma de suas mais importantes relações com o homem. Por esse modo se verá que, sem violação ou suspensão da grande lei da ação mediata, Deus patenteia a nossos olhos a imortalidade, concedendo ao homem um perene auxílio em conclusivas concepções do outro mundo, do mesmo modo que o guia, de descoberta em descoberta, nas artes e ciências deste mundo.

CAPÍTULO II

A revelação espírita

O dogmatismo religioso está por toda parte perdendo o apoio das inteligências ativas e sérias... Em teologia jamais pode existir um segundo Calvino. Os homens não repelem a verdade espiritual, mas não acreditam que haja um sistema que possa contê-la, como num reservatório, durante as gerações que se sucedem. Eles querem por si mesmos achá-la nas páginas da Escritura e nos repetidos ensinamentos da vida espiritual, ou então, rejeitam essa Escritura, considerando-a como uma historieta. - TULLOCH. (4)

Não se precisa ser profeta para dizer que este século não passará sem uma grande transformação nas idéias religiosas que têm surgido durante os tempos que se seguiram à Reforma. - SHAIRP, (5)

Chegamos visivelmente aos tempos em que as provas são chamadas, em que os documentos devem ser examinados e as opiniões estudadas de novo.

É este um processo que tem sido repetido por mais de uma vez na história do mundo; tendo se dado o último e o mais importante deles por ocasião da Reforma do século décimo-sexto; o que demonstrou aos mais tímidos que a verdade nada tem a temer, e, que a religião emerge sempre de tais provas mais forte e brilhante do que anteriormente. - FROUDE

Surge, oh filha da fé! desperta! Vem espancar os temores do ignoto e iluminar o caos da sepultura, - CAMPBELL.

Se as apreciações do capítulo precedente são justas, o aspecto presente da religião na cristandade pode ficar esboçado do seguinte modo: A infalibilidade é ainda o elemento preponderante, contando seus adeptos por centenas de milhões.

Há, contudo, na presente época, uma tendência manifesta para se deixar de acreditar no sobrenatural (6), bem como nos milagres, na revelação infalível, e em todos os poderes ultramundanos de um caráter espiritual. Esse elemento céptico choca rudemente, tanto a

inteira infalibilidade do Catolicismo, como a limitada infalibilidade do Protestantismo.

Mas, as incursões dessa tendência racionalista são constantemente repelidas pela convicção popular, que teme, com o abandono da infalibilidade, perder também a certeza da existência de uma outra vida melhor. Assim, um dos mais poderosos instintos humanos, atrai e prende milhões de homens à escola infalível.

Enquanto esses dois elementos estiverem em luta, há, substancialmente, uma só alternativa para os investigadores da verdade religiosa: a escolha entre a infalibilidade, em outra de suas fases, de um lado, e uma das diversas manifestações da descrença, do outro.

No último período deste século, porém, surgiu às vistas do mundo, como forma distinta do campo onde a ciência costuma fazer todas as suas conquistas um terceiro elemento ou crença nos fenômenos do Espiritismo ou, por outras palavras, nas revelações espirituais, sem pretensões à infalibilidade e apresentando provas positivas da existência de uma vida futura.

É evidente que, se forem dadas tais provas fora da infalível revelação direta, e se essas provas se derivarem dos fenômenos atuais, a crença nestes, que gradualmente se vai propagando, há de tomar um lugar proeminente entre os credos religiosos.

Negar que essa crença tenha direito a um tal lugar, é asseverar que pouco importa ao homem obter a positiva certeza da existência da vida de além-túmulo.

Uma tal crença possui todos os elementos para ser um credo universal, ou antes, é apropriada para inspirar a todos os credos um princípio ativo, um espírito vivificante, ao mesmo tempo em que efetivamente destrói a pretensão que alguma igreja possa ter de possuir, ela só, a autoridade religiosa, em virtude dos poderes e dons espirituais que, afirma, só se encontram dentro do seu recinto devidamente favorecido.

A infalibilidade não pode afirmar que essa crença despreza a fé indispensável ou deixa de demonstrar a imortalidade da alma; porque nenhuma religião professada pelo homem pode, como as

investigações espirituais, apresentar provas patentes aos sentidos e, no caso, transformar as esperanças em certeza da existência de um outro mundo.

O racionalismo não pode objetar que essa crença infrinja a doutrina da lei, pois seus fenômenos, obedecem rigorosamente à lei da natureza; de uma ação direta de Deus, que o naturalista não encontra em parte alguma do mundo material, pois suas revelações só vêm por intermédio do homem; que seja dogmática, exclusiva ou intolerante como a infalibilidade, pois seus adeptos colhem a evidência experimental, franqueada a todos os homens e analisada segundo o método indutivo da fé que ela propaga; finalmente, que, como a infalibilidade, repila o progresso, visto ser sempre vivificada e excitada pelos clarões incessantes da vida espiritual.

Aquele que estuda a Bíblia, não pode dizer que ela se oponha a uma tal crença. Jesus afirma claramente que os dons espirituais seriam dados aos que cressem em suas palavras (7); que esses fariam os mesmos prodígios, ou maiores ainda, que os seus (8); que seus apóstolos não recebiam então toda a verdade e que ele não lhes dizia tudo o que tinha a dizer-lhes; e que, depois da sua morte, o espírito de verdade, que se manifestara nele durante a sua vida, viria confortá-los, ficando em comunicação com eles até o fim do mundo (9), e ensinando-lhes tudo o que então não podia fazer (10). Poderá haver um ensino mais positivo do que aquele que S. Paulo deu aos que procuravam obter os dons espirituais? (11)

Esses motivos são muito poderosos. A objeção popular há de aparecer contra isso, como faz contra toda inovação, perguntando: "Como, pois, só agora, depois de tantos séculos é que isso aparece? Poderemos responder que o Atlântico já existia há milhares de anos, antes que um Colombo se propusesse atravessá-lo. Também poderíamos perguntar por que motivo não foram mais cedo adotados pela ciência, como verdades o movimento diurno da terra, a circulação do sangue e a queda dos aerólitos. Eu me detenho, porém, nestas generalidades. Creio que o Espiritismo na fase em que o vemos hoje, não podia aparecer em época anterior a nossa.

Ele apareceu disfarçadamente, de tempos a tempos, no passado, como um objeto de terror e causa de indizíveis sofrimentos para o mundo. As coisas mais santas são as mais danosas, quando profanadas.

"Vós não poderíeis aceitá-las agora." Nestas palavras se encontra o motivo da última aparição do moderno Espiritismo. Era necessário que desaparecessem certas superstições deprimentes, para que o mundo se tornasse capaz de receber o novo hóspede. A letra que matava, tinha de morrer, sendo substituída pelo espírito que vivifica, antes dos nossos melhores e mais ilustrados predecessores simpatizarem com a sua visita a terra e aceitá-la como justificação de seus esforços no intuito de nos esclarecer.

Vede um notável exemplo do quanto à letra mata: A velha crença na existência personificada de um Grande Espírito do Mal, percorrendo o mundo em busca de vítimas, as primitivas e mais imperfeitas das fantasias humanas, sugeridas pela presença do mal no mundo, provocaram o desejo de explicar a sua existência. No exórdio do que há de mais sublime entre os fragmentos de filosofia do velho Oriente, exarada no Livro de Job, se depara uma breve narrativa que os críticos modernos consideram mera alegoria. Isso, porém, não se dava com o espírito teológico do passado. Para os nossos antepassados, aceitando toda a Bíblia, aquilo era uma verdade literal. Eles acreditavam que Satanás voltando da terra, apresentou-se um dia entre os filhos de Deus, ao Senhor, e depois de ter conversado com o Altíssimo, foi-lhe permitido afligir Job. Despojou-o de todos os seus bens terrenos e matou-lhe os filhos. Acreditavam que em outra ocasião, ainda com a permissão de Deus, cobriu-o de chagas, desde a cabeça até os pés.

Vejamos o Novo Testamento. A crença dos ortodoxos, ainda hoje, é que o Diabo tomando a Jesus, levou-o primeiro ao vértice do templo e depois ao cume de elevada montanha, donde se podiam ver todos os reinos da terra, a fim de ser adorado por ele; ao passo que os cristãos menos apegados à letra consideram isso como parábola destinada a mostrar-nos que, mesmo sem ter cometido pecado, o Cristo foi tentado, como nós o somos.

Enquanto essa crença num demônio pessoal dominou a cristandade, os fatos espirituais apresentaram-se sob formas tão horrorosas quanto a crença que as engendrava. A fé que em sua pureza tinha o poder de remover montanhas, também podia empilhá-las.

Em assuntos espirituais, até um certo ponto, recebemos o que esperamos, e a simpatia pelas idéias constitui o elemento então dominante. Se evocarmos levianamente um Espírito do mal, os Espíritos da verdade não nos virão responder. Os Espíritos que se nos manifestam têm ainda alguma coisa da natureza humana e não se comunicam com aqueles que os consideram maus.

Nas épocas em que a alma do povo estava imbuída da noção da existência de uma hierarquia de inteligências malignas em tomo de nós, capitaneada pelo Príncipe do Inferno, cuja ação, tolerada por Deus, se exerce incessantemente, arrastando o homem para o mal; e de serem elas os únicos seres desencarnados com que o homem podia comunicar-se, os umbrais do mundo espiritual raramente eram franqueados, a não ser para fazer-se colheita de horríveis erros e ilusões. Nessas épocas, os dons espirituais chamados *dunamis* pelos evangelistas, sensibilidade por Reichenbach, e mediunidade pelos espíritas, raramente davam nascimento a alguma coisa mais que as monstruosidades conhecidas usualmente pelos nomes de encantamentos e feitiçarias; isso era uma superstição das mais terríveis e perigosas, porque sob tais aparências fantásticas, escondia-se alguma coisa de real.

Houve, nos tempos de Jesus e nos que se seguiram, como ainda hoje há, uma certa ação espiritual conhecida pelo nome de possessão. Foi uma moléstia produzida em algumas organizações sensitivas, por alucinações ou impotência da vontade, na qual se admitia uma influência mental exercida pelos Espíritos dos mortos de ordem muito inferior, quando a vasta estrutura medieval era concebida pela imaginação inculta, e dominada pelos tenores de uma fé perniciosa. Essa moléstia agravou-se com a severidade, propagou-se com as perseguições e fortificou-se com as torturas empregadas para debelá-la. Ela só poderia ser curada, como outras fases da

insanidade mental, por conselhos caridosos e uma benevolência firme; mas, os crentes em remédios tão racionais como esses, pertencem, salvo famosas exceções, aos tempos modernos. As horríveis desgraças e atrocidades (12) que emanaram, direta ou indiretamente da crença no demônio e da influência dos maus Espíritos, exemplificaram uma grande verdade, afirmando que da mesma fonte podem sair o bem e o mal, a felicidade e a desgraça, do mesmo modo que as águas se conservam puras quando se lhes dispensa cuidados inteligentes, e se adulteram quando entregues aos desvarios da ignorância.

A eminente exceção acima referida, talvez seja pouco notada e compreendida por aqueles que costumam procurar nos Evangelhos os mistérios e os milagres, em vez de uma lei dirigindo os fenômenos espirituais.

Entre as milhares de provas, na notória persistência com que os homens e as nações que professam o cristianismo têm contrariado o espírito do seu Fundador, está a crença popular na feitiçaria, podada, mais ou menos freqüentemente no decurso dos quinze primeiros séculos cristãos, e perseguida pelo ódio popular e pela incrível crueldade com que eram tratados os infelizes feiticeiros. (13)

Temos razão para concluir que o próprio Cristo não acreditava num demônio pessoal. Quando ele empregava a palavra demônio ou Satanás, queria comumente falar dos erros e maldades do homem ou, ainda, de uma baixa condição espiritual (14). Assim, diz a Pedro: "Retira-te de diante de mim, Satanás" (15); e falando de Judas Iscariote: "Um de vós é o demônio." (16) Ainda no caso do homem possesso, diz: "Espírito impuro, sai desse homem!" (17). Não há aí nenhuma palavra de exprobração ao atormentado, nenhuma insinuação de haver ele feito algum pacto com o príncipe das trevas; afirma, simplesmente, que um Espírito ou Espíritos tinham conseguido apossar-se da criatura infeliz e, em virtude do poder de que se havia assenhoreado, ele afastava do corpo o Espírito que atormentava a vítima. Quando ele previne aos discípulos contra as ciladas e males futuros, o aviso não se refere a um demônio que os possa tentar para que lhe vendam alma em troca de riquezas

mundanas ou de diabólicos poderes para o mal, mas aos falsos profetas que produziriam prodígios e maravilhas, capazes de seduzir mesmo aos mais orientados. (18)

Era uma prevenção contra os homens maus e não contra os anjos decaídos; um aviso encerrando a necessária lição de que os prodígios e maravilhas não são atestados infalíveis da verdade moral. Assim, há mil e oitocentos anos, por suas palavras e atos, o Cristo se manifestava a respeito de tudo o que há de verdade nos encantamentos, feitiçarias, magias, negromancia, ou qualquer outro nome que se queira dar aos imaginários pactos do homem com Satanás. Ele conhecia que os Espíritos de condição inferior, ocasionalmente apossando-se de homens e mulheres, causavam o que chamamos uma enfermidade espiritual; e ensinava aos apóstolos e aos setenta discípulos os meios de curá-la, porque o poder que eles tinham de exorcismar era inferior ao seu. (19) Quando encontrava outros que não eram discípulos mas seguiam a mesma prática, aprovava o que faziam. (20)

Que milhares de vidas se teriam salvado, que inúmeras torturas, de alma e corpo se teriam evitado se o mundo cristão tivesse conhecido o pensamento e seguido o exemplo do Cristo?

Foi somente nos tempos modernos que os ecléticos investigadores da verdade, pelo estudo do magnetismo vital e das manifestações espirituais chegaram praticamente a crer nesse assunto ensinado pelos Evangelhos a cinqüenta gerações de homens, mas até agora desatendido ou mal-interpretado. O sonambulismo, como terei ocasião de demonstrar adiante, está ligado à mediunidade, e é até certo ponto, regido pelas mesmas leis. Entre essas leis encontramos, experimentalmente, o preceito de que uma disposição dogmática da alma imbuída de falsas doutrinas, ortodoxas ou cépticas, produz anormalidade nas idéias recebidas ou comunicações obtidas. Eis um exemplo que traduzo da notável obra do Senhor Lamy Sénart, discípulo do Marquês de Puységur, o primeiro observador do sonambulismo:

"Uma paciente que sob meus cuidados se tinha tomado sonâmbula lúcida, foi, com permissão minha, magnetizada por outra.

Esta, mergulhou-a prontamente no sono magnético. Esse magnetizador, porém, acreditava no diabo e na sua influência, e não pôde deixar de pensar nisso, enquanto magnetizava. No primeiro dia, a paciente teve um sono agitado; no segundo, viu um homem negro; no terceiro apresentaram-se dois homens com cornos; no quarto eles ameaçavam-na. No quinto dia a coisa foi ainda pior; eles pareciam assentados ao seu lado. A sonâmbula levantou-se, aterrada e dando gritos, acreditando quisessem ofendê-la; precipitou-se para fora da sala seguida pelo magnetizador, que, no pátio, conseguiu afinal despertá-la. A sonâmbula sofria cruelmente; queixava-se de grande peso no peito; tinha a respiração difícil e passou uma noite horrorosa." (21)

É uma narrativa bastante interessante. Ainda que não duvidemos que a impostura, estimulada pelo ódio ou malícia, seja um elemento ocasional dessas provas de feitiçaria; ainda que saibamos que muitas confissões, arrancadas pela tortura, eram retratadas pelos pacientes antes de serem levados à forca; contudo, a regra geral está fora desses incidentes.

Uma condição análoga ao sonambulismo é o êxtase em algumas de suas fases, sobrevindo não raramente sem magnetização, a pessoas de temperamento sensitivo e que vivem retiradas do mundo, quando desordenadamente excitadas. Apreciando este fenômeno e o da obsessão ou possessão, e refletindo sobre o provável poder dessas influências em uma época rude, na qual a concepção do demônio e sua atuação era mais vivaz, influencia e constantemente presente no cérebro das massas, do que a concepção de Deus e da sua providência, por que admirarmo-nos de ver os acusadores e acusados serem levados por ilusões sinceras, aqueles, a afirmarem que estes eram atormentados pelo demônio, e estes, a confessarem que tinham visitado o Sabbath dos feiticeiros e testemunhado suas abominações?

Se não admitirmos os motivos supracitados, como explicaremos o fato de juízes tão ilustrados como Edward Coke e Matheus Hale, reconhecerem a realidade desse pretendido crime de deslealdade do homem para com Deus? - o de um jurista tão eminente como

Blackstone declarar ser isso uma verdade atestada por todas as nações do mundo? - o de Tomás Browne, físico, filósofo e professor (atestar num tribunal a mesma coisa), teólogos como Baxter, Wesley e outros varões ilustres aceitarem como evidente a existência do fato e as provas para a condenação dos indiciados? - e o de, mesmo em nosso país, há menos de cento e oitenta anos, treze mulheres e seis homens terem sido enforcados, e uma octogenária sofrer horríveis torturas por crime de feitiçaria? (22). Isto se deu no seio de um povo ativo, consciencioso, prático e piedoso, segundo a acepção de Calvino, destinado à eleição e digno de ser chamado eleito.

Há um outro erro popular, do qual já falamos sem particularizá-lo nas páginas precedentes, e do qual nos devemos libertar: é o de não haver perigo na solicitação e aceitação das comunicações espirituais. É um erro a suposição de, pelo fato de uma mensagem nos vir de um habitante do outro mundo, encerrar a verdade infalível. A morte nos dá poderes mais extensos e percepções mais claras: abre-nos um horizonte mais vasto e nos mostra muito mais do que aquilo que dificilmente podemos suspeitar aqui, porém, não nos confere a infalibilidade. Existe, sem dúvida, no outro mundo uma graduação maior de sentimentos e pensamentos, mas também a mesma variedade de tipos que aqui; lá há diversidade de opiniões, apesar de não ser tão grande como entre nós.

Tudo isso está provado por comparações feitas entre as variadas comunicações que poderíamos apresentar e que, atendendo-se às circunstâncias em que foram recebidas, são inquestionavelmente ultramundanas. Muitos espíritos, como seus contemporâneos religiosos, não aceitam esta fase da crença, não cuidam dessa verdade importante, e, por causa desse abandono, são freqüentemente extraviados.

A crença na infalibilidade é tão perniciosa entre os calvinistas e episcopistas, como entre os espiritistas. Há tanto perigo em admitir nas investigações espíritas a infalibilidade dogmática, como o receio do demônio.

Devemos desejar que a crença no Espiritismo só se propague à medida que a crença no infalível vá desaparecendo.

Aí, se nos mostra ainda um motivo, pelo qual o aparecimento dos fenômenos espirituais, em sua fase moderna ou normal, como elemento religioso universal, demorou-se tanto.

Os milhares de avisos que nos dá o passado, não nos podem enganar; e é de um vital interesse que os tenhamos sempre à vista. É perigoso que os homens e as mulheres ainda apegados a certas superstições antigas ou acreditando-se de posse da verdade infalível, procurem obter comunicações de uma mais alta categoria de seres; nem podemos ainda recebê-las. Em vão buscaremos o auxílio e a luz do outro mundo, se não entrarmos na escola espírita não somente com reverência, mas também com a alma realmente crente. Cumprenos estudar e não inventar; estudar com a regra que submete à prova todas as coisas, e só aceitar a verdade quando ela exista.

Não é dado ao dogmatismo, encerrado em sua apertada concha, ouvir a mais fraca voz de além-túmulo; ele só escuta o eco de suas próprias ilusões. As vozes espirituais, em sua pureza, não chegarão aos nossos ouvidos se não adaptarmos nossos conceitos aos conselhos da sabedoria.

Dá-se com os ensinamentos do Espiritismo o mesmo que com as preces dos homens: não passarão de um simulacro fútil, se não forem compreendidos convenientemente.

Pelas razões acima apresentadas, porém, mesmo os investigadores hábeis que procuram com seriedade e reverência estudar a natureza das modernas revelações espirituais, se atuar neles a idéia da intervenção satânica, poderão ser conduzidos a graves erros, exatamente contrários aos dos que aceitam todas as mensagens espirituais como verdades evangélicas.

Eis notável exemplo que encontramos em um jornal europeu, Le Nord, de Bruxelas, de 4 de julho de 1857: Em editorial sob a epígrafe As mesas giratórias, o autor depois de dizer que as maravilhas do magnetismo ou antes do Espiritismo, parecem estar de novo adotadas pela moda, extrai o seguinte de um dos mais respeitáveis jornais parisienses: "Deveis estar lembrados, diz o Courrier de Paris, que um certo número de prelados franceses e estrangeiros julgou de seu dever, há cerca de um ano, proibir a

prática da dança das mesas. O motivo alegado era que essa prática conduzia os homens a entrar em perigosa comunicação com os Espíritos das trevas. O fato é que, na maioria, os Espíritos que se manifestavam pelas mesas ou por pancadas no soalho, quando interrogados sobre a sua identidade, respondiam sempre: demônio, diabo, ou pelo menos, condenados."

"Um dos mais eminentes e ilustrados membros da nossa igreja, o bispo de Rennes, acreditou do seu dever, para certificar-se por si mesmo, fazer algumas experiências com a mesa, mas chegou a um resultado que o levou a abandonar tal prática. Foi o seguinte: O bispo, o vigário geral e seus auxiliares, achando-se reunidos no palácio episcopal, interrogaram a mesa a respeito da morte e padecimentos de um jovem e generoso missionário que havia recentemente sofrido o martírio na China. O bispo tinha consigo, como relíquia, um fragmento da camisa ensangüentada desse devotado soldado da fé. Foi esse talismã que operou? Não o podemos dizer. Basta-nos dizer que a mesa pôs-se a relatar na sua linguagem (movimentos e pancadas), com a mais pasmosa fidelidade toda a história das agonias e torturas do corajoso missionário, circunstâncias essas bem conhecidas da maioria dos assistentes. O bispo então, muito abalado com o fato, interrompeu o trabalho, bradando: Para conhecer tudo isso, é preciso que sejas o diabo. Pois bem! Se és o diabo, pelo Deus onipotente, por Jesus-Cristo crucificado, eu te conjuro, intimo e ordeno que caias despedaçado a meus pés. Imediatamente, a mesa deu um grande salto e, caindo de lado, quebrou duas de suas pernas e ficou junto aos pés do bispo de Rennes."

"Não é nossa intenção, continua o Courier, explicar ou pôr em discussão o fato que relatamos. Fiquem certos os nossos leitores que ele não é de nossa invenção. O fato foi-nos atestado por testemunhas das mais respeitáveis e dignas de fé. Quanto somos bem conhecidos para que ninguém acredite que nos prestamos a fazer circular fábulas ou busquemos divertir-nos à custa dos nomes respeitados que citamos."

Essa história pode em alguém provocar o riso, porém apresenta um lado sério. O bispo, convencido pelas manifestações, de que uma inteligência oculta se está comunicando, convence-se de que, pelo fato de ter ela referido tudo o que tinha conexão com o martírio de um missionário, não podia deixar de ser Satanás, pelo que lhe fala, como vimos. Eles, porém, não dizem se os investigadores estavam nas condições indispensáveis para entrar em tais investigações. Nenhum espírita inteligente ficará surpreendido com o resultado da experiência episcopal. O resultado podia ser predito. Recordemos outros casos de caráter análogo: Há cerca de século e meio, na casa do célebre João Wesley, curato de Epworth, começaram a ouvirem-se fortes pancadas e a produzir-se estranhos fenômenos, continuados por espaço de dois meses e aos quais o Doutor Adam Clark, na sua biografia da família Wesley, considerou como manifestações espirituais, conexas à morte, na Índia, de um irmão do Senhor Samuel Wesley. Emilia Wesley, escrevendo detalhadamente sobre o fato, ao seu irmão João, depois de declarar que uma experiência de meses a havia convencido de não poder se dar ali nenhum embuste, acrescenta: "Quanto à minha mãe, acreditou firmemente que tudo era devido a ratos e mandou vir uma corneta de caça para espantá-los. Eu ria-me vendo-os procurar com tanto empenho, durante metade de um dia, afugentar os ratos com uma corneta. Fosse, porém, o que fosse, percebi que isso o enfurecia, e, desde esse dia, os ruídos se tornaram mais violentos, não nos dando um momento de repouso das dez horas da noite em diante... O agente desconhecido operava com mais força e persistência, quando atribuíamos o fato aos ratos ou qualquer outra causa natural."

"Isto o enfurecia" -, diz Emilia Wesley. Foi provavelmente o que se deu com o Espírito interrogado pelo bispo francês, quando este o confundiu com o diabo. Também o Espírito podia ter-se retirado e um outro ter tomado o seu lugar. Numerosos fatos indicam (ainda que, antes da experiência se deva banir essa idéia) a ação freqüente de uma classe de Espíritos algum tanto singular, à qual podemos chamar classe dos zombeteiros e turbulentos; eles não são

maus ou, se o são, devem estar impedidos de produzir sérios danos; são os duendes, Espíritos travessos e levianos.

Se o Revmo. Charles Beecher, do clero congregacional do nosso país, fez alguma experiência semelhante à do bispo de Rennes, não o posso dizer. O certo é que ele afirma que todas as modernas revelações espirituais nos vêm do Poder das Trevas, e que "damos os primeiros passos em uma senda de manifestações demoníacas, cujas conseqüências o homem não pode conjeturar". (23) Idêntico engano se deu há mil e oitocentos anos, em Jerusalém. Quando o povo testemunhava os prodígios e maravilhas operados por Jesus, ficava espantado e dizia: Não é este o filho de David? Os fariseus, porém, quando ouviam contar esses fatos, diziam: "Ele não expele os demônios senão por Belzebu, o príncipe dos demônios." (24)

Parece não ter ocorrido à mente dos fariseus nem à do Rev. Beecher o pensamento de que toda a analogia se opõe a uma tal explicação dos fenômenos espirituais. Deus, realmente, não colocou suas criaturas neste mundo fora da ação das influências terrenas, que podem levá-las à decepção e ao erro; mas, o bem é a regra geral, e, o mal, que muitas vezes não é mais que o bem disfarçado, é a exceção. Se entra no plano divino permitir que evidências e influências nos venham de uma mais subida classe de seres, poderemos crer que Ele exclua, de entre elas, as da verdade e do bem, só deixando vir os erros e os falsos ensinamentos emanados do demônio e seus anjos. Poderia proceder assim, um Pai cujas graças se patenteiam em todas as suas outras obras? Se, realmente, fosse esse o intuito divino, poderíamos adotar as seguintes linhas de um poeta moderno: "Então Deus não seria o que proclama o universo inteiro em seu louvor, esse foco que derrama a ciência, a bondade, a luz e o amor."

Se atentarmos a razão, ela nos dirá que tanto deste mundo como do outro, nos são abundantemente fornecidos os elementos de verdade e os meios de sermos felizes. Se interpretarmos mal as revelações do céu ou não nos aproveitarmos dos ensinamentos da terra, não é porque Deus no-lo imponha; pois Ele fez que a sabedoria e a paz só pudessem ser obtidas pela virtude e consente

que soframos as conseqüências da nossa inexperiência e das nossas falsas concepções.

O quadro seguinte exhibe, na generalidade, as muitas variedades de opiniões religiosas professadas no mundo cristão, e o lugar que, conforme o exposto, entre elas ocupa o Espiritismo.

FASES PRINCIPAIS DA CRENÇA RELIGIOSA NA CRISTANDADE

1º. - Escola Secularista:

- a) Radical - Os materialistas, que não aceitam a vida futura;
- b) Conservadora - Os cépticos, que duvidam da vida futura.

2º - Escola Infallibilista:

- a) Pura - Os católicos, inclusive as igrejas grega e orientais;
- b) Mista - Corporações protestantes.

3º. - Escola Espiritualista:

- a) Exclusiva - Os quakers ortodoxos e swedenborgianos, que conservam um elemento de infalibilidade;
- b) Universal - Os que aceitam os modernos fenômenos espíritas e rejeitam a infalibilidade.

Elucidemos o quadro supra com algumas observações:

1º - Emprego o termo Secularista em vez de Racionalista, porque designa mais corretamente o credo dos que só acreditam no discernimento que aplicamos às questões seculares e aos estudos físicos e reprimem o que se refere às investigações religiosas, por acharem que o homem não pode ter uma base sólida para tal crença. O nacionalismo não é propriamente um credo, mas um modo de pensar. (25)

O tempo do secularismo radical vai passando. Hoje, ele não tem chefes bem caracterizados, e provavelmente não mais os terá. Se um segundo Calvino é impossível, também o é um segundo Voltaire.

Por outro lado, o secularismo conservador procurando um apoio religioso e não o encontrando, conserva-se estacionário. Em suas fileiras estão alistados muitos dos mais eminentes cientistas de nossos dias, uma grande maioria de médicos, juristas, políticos e mesmo ilustres e respeitáveis teólogos.

Em geral, esta fase passiva de irreligião tem, nos últimos anos, feito rápidos progressos na Inglaterra, principalmente no seio das classes artísticas e operárias. (26)

2º - Salvo a restrição do atributo da infalibilidade à Igreja, quando se pronuncia pelo órgão do Concílio Ecumênico, e a rejeição completa da supremacia do pontífice romano (27), as variações de doutrina entre os ramos grego e latino da igreja católica não são essenciais, pois consistem principalmente no fato da igreja latina admitir as tradições antigas, os sete sacramentos, um aspecto menos rigoroso do pecado original e um estado intermediário, enquanto que as igrejas orientais escrupulizam a respeito de um purgatório com chamas, da eficácia das missas pelos defuntos, e, abandonando o filioque do Concílio de Constantinopla, sustentam que o Espírito Santo só procede do Pai.

Com diferenças tão pouco consideráveis, as igrejas grega e romana, depois de seus oito séculos de separação, deviam, em uma época de tolerância como a de hoje, ligar seus duzentos e oitenta milhões de crentes em um corpo vasto e harmônico, mas, para isso, era preciso que o atual Papa seguisse uma linha de política conciliatória. Algumas concessões oportunas, feitas ao espírito dos tempos que correm, aumentariam incalculavelmente a influência do papa. Mas, isso não sucede. Em dezembro de 1867 o governo austríaco publicou leis declarando a liberdade das opiniões religiosas e de imprensa, e garantindo a todas as seitas o direito de estabelecer escolas e colégios e de ensinar seus respectivos credos. Essas leis foram seguidas, em maio de 1868, de outras legalizando o casamento civil e transferindo às autoridades civis a

superintendência geral da instrução pública exercida pelas autoridades eclesiásticas. Essa política adiantada foi julgada em Roma como ofensa capital. O papa, em 2 de junho de 1868, fez uma alocução na qual reprovou e condenou essas leis abomináveis, como estando em flagrante contradição com a religião católica, com o poder da Santa Sé e, mesmo, com o direito natural, e declarou nulas semelhantes leis. A Áustria respondeu-lhe que a Santa Sé estava assim intervindo em assuntos que se achavam fora da sua jurisdição e acrescentou: "Não prossigais no caminho que encetastes." Por isso, Roma alienou de si um poderoso império.

Teve então lugar o Concílio do Vaticano, para o qual, é certo, foram convidados o patriarca e os bispos da igreja; mas, esse convite era acompanhado de um odioso lembrete de que, na sua separação da de Roma, essa igreja havia acedido às seduções, "às artes infernais e maquinações daquele que tramou no céu o primeiro cisma"; em outros termos, que os patriarcas e bispos enquanto não se sujeitassem à autoridade Papal, eram os agentes espirituais do demônio.

Os protestantes também foram exortados a voltar ao antigo redil; porém, que valor podia ter para eles a exortação ou convite de um Soberano eclesiástico, que anunciava por um decreto a sua própria infalibilidade, o seu direito de promulgar dogmas irreformáveis, tudo acompanhado de um anátema pronunciado contra todas as investigações científicas, feitas fora dos limites da permissão católico-romana?

Se não existissem esses erros capitais, a santa igreja católica não só teria chamado a si o ramo oriental, mas, possivelmente, teria adquirido mais vinte milhões de aderentes, podendo, portanto, reunir sob o seu estandarte eclesiástico trezentos milhões de almas, tal como sucedeu com uma das seitas protestantes, que foi bem acolhida pelo ramo oriental do catolicismo.

No ano de 1867 o sínodo pan-anglicano transmitiu por intermédio do arcebispo de Canterbury, aos patriarcas e bispos da igreja grega uma carta pastoral, apresentando-lhes a fé da igreja anglicana e exprimindo, em termos gerais, o desejo de se

harmonizarem e a esperança de poderem formar um só rebanho com um só pastor. Essa carta pastoral, recebida favoravelmente e com profundo respeito pelos prelados da igreja grega (28), foi logo seguida de um manifesto elaborado na Convenção de Canterbury, reunida em 4 de julho de 1868, no qual declarava não se tratar da submissão de uma igreja a outra, nem de uma modificação em seus respectivos serviços, mas simplesmente de um mútuo reconhecimento de que todas as igrejas que possuem um verdadeiro episcopado, sacramentos e credo seus, são, por sua união no Senhor comum, obrigadas a se receberem umas às outras em plena comunhão de preces e sacramentos, como membros da mesma família de crentes. A Convenção aprovando essa mensagem, encarregou seu presidente de abrir negociações com os patriarcas e metropolitanos orientais, a fim de estabelecer tais relações.

Semelhante a esta, deu-se entre nós a agitação Tratariana, nascida em Oxford no ano 1833 (29), e que produziu considerável excitação. Seu caráter acha-se descrito no volume de sermões publicado três anos depois pelo Doutor Ewer, pároco da igreja de Cristo em New York, nos quais ele afirma que a igreja episcopal foi um ramo da santa igreja católica, infalível e favorecida com a sucessão apostólica (30), negando, contudo, a supremacia do pontífice romano, sustentando a independência de cada um dos ramos da igreja católica, latino, grego ou anglicano, e admitindo que as seduções do mundo tenham invadido a igreja de Roma. O título do segundo sermão do Doutor Ewer: A igreja anglicana não é protestante, demonstra bem a posição que o autor assume. A última manifestação da igreja de Roma destruiu, evidentemente, toda a esperança de constituir-se a união católica, a não ser entre as igrejas grega e anglicana; e, assim, pela falta de prudência e juízo por parte do ramo mais forte, a escola da infalibilidade perdeu a melhor oportunidade de fazer uma gigantesca união. Não encerrará uma grande verdade o seguinte dito: "mesmo as paixões do homem concorrem para glorificar a Deus?"

Já vos falei de um brilhante movimento da igreja anglicana, movimento esse em oposição ao literalismo, às doutrinas do

miraculoso e, em geral, aos ditames da escola infalibilista. Ele vai com segurança ganhando terreno e conta, evidentemente, com o virtual apoio do governo britânico. Seus chefes foram todos conservados em suas posições oficiais e um dos seus mais ilustres diretores foi feito bispo de Exeter.

Os seis ou sete milhões de judeus espalhados pelo mundo devem ser incluídos na escola infalibilista.

Muitos da classe mais liberal dos protestantes, conservando sua posição nominal, mas rejeitando a infalibilidade, abraçaram o Espiritismo, e o mesmo sucedeu a um número não pequeno de católicos. É, porém, a escola secularista que tem fornecido maior número de adeptos ao Espiritismo.

3°. - Há duzentos anos surgiu na América do Norte uma seita notável, a que o povo chamou dos quakers; eram os espiritualistas do século décimo-sétimo. Seu Lutero foi George Fox e seu Calvino, Roberto Barclay, homem de alguma distinção, que, em 1682, foi nomeado governador de New Jersey. A Apologia de Barclay foi o mais notável livro do Quakerismo de seu tempo, como os Institutos de Calvino foram o código do Protestantismo do século dezessete.

A doutrina fundamental desse povo, era que a inteligência íntima e protetora do homem, ou o espírito de verdade prometido pelo Cristo e emanado imediatamente de Deus era o supremo guia da fé; que essa luz ou espírito descia sobre todos os homens que a não desprezaram, e os impelia à virtude e à prática das boas obras e que assim como é hoje dada a nós, essa revelação o fora outrora aos pagãos, então chamados gentios; e que todos os que obedecem aos conselhos dessa luz íntima, mesmo que nunca tenham ouvido falar de Jesus, podem justificar-se e salvar-se. (31)

Barclay alega que essa luz íntima nunca choca a razão natural nem às Escrituras, antes confirma e respeita os ensinamentos do Cristo e de seus apóstolos; apesar de que ela deve, para cada homem, ser considerada como a lei primária, ocupando as Escrituras somente o segundo lugar. (32) Um só elemento predominava nessa crença. Ela desconhecia a animação, a jovialidade e a estética; desprezava não só as danças e divertimento, mas ainda a música vocal e

instrumental; proibia todos os jogos, apostas e passatempos, mesmo as risadas e gracejos, sustentando que o temor a Deus é o único recreio digno do homem; e limitava as distrações legais a visitas, leituras históricas, preleções sóbrias sobre os acontecimentos passados e presentes, jardinagem, estudos geométricos, matemáticos e outras coisas semelhantes. Adotando os princípios santuários de Calvino, ela prescrevia uma grave simplicidade, uma rigorosa economia no vestuário, e declarava que não era legal o uso das mulheres cristãs entrancharem e enfeitarem os cabelos.

A primeira erupção do Quakerismo foi poderosa: apesar da atroz perseguição que sofreu, espalhou-se rapidamente até as regiões mais remotas. Depois, por muitos anos, ficou estacionário ou decaiu, não excedendo hoje seu número em todo o mundo, a cento e vinte e cinco mil, dos quais quatro quintas partes residem nos Estados Unidos.

Essa fase do espiritualismo, tem pontos fortes e fracos. Em virtude dos primeiros, ela caminhou e prosperou; por causa dos últimos, estacionou e decresceu.

Ela garante sem reservas a liberdade de consciência a todos os homens (33); declara que as Escrituras não encerram a última palavra, e subordina a velha palavra escrita às revelações espirituais diariamente trazidas à humanidade. Eram opiniões audaciosas, mas tinham uma colocação bem elevada para o tempo em que eram anunciadas. O Quakerismo, porém, caiu no antigo erro da infalibilidade, porque admitiu que a luz, íntima, guiada pelos escritos evangélicos e apostólicos, e recebida diariamente pelos homens que a buscavam e aceitavam, era uma revelação direta de Deus; pelo que, era infalivelmente verdadeira em todos os seus ensinamentos. Daí, uma grande confusão de idéias, pois a verdade deve sempre estar conforme consigo mesmo e se alguma vez a luz íntima discordar da palavra da Escritura, é porque uma ou outra estão em erro, e essa dissensão, em matéria de fato, pode acontecer.

Assim se apresentava aos professores quakers a seguinte alternativa: ou admitir que as Escrituras não eram infalíveis, ou os discordantes da palavra escrita não tinham recebido a luz verdadeira.

A última opinião, porém, tornando o homem juiz da consciência dos outros, era uma negação direta da liberdade religiosa, derrocava o verdadeiro alicerce da crença original dos quakers.

O resultado foi que os ortodoxos dessa irmandade aderindo à literal infalibilidade da narrativa bíblica e diretamente violando, não só o grande dogma dos seus fundadores, mas também as palavras da Escritura: - "Não julgueis, para não serdes julgados" -, viram-se na dura alternativa de negar a divindade do Cristo ou a autenticidade das Escrituras. Exigiam que seus adeptos cressem que Jesus-Cristo foi concebido miraculosamente, que os nossos pecados foram remidos por seu sangue, que ele se sacrificou pelos pecados do mundo e hoje, como Mediador entre Deus e os homens, permanece à direita de Deus. (34)

Um reino espiritual assim dividido contra si mesmo, não podia subsistir e sua decadência foi precipitada pela indevida importância que dava a coisas sem valor, como pela desarrazoada condenação que lavrara contra inocentes e salutares entretenimentos. Muitos dos que pertenciam ao ramo liberal dessa seita passaram-se para o Espiritismo.

No século décimo-oitavo, o espiritualismo apresentou-se sob a forma do Swedenborgianismo. Do Quakerismo ao Swedenborgianismo, já era grande progresso.

Fox e Barclay aderindo à doutrina da ação direta de Deus, não admitiam a comunicação com os Espíritos dos finados; eles acreditavam na antiga idéia de Milton sobre a criação de anjos já assim formados, e na existência de um demônio pessoal; admitiam um dia de juízo no qual, por sentença do Criador, uma parte da humanidade ia gozar da felicidade e a outra era mergulhada nos sofrimentos; consideravam a fase imediata da existência humana como uma vida sem variedade de deveres e gozos, sem progressos, uma vida em que, sem discrepância alguma, os bons se entregavam ao constante exercício da adoração e os maus sofriam um perpétuo tormento.

Emanuel Swedenborg, porém, ensinou que os homens neste mundo podiam entrar em comunicação com os Espíritos do outro;

que essas comunicações são seguras e valiosas, ou enganosas e prejudiciais, segundo as boas qualidades e os defeitos do homem, pois cada qual atrai do mundo dós Espíritos seus semelhantes em gostos e sentimentos (35); que não existem anjos criados como tais e sim Espíritos bons e maus; nem anjos decaídos, nem Satanás, príncipe do inferno, pois que o amor-próprio é o único demônio (36), que o homem leva consigo, para o outro mundo, os principais característicos que o distinguem neste (37); que conquistamos o céu não pela fé, nem pelo batismo, mas por um puro amor da verdade e do bem (38); que o amor de Deus e do próximo abrange toda a verdade divina (39); que existe um estado intermediário, no qual os homens logo depois da morte têm a liberdade de escolha entre os caminhos que conduzem ao céu e ao inferno (40); que não é Deus que designa os que têm de ir para o céu ou para o inferno, sim o próprio espírito, que é atraído para um ou outro, conforme seus sentimentos dominantes, assim como os homens e as mulheres neste mundo são, pelos desejos que os dominam, levados uns para as associações virtuosas, outros para a companhia dos maus (41); que todos os sofrimentos do outro mundo são infligidos pelo Espírito a si mesmo, pois que o inferno e suas chamas não são mais que um estado da alma em que predominam o amor-próprio e as paixões mundanas (42); finalmente, que os deveres e ocupações celestes não se limitam a um determinado rito, mas são muitos e variados, pois que é um mundo de atividade, de trabalho e de progresso; que os afetos humanos para com Deus e para com as suas criaturas são para ali transferidos, a fim de florescerem e expandirem-se mais que na terra em beleza e pureza, a fazerem para sempre a ventura desse paraíso deleitoso. (43)

São essas as grandes e maravilhosas concepções que nos vieram do norte, há mais de um século, da parte de um engenheiro de minas (44), Tão brilhantes concepções, se encontrassem o mundo limpo de coisas vis, teriam, com a sua concisão, lucidez e maneiras práticas, operado não pequena revolução nos credos cristãos. Qual foi, porém, o seu destino?

Não obstante ser Swedenborg um homem distinto, latamente conhecido, favorecido pelo governo do seu país, comensal da mesa real e olhado com respeito por eclesiásticos, nobres e homens de ciência, se compararmos, nos seus começos, o Quakerismo com o Swedenborgianismo, aquele, apesar da restrição de sua esfera de influência, pode ser considerado um brilhante sucesso. Durante sua vida, Swedenborg parece não ter feito mais de uma centena de prosélitos, e seus volumosos in-fólios apenas obtiveram ligeiras citações, num ou noutro lugar, em histórias simbólicas (45). Mesmo hoje, depois da terceira ou quarta geração, os adeptos do vidente sueco, confessos ou não, não atingem ao número dos de George Fox.

Durante um século a igreja da Nova Jerusalém apenas exerceu uma influência perceptível sobre as opiniões religiosas dos quatrocentos milhões de habitantes da cristandade. Foi principalmente durante os últimos vinte anos, e, em grande parte, entre os modernos espiritualistas, que as verdades fundamentais ensinadas por Swedenborg conseguiram conquistar a atenção e o respeito do mundo civilizado.

O rebutalho humano era o elemento retardador. Swedenborg cedeu ao velho erro, ao pior dos desgostos, à ilusão há tanto tempo venerada, da infalibilidade humana. Ele acreditava-se um embaixador espiritual perante os homens, o especialmente escolhido da raça humana para essa santa missão, o primeiro e único intérprete da palavra de Deus, a quem os próprios anjos não ousavam dar explicações sobre a Bíblia, por ser ele instruído e iluminado diretamente pelo próprio Deus. (46)

A Bíblia ou a Palavra, como ele habitualmente lhe chamava, era encarada como uma espécie de doutrina espiritual, cujo sentido original estava oculto à compreensão da humanidade, porém, que, conservada entre os anjos, encerrava sob a capa do texto uma série de mistérios celestiais que não podiam ser interpretados por todos os leitores da Escritura, e cuja chave, desde que as suas primeiras palavras foram escritas, nenhuma criatura havia possuído até o dia em que o Criador confiou-a ao filósofo sueco (47). Ninguém, estudando-o sem prevenção, duvidará da sinceridade de

Swedenborg. É fora de dúvida que ele acredita que os seus Arcanos Celestes tinham sido escritos sob o ditado infalível do próprio Deus. O erro capital, o maior de todos os enganos religiosos do passado, produziu aí, como o fez sempre, por toda parte, seus naturais resultados. Coisa extraordinária! Isso não alterou o caráter do homem, pois que ele não se tornou arrogante e conservou sua modesta simplicidade até o fim; toda a fatal influência desse erro se exerceu sobre o sistema, tirando-lhe a evidência e inutilizando-lhe o valor.

Há ainda uma outra superstição a que Swedenborg não pôde fugir; acreditava, certo que não tão firmemente como Calvino, na malícia originária da humanidade (48). Daí, suas dúvidas de poder alguma outra criatura merecer o auxílio espiritual que sentia lhe fora concedido durante um quarto de século; e daí, também, a sua crença de ser incurável o mal dos condenados ao inferno e eterno o seu castigo.

Alguns dos dogmas que imaginava recebidos diretamente de Deus, eram de um caráter próprio a demorar a aceitação das verdades que ensinava. Rejeitando a idéia da Trindade ou da existência de um Filho de Deus, admitia que o próprio Jeová tinha vindo humanizar-se na terra para remir a humanidade, calcar o inferno e reorganizar o céu, por não poder de outra maneira salvar suas criaturas da condenação (49). A ortodoxia e o racionalismo repeliram igualmente essa concepção herética e ilógica.

O pior resultado, porém, do grande erro de Swedenborg, era a falta de caridade que acompanha sempre a insidiosa ilusão da infalibilidade. Apesar do seu caráter humilde e justiceiro, apesar de seu dogma da salvação humana não provir da fé, ele ocasionalmente se mostrava de uma intolerância cruel. Falando daqueles a quem o mundo chama Socinianos e de alguns Arianos, diz: "A sorte de uns e outros é irem para o inferno, para o meio dos que negam Deus. Eles se aproximam dos que blasfemam do Espírito Santo e não serão perdoados neste mundo nem no outro." (50)

Ainda pior que isso, é o modo cruel, agravado pela adoção de falsas primícias, com que se dirige àqueles que era do seu dever

acolher e saudar como irmãos espirituais. Ele próprio nos ensina, como divinamente inspirado, que a religião dos quakers é tão execrável e abominável, que, se os cristãos conhecessem o seu verdadeiro caráter, expeliriam os quakers da sociedade e só lhes permitiriam viver entre os brutos. E isso é dito por um homem que se diz o secretário de Deus, o receptor e transmissor da verdade sem mescla!

Não se pode ler sem profunda dor esses escritos de um homem que se mostra tão ajuizado em certas coisas, ao passo que noutras se afasta tanto da caridade e do senso comum. Contudo, talvez que assim fosse melhor. O estado da sociedade em meados do último século talvez fosse tal, que não permitisse aos homens buscarem com segurança, nas suas comunicações com o mundo espiritual, as provas da existência deste, e as informações sobre o seu caráter e meios de ação.

Vivendo na oitava década do século dezenove, já nos será permitido fazer estudo? Já podemos receber muitas das coisas prometidas, que os apóstolos não estavam aptos a receber, condições em que também se achavam os nossos antepassados de há um ou dois séculos. Se a comunhão espiritual é hoje aceita em quase todo o mundo, seu advento nos diz que, dentro de certos limites, a terra está preparada para recebê-la.

Esse advento vem também dar muita força à evidência de sua oportunidade. Devemos considerar que o mundo estava sedento das provas que o Espiritismo lhe veio dar. A nova fé não se estendeu somente por todo o nosso país, mas, por todos os pontos do mundo civilizado.

Hoje, meio século depois de sua aparição, o número dos crentes confessos ou privados, excede ao cêntuplo do atingido pelos quakers e swedenborgianos reunidos, seus predecessores espiritualistas. O número dos que com mais ou menos reserva aceitam os fenômenos, podemos afirmá-lo com segurança, já excede nos Estados Unidos a sete e meio milhões, e a muito mais no resto da cristandade.

Podemos elevar ao dobro o último número e chegar a trinta milhões, se incluirmos todos aqueles que no mundo cristão tiveram

principalmente como origem do seu ceticismo a descrença no que chamam o sobrenatural, porém, admitindo o governo da lei espiritual, estão sendo mais ou menos abalados e modificados pelo novo ensino.

O aumento constante do número dos espíritas não se limita ao nosso país. Em Londres, há dez anos, só havia um periódico espiritualista; hoje já se contam cinco, advogando diferentes formas dessa doutrina.

Não pode haver materialistas e descrentes na imortalidade entre os que admitem os fenômenos do Espiritismo. Há, porém, ainda, os intitulados espíritas cristãos e outros, que a si mesmos se chamam radicais e consideram o Cristo como um filósofo, sem nada ter, como pregador, que o coloque acima de Sócrates, Sêneca e muitos outros.

Estou convencido de que este cisma é temporário. O Espiritismo é o complemento do Cristianismo, e os fenômenos espíritas são a sua demonstração. Todos os pensadores crentes nas manifestações do Espiritismo se tornarão cristãos, logo que façam a distinção entre a simples grandeza dos ensinamentos do Cristo, contidos nos evangelhos sinóticos, e aversão agostiniana da teologia de S. Paulo, adotada de um modo pela igreja romana, e de outro por Lutero e Calvino; sistema este associado à infalibilidade e conhecido como ortodoxo pelos protestantes e romanistas.

As manifestações espirituais se estenderão, provavelmente, até onde o mundo as possa compreender, até os limites de maior sabedoria, e essa crença, como julgamos, se propagará de modo o mais desejável, não como uma seita, pois, supomos que nunca virá a sê-lo, nem como uma igreja distinta, com seus credos prescritos, ministros ordenados e professores regulares; mas, calmamente, pela ação da comunicação diária, no íntimo dos círculos domésticos. Ela vai predominando em um que outro de seus modos de manifestação, na melhor literatura de hoje. Invade as igrejas hoje estabelecidas, não como adversário, mas como aliado. Sua tendência é modificar os credos e suavizar as asperezas dos protestantes e romanistas, dos presbiterianos episcopalistas e metodistas, dos unitários e

universalistas. Sua tendência é inspirar, avigorando e espiritualizando, o sentimento religioso do século, aumentando sua vitalidade e fortalecendo suas convicções.

O que digo baseia-se na esperança que tenho de que o Espiritismo produzirá tudo isso à medida que for conhecendo o terreno em que pisa, e não na certeza de que nós, na época atual, já sejamos os receptores dignos de suas revelações.

Há entre nós milhares de homens e mulheres a quem falta o discernimento necessário para trabalhar nas investigações espirituais, assim como há milhões que não possuem a necessária cultura para exercer judiciosamente o direito de voto. Em um e outro caso, porém, há um remédio; esses milhões podem ser educados.

As manifestações espirituais são mais inevitáveis que o sufrágio universal. A maioria pode, quando julgar conveniente, cercar as franquias eleitorais; não há, porém, maioria alguma, por mais imponente que seja, que possa impor-se ou excluir os mais importantes dos fenômenos espirituais.

Se os sonhos, algumas vezes, nos dão avisos e profecias; se os objetos materiais se movem ocasionalmente sob nossas vistas, pela ação de forças que não são deste mundo; se há casas que podem realmente serem chamadas mal-assombradas; se os Espíritos dos chamados mortos podem, de vez em quando revelar, influenciando, produzindo sons inteligentes, ou apresentando-se, como fez o Cristo para dar aos seus discípulos a certeza da imortalidade; que poder temos nós, fracos mortais, para impedir a ação dos Espíritos desencarnados? Porventura discutiremos para saber se devemos aceitar o fenômeno do arco-íris, ou a aparição das auroras-boreais?

Se a crença nos fenômenos chamados espirituais é uma ilusão dos sentidos, ela se anulará por si mesma; se é de Deus, ninguém poderá impedir o seu advento. Podemos recebê-la sem respeito, interpretá-la ignorantemente, tratá-la com desconfiança e levianamente, ou estudar seus fenômenos com um desejo paciente de investigar de modo conveniente aos seus sagrados direitos; - eis tudo. É de incalculável conveniência que essa doutrina nos encontre com as lâmpadas acesas; se a buscarmos nas trevas, se a recebermos

insensíveis ao seu alto caráter, ela será para nós um veneno em vez de uma graça celeste.

É certo que os espíritas de hoje precisam de sábios conselhos e muita prudência, pois muitos deles se desviam ou se iludem acerca do objeto de suas investigações e do modo de produzi-las. As suas fileiras têm sido invadidas por milhares de indivíduos frívolos ou dominados por opiniões falsas e fantásticas; mas, isso também se deu sempre em todas as grandes revoluções do pensamento, políticas ou religiosas; deu-se com os reformadores alemães do século décimo-sexto e com os revolucionários franceses do século décimo-oitavo. As revoltas ondas da liberdade, como alguém já o disse, atiram seu manto de espuma além dos limites naturais. Mas, o tempo é bom conselheiro.

Não é razoável esperar que os melhores frutos do Espiritismo, que devem ser colhidos em sua maturidade, venham desde já nos primeiros dias de sua cultura; nem se poderá afirmar que tal suceda. Se, devido à longa experiência em investigações, estivéssemos habilitados a vos expor todas as condições necessárias para se obter os mais seguros e proveitosos resultados das manifestações espíritas, precisaríamos escrever um volume para encerrar, com detalhes, todas essas condições, reconhecidas como indispensáveis. Mas, apesar de ter votado completamente a esse estudo as horas vagas da minha vida ativa de quinze anos, longe estou de possuir essa competência, e não creio que alguém a possua na época atual. Como todas as coisas de importância, esses conhecimentos só serão adquiridos a poder do trabalho de muitos e das graduadas revelações dos tempos.

Tenho recebido algumas sugestões e avisos que me parecem importantes, tais como a de dever o espírita acautelá-lo contra a tentação de imaginar que obtém relações diretas de Deus ou de alguma pessoa da Divindade, de qualquer fonte infalível. Ficarei satisfeito, se obtiver seguras provas da imortalidade; pérola de alto preço, para cuja posse não há esforços que sejam demasiado árduos, nem inquietações demasiado grandes. Quanto ao mais, devemos confiar aos preceitos gerais e avisos indicados e aprovados pela

razão e pela consciência. Quem estuda com atenção a Natureza, convence-se logo de que os ensinamentos infalíveis, relativamente aos detalhes da conduta humana e aos assuntos terrenos, não fazem parte do código do universo.

O espírita não deve andar à cata de bens mundanos nem do proveito material que possa adquirir com as revelações espirituais. Essa tentativa atrai Espíritos de ordem inferior e o médium que se presta a esses trabalhos corre grave perigo, deixando o evocador no caminho seguro da ilusão e do malogro. Um médium de merecida confiança recusará sempre entrar em terreno tão perigoso e enganador. Se algumas vezes, quando todo esforço humano houver falhado, o auxílio ou aviso espiritual vier voluntariamente, deverá, mesmo assim, ser recebido com toda cautela. O lugar dos mercadores não é no templo espiritual. A obrigação do homem é adquirir seu alimento pela indústria e não pela adivinhação.

Ainda outro aviso é de grande necessidade. Os mais experimentados espiritualistas acreditam que ninguém, por mais puros que sejam os motivos, deve abandonar-se às influências do outro mundo, exclusivamente e por um grande número de anos; porque, qual o demonstra o exemplo de Swedenborg, corre o risco de sérios danos e o perigo de ser mais ou menos freqüentemente mistificado. O secularismo labora num lamentável erro quando ensina que o sábio não deve incomodar-se nem preparar-se para o futuro; ao passo que expõe uma verdade quando ensina que a vida terrena e seus deveres são uma indispensável preparação para a fase seguinte do nosso ser. Cada mundo, como cada idade do homem, tem sua esfera própria, com seus correspondentes deveres, que têm de ser cumpridos em cada uma delas, mas, que não podem ser trocados. Se, na infância, sonhando constantemente com a virilidade e seus privilégios, desprezarmos a cultura e as ocupações da meninice, viremos a sofrer na idade adulta; e não há dúvida de que nenhum desenvolvimento no outro mundo poderá ser fruto do abandono das oportunidades de nos melhorarmos neste. Se enquanto aqui estamos não nos aproveitarmos dessas oportunidades, podemos asseverar que morreremos afinal, como os eremitas, depois de uma

vida infecunda no deserto, inteiramente inúteis para as gerações que nos sucederem. O devotamento exclusivo à meditação ou às influências espirituais vindas do outro mundo, dão origem a uma literatura vaga e triste, na qual cabe ao bom senso mui pequena parte. É certo que as acusações contra a prática sincera do Espiritismo vêm da parte daqueles que se conservavam arredados, que nunca levantaram um dedo para operar a separação entre o útil e o inútil, nem fizeram coisa alguma, fosse o que fosse, para purificar ou melhorar o que condenam.

Está esgotado o espaço que havia destinado a este ramo do meu assunto. Espero ter dito o bastante para demonstrar a importância desse movimento, assinalar o verdadeiro caráter do Espiritismo e fixar o seu lugar entre as crenças religiosas da atualidade. Apesar de não ser ele uma seita, o certo é que nenhuma religião, somente por sua influência pacífica conseguiu, em tempo algum, propagar-se com a mesma rapidez ou tocar, em tão breve lapso da existência, os corações de uma fração tão considerável da humanidade. Ele começa a firmar sua posição, e, apesar de suas verdades serem ainda discutíveis, elas não são desprezadas, a não ser pelos ignorantes e pelos fanáticos sem esperança. A idéia vai diariamente ganhando terreno, e os investigadores conscienciosos encontrarão boa recompensa no estudo dessas influências ocultas. O essencial é que o assunto integral seja estudado como um dos vitais elementos da esclarecida fé cristã.

CAPÍTULO III

A inspiração

Quando a palavra, o pensamento e os sentidos não vibram em nós, soa o solene momento de ouvirmos de Deus a voz. -
(LONGFELLOW)

Nem na história, nem na tradição, se encontra a menor insinuação de que as religiões foram criadas pelo raciocínio; ao contrário, toda a história e tradição afirmam que elas vieram ao mundo pela revelação. O estado da religião nas primitivas eras de que temos conhecimento, faz supor e insinua que foi essa a sua origem no seio da humanidade. - (BUTLER) (51)

A inspiração, como os prodígios e milagres dos Evangelhos e os dons espirituais exaltados por S. Paulo, têm sido usualmente estudados com pouco critério. Seus apologistas lhes têm feito mais mal que os adversários. O espírito racionalista da nossa época mostra-se disposto a rejeitá-lo, apresentando como principal motivo a extravagância e o caráter exclusivo das pretensões interessadas dos teólogos a tal respeito.

A ortodoxia protestante proclama que isso foi um dom excepcional e miraculoso, concedido ao homem, apenas durante o primeiro século e unicamente ao Autor da religião e a mais oito, isto é, aos quatro Evangelistas e a S. Paulo, S. Tiago, S. Pedro e S. Judas; ao passo que a ortodoxia católico-romana afirma que esse dom miraculoso de Deus tem sido concedido durante esses dezoito séculos, mas, nos dezessete últimos, só a uma jurisdição eclesiástica: - A Santa Igreja Católica.

Ambas as ortodoxias, apesar de diferirem em muitos pontos, são concordes em afirmar que a inspiração é dom direto de Deus, a fonte da pura e infalível verdade.

Embaraçada por essas pretensões tão antifilosóficas, não devemos nos admirar de ver a inspiração rejeitada como mentira, por muitos dos espíritos mais eminentes e pensadores da nossa época. Quando a ciência reconhecer plenamente a existência como pane do plano cósmico, dos fenômenos ultramundanos, como admite a dos mundanos, o crescente ceticismo se dissipará.

Antes disso, porem, cumpre-nos abandonar a definição ortodoxa da inspiração, adotando uma outra que mais se conforme com o espírito esclarecido do tempo; alguma coisa, talvez, neste sentido.

Ela é um fenômeno mental ou psíquico, restritamente obedecendo à lei; ocasional, mas não excepcional ou exclusiva, apresentando, às vezes, um caráter espiritual e ultramundano, é certo, mas nunca miraculoso; fornecendo freqüentemente ao homem valiosos conhecimentos, mas nunca ensinamentos infalíveis; sendo um dos dons mais preciosos por Deus concedido às suas criaturas; mas, em caso algum, podendo ser considerado como mensagem direta de Deus, mensagem que deva ser aceita sem discussão, pela razão e pela consciência, como a verdade divina expurgada dos erros humanos.

A isso podemos acrescentar, conformando-nos com as vistas do Bispo Butler, que a inspiração não é a fonte de uma só religião, mas, de um modo mais ou menos puro, de todas as religiões antigas ou modernas, que têm dominado as grandes frações da humanidade.

A proporção do bem e da verdade que se nota em cada sistema de fé religiosa é relativa ao grau de pureza da fonte donde cada uma emanou e, mesmo, aparece, em certos limites, como a ciência moderna reconhece nos credos mais toscos. Por isso diz Lowell:

**"Das crenças todas nas leis
Que hão regido a humanidade,
Sempre germes achareis
De justiça e de bondade."**

Entre os que adotam esta clara definição da inspiração, considerando-a como uma potência universal, há duas opiniões diferentes quanto à sua origem: certos nacionalistas (incluindo muitos dos cultores do magnetismo vital, descobrem-na em uma condição especial da alma; ao passo que outros lhe buscam a fonte em alguma inteligência oculta, estranha ao indivíduo e obrando sobre ele.

Estou convencido de que ambas as teorias contêm verdades. A inspiração é um fenômeno às vezes puramente psíquico, da classe da clarividência e pertencendo ao ramo da Ciência Mental (52), e, outras vezes, produzido por influências do outro mundo e pertencendo ao domínio do Espiritismo.

Entre os antigos filósofos, alguns houve que, mais ou menos distintamente notaram a sua existência, uns de uma certa forma, outros de outra. O espaço, porém, só me permite apresentar alguns espécimes. O mais importante exemplo nos vem de um homem justamente considerado como pai da Filosofia Moral.

Relativamente à inspiração, Sócrates, não menos que Platão, adotava a teoria espírita.

Entre os célebres Diálogos de Platão, há um em que os interlocutores são Sócrates e Ion, declamador e poeta ateniense, que tinha por hábito introduzir em seus discursos belas e abundantes citações de Homero. Aludindo ao grande sucesso que tais citações tinham obtido, e dado o fato de ter ele baqueado em seus esforços quando fazia citações de outros poetas, Ion pediu a Sócrates uma explicação. E Sócrates lhe respondeu: "Digo-vos, oh! Ion, qual me parece ser a causa dessa desigualdade de poderes. É que vós não empregais artifício algum para fazer tais citações, mas o efeito obtido provém de uma influência divina que vos move, semelhante àquela que reside na pedra que Eurípides chama magnética.

Depois, para mais esclarecer, acrescenta: "Os autores desses grandes poemas que admiramos, não alcançaram a preeminência pela arte com que eram arranjadas as belas melodias dos seus versos, mas porque os recitavam num estado de inspiração, sob o domínio de um espírito que não era o deles."

"Dizei-me, pergunta a Ion, sem dissimulação: Quando declamais bem e arrebatais o vosso auditório admirado, celebrando a volta de Ulisses ao seu palácio, fazendo conhecer aos pretendentes a mão de sua mulher e lançando flechas a seus pés; ou explicando o ataque de Aquiles contra Heitor, expondo as passagens relativas a Andrômaca, a Hécuba e a Príamo, vos sentis na posse de vós mesmo? Não pareceis estar arrebatado e cheio de entusiasmo pela lembrança que esses fatos despertam, fazendo-vos imaginar que estais em Itaca, em Tróia, ou onde quer que vos leve o poema que recitais?"

Ion lhe respondeu: "Falaste sabiamente, Sócrates." Então o sábio lhe dá a seguinte explicação: "Vós, oh! Ion, sois influenciado pelo Espírito de Homero. Se recitais as obras de algum outro poeta, o

fareis sem fogo e vossas palavras se perdem; mas, quando ouvis alguma das composições daquele, vossos pensamentos são excitados e vos tornais eloqüente... Isso explica vossa pergunta sobre o fato de Homero e nenhum outro poeta vos inspirar com eloqüência, e quer dizer que se não tendes primazia pela ciência tende-la pela divina inspiração.

A expressão atribuída a Sócrates por Platão: "Sois influenciado por Homero" - é mui notável e implica a doutrina cardeal do Espiritismo.

Para adotar essa explicação, o filósofo tem a melhor de todas as razões: a sua própria experiência. Falemos do:

GÊNIO OU DEMÔNIO DE SÓCRATES

Sobre as particularidades relativas ao conhecido Espírito Protetor ou Demônio (Diamonion) de Sócrates, recorreremos à mesma eminente autoridade, por cujo intermédio a maioria das opiniões emitidas verbalmente e não por escrito, do filósofo mártir, vieram ter a nós.

Apesar de se encontrar alusão noutros pontos dos escritos de Platão, a notícia mais direta e segura dessa voz espiritual e de seus conselhos se encontra na Apologia escrita logo após a morte de Sócrates. Nessa obra, a única recordação rigorosamente autêntica que possuímos da defesa daquele filósofo diante de seus juízes, - Platão, que se achava presente a essa prova, deve merecer toda confiança quando reproduz fielmente as palavras e argumentos do seu amado mestre naquela memorável ocasião.

Entre as acusações feitas a Sócrates, achava-se compreendida a sua pretensão de comunicar com um Espírito familiar. Referindo-se a isso e aludindo ao fato de haver ele ensinado que as orações deviam ser feitas no íntimo e não nas assembléias populares, Sócrates diz aos seus juízes: "Freqüentemente, e em muitos lugares, tendes ouvido dizer que sou guiado por uma certa influência divina e

espiritual; e é a isso que Mélitus, por zombaria, se refere em sua denúncia. Essa influência começou na minha infância, qual espécie de voz que, quando a ouço, me distrai do que estou fazendo, mas nunca me irrita. Foi ela que se opôs a que me envolvesse na política."

Outra alusão ao mesmo objeto, ainda mais solene, feita na imediata previsão de morrer, visto que a maioria dos juízes já o tinham condenado, é a seguinte:

"Comigo, oh! juízes, dá-se uma coisa estranha. A voz profética do meu divino protetor costuma, em todas as ocasiões, mesmo tratando-se de coisas banais, opor-se a que eu cometa uma injustiça. Agora, porém, que me sucedeu o que estais vendo, uma coisa que vós supondes o maior dos males, nada me avisou de que Deus se opunha a que eu saísse de casa esta manhã, nem que me dirigisse a vós; contudo, fui freqüentemente refreado no meio do meu discurso. Qual supondes ser a causa disso?... O que me sucedeu não é efeito do acaso e é claro que, morrer agora e ficar livre de meus cuidados, é para mim muito melhor. Neste caso, o aviso de modo algum podia desviar-me do meu fim." (53)

A sinceridade do filósofo quando tal disse, não pode racionalmente ser posta em dúvida. É preciso ser um cético teimoso e insensato para acreditar que um homem como Sócrates, já prestes a morrer por não querer resgatar a vida pela desistência de um ensino que sentia bom e justo, se afastasse nesse momento da rigorosa verdade. Poderemos rejeitar esse testemunho?

O mais sincero dos modernos historiadores da filosofia admite o que disse Sócrates como prova concludente (54). Lewis, que ninguém por certo acusará de superstição ou credulidade, em sua História da Filosofia aludindo à crença de Sócrates em ser, de tempos a tempos aconselhado por uma voz divina, diz: "Isto é uma explícita afirmação e, com certeza, num país cristão onde abundam exemplos de pessoas que acreditam nas sugestões espirituais, não haverá dificuldade de crer em tal afirmação." (55)

Não podemos saber até que ponto Sócrates devia ao seu Espírito Protetor as idéias sobre a imortalidade e a vida futura, nem mesmo é

provável que ele o pudesse determinar. Sócrates parece ter considerado essa influência antes como conselheira que mentora. Contudo, parece-nos estranho que, há vinte e três séculos, ele tivesse, sem auxílio, chegado ao conhecimento de verdades que com tanta dificuldade hoje vamos reconhecendo. Adicionemos o seguinte exemplo:

"Quando é que a alma chega a obter a verdade? Quando busca investigar alguma coisa ao longe, estando presa ao corpo, é claro que este a desencaminha... A alma raciocina com mais eficácia sem o embaraço dos sentidos corporais, quando não ouve, não vê nem sente qualquer dor ou prazer. Sem esse embaraço, ela concentra-se o mais possível e aspira o conhecimento, do real, buscando separar-se do corpo e abstendo-se, tanto quanto possível, de toda união e participação com ele." (56)

Aí vemos o germe da idéia da inspiração. Cícero, mais tarde, estendeu-se no assunto. A seguinte notável passagem, literalmente traduzida, é das suas Questões Tusculanas:

"Que fazemos nós quando subtraímos nossa alma à ação dos gozos corporais, das relações comuns que os produzem, dos deveres públicos ou de qualquer outra preocupação - que mais fazemos, digo eu, senão concentrar nossa alma em si mesma e afastá-la o mais possível da ação do corpo? Mas, separar a alma do corpo será coisa diversa da morte? Por isso, acreditai-me, quando tomamos a peito subtrair-nos à ação de nosso corpo, vamo-nos acostumando a morrer. Enquanto estamos na terra, nada mais fazemos que nos preparar para a vida celestial; e quando, afinal, nos desprendermos dos laços terrenos, o libertamento da alma será mais fácil." (57)

Esse acostumar-se a morrer tem alguma coisa de fantástico; mas essa expressão é, de algum modo, justificada pelos fenômenos do Magnetismo Animal. Quando o sonambulismo artificial se afunda até o ponto que os franceses chamam o êxtase, que não é mais que o transe profundo, os laços que prendem a alma ao corpo são gradualmente afrouxados e no paciente se manifesta, às vezes, um forte desejo de escapar-se da terra para um mundo mais belo. Se, pela inexperiência ou descuido do operador, o sono sonambúlico

prolongar-se muito, a morte provavelmente virá. Eu soube, em Paris, que muitos casos destes se têm dado, mas os nomes dos agentes e percipientes, como é natural, são conservados em segredo.

O exemplo de um sonâmbulo que esteve prestes a escapar-se, foi relatado por um magnetizador francês, autor de uma obra curiosa sobre Os segredos da vida futura. Tinha ele à sua disposição dois sonâmbulos lúcidos: um jovem chamado Bruno, e uma mulher, Adélia, de humilde condição, mas não médium de profissão. Não recebia paga pelo exercício da faculdade que manifestara desde a infância.

Uma vez, ele magnetizou simultaneamente os dois, desejando comparar impressões e satisfazer dúvidas acerca do perigo inerente ao estado do êxtase prolongado. Colocou Bruno em relação magnética com Adélia, ordenando-lhe que observasse o que era feito dela. Entregue a esse trabalho por algum tempo, Bruno de repente exclamou: "Perdi-a de vista; despertai-a; é tempo." Assustado, o magnetizador fixou a atenção sobre Adélia, a quem tinha abandonado a si mesma por espaço de um quarto de hora.

Eis o que ele próprio diz: "Neste pequeno lapso de tempo, seu corpo tinha adquirido quase a frieza do gelo; a pulsação e a respiração eram insensíveis; a face ficou lívida, os lábios azulados, o coração não dava sinal de vida. Um espelho que aproximei de seus lábios conservou-se limpo. Magnetizei-a com maior força, esperando reanimá-la, mas nada consegui durante cinco minutos. Bruno e várias pessoas que assistiam à sessão, concorriam, pelo terror que os dominava, para o meu desnorteamento. Por um momento julguei tudo acabado e que a alma da sonâmbula havia realmente abandonado o corpo. Pedi que todos os presentes passassem à sala imediata, a fim de ver se assim recuperava a minha energia, mas a esperança própria me fugia e eu me sentia impotente. Concentrando-me, então, pedi a Deus não consentisse que aquela alma, vítima das minhas dúvidas, se passasse para o outro mundo. Depois de curto período de angústias, ouvi Adélia com voz muito fraca, dizer: "Por que me chamaste? Tudo estava acabado, quando Deus, tocado pela vossa prece, mandou-me voltar." (58)

O autor acrescenta: "Aconselho aos que sejam tentados a aventurar-se em tais experiências, que delas desistam, a fim de não testemunharem um tão triste espetáculo, cuja conseqüência pode não ser para eles tão feliz como foi para mim."

Em ocasião anterior, Adélia achando-se no estado de êxtase, acreditou estar vendo e conversando com sua mãe e dois irmãos. Então, entabulou-se a seguinte conversação entre ela e seu magnetizador: "Ah! Quanto me alegra estar com eles! Deixai-me ir; depressa estarei no céu." - "Sois corajosa. Que faremos do vosso corpo? - "Queimai-o ou fazei dele o que quiserdes." - "E que diremos aos oficiais de justiça?" - "Dizei-lhes que me fui embora."

Que durante o sono magnético se produza uma modificação das relações normais existentes entre alma e corpo, é um fato atestado pela insensibilidade do percipiente aos sons exteriores e às dores, mesmo as mais agudas, que sobrevenham. Não se pode ler uma boa obra sobre Magnetismo sem se adquirir fortes razões para crer que no transe magnético profundo há um certo afastamento da alma das suas relações terrenas, aproximando-se do estado existencial a que ela chegará quando aquilo a que S. Paulo chama corpo espiritual estiver totalmente desligado do terrenal.

Outro fenômeno também está agora provado, e é que durante esse afastamento parcial da alma, as suas faculdades naturais menos embaraçadas pelos laços terrestres, mostram-se com percepções mais claras e conhecimentos mais desenvolvidos. Isto sucede, quando, como Sócrates o disse, a alma se concentra em si mesma, ou, segundo Cícero, quando nos chamamos a nós mesmos; seja que se produza artificialmente, como nos passes magnéticos; seja que se dê nas condições normais do corpo, por natural idiosincrasia.

O mais modesto e cauteloso dos escritores sobre o Magnetismo Animal, o Doutor Bertrand, definiu perfeitamente esse estado, quando artificialmente produzido: "O sonâmbulo, diz ele, adquire novas percepções fornecidas pelos órgãos internos, e a sucessão dessas percepções constitui uma nova vida, diversa da que gozamos habitualmente; nessa nova vida apresentam-se fases de

conhecimento diferentes daquelas que nos dão as sensações ordinárias." (59)

Eu mesmo, em muitas ocasiões, verifiquei esse fenômeno, que podemos chamar de ciência íntima, produzido pela exaltação da inteligência nesse estado anormal. Outros, porém, podem falar com mais segurança do que eu, devido a terem maior experiência.

Um médico com quem entretenho íntimas relações, dos mais conhecidos e considerados de New York, e sua mulher, tendo, antes do advento do Espiritismo tomado profundo interesse pelos fenômenos magnéticos, em experiências feitas durante cerca de dois anos com uma costureira americana, mediocrementemente instruída e com um pouco mais que a capacidade mental da gente de sua classe, me disse que Marian desperta e Marian mergulhada no sono magnético eram duas pessoas inteiramente distintas; tanto quanto se pode imaginar por suas percepções, inteligência e discernimento. Um dia, conversando sobre magnetismo e seus efeitos, ele me disse que essa jovem tinha feito comentário sobre assuntos médicos e filosóficos, nos quais manifestara grande profundidade de vistas. Em muitas outras matérias também se mostrou bastante esclarecida.

Entretanto, relativamente à inspiração, refletindo sobre os fenômenos supracitados, vêm-me à mente que o mundo os tem reconhecido sob essa forma particular porém, que a analogia entre eles e as variadas fases de exaltação intelectual e psíquica, o êxtase religioso, o hipnotismo involuntário e o transe espontâneo é tão estreita, que, racionalmente não se pode negar a conexão existente. Muitos dos dons espirituais enumerados por Paulo se têm manifestado epidemicamente em pessoas de temperamento sensitivo, durante o sono magnético, como se deu com a intitulada possessão das freiras ursulinas de Loudun (60) (1632 a 1639), e com os pseudomilagres dos convulsionários (Trembleurs) das Cevenas (61) (1686 a 1707). A fúria mágica das pitonisas tinha, evidentemente, um cunho magnético. Numa no bosque de Arícia, Maomé na caverna de Hira, poderiam ter estado inconscientemente sob influência espiritual ou sonambúlica. A visão de Pedro, em que se lhe mostrou o céu aberto, descendo dele um vaso; o transe de

Paulo, que ele não pôde dizer, se estaria no corpo ou fora dele, apresentam com certeza, menor ou maior, semelhança com muitas centenas de casos de êxtases, que têm aparecido em Paris, em Londres e em outros pontos, durante o último século. Todas as manifestações desta ordem pertencem a uma grande classe de fenômenos.

A forma mais simples e mais usual da inspiração é a comumente chamada a do gênio, cujos resultados aparecem em eminentes trabalhos literários, em primores de arte, em algumas das nossas mais maravilhosas descobertas científicas e invenções mecânicas; e mais evidentemente ainda, na elevada ordem da composição musical. Tudo isso é, algumas vezes, adstrito a uma organização natural, devidamente cultivada (62); mas, ao lado da influência reconhecidamente poderosa de um cérebro forte e bem conformado, o melhor dos patrimônios, o gênio, pode dever seus triunfos aos Espíritos invisíveis, semelhantes à atração, salvo nos seus efeitos.

Os grandes poetas dos primeiros tempos tinham algum sentimento desse auxilia do alto, costumavam invocar a assistência dos poderes invisíveis; podemos afirmá-lo com razão, como disse Sócrates.

Quando um poema escrito por um mestre-escola grego, em passado que já vai bem longe, força ainda os nossos mais hábeis literatos a traduzirem-no, despertando ainda hoje a mesma admiração com que era ouvido há mais de três mil anos; quando alguns dramas, escritos por um homem comparativamente ignorante (63) têm, desde há três séculos, fornecido à língua saxônia uma quarta parte das suas palavras domésticas (64); poderemos banir a idéia do provável auxílio de uma esfera mais elevada de seres? O caráter maravilhoso desses resultados, desencaminhando o mundo, tem provocado a dúvida acerca da existência desses autores, como incapazes de apresentar tais obras. O professor Wolf, de Berlim, em uma obra apreciada, nega a Homero a autoria da *Ilíada* e da *Odisséia*, duvidando mesmo da sua existência e aventurando a idéia de serem esses imortais poemas a coleção das produções de diversos rimadores e rapsodistas. O mesmo sucede relativamente a

Shakespeare. Uma ilustrada e laboriosa escritora consumiu sua vida, e podemos dizer que a inutilizou, coligindo e publicando o que acreditava serem provas de que o discípulo da escola livre de Strasford não era o autor dos dramas que ainda hoje encantam o mundo. (65).

O mesmo ainda se nota a respeito de um dos mais célebres pintores: seus contemporâneos olhavam-no e seus biógrafos falavam dele, apesar de ter morrido apenas com trinta e sete anos de idade, com Uma espécie de reverência, como de uma pessoa divinamente inspirada. Vasári assim começa a biografia da sua vida: "A largueza e a liberdade com que o céu, às vezes, se compraz acumular com as infinitas riquezas de seus tesouros a um dos seus favoritos, são exemplificados na pessoa de Rafael Sanzio." Noutro ponto, diz que os indivíduos "como Rafael dificilmente podem ser chamados homem; devendo antes, se me permitem falar assim, dar-se-lhes o apelido de deuses mortais." Ainda em outro ponto, fala desse pintor como daqueles "que, por um dom especial da natureza, ou por um favor particular a eles concedido pelo Altíssimo, fazem milagres na arte". (66)

Nenhuma memória, que eu saiba, se possui da vida doméstica de Rafael; nenhuma coleção há de cartas suas. Isso nos pode revelar a sua própria consciência da inspiração que lhe assinala o temperamento artístico.

Temos uma evidência direta dessa espécie, em dois dos mais notáveis músicos do mundo.

Beethoven, falando da fonte donde lhe vinha o espírito de suas maravilhosas obras-primas, diz a Bettina: "Sinto que a corrente da melodia saindo do foco da inspiração, se derrama por todos os lados. Sigo-a, alcanço-a apaixonadamente; vejo-a escapar-se, esvair-se no meio da confusão de excitamentos variados; apanho-a de novo com renovada paixão; não posso separar-me dela. Depois, com um vivo arrebatamento, multiplico-a em todas as formas de modulações, e, no último momento, seguro o seu pensamento capital, a fim de compor uma sinfonia." (67)

Mais frisante é o seguinte trecho de uma carta de Mozart a um seu amigo: "Dizeis que desejaríeis conhecer o meu modo de compor e o método que sigo escrevendo obras de alguma extensão. Sobre isso, não vos posso dizer mais que o seguinte, porque eu mesmo nada mais compreendo, nem vos posso expor: Quando me torno completamente eu mesmo, quando estou inteiramente só e bem disposto, viajando em carruagem, passeando depois de uma boa refeição, ou de noite, quando não consigo conciliar o sono, é que sinto as idéias me assaltarem com mais força e abundância. Onde e como elas me vêm, não sei dizê-lo. Conservo na memória as idéias que me agradam e, como já tenho dito, estou acostumado ao seu sussurro. Se não me distraio, dá-se o fato de poder repetir um ou outro pedaço que desejo conservar, de modo a fazer com eles uma melodia, isto é, um todo conforme as regras do contraponto, às peculiaridades dos diversos instrumentos, e assim por diante. Tudo isso me excita a alma e se não me distrair, meu tema se alarga e vai metodizando-se, definindo-se e o todo, por mais vasto que seja, fica quase completo e acabado em minha alma, de modo a poder observá-lo, como se faz de relance com uma fina pintura ou uma bela estátua. Na minha imaginação não ouço as partes sucessivamente, porém, todas formam um conjunto. Não posso exprimir o deleite que isso me causa. Todas essas invenções e produções representam para mim o efeito de um sonho grato e animado. Mas o melhor é depois, a audição do todo completo. Não posso esquecer facilmente o que assim se produziu. Este é, talvez, o melhor dom que me concedeu o Divino Criador."

Essas idéias e sugestões vêm quase sempre descarnadas e imperfeitas: necessariamente, porque o mundo civilizado recentemente começou a estudar a inspiração como uma potência universal, em sua conexão com a faculdade do transe ou com a hipótese espiritualista, e, porque, neste sentido, as experiências desse ramo de investigações apenas começam a acumular-se, ainda não é comum a crença de que paira na esfera ultramundana um dos focos das mais subidas obras humanas, literárias, artísticas ou espirituais.

Ficamos sempre confusos com as analogias do caráter humano, com os seus extremos de bondade e maldade, e podemos dizer:

"Pobre ou rico, vassalo ou soberano, sempre é escuso e estupendo o ser humano.

Nós, porém, ainda não temos firmada uma explicação. Ainda não conhecemos praticamente como a escravidão da alma ao corpo tende a entorpecer suas percepções e a sufocar suas melhores aspirações; nem sabemos por que aquela aspira mais livremente e discerne com maior clareza, quando o rigor dessa servidão diminui. Praticamente, não podemos ainda dizer como pode o homem aprender a crescer em sabedoria e bondade por sua comunicação ocasional com um estado mais elevado do ser; nem quão grande é o prejuízo dos que fogem dessa comunhão. Praticamente, não cremos que o Cristo nos tivesse falado de um espírito de verdade que viria, depois dele, ensinar-nos toda a verdade.

Nossas investigações nessa matéria têm sido feitas de longe, entre névoas cerradas e não em terreno favorável, esclarecido pela luz do alto.

Julgo que a razão disso é que a luz maravilhosa que há dezoito séculos despontou para o mundo, ofuscou e cegou a humanidade, mesmo quando ela se acha mais inteligente e aperfeiçoada. Era um fenômeno espiritual, sem igual em toda a história e, para os nossos antepassados, sem solução aparente fora do miraculoso; sem exemplo e, talvez, sem relação com as obras maravilhosas praticadas pelo Cristo, visto que os judeus em sua história e, mesmo os gregos e os romanos em sua mitologia, encontravam precedentes a muitas delas, mas em relação à luz do Cristianismo que, no seu aspecto moral e espiritual e em seus efeitos, é sem igual na velha experiência do homem. Não aparecendo assim, no começo, a não ser para um pequeno número de adeptos, mas indo gradualmente se apossando da mente e da alma do mundo, essa luz brilhou como um sol surgindo pela primeira vez para a terra, cujos habitantes, até então, tinham vivido e trabalhado à luz de um astro.

Deverá esse símile ser rejeitado por parecer divergir de tudo o que observamos na marcha da natureza? Permitti vos diga, com

segurança, que essa divergência não existe: a ação da natureza é multiforme.

Entretanto, as obras de Deus ao redor de nós, dão-nos a evidência de que o princípio do progresso gradual domina a economia do universo, de que as leis naturais são invariáveis e persistentes, e de que mesmo dentro dessa ordem e governadas por essas leis, ocorrem em certas épocas, vastos adiantamentos no progresso humano, os quais, como as revoluções políticas que sobrevêm de tempos a tempos, modificando a ordem de coisas estabelecidas, produzem, às vezes, em alguns anos, melhoramentos que os tempos não tinham conseguido efetuar.

A história nada contém de mais interessante que a lembrança desses progressos gigantescos, cada um aparentemente sem precedente, cada um vindo interromper a monótona paz do mundo. Quantos incidentes na história cósmica estão à espera de um Colombo, dando ao mundo antigo uma metade do nosso globo para que ele a estude e nela possa viver? Os anais da literatura não nos apresentam uma vitória igual, em seus resultados práticos, ao triunfo de Fausto, caso se deva atribuir ao ourives de Mentz a arte da impressão, que habilitou o homem a estreitar suas relações com todos os de sua raça. Até nos inventos, o império das fadigas teve sua época titânica ocorrida há pouco mais de um século; época essa em que o vapor começou a substituir a força humana; em que a roca e o torno, humildes auxiliares do operário humano durante três mil anos, foram substituídos por um sistema rápido de manufatura, que tornou quinhentas vezes mais produtivo o trabalho da humanidade.

Na vida do indivíduo, por mais restrito que o progresso seja, encontramos fenômeno ainda mais notável, denunciando um adiantamento sem precedentes. Criança, jovem, adulto, patriarca, os limites de cada um desses estados sucessivos, são imperceptíveis; depois, porém, chega a grande época, o ponto do progresso em que sem sabermos como, nossas faculdades perceptíveis, intelectuais e espirituais, repentinamente se acham aumentadas; em que os meios de comunicação com os nossos semelhantes se libertam dos tropeços

do tempo e do espaço; em que novos Colombos nos guiam a um novo mundo.

O mesmo acontece com a sucessão da vida animal na terra, desde os tempos pré-históricos. A geologia nos informou que houve um período de incalculável duração no qual este mundo ocupado pelas raças inferiores, não foi habitado pelo homem. Um eminente naturalista moderno (68), explorando esse período e investigando o princípio do progresso vital descobriu uma grande lei geral governando o gradativo adiantamento das espécies, por meio da seleção natural e da preservação de cada espécie, animal ou vegetal, na luta pela existência. Ele, porém, não aduziu fatos que atestassem a transformação de uma espécie em outra, nem nos descobriu nenhum elo prendendo o bruto ao homem.

Contudo, permanece intacta a hipótese, certamente razoável, de que, de conformidade com a lei que regulou a vida pré-adâmica, está subentendida uma condição segundo a qual uma criatura com faculdades e sentimentos que a habilitam a conceber e desejar uma vida futura, podia, em certo ponto do progresso geral, aparecer repentinamente; uma criatura destinada a subjugar a terra e alcançar o céu. A vasta cadeia, se nos podemos exprimir assim, do cósmico desenvolvimento, apresenta em certo ponto uma falta, anterior e posteriormente à qual, a razão progressiva das séries não difere, quando, em virtude de passo superiormente grande, toma lugar no mundo uma raça, a única capaz de transmitir a experiência de uma outra geração, e que, depois de certo tempo, aprende a perpetuar essa experiência por duradouros sinais artificiais. Daí, como consequência desse passo, apareceu o progresso ético, intelectual e espiritual.

Agora, voltando dessa digressão ao assunto que nos ocupa, encontramos firme a mesma analogia. A história da Ética e da Religião, como as da Cosmogonia, da Literatura e da Ciência produtiva, teve à sua época, da qual data um motivo de progresso até então desconhecido. Nos primeiros progressos do Espiritismo, como nos sucessivos progressos das raças e na peregrinação da vida

humana, temos a notar que se deu um passo agigantado, indo da mais baixa à mais alta esfera de seres.

Sem precedentes, sem nenhum outro que se lhe assemelhe, o progresso que resultou deste, não pode ser comparado à marcha de qualquer outra revolução política ou religiosa.

O estabelecimento neste mundo de um reino que não é deste mundo, chamado, às vezes, o reino do céu, não se nos faz conhecer pela observação (69), nem se denuncia pela pompa mundana que lhe fazem, nem mesmo através de alguma abertura nas nuvens. O reino do céu vai-se fazendo lenta, pacífica e calmamente no coração do homem, à medida que a realeza do Cristo se exerce sobre as almas humanas.

Cumpra-nos estudar essas pretensões que aos cétricos parecem exageradas, não segundo as asserções dos teólogos, nem com as incertezas e obscuridades da história remota, mas em fatos conhecidos, bem delineados, familiares a todo homem instruído.

No que chamamos usualmente mundo civilizado, existem milhões de homens que, se lhes perguntarem qual a sua religião, dirão que não são católicos; existem outros milhões para afirmarem que não são protestantes; porém, se excetuarmos os cinco ou seis milhões de judeus, acharemos que cerca de um centésimo somente da humanidade dirá que não é cristã.

Se os ensinamentos espirituais ouvidos primeiro na Galiléia há dezoito séculos (limpos de todos os credos estranhos), não são a religião da civilização, nenhum outro o poderá ser. Aquilo que justamente chamamos a maioria esclarecida do mundo, adere a esses ensinamentos, apesar da amortecedora e retroativa influência dos credos estranhos que lhes ajuntaram.

É admirável que a cristandade, antes de começar a reconhecer o reinado universal da lei, admitindo a intervenção miraculosa, tivesse buscado explicar um tal fenômeno; é admirável, ainda, à vista da presunção para a qual se inclina a nossa raça míope, que a ortodoxia não conhecendo solução natural de um tal enigma, tenha-se refugiado em uma concepção na qual se manifestam pretensões que o homem tem escrúpulos de expor claramente; porque elas não só

envolvem a direta intervenção e suspensão de suas leis pelo Criador e Legislador Onipotente de miríades de sistemas solares e miríades de miríades de mundos, mas também pressupõem virtualmente a sua presença, com a forma humana, durante uma geração de homens neste nosso pequeno mundo, quando há tantos que para nós são mundos, mas para Ele são pequenos pontos na imensidade.

Entretanto, se essas pretensões transcendentais eram próprias do seu tempo e da sua geração, nada menos que elas, fornece hoje um motivo abundante e uma ocupação ao ceticismo. É esse um ponto inexpugnável; mas, a ortodoxia deixa-o de lado, internando-se pelas ilimitadas regiões do Dogmatismo. Ela busca os milagres nas obscuras perspectivas dos dezoito séculos passados, quando o milagre dos milagres, se o maravilhoso se chamar miraculoso, nos está patente e pode ser apreciado pelos nossos sentidos.

Presume a teoria do Ceticismo o seguinte: O filho de um operário judeu, residente em uma vila obscura da Galiléia criou-se na casa de seu pai com as mais limitadas oportunidades de cultivar o espírito, sem meios de estudar as literaturas da Grécia e de Roma, sem experiência do mundo para suprir a sua falta de instrução e ainda sem auxílio espiritual, torna-se, na idade de trinta anos, um Pregador público; continua a ensinar durante três anos, três somente; e depois, por causa da liberdade de suas opiniões, sofre a pena capital. Suas palavras e atos desses três anos, que ele não reduziu à escrita, foram registrados no período de meio século seguinte à sua morte, por seus companheiros humildes e relativamente ignorantes. Apesar disso, mais de cinquenta gerações de homens encontraram nesses registros, somente neles, uma religião que os homens cultos podem abraçar e as nações civilizadas venerar. Certamente, não é assim como os cétricos admitem; pois seria isso um milagre de todos os milagres, uma impossibilidade moral e intelectual.

A impossibilidade é inerente ao postulado do Ceticismo - sem auxílio espiritual. Se esse auxílio é essencial a todas as obras altas e nobres do homem, será concebível que ele faltasse ao mais alto e mais nobre de todos?

As dificuldades que acompanham essa idéia capital, na hipótese dos céticos, não findam aí. Se os discípulos não caluniaram o Mestre, suas narrativas encerram uma acusação direta de falsidade contra ele; pois, apesar de ter ele habitualmente dado a si mesmo o título de Filho do Homem, consente que o chamem e aclamem Messias, Cristo, tão falado pelos antigos profetas e tão esperado pelos judeus, como um Libertador. É necessário que os que não aceitam a minha interpretação consultem os léxicos hebreu e grego.

Jesus proclama-se o Ungido de seu Pai e nosso Pai, um Mensageiro divino, Profeta e Rei Espiritual. Devemos conceder-lhe esses títulos? A história nada apresenta de seguro que nos autorize a fazê-lo. Suas credenciais, porém, estão na sua própria Mensagem, na obra que produziu e na narração da vida do Mensageiro.

Todas as grandes figuras da Antigüidade empalidecem, mais ou menos, diante da luz da civilização moderna, com exceção, somente, da do Cristo. O mundo pensante tem, de certo modo, sobrevivido a todas as outras fases da crença religiosa, excetuando-se a cristã. Esta foi por seu Autor colocada tão adiante do grau de progresso da época em que seus preceitos foram ouvidos pela primeira vez, que a corrente de dezoito séculos passando sobre todos os outros sistemas, não pôde atingi-la. Os ensinamentos do Cristo, de caráter profético, são mais adiantados não só do que as mais puras práticas do mundo moderno, mas também do que as suas aspirações. Poderemos negar ao seu Autor o direito de ser chamado o Escolhido, o Ungido de Deus? Qual foi a resposta do Apóstolo mais crente do Cristo, quando o Mestre lhe perguntou: "E vós, quem dizeis que eu sou?" Pedro respondeu: "O Cristo de Deus." (70). Foi esse também o título que lhe deu o mesmo apóstolo na sua primeira prédica aos judeus, depois da crucificação do Mestre, na qual ele designa o Grande Pregador como "Jesus de Nazaré, varão por Deus aprovado com milagres, maravilhas e prodígios"; e ainda, com ligeiras variações de frases, quando, discursando diante de Cornélio e seus irmãos gentios, em Cesaréia, falou do Mestre como "Jesus de Nazaré, a quem Deus ungiu com o Espírito Santo e o poder de fazer o bem".

Sua própria natureza, seu caráter e obras narradas nas biografias evangélicas, são quase tão maravilhosas, como o sistema que ele legou ao mundo. Elas não são o que se devia esperar daquele país, daquele tempo e - a não ser como um sublime modelo oferecido a nós do que o Homem há de ser - daquela raça humana com a qual, em centenas de ocasiões ele expressamente se identifica. É difícil, sobre este ponto, dizer melhor do que o fez um padre anglicano, cuja morte prematura foi uma desgraça para a igreja de que era ornamento. "Uma vez, no curso das idades, isento das inumeráveis falhas, desde o começo inerentes à natureza humana, um botão desenvolveu-se no seio de uma flor sem mácula. Deus exibiu na terra um espécimes perfeito da humanidade... Como se o sangue vital de todas as nações estivesse em suas veias, como se o que há de melhor e mais perfeito em todos os homens, de mais terno, delicado e puro, em todas as mulheres, se concentrasse no seu caráter, ele se chamava a si mesmo o Filho do Homem." (71)

Não menos eloqüente neste assunto é o autor de uma obra bem conhecida, o *Ecce Homo* de Seeley: "A história da vida de Cristo será sempre uma lembrança, na qual a perfeição moral do homem se revela em sua origem e unidade, e manifesta-se a mola oculta que põe em movimento todo esse maquinismo... Todos os menores exemplos e vidas ocuparão sempre um lugar subordinado e servirão principalmente para refletir a luz do exemplo central e original. À vista de suas feridas, todas as penas humanas desaparecerão e todas as abnegações humanas virão encontrar um apoio na sua cruz."

Donde procede a essa preeminência? O germe do Divino repousa, realmente, silencioso em nossa natureza comum; mas, antes de ele frutificar, receberá o sopro divino de uma região mais pura que a nossa. Nenhum mortal ousará decidir, se neste supremo grau da inspiração devemos ver uma fase extraordinária do Sopro Divinal, produzindo uma obra monumental.

Contudo, creio que mal obraria se ocultasse o fato de haver eu recebido a respeito uma comunicação, uma somente e essa espontânea, que acredito vinda de uma fonte espiritual. É uma das poucas mensagens, que obtive, relativas a pontos controvertidos da

doutrina. O leitor poderá julgá-la. Eis a comunicação recebida a 26 de janeiro de 1862: "O aparecimento do Cristo foi o resultado de uma crença e não de uma concepção. Maria tinha herdado uma organização peculiar, física e espiritual, dos seus ancestrais da linhagem de David. Foi colocada em perfeito estado de transe, com suspensão da vida corporal. O princípio espiritual frutificante foi recebido durante esse transe. O corpo mortal do Cristo foi o resultado da fé perfeita de Maria, dominando o organismo, fé essa de tal transcendência, que é o centro e a circunferência de tudo o que se deseja. É uma verdade literal, e não somente uma figura, dizer-se que essa fé pode remover montanhas. Ela está para a fé comum da humanidade como o diamante cristalino para o carvão de pedra.

"O que sucedeu com Maria já vinha previsto com muitos séculos de antecedência. Foi uma fé específica, o florescimento de uma crença preservada pelas idades, de que uma virgem conceberia e pariria um filho. Nenhuma outra combinação poderia produzir um Cristo.

"Contudo, não houve nisso uma suspensão da lei. Seu nascimento foi natural. Com o concurso de idênticas circunstâncias, a admitir-se tal caso, um nascimento semelhante ainda pode dar-se.

Era necessário que o Cristo permanecesse acima do plano da humanidade, para poder atraí-la a si. Ele era isento dos apetites e paixões humanos, em grau tal que escapa a toda a humana concepção. No sentido humano e corporal, era um homem incompleto. Se não se desse nele essa ausência de apetites e paixões, a verdade não nos teria vindo por seu intermédio, como veio. Haveria obscurecimentos e prejuízos, sob cuja influência a sua integridade de Mensageiro não seria preservada, e ele teria sido simpaticamente recebido pelo seu tempo. "O Cristo sofreu as provas e tentações que os seus irmãos da humanidade costumam suportar, mais fortemente mesmo do que estes, por causa da força repulsiva que elas iam encontrar nele, e não porque houvesse nele alguma coisa que as atraísse. Essas tentações não o atraíam, mas penalizavam-no. Ele tinha sempre diante de seus olhos as leis eternas e através do presente via o futuro."

Nesta comunicação não se descobre suspensão ou violação da lei natural, e mesmo, creio eu, não há nenhuma impossibilidade que no-la faça rejeitar imediatamente. Segundo ela, o nascimento do Cristo efetuou-se em circunstâncias tão peculiares, que o libertaram dos apetites e paixões da natureza humana, em grau necessário à sua pura integridade, como um Pregador a quem nenhum outro jamais poderia ser comparado. No estado a que chegaram os nossos conhecimentos, sinto-me incapaz de afirmar ou negar uma tal teoria. Sem o dom da clarividência espiritual, vendo tudo através de um vidro embaciado, poderei precipitar uma decisão? Contento-me com a esperança de obter, talvez, em poucos anos, maior discernimento e luz mais viva.

O hábil autor do *Ecce Homo* toca justamente nas questões do nascimento do Cristo. Tratando do entusiasmo espiritual que caracterizava Jesus, pergunta: "Quem pode compreender como esse fogo se ateava nele?" A sua resposta é: "O insondável mistério de sua personalidade esconde esse segredo. Deus não queria engendrar um segundo filho semelhante.

O Senhor Gladstone, o grande político da Inglaterra, aludindo, em crítica, à obra onde elas aparecem, às palavras supracitadas, diz: "Elas parecem referir-se a coisas que não conhecemos e nem temos habilitação para estudar." Sou da sua opinião.

É estranho, sim, mas também é triste que os homens, em todos os tempos, tenham sido arrastados a encarar essas questões, a atacá-las e, apesar de conhecerem sua incapacidade, e mesmo de estarem convencidos disso, sejam compelidos a decidir no assunto!

Forçados, sim, pelos outros homens, mas não por Deus, pois não é maior a certeza que tenho da minha própria existência do que a de que a Onipotência e Bondade Divina não me punirá, nem a nenhuma outra de suas criaturas pelo fato de, a respeito desses arcanos, nos julgarmos e confessarmos incapazes de compreendê-los. O que somente posso dizer é que Jesus era divinamente favorecido e dotado de altíssimos dons. Que havia um limite, uma lei diretriz, seus biógrafos no-lo informam. No seu país natal, onde os homens perguntavam uns aos outros: "Não é este o carpinteiro, o filho de

Maria?" Ele não pôde fazer outras obras a não ser a cura de poucos enfermos, pela oposição das mãos; e espantou-se da sua incredulidade (72). Noutra ponto, em palavras repassadas de tristeza, ele mesmo nos diz que não devia ter feito tudo o que fizera por seus concidadãos: "Jerusalém, Jerusalém, que mataste os profetas e apedrejaste os que a ti foram enviados; quantas vezes procurei juntar teus filhos, como a galinha que sob as asas reúne os pintos, sem nada conseguir?" (72)

Como definiremos os limites dos seus conhecimentos? Lendo-se o Evangelho, sente-se o que sentiam os juizes judeus, quando diziam: "Nunca outro homem falou como este." Contudo, nos escritos que possuímos, encontramos palavras que, se as aceitarmos, demonstram claramente que, como os demais homens, o Cristo também era sujeito ao erro. Os exemplos aparecem para todos os que desapaixonadamente estudam os Evangelhos.

Cumpra que as almas tímidas, que julgam perigoso achar-se uma simples imperfeição de doutrina ou um descuido da narrativa, se convençam de que o sistema espiritual do Cristo, com a sua grande influência sobre a vida terrena do homem, não depende absolutamente de incidentes como estes, não essenciais. Seu espírito, substância e eficácia, nada sofrem com isso. Ele é útil, quando mais não seja, como regra para a conduta humana neste mundo, como guia muito necessário ao nosso preparo da vida futura.

Não é conveniente, a respeito deste assunto, depositar confiança em coisas acidentais, ou em qualquer autoridade, a não ser a da excelência intrínseca e do poder inerente aos grandes ensinamentos. Não é nas suas velhas fortalezas de pedra, por mais inexpugnáveis que pareçam, que deve uma nação, na hora do perigo, depositar confiança; mas, sim na fidelidade, no valor e no afeto que animam o coração de seus defensores. Assim, o Cristianismo, assaltado pelas legiões da Dúvida e do materialismo, não deve depositar sua confiança nas velhas evidências da tradição e da remota história; apesar de serem firmadas sobre estudos e entrincheiradas contra as laboriosas polêmicas das idades; se ele quer tornar-se a religião da

civilização, seu reino deve fundar-se nas convicções sinceras, na candura e no amor esclarecido das almas livres.

Permiti-me dizer aqui uma palavra com referência a mim mesmo. Ninguém, mais do que eu, venera religiosamente os ensinamentos e a pessoa do Cristo; ninguém, mais do que eu, sente profundamente o indispensável dever de estudar suas lições e fazer todo o possível para seguir o seu exemplo; apesar dos teólogos não terem conseguido lançar em meu cérebro todas as perplexidades que amontoaram no credo de Atanásio. Se alguns encontram nisso, apesar de suas sutilezas, um conforto nas suas aflições, um incentivo para reanimar sua fé, um motivo para excitar seu zelo adormecido, um estímulo aos seus deveres religiosos, deixai que aproveitem aí o que podem aceitar. O patriarca alexandrino não fala ao meu coração nem à minha inteligência; mas, se outros, podem receber a sua doutrina, não se deve impedi-lo.

Se, fora da declaração de ser ele o Messias prometido, o Profeta Ungido de Deus, por Ele comissionado para libertar o mundo das trevas espirituais, há algum fundamento razoável para crer que o Cristo se tenha dito ou considerado uma das Pessoas da Divindade, confesso-me incapaz de contestá-lo. Mui raramente, apenas uma meia dúzia de vezes, nos três Evangelhos sinóticos, Jesus dá a si mesmo o título de Filho de Deus; ao passo que chama quase sempre filhos de Deus a seus irmãos da terra; e, na única prece que nos deixou, manda chamar à Divindade Nosso Pai. Sendo mensageiro de Deus, como é que essa preeminência justifica o título que, de vez em quando, a si próprio dá? Se, como ensina, os pacíficos serão chamados Filhos de Deus, ele, que é o Príncipe da paz, o Portador do Evangelho que trouxe a paz aos homens de boa vontade neste mundo, com mais razão que todos os outros, deve ser chamado o Filho amado de Deus, o depositário de toda a sua complacência.

Jesus foi o tipo mais perfeito dos inspirados, pois que, quando habitou entre nós, vivia, mais que qualquer outra das criaturas de Deus, tendo somente em vista a sua futura pátria. Por isso, seus ensinamentos são os mais subidos frutos da inspiração.

Nos mais elevados fenômenos do Espiritismo, em outras palavras, nos melhores exemplos da moderna fase dos poderes e dons conexos com a inspiração, devemos ver o cumprimento da promessa feita pelo Cristo aos cristãos, de que eles fariam obras imitando as suas (73). Nas mais puras revelações do Espiritismo podemos achar o cumprimento de uma outra promessa sua, relativa à vinda do sopro divino, do alto trazendo aos homens a verdade e o conforto.

O Cristianismo primitivo, a maior de todas as reformas, evidencia-se melhor no Espiritismo moderno; porque, o germe deste está naquele. À medida que se for estudando as manifestações do Espiritismo, a atenção ir-se-á afastando do dogmatismo religioso e concentrando-se na forma primitiva dos ensinamentos do Cristo.

Que mais poderoso motivo poderemos aduzir em prova desses prodígios e maravilhas, que vêm rejeitar tudo o que é estranho e ímpio, só aceitando o que é fiel e bom?

CAPÍTULO IV

Dificuldades e preconceitos

Um assunto qualquer, não deve ser abandonado pelo fato de se mostrar cheio de dificuldades, nem em razão de chocar os prejuízos da época. - (BERZELIUS)

Algumas palavras me compete dizer, leitor sincero, antes de começar minha exemplificada narrativa.

Não busquemos esconder que essas investigações têm sido principalmente prosseguidas, desde o seu começo, de um modo imetódico ou vago, e sob a direção de voluntários não diplomados

pelas academias dos sábios. Isto, que em certo ponto de vista pode parecer lamentável, é, entretanto, o que elas têm de melhor. É o que têm de melhor, apesar de não podermos negar que entre os nomes salientes das classes científicas, há muitos homens que são, mais que todos outros e a muitos respeito, melhor preparados para dirigir o nosso adiantamento e obter, se o quiserem, resultados certos.

A disposição dos homens científicos distintos para estudar um assunto da ordem do que nos ocupa, faz que as suas opiniões sejam recebidas com assentimento considerável.

Cada uma das ciências físicas e vitais, revela grande classe de fenômenos, distinta e mesmo muito afastada uma da outra. Todas elas, realmente, são sujeitas a leis fixas e universais; e, sua realidade deve sempre ser julgada segundo os mesmos conhecidos pontos da evidência. As leis da ciência física, porém, aplicam-se à matéria insensível, onde não se trata de acalmar ou excitar o sistema nervoso, onde a consciência não fica satisfeita à vista de um ato bom, não sofre quando chocada por uma ação má, nem produz o remorso quando se faz ao seu guiado uma acusação injusta. As leis da Ciência vital, ao contrário, governam coisas animalizadas, de uma organização delicada, sensitiva e variável. Os materiais das experiências pertencem a duas classes inteiramente diferentes, e devem ser tratados conforme as leis que regem cada uma delas.

Faraday como eletricitista, Herschel como astrônomo, Liebig como químico, estudaram leis cujas ações em dado momento e sobre determinadas substâncias, podem ser rigorosamente verificadas ou preditas, leis que são o objeto de cálculos matemáticos. Os hábitos de rigorosa investigação adquiridos por tais homens, estão acima de todo conceito; contudo, se deixarem pairar na alma algum elemento de divergência ou variabilidade, que possa afetar sua vitalidade; se, nas investigações empreendidas nas regiões da vida orgânica, hastearem a mesma bandeira, puramente materialista, incondicional, que costumam desfraldar nos domínios do mundo físico, correm o risco de extraviar-se e não chegar a resultados satisfatórios. A veracidade do que avançamos é atestada por ilustres membros das academias de medicina. (74)

Qualquer que seja a qualificação dos mais hábeis chefes da ciência, eles habitualmente não se têm julgado com a vocação de tomar a vanguarda em ocasião como esta: abandonando a indisciplina dos experimentadores, esse campo que crêem impopular, e, se falam, é somente para dar-nos prejuízos; porque, se prejuízo, no rigoroso sentido etimológico da palavra, é todo o juízo formado antes de exame, devemos considerar como tais as suas opiniões, mesmo que sejam verdadeiras, uma vez que eles desprezam estudar as de seus adversários, mesmo que sejam falsas.

Dos que se dedicam exclusivamente às investigações físicas, só devemos, em geral, esperar isto. Eles consideram o campo ultramundano como fora da sua jurisdição. A teoria da intervenção de outra esfera de seres, a idéia dos fenômenos espirituais, é estranha aos seus estudos e não pode ser aceita por ouvidos científicos. O desenvolvimento de uma recente hipótese de caráter tão temeroso, lhes parece provir de um ser humano. Durante a sua infância, suas sugestões pouca importância mereceram, eram ouvidas com ligeiro sorriso e postas de lado sem a menor cerimônia. Nos seus anos de meninice, podemos dizer, ela não teve direitos de posse, nem privilégio de apropriação. Em seu favor, de tempos a tempos, se apresentavam provas, mas não foram julgadas no caso de serem examinadas segundo as regras da evidência; elas eram aceitas como um passatempo agradável, porém, sem valor legal; não eram registradas oficialmente, nem davam o menor lucro. Uma hipótese adolescente está fora da alçada da justiça humana.

Não nos devemos queixar muito disso. Quando condenamos o modo por que os magnatas da ciência costumam tratar as investigações espirituais, devemos excusá-los também. Os mais fortes de entre nós recuam diante do riso do mundo. Franklin, trabalhando em uma das mais sublimes experiências que o homem tem tentado, procurava, é coisa sabida, evitar a probabilidade do ridículo, ocultando o seu propósito. Levou como companheiro um rapazinho, a fim de que o papagaio de papel destinado a nos dar luz sobre a natureza do raio, se a experiência fosse malsucedida, passasse por um divertimento de criança.

Mas, que importa isso? Pelo fato de alguns homens de reputação científica bem firmada não quererem arriscar-se nesses inquéritos, deverão os outros, mais audazes, conquanto menos preparados para a empresa, recuar também?

Estabeleci essa questão para mim mesmo, e respondo-a pela negativa.

Agora, passo a apresentar, em abono de diversas posições que assumi nos capítulos precedentes, alguns dos inúmeros fenômenos espirituais, espontâneos ou provocados, que eu mesmo observei ou que foram autenticados nos últimos quinze anos.

PARTE SEGUNDA

Algumas Características dos Fenômenos

Fatos como estes, de que o mundo está cheio, causam mais embaraço aos espíritos fortes do que àqueles que são inclinados a conhecê-los. - (BAYLE)

CAPÍTULO I

Sua usual espontaneidade

Os nossos olhos são obscurecidos para que não descubramos fatos que estão diante de nós, até que chegue o tempo do amadurecimento das nossas almas; então, vemos e consideramos como um sonho o tempo em que não os víamos. - (EMERSON)

Quando me recordo do que me aconteceu em março de 1856, vêm-me à mente estas palavras sugestivas de Emerson.

Nesse tempo eu vivia como vivem tantos milhões de homens, na vaga descrença de existir neste mundo alguma coisa espiritual capaz de nos afetar os sentidos.

Tinha simplesmente ouvido falar das manifestações espíritas de Rochester e muito me admirei das conclusões absurdas que daí tinham tirado.

Achava-me então em Nápoles, onde há dois anos e meio exercia as funções de Ministro Americano. Os membros do corpo diplomático ali acreditado, vivendo em gratas e íntimas relações, tinham por hábito passar sem formalidade uma ou duas horas da tarde, em casa uns dos outros. A este hábito, devi uma estranha experiência que intitulo:

A DAMA E O COZINHEIRO

Passei a tarde de vinte e cinco de março em casa do ministro russo, Senhor K., e onde, além de sua família, achavam-se também o Cav^o F., o ministro toscano e sua mulher e outros visitantes de diferentes nacionalidades. Durante grande parte da tarde falamos o inglês, visto que a esposa do ministro toscano era inglesa e uma outra das damas presentes era americana.

A Senhora K., parisiense de origem e dotada de instrução variada, perguntou-me, no curso da conversação, se já tinha ouvido falar da escritura automática. Declarei-lhe que não. Então, ela manifestou a crença de que algumas pessoas tinham a faculdade de, por esse meio, responder a assuntos que lhes eram totalmente desconhecidos.

"Perdoai-me - respondeu a Senhora F. Estou certa de que não o dizeis sem terdes uma segura convicção e provas suficientes; eu, porém, não posso crerem coisa tão maravilhosa, sem tê-la eu mesmo testemunhado."

Experimentemos pois, disse a Senhora K. Aceita a proposta, ansiosamente assentamo-nos todos, descansamos os lápis sobre o papel e esperamos o resultado. Éramos todos ignorantes e descrentes no Espiritismo. Durante algum tempo nada se manifestou, até que a mão da Senhora M. começou a mover-se, traçando figuras irregulares; nenhuma palavra ou letra, porém, chegou a escrever.

Então, a meu pedido, a Senhora F. Perguntou: "Quem me deu estes alfinetes?" - apontando três compridos alfinetes de cabelo, que lhe prendiam as tranças - e acrescentou: "Se a Senhora M. puder responder, acreditarei."

Por muitos minutos o lápis conservou-se imóvel; depois, muito lentamente, pintou algumas flores, acabando por escrever, em caracteres confusos, pouco legíveis, muitas palavras das quais as duas últimas eram escritas de trás para diante. (75)

A Senhora F. desejou examinar o papel; fixou-o por algum tempo e ficou muito pálida.

"Que há?" - perguntaram-lhe ansiosamente. "Magia negra, se tal coisa existe" - respondeu. Eu leio: "Foi pessoa que vos enviou uma dama e um cozinheiro."

"Oh! Como é ridículo!" - exclamou a senhorita K. "Isso não responde de forma alguma à vossa pergunta.

"Não julgueis assim, senhorita!" - disse a Senhora F.; permiti que vos conte o fato. Esses alfinetes me foram dados por minha prima Elizabete, que reside em Florença. A meu pedido, ela me enviou dessa cidade uma dama de companhia, que entrou ao meu serviço há dez dias apenas, e um cozinheiro que chegou anteontem."

O papel passou de mão em mão, provocando repetidas expressões de admiração, que aumentaram quando alguém sugeriu a idéia de que as flores pintadas que precediam a escrita, assemelhavam a um E, inicial do nome da doadora.

Em mim, esse incidente por insignificante que pareça, excitou muito mais que admiração. Durante muitas horas de reflexão em minha casa, naquela tarde, despertou a indescritível emoção que sentimos quando pela primeira vez meditamos na possibilidade de obter provas experimentais da outra vida. Antes de adormecer, eu

tinha formado o projeto de procurar saber se tal fato conduzia a uma probabilidade, a uma certeza, ou a uma desilusão.

Assim resolvido, fui no dia imediato à residência da Senhora F., pois ela tinha guardado o papel da resposta, a princípio julgada tão enigmática e depois reconhecida com singularmente apropriada. Manifestando-lhe o desejo que me concedesse como lembrança, gentilmente anuiu. Em resposta a uma pergunta minha, ela afirmou, em termo enfáticos, a sua convicção de que as circunstâncias aludidas no misterioso escrito não eram conhecidas senão de sua família. Poucas semanas haviam passado de por. da sua chegada a Nápoles, e sua prima era ali desconhecida mesmo de nome. A ninguém tinha falado sobre o presente dos alfinetes, nem fora do círculo da família, a respeito dos servos recentemente chegados, dizendo donde vinhas: e quem os mandara. Finalmente, declarou ser a primeira vez que se tinha encontrado com a Senhora M., com quem apenas trocara cumprimentos.

Intimamente conhecedor, como estou, das circunstâncias do caso, não pairando em meu espírito suspeita alguma sobre o caráter e a situação das pessoas referidas. tenho razões para asseverar sinceramente que qualquer que seja a solução, estão excluídas a fraude e a mistificação.

Aceitos, porém, os fatos, quão estranhas são as suas deduções! Restringindo-me aos dados recebidos, eu nada acharia que se aproximasse de uma solução satisfatória. Assim raciocinava: Se a resposta à pergunta da Senhora F. constasse apenas do nome da prima, que lhe havia dado os alfinetes, teria sido também importante, mas surpreenderia menos, e provavelmente atribuí-la-íamos ao acaso. Como a Senhora F., sem dúvida, naquele momento pensava no nome de sua prima, poderíamos considerar essa resposta como um exemplo do fato de ir, uma palavra pensada por qualquer pessoa, inconscientemente, refletir-se, se nos podemos exprimir assim, na alma de outra; fenômeno esse familiar aos magnetizadores, cuja realidade o próprio Cuvier nos assevera. (76)

Os resultados a que cheguei, porém, vão muito além disso e são de um caráter muito mais complicado. Indaguei da Senhora F., se,

quando fazia a pergunta e aguardava a resposta, pensou no fato de haver a prima lhe enviado dois criados. Ela me respondeu que, com toda certeza, não pensara em tal. Certamente, se lhe tivesse perguntado quem lhe havia enviado esses criados, ela prontamente teria respondido que fora sua prima; mas, então, seria a pergunta que lhe avivaria a idéia. O fato é que esse conhecimento íntimo não estava presente ao seu espírito. Se ela mesma tivesse de responder à sua própria pergunta, sem dúvida teria, sem rodeios, dito simplesmente - Minha prima Elizabeth -, ou usado de alguma expressão familiar. Não podemos imaginar que ela se afastasse do assunto para nos dizer que a mesma pessoa lhe havia prestado um outro serviço.

Nesse caso, que entidade pensante era essa que assim fazia vir à mente da Senhora F. uma idéia adormecida, fora de rumo dos seus pensamentos de ocasião? Que inteligência oculta veio responder à sua pergunta por esse modo indireto? Quem escolheu essa forma de resposta inesperada?

A princípio, tive escrúpulos em afirmar que aí se dava a intervenção de uma personalidade estranha; mas, um pouco de reflexão convenceu-me de que se repelisse essa idéia, conseguiria evitar, mas não explicar a dificuldade. A vista disso, resolvi estabelecer a questão sob um outro terreno. Qual a força que determinou o caráter especial dessa resposta indireta e sutil, apesar de plenamente apropriada?

Se não admitirmos a existência de uma entidade pessoal, como explicar os resultados que se nos apresentam revestidos do caráter das operações mentais de um ser sensitivo, tais como a escolha de fatos apropriados de entre os muitos que estão armazenados na memória, a percepção da conexão desses fatos com uma questão que aparentemente não se refere a eles, a justa aplicação dos fatos escolhidos para formar uma resposta verdadeira e, ainda, sem a manifesta intenção de, dando a essa resposta um aspecto estranho e inesperado, provar-nos a presença de um ser inteligente e racional?

Eu não estava então habilitado para responder a essas questões e, a não ser pela hipótese espiritual, ainda hoje, depois de quinze anos de experiência, não lhe posso dar uma explicação razoável.

Provavelmente, em sua maioria, os que assistem a experiências vão movidos por simples curiosidade; perplexos durante algum tempo, passado um mês esquecem o que viram, buscando o excitamento de mais frescas novidades, que lhes satisfaçam a curiosidade e os maravilhem, ou limitando-se, no máximo, a narrar, de vez em quando, a ouvintes incrédulos, em noite de inverno, a antiga coincidência que notaram entre os fatos dos alfinetes e o dos dois criados.

Para mim, esses fatos são tão evidentes como no dia em que os obtive. Precederam e induziram-me a um curso de estudos que transformou todos os meus sentimentos e modo de vida.

Nos últimos vinte e cinco anos, muita gente neste e noutros países civilizados, tem alcançado, tão inesperadamente quanto eu, a evidência da realidade dos fenômenos espíritas. A centenas de milhares de pessoas, a convicção tem vindo na calma dos grupos familiares, sem que elas o declarem ao mundo, nem rompam relações com as igrejas que costumam freqüentar.

Para esclarecer, vou apresentar, de entre os muitos exemplos vindos a meu conhecimento, um fato assaz notável, porque exhibe várias fases da intervenção espiritual. Intitulo-o:

UMA INVASÃO DO LAR DOMÉSTICO

No ano de 1853, residia na cidade de R., Massachusetts, uma família respeitável e abastada, cujo nome, apesar de me ser conhecido, não estou autorizado a publicar. Designarei seus chefes por Senhor e Senhora L.

A Senhora L. parece-me ter pertencido à classe dos chamados sensitivos, segunda Reichenbach ou, se o quiserem, à classe dos que chamamos médiuns, pois que estes merecem o qualificativo de sensitivos espirituais (77). Ela apresentava muitas das peculiaridades

desta classe, peculiaridades que, no seu como em muitos outros casos, parecem ter sido hereditárias.

Sua avó, certa manhã, preparando-se para sair a passeio, percebeu repentinamente no quarto de dormir, de pé, diante dela, uma figura que era o seu fiel retrato. A princípio, imaginou ser o reflexo de algum espelho; mas, tendo verificado o engano e notando que a figura ia gradualmente esmaecendo, assustou-se, vindo-lhe à mente a idéia de que era o seu duplo, ou a sua sombra, como dizem os escoceses; e tomou-a como um anúncio de morte. Imediatamente, foi ter com o Rev. Eaton, pregador da igreja que freqüentava, e consultou-o a respeito, O Rev. indagou se a aparição se tinha mostrado antes ou depois do meio-dia, e, sabendo que tinha sido ao amanhecer, assegurou-lhe, fosse por sincera convicção, fosse para acalmar a excitação em que a via, que aquilo era um augúrio de longa vida e não de uma próxima dissolução. Acertou, pois que essa Senhora chegou a uma idade muito avançada.

A mãe da Senhora L., Senhora F., fora sempre perseguida por manifestações espíritas de pancadas e outros sons, durante todo o tempo, isto é, no período de doze anos, em que residiu numa casa da Rua Pérola, em Boston. Umas vezes esses sons eram ouvidos somente por ela; outras vezes, porém, o eram também pelos outros moradores do prédio. Afinal, essas manifestações aborreceram tanto-o marido, que ele mudou de residência.

A Senhora L., quando tinha a idade de dez anos, em 1830, foi testemunha de um desses fenômenos que nunca são esquecidos e exercem uma grande influência nas nossas opiniões e no nosso modo de vida. Nesse tempo, residia em casa de sua mãe; na última fase de incurável tuberculose, a Senhora Marshall, a quem, por benevolência a Senhora F. tinha dado hospitalidade, Cecília -, nome de batismo da Senhora L. -, tendo velado uma noite pouco mais do que costumava, recostou-se, qual criança, sobre o sofá do salão e adormeceu.

Despertando depois de algum tempo, supôs ser muito tarde, porque o fogo estava abafado e a sala vazia. Quando ia levantar-se, viu a figura da Senhora Marshall, vestida de branco, inclinar-se -

para ela. "Oh! Senhora Marshall -, exclamou - para que viestes aqui? Ides apanhar um resfriado." A figura sorriu, mas não respondeu; e caminhando para a porta, fez sinal a Cecília para segui-la. Esta o fez com muito medo e ainda ficou com maior receio quando percebeu que, o que ela julgava ser uma pessoa, subiu de costas, com um movimento lento e deslizante a escada que conduzia à porta do seu quarto. A menina seguiu-a e, quando chegou ao primeiro degrau, viu a figura passar através da porta fechada, como não poderia fazê-lo um corpo material. E desapareceu da sua vista.

Seus gritos atraíram a mãe, que, saindo do quarto da Senhora Marshall, perguntou-lhe o que havia. "Oh! mamã, mamã, exclamou a menina; seria um Espírito o que eu vi?"

A mãe, a princípio, ralhou com ela, porque a julgava em tolas fantasias; mas, quando Cecília relatou circunstanciadamente o que testemunhara, a Senhora F. estremeceu. "Será possível?!" - disse ela. Meia hora antes, ela havia assistido à morte da Senhora Marshall.

Devemos também lembrar que, efetivamente, tinha expirado essa dama, por quem Cecília era muito estimada, e que ela falara da menina em termos afetuosos, exprimindo ardente desejo de vê-la.

A Senhora F., porém, temendo o efeito de uma tal cena sobre o ânimo da criança, abster-se de chamar a filha.

Pode o desejo ardente transformar-se em ato, quando desaparecem os laços terrenos que o impediam? Foi esse anelo satisfeito, não obstante as precauções da mãe?

Mais tarde, em sua mocidade, com grande susto de sua mãe, Cecília passeava dormindo pela casa. Estava em sonambulismo espontâneo, pois nenhuma experiência hipnótica de qualquer espécie jamais tinha sido feita na família. Disso não resultou acidente; mas, em muitas ocasiões, no estado inconsciente e de olhos cerrados, tinha ela auxiliado sua mãe, como se estivesse acordada, nos trabalhos domésticos.

Tinha ainda outra particularidade: Na primeira parte da noite, seu sono era habitualmente profundo; mas ocasionalmente, ao aproximar da manhã, num estado intermediário de sono para vigília, tinha visões que apesar de serem indubitavelmente uma fase do

sonho, descobria, por experiências repetidas, serem muitas vezes de um caráter clarividente e profético, dando informações sobre mortos e sobre enfermidades. Esses avisos de coisas sucedidas em lugares distantes ou que haviam de se verificar em tempo futuro, correspondia freqüentemente à realidade, de modo que, quando prognosticavam infortúnios, a Senhora F. hesitava em comunicá-los, ao despertar.

Na primeira quinzena de novembro de 1853, ela teve um desses sonhos ou visões. Sua irmã Ester, recentemente casada, tinha ido com o marido para Califórnia, algumas semanas antes, e a família estava ansiosa por notícias da chegada ali. Ela viu a irmã aproximar-se do seu leito e dizer-lhe: "Cecília, vem comigo à Califórnia." A Senhora L., em sonho, objetava que não podia deixar o marido e filhos, para empreender uma viagem tão longa e fastidiosa.

"Voltaremos logo, disse Ester; estarei aqui antes de amanhecer."

Em sonho, a excursão proposta não lhe pareceu impossível; ela se levantou do leito e, dando a mão à irmã, pensou que se elevavam e flutuavam num vasto espaço; depois, desciam junto de uma habitação de aparência humilde e rústica, muito diversa da que podia imaginar que sua irmã ocupasse no país para o qual, em busca da fortuna, ela e o marido haviam emigrado. As duas irmãs entraram e Cecília reconheceu o cunhado, triste e com aspecto deplorável. Então, Ester conduziu-a a uma sala, em cujo centro se achava um caixão de defunto, e apontou para o corpo nele encerrado. Era o próprio corpo de Ester, apresentando palidez cadavérica. A Senhora L. contemplou, em mudo espanto, o corpo que ali jazia e a forma patente, dotada de vida e inteligência, que a tinha conduzido até ali. Ao ver o seu espanto, a forma lhe disse: "Sim, minha irmã, aquele corpo foi meu, mas a enfermidade apossou-se dele; fui atacada pela cólera e passei-me para um outro mundo. Desejei mostrar-te isso, a fim de estarem preparados para a notícia que em breve receberão." Depois de algum tempo, a Senhora L. sentiu que se elevava de novo, atravessava um vasto espaço e, finalmente, reentrava em seu quarto. Ela despertou logo, com o sonho tão vivamente gravado na

lembrança, que foi preciso algum tempo para convencê-la de que não fizera excursão alguma.

"Tive esse sonho, disse ao marido, e é bastante desanimador!" - "Isso, Cecília, não passa de sonho." Ela calou-se e mudou de assunto, sem dar mais explicação a respeito, nem a ele nem a qualquer membro da família.

Ora, aconteceu que na tarde desse mesmo dia, a Senhora L. assentou-se para jogar o "whist" em família, tendo por companheiros o marido e a irmã mais moça, chamada Ana. No correr do jogo, a Senhora L. passou as cartas à irmã, a quem chegou a vez de dá-las. De repente, ela viu o braço de Ana fazer um rápido movimento rotatório e as cartas voarem em todas as direções. Voltando-se para censurá-la pelo que julgava ser uma brincadeira desengraçada, a Senhora L. observou que a face da irmã tinha uma expressão que não era natural; seu aspecto era grave, triste e pensativo, os olhos fixos, como revelando afetuosa solicitude, sobre o rosto de Cecília. Muito assustada bradou: "Que é isso Ana? - por que me olhas assim?" "Não me chamo Ana, respondeu a interpelada. Sou Ester." "Ana!" "Digo-te que é Ester e não Ana, quem está falando."

Excessivamente assustada, a Senhora L. voltou-se para o seu marido, dizendo: "Seu espírito partiu! Oh! que infortúnio persegue nossa família!"

"O vosso sonho, Cecília! O vosso sonho da última noite! Já esqueceste onde vos levei e o que lá vistes? - disse Ana solenemente.

O choque era assaz violento para a Senhora L. Desmaiou. Quando, pelo emprego dos medicamentos usuais voltou a si, ainda encontrou a irmã no mesmo estado de transe, personificando Ester. Isso continuou cerca de quatro horas, ao fim das quais Ana de repente passou as mãos pelos olhos, estendeu os membros e, como se acordasse, perguntou com voz natural: "Estive dormindo? Que foi isso? Que sucedeu?"

Quatro semanas depois, a mala da Califórnia trouxe uma carta do marido de Ester, informando à família da morte repentina de sua

mulher, vítima da cólera, no mesmo dia em que se verificou o sonho da Senhora L.

Quando, seis meses depois o viúvo regressando a Massachusetts ouviu da Senhora L. a descrição da rústica habitação a que ela, em sonho, parecia ter sido conduzida, respondeu que correspondia minuciosamente à casa em que sua mulher tinha morrido.

Estes incidentes foram-me relatados a 15 de outubro de 1860, pela própria Senhora L., que permitiu publicá-los, mas, sem o nome da família.

Essa senhora também me afirmou que há esse tempo as manifestações do Espiritismo não eram conhecidas na cidade de R., salvo pelo vago rumor das manifestações, que diziam ter sido observadas em Rochester, e que a família da Senhora L. tratara sempre como coisa muito absurda para merecer atenção.

É necessário acrescentar que nunca eles tinham buscado obter, ou testemunhado os estalidos ou movimentos de mesas, o transe falante, a escrita automática ou outros fenômenos similares, hoje tão comuns nesse e noutros países. Foi por isso que, com um sentimento misto de pesar e espanto, observaram em Ana a repetição, em diversas ocasiões subseqüentes, de manifestações idênticas às que os haviam assustado durante a partida de "whist".

Em outra ocasião em que o olhar fixo, a fisionomia transformada de sua irmã indicavam esse estado anormal, a Senhora L. perguntou se era Ester quem se apresentava. "Não, minha filha, foi a resposta. Não é vossa irmã, mas um outro amigo quem deseja falar-vos." - "Que amigo?" - "João Murray."

Era o nome de um velho pregador, cujas prédicas a mãe da Senhora L. apreciara na primeira etapa de sua vida, e que tinha morrido havia muitos anos, sem que a Senhora L. o tivesse pessoalmente conhecido.

Depois, a incorporação em Ana do Rev. Murray repetiu-se com freqüência. Em tais ocasiões, ela costumava dirigir-se aos presentes no tom grave e compassado, próprio de um sermão. Os assuntos eram sempre religiosos, tratados com elevação e, freqüentemente, com uma eloqüência muito acima da capacidade natural da médium.

Não é tudo ainda. A Senhora L., no começo, com pouca satisfação, sentiu-se influenciada para escrever. Resistiu por muito tempo, concorrendo para essa oposição a grande repugnância do marido e dos seus amigos, que olhavam quase com horror essa súbita invasão do lar doméstico. "São essas terríveis extravagâncias espirituais que se estão produzindo por toda parte, costumavam dizer, em tom semelhante ao com que as pessoas nervosas deploram a aproximação de uma epidemia cruel.

Contudo, depois de algum tempo, quando observaram que essas comunicações eram de um caráter puro e reverente, pregando os mais elevados princípios de religião e moral, e que nada sucedia de anormal, a Senhora L. e muitos de seus amigos se reconciliaram com o Espiritismo. Finalmente, escutaram com interesse e satisfação, as lições orais e escritas, que por esse modo misterioso lhe eram dadas.

Na importante narrativa acima feita, chamo a atenção do leitor para a evidência de identidade, incidental e espontaneamente apresentada.

Podemos crer confiadamente na origem espiritual de uma mensagem ou de uma lição, mas também temos motivos, e bem justificados, para duvidar da identidade do Espírito que assina a comunicação.

O que podemos dizer da exclamação de Ana: "Vosso sonho, Cecília! Vosso sonho da última noite! Esqueceste onde vos levei e o que lá vistes?"

Não se dá aí a circunstância de haver a Senhora L. contado o seu sonho a Ana ou a qualquer outra pessoa. Não causa admiração o seu desmaio? O sentimento que se apossou dela, como disse, de que era Ester e não outra pessoa que inspirava tais palavras, não é também admirável? A que outra fonte podemos racionalmente atribuir tudo isso? A hipótese de uma coincidência casual é insustentável. Quão pouco refletido devemos supor aquele que acredite numa simulação sustentada durante um transe de quatro horas!

De aparições de parentes e amigos, dadas pouco depois da hora da morte, possuo muitos exemplos autênticos, vindos de pontos

diversos. Elas são mais comuns que qualquer outra espécie de aparição.

Numerosos exemplos se encontram nas obras alemãs, e os alemães têm um termo especial (anzeigen) para designar essas aparições.

Apesar, porém, de serem comumente inesperados e quase sempre incômodos, esses fenômenos têm, muitas vezes, causado desgostos e prejuízos àqueles que os testemunham, sem que tenha havido alguma intenção aparente de ofensa, por parte dos agentes invisíveis. Temos um exemplo no periódico de Londres: *Spiritual Magazine*, de julho de 1860, acompanhado das citações, de datas, lugares e nomes. Deu-se o fato com um clérigo inglês. Rev. S. Benhough, de Hadleigh, Rochefort, Essex, que, escrevendo em junho de 1860, dá publicidade à carta de uma dama que ele diz conhecer bastante, e de cuja veracidade lhe era impossível duvidar. Sobre o caso ele afirma o seguinte: "Todos os fatos bem autenticados, conexos, real ou aparentemente, com o sobrenatural, são valiosos como materiais, cujas leis devem ser deduzidas no correr dos tempos;" é lastimável que tantas pessoas narrando fatos dessa ordem, recusem-lhes a garantia de suas verdadeiras assinaturas. A carta que ele publica e que resumo ligeiramente, conta a história que epigrafaremos:

UMA QUINTA VENDIDA A CONTRAGOSTO

Caro Senhor: Há poucos dias me manifestastes o desejo de que vos contasse, por escrito, as circunstâncias que me induziram a abandonar a minha precedente residência. Eis aqui os fatos: Em janeiro de 1860, comprei uma quinta meio retirada, mas nas proximidades de Chiswick.

O meu predecessor imediato tinha sido uma dama que, dezesseis anos antes havia construído essa e outra quinta vizinha. A última foi vendida a um cavalheiro idoso; ele e a mulher, pacíficos e respeitáveis vizinhos. Como sabeis, minha família é composta por mim, minha filha e uma criada.

Tomei para mim o quarto da frente, grande aposento de dezoito pés de comprimento e vinte e cinco de largura. Na primeira noite da minha ocupação, estando o céu límpido e a sala alumada pelo clarão da chaminé, ouvi um ruído singular, que começou antes da meia-noite e continuou por algum tempo, porém, pouca atenção lhe prestei. O mesmo ruído perdurou, com poucas interrupções, por muitas semanas, e cresceu a ponto de causar séria perturbação, despertando-me regularmente do primeiro sono às onze horas e meia e, ocasionalmente, as onze e vinte minutos. Os sons pareciam originados pelos passos pesados de alguém que andasse de um lado para outro ao longo da sala, com os pés descalços ou ligeiramente calçados. Os passos eram tão pesados que produziam vibração nos objetos de louça do lavatório, e nos pequenos artigos do toucador.

Minha primeira impressão foi que meus vizinhos sofriam de insônia; mas entabulando relações com eles, fiquei sabendo que tal não se dava. Depois, atribuí o ruído ao meu relógio de câmara, porém, inutilmente o mudei por diversas vezes de lugar. O som continuou perfeitamente distinto do produzido pelo relógio.

Uma outra experiência não deu resultado. Frequentemente, colocava-me de modo que pudesse impedir a passagem de quem se movesse em tal sentido mas, isso não fez cessar nem modificar o ruído.

Às vezes, abria a janela e me assentava perto, para ver o despontar do dia; mas, os sons continuavam sempre, até às quatro ou cinco horas.

Conheci que esses ruídos produziam nos outros a mesma impressão que em mim. Por três ou quatro vezes, despertei minha filha; e tanto a ela, como a mim, os sons pareciam provir de passos pesados. Uma vez, um amigo indo visitar-nos, convidamo-lo a pernoitar na quinta e acomodamo-lo no quarto da criada, indo esta dormir num sofá, no meu quarto. Por duas vezes, durante a noite, a criada acordou assustada e exclamou: "Minha ama, que é isso? - Que é isso?" e envolveu a cabeça nos lençóis.

Afinal, a coisa se tornou tão incômoda e mesmo tão terrível para mim, que resolvi abandonar a quinta, e, com grande prejuízo, achei um comprador.

Depois, vim a saber por uma velha criada, que a dama que tinha construído aquela casa e aí morrido, de cujo irmão eu a havia comprado, sofria de uma enfermidade penosa e incurável, que a forçava, depois de curto sono, a passear pelo quarto até às quatro ou cinco horas da manhã, quando, exausta, se lançava ao leito.

Ainda outro vizinho confirmou o fato. Ele tinha, muitas vezes, visto a velha dama passeando de um lado para outro, quando alguma enfermidade em sua família o obrigava a velar até o amanhecer.

Isso não é a solução do problema; mas se vos relato os fatos é porque eles se prendem a outros acontecimentos.

Vossa respeitadora.

Mary Propert."

Reconhece-se facilmente que tais fatos pertencem à classe dos fenômenos freqüentemente desacreditados e conhecidos com o nome de casas mal-assombradas. O importante do caso é o seu aspecto invariável. A dama que narra a história e parece ter sido uma observadora desapaixionada, achou a perturbação tão seriamente real e persistente, que com grande prejuízo, para evitá-la, teve de vender a sua propriedade. Ela teria evitado esse prejuízo se tivesse querido, caso lhe não repugnasse, entrar em comunicação com o seu noturno visitante. Em apoio desta opinião, deixai-me contar o seguinte fato:

UMA GOVERNANTA ARREPENDIDA

Existiu uma jovem dama, a Senhora V., bastante e favoravelmente conhecida por mim como franca, ilustrada e pertencente a uma das mais antigas famílias de New York. Há poucos anos foi ela passar uma ou duas semanas com sua tia, dona de uma casa antiga, espaçosa, bela -e hospitaleira, em Hudson River. Essa casa, à semelhança dos velhos castelos da Europa, também tinha uma câmara endemoninha, segundo a expressão vulgar.

Pouco se falava nisso, mas, só se utilizavam desse compartimento em casos de urgente necessidade. Enquanto a Senhora V. aí residiu, os visitantes abundavam na casa e a proprietária, para se justificar com a sobrinha, perguntou-lhe se estava disposta a, cedendo seu quarto aos novos hóspedes, lá ficar um ou dois dias, afrontando o risco da visita de um Espírito. A Senhora V. respondeu-lhe que não tinha medo dos visitantes do outro mundo. E assim ficou tudo combinado.

A jovem adormeceu tranqüilamente, sem receios. Despertando à meia-noite, viu andando pela sala uma mulher de meia-idade, trajando roupas asseadas, mas de molde um tanto antiquado, e apresentando, aliás, ares de governanta, a quem desconhecia, completamente. A princípio, não se incomodou, supondo fosse alguma empregada da casa que por ali andasse, ou qualquer outra coisa semelhante; mas, quando assim pensava, lembrou-se de haver fechado a porta, no momento de se deitar. Isto impressionou-a e o susto cresceu quando a figura aproximando-se do leito e olhando-a pareceu fazer um forte mas inútil esforço para falar-lhe. Muito assustada, ela cobriu o rosto com o lençol, e, quando, algum tempo depois ousou olhar de novo, já a figura havia desaparecido. Examinou a porta do quarto e encontrou-a fechada por dentro. "Será obra de Espíritos? - pensou, voltando ao leito; mas era uma realidade, se a vista não me enganou." Com essa convicção, depois de uma ou duas horas, adormeceu de novo; na manhã seguinte, porém, com a luz do dia, escapou-lhe a certeza do que havia visto, e alguns meses depois, veio-lhe o esquecimento da visão.

Deu-se, então, uma circunstância que lhe veio reviver a crença, de modo mais seguro, na realidade da aparição do tal visitante da meia-noite. Aceitando o convite de uma íntima e apreciadíssima amiga, para passar alguns dias em sua companhia, verificou que essa amiga fazia, ocultamente, experiências espíritas.

A Senhora V., curiosa de certificar-se de uma coisa sobre a qual já há muito ouvira falar, acompanhou a amiga em alguns trabalhos.

Em uma dessas ocasiões, um Espírito se apresentou com o nome de Sara Clarke, nome desconhecido das duas damas. O Espírito dizia

que tinha sido, havia já muitos anos, governanta na família da tia da Senhora V.; que tinha tentado inutilmente comunicar diretamente com a Senhora V. quando esta visitara a casa da tia, e que seu fim era confessar um ato criminoso por ela praticado, e pelo qual pedia o perdão da velha patroa. O insaciável desejo de o conseguir, era o que a levava a manifestar-se no quarto que ocupara, quando na terra. Contou ter cedido à tentação de furtar e esconder vários objetos de prata da família, entre os quais um açucareiro e outras peças que mencionou; que ficaria muito grata, se a Senhora V. narrasse isso à tia, e lhe exprimisse o seu desgosto pelo que havia feito e a esperança de ser perdoada.

Visitando outra vez sua tia, a Senhora V. perguntou-lhe se tinha conhecido uma pessoa chamada Sara Clarke. "Certamente, respondeu-lhe sua tia, foi governanta na nossa família há uns trinta ou quarenta anos." - "Que espécie de mulher era ela?" - "Boa, cuidadosa e asseada." - Enquanto esteve convosco, não desapareceram algumas peças de prata da vossa baixela?

A interrogada refletiu e disse: - Sim, creio que um açucareiro e outros objetos desapareceram de modo misterioso. Por que me fazeis essa pergunta?" - Não suspeitastes fosse Sara a autora desses desaparecimentos? Não; conquanto ela lidasse com esses objetos, nunca a consideramos capaz de cometer um furto.

Então, a Senhora V. narrou-lhe a comunicação que ela e sua amiga tinham recebido, e, comparando as notas, acharam que a lista dos objetos fornecida por Sara às duas amigas correspondia à dos perdidos, tanto quanto sua tia podia lembrar-se. Não sei o que essa senhora pensou acerca da história que lhe contara a sobrinha; o certo é que ela disse: "Se foi Sara quem subtraiu os objetos está totalmente perdoada.

E o importante da história é que desde esse dia, não se deu mais fato algum extraordinário no quarto mal-assombrado. Sara não se mostrou mais aos que ali dormiam.

À vista da posição dos personagens, posso atestar a veracidade desta história, que nos patenteia o laço que prende este mundo ao outro.

O arrependimento existe ali, como aqui; ali se conserva o sofrimento e o desgosto pelas faltas graves cometidas aqui; ali impera o ansioso desejo de obter o perdão daqueles a quem se ofendeu na vida terrena. Em outras palavras: as conseqüências naturais do mal por nós feito, nos acompanham na fase seguinte da nossa vida, na qual, como na presente, nos emendamos e subimos pela força do arrependimento. Desse modo, o progresso moral depois da morte é semelhante ao que conquistamos na terra. "Arrependei-vos", foi a principal exortação pública do Cristo. A mesma exortação parece dever ser feita a todos os espíritos ainda não libertados das cadeias e dos remorsos terrenos.

Fatos como estes, induzem os espiritualistas a crerem que o outro mundo é mais semelhante a este do que imaginam os ortodoxos.

Outro corolário é que quando se apresentam esses fenômenos espirituais, o esforço para estabelecer uma comunicação com os Espíritos que se manifestam pode ser útil, tanto a eles quanto aos atormentados habitantes deste mundo. Por esse meio, a Senhora Propert libertando-se dos ruídos que a incomodavam de noite, podia conservar a posse da sua quinta. Também chamo a atenção do leitor para a prova de identidade, que apresenta a história da Senhora V. O nome da governanta era desconhecido das duas damas, quando receberam a mensagem. Nada lhes podia sugerir esse nome, nem o conteúdo dessa mensagem. Apesar disso, pelas indagações, conseguem saber que o nome, e tudo o mais, corresponde aos fatos acontecidos trinta ou quarenta anos antes, sem falar do fato da cessação das visitas espirituais, apenas o visitante deixou de ter motivos para se apresentar.

Passemos a outra classe de manifestações, nas quais se nota o mesmo elemento do imprevisto.

CAPÍTULO II

Os animais percebem os fenômenos espíritas

A jumenta viu o anjo do Senhor parado na estrada. -
(NÚMEROS XXII, 23)

Os que julgam incríveis certos detalhes da interrupção que se deu na inútil viagem de Balaão para ir ter com o rei de Moab, podem encontrar em fatos modernos os motivos para crerem na veracidade desse acontecimento histórico.

Creio mais importante, porém, apresentar alguns desses casos, porque se forem suficientemente autenticados, farão abandonar as teorias vagas, relativas à atenção expectante e às idéias dominantes, que buscam classificar entre as invenções do cérebro humano todas as percepções das aparições espíritas.

Vejam, primeiro, uma acontecida na Holanda.

O QUE SUCEDEU A UM OFICIAL SUÍÇO

Extraí o seguinte de uma bem conhecida obra inglesa sobre o Sono, escrita pelo Doutor Binns. O autor, disse, sob a autoridade de Lorde Stanhope, que o ouviu diretamente do cavalheiro com quem se deu o fato, Senhor C. de Steiguer, sobrinho do célebre Avoyer, de Berne. O narrador, relatando o fato a Lorde Stanhope, lhe disse:

"Não dou importância às aparições, mas algumas há, realmente, muito extraordinárias e eu não vos relataria esta, se a sua veracidade não fosse atestada por muitas pessoas ainda vivas."

Lorde Stanhope passa então a fazer com a possível exatidão a tradução das próprias expressões do narrador. Ei-las:

"Entreí muito jovem no serviço militar da Holanda e ocupei o meu alojamento durante algumas semanas, sem nada ouvir de notável. Meu quarto de dormir dava de um lado para minha sala de visitas, e, do outro, para o quarto do meu criado, havendo portas comunicando entre si esses compartimentos.

Uma noite, deitado mas não dormindo, ouvi um ruído como se alguém estivesse passeando, em chinelas, de um para outro lado da sala. Esse ruído continuou por algum tempo. Na seguinte manhã, perguntei ao criado, se tinha ouvido alguma coisa. `Nada, respondeu, a não ser o ruído dos vossos passos pela sala, na noite de ontem.

Disse-lhe que não tinha sido eu, e, como notasse a sua incredulidade, permiti-lhe que, se tomasse a ouvir o mesmo ruído, fosse observar o que era. Na noite seguinte, chamei-o para que me trouxesse uma luz e para saber se tinha visto alguma coisa. Informou-me que nada havia visto, mas ouvira um ruído como se alguém se aproximasse dele, movendo-se em direção contrária.

Eu tinha três animais em minha sala: um cão, um gato e um canário; cada um dos quais era afetado de modo particular quando o ruído se fazia ouvir. O cão, imediatamente saltava para o meu leito e se encostava a mim, tremendo como se tivesse medo; o gato acompanhava o ruído com o olhar, como se visse ou quisesse ver quem o produzia; e o canário, que dormia na sua gaiola, despertava logo e começava a esvoaçar com grande perturbação.

Ocasionalmente, os ruídos assemelhavam-se aos sons produzidos pelas teclas do piano, ligeiramente tocadas, ou aos que resultariam do girar da chave da minha secretária ao abrir-se; mas tudo se conservava imóvel. Contei o fato aos oficiais do regimento e cada qual veio sucessivamente dormir no sofá da minha sala; todos ouviram os mesmos sons." O Senhor Steiguer examinou toda a sala sem encontrar vestígio algum de ratos ou camundongos.

Depois de algum tempo, ele sentiu-se doente e agravando-se o mal, o médico aconselhou-o, sem lhe dar o motivo, que sem demora mudasse de habitação. Finalmente, o Senhor Steiguer mudou-se.

Contou mais a Lorde Stanhope, que, quando convalescente, insistia com o médico, para que lhe dissesse por que instava tanto para que abandonasse o alojamento, este o informou de que esse alojamento gozava de má reputação, pois que ali um homem tinha sido enforcado e supunha-se que um outro fora assassinado.

Essa narrativa tem o cunho da autenticidade. Não podemos crer que Lorde Stanhope tivesse autorizado o Doutor Binns a servir-se do seu e do nome de um seu amigo, para atestar semelhante história, se da sua veracidade não estivesse convencido.

A testemunha parece ter sido um observador frio e desapassionado; mas, suponhamos que tivesse sido uma pessoa nervosa e imaginativa. Obrou o criado de conformidade com um temperamento dessa ordem? Foram os sentidos de todos os oficiais chamados para testemunharem o fato, perturbados pela excitação da expectativa? Concedamos todas essas extremas improbabilidades, e permanece uma outra dificuldade: o cão, o gato e o canário seriam também seres nervosos'. Seriam também seus sentidos obliterados pelas idéias dominantes?

Em relação ao mais sagaz dos animais domésticos, a quem a superstição popular tem decretado usualmente uma potência ocasional fora das simples percepções espirituais, ou uma espécie de pressentimento em certos casos de morte próxima, não me aventuro a afirmar que os cães gozem sempre de tal faculdade; entretanto, conheço um caso bem provado, que nos mostra que algumas vezes o seu instinto muito se semelha a isso.

O QUE PRECEDEU Á MORTE INESPERADA DE UM MENINO

Há trinta anos tinha eu íntimas relações com a Senhora D., filha do falecido Rev. R., assaz conhecido e respeitado no Estado de Indiana. Seus avós, chamados Haas, viviam em Woodstock, Virgínia, quando sua mãe, depois Senhora R., contava vinte anos de idade e era ainda solteira. Tinha esta última um irmão de dois anos, o qual possuía um cão favorito, que era o companheiro constante e parecia ter por ele um cuidado especial. As circunstâncias que acompanharam a morte repentina desse menino foram narradas à Senhora D., por sua mãe.

Era cerca de meio-dia quando o menino correndo pela sala de visitas tropeçou num tapete e caiu. Sua irmã levantou-o e conseguiu

aquietá-lo. Na hora do jantar notou-se que ele só se servia da mão esquerda, não podendo utilizar a direita. Friccionaram-lhe com cânfora o braço direito e o menino não mais se queixou. Enquanto jantavam, o cão se aproximou da cadeira do menino e começou a gemer de modo lastimoso. enxotaram, mas ele saiu uivando. Depois, veio colocar-se debaixo da janela do quarto onde o menino se achava, continuando a uivar de tempos a tempos, e ali se conservou durante a noite, apesar de todos os meios empregados para desalojá-lo. Ao anoitecer, o menino piorou seriamente e à uma hora da madrugada falecia. Enquanto viveu, ouvia-se com pequenos intervalos os lamentosos gemidos do cão; mas, apenas morreu, os uivos cessaram e não mais se renovaram.

Tenho toda confiança na Senhora D., a narradora dessa história. Isto, contudo, é apenas um exemplo que veio diretamente autenticado, e limito-me a apresentá-lo. Os animais não possuem o dom do pressentimento, mas julgo suficientemente provado que têm percepções espirituais. Em outra obra (78), incidentalmente apresentei algumas evidências a esse respeito e julgo-me feliz em poder aqui apresentar, vindo de fonte acreditada, de um médico, como prova, um dos incidentes melhor atestados e mais circunstanciadamente relatados de que me lembro. Ele é valioso para os escritores médicos, pois eles, os médicos, a exemplo dos outros cientistas, relutam em admitir quanto tenha visos de sobrenatural.

A história que vou contar apareceu três anos antes do advento do Espiritismo na América, num dos mais conhecidos jornais médicos da Escócia, quando se fazia a crítica de um trabalho sobre o sono, então publicado. O crítico toca no assunto das aparições, e, depois de noticiar muitos casos que julga de fácil solução, diz o seguinte: "O presente caso é um dos mais raros e cuja explicação desconcerta o investigador filosófico. É realmente, quase, o único caso autêntico a que nos podemos referir, pois sucedeu com um amigo particular e cada circunstância foi minuciosamente estudada, em ocasião oportuna. A narrativa é tão autêntica quanto possível. Aumenta, ainda o interesse desse caso, o fato de ter sido comunicado há muitos anos ao Senhor Hibbert, segundo o afirma

este em sua obra sobre aparições, na qual confessa não poder explicá-lo pelo mesmo processo filosófico empregado com todos os outros, e achá-lo muito aproximado do sobrenatural." Essa história, tão fortemente recomendada, é contada do modo seguinte:

O CÃO NA FLORESTA DE WOLFRIDGE

F. M. S. passava pela floresta de Wolfridge certa vez, à meia-noite, acompanhado somente do seu cão, mestiço de terra-nova e mastin, animal valente, que não temia homens nem feras. F... levava consigo uma arma de caça e um par de pistolas carregadas, além da sua espada, pois, pertencia à Escola Militar, da qual obtivera naquele dia uma licença para ir à caça.

O caminho internava-se pela mata e próximo ao centro desta, em local mais limpo que o resto, se encontrava uma cruz indicando o ponto onde um couteiro caíra assassinado. O lugar passava por mal-assombrado, afirmando alguns já terem visto o Espírito. Frequentemente, F. havia passado antes por essa cruz do bosque, sem observar coisa alguma, e ligava a essa história de aparição de Espíritos tão pouca importância, que, por mais de uma vez, em aposta, tinha à meia-noite ido até o local sem nada ver, a não ser uma vez, um couteiro ou ladrão de caça.

Na noite a que nos referimos, quando ele se aproximava do espaço limpo, julgou descobrir do lado oposto à figura de um homem, um tanto menos distinta que o natural .

Chamou o cão que ia à frente ladrando e perseguindo a caça que encontrava, bateu-lhe de leve na cabeça para chamar-lhe a atenção, e preparou a espingarda. O cão mostrava-se impaciente. F. intimou a figura, mas não obteve resposta alguma. Suspeitando fosse um ladrão e preparado para repelir um ataque, indicou a figura ao cão e o animal lhe respondeu rosnando. Enquanto fixava a figura, veio ela deslizando, colocar-se a uma braça de distância, nele fixando também os olhos. A aproximação se deu sem ruído nem sussurro. O rosto da aparição era mal definido, mas distintamente visível. F. não podia desviar os olhos dos do fantasma, que pareciam fasciná-lo, a

ponto de prendê-lo ali. Ele não teve medo de uma ofensa corporal, mas, somente indefinível sentimento de pavor. Seus olhos estavam tão fascinados pelos da figura, que nem pôde prestar atenção às roupas e à forma de seu corpo. Ela olhou-o calmamente, com ar benévolo, por tempo que não excedeu de meio minuto, e repentinamente tornou-se invisível. A forma tinha-se conservado em sua presença por espaço de cinco minutos.

O cão, que antes se mostrava furioso e rosnando, estava agora deitado a seus pés, como se estivesse em transe, com a mandíbula caída, os membros trêmulos, todo o corpo agitado e coberto de frio suor. Depois que a forma desapareceu, F. tocou no animal e falou-lhe, sem que ele parecesse reconhecê-lo, até que, depois de algum tempo, foi recuperando os sentidos. Por todo o caminho, na volta, o cão andou muito apegado ao dono, sem se importar com a caça que encontrava.

Foi somente quinze dias depois que ele voltou a si do susto, mas nunca mais recuperou a primitiva vivacidade.

Nada pôde, daí em diante, induzi-lo a entrar na mata de noite, nem a consentir que alguém o fizesse. Se, durante o dia era obrigado a transpor a clareira, só o fazia com o dono, não se afastando do seu lado, dando sinais de medo e tremendo durante o trajeto. F. freqüentemente passou por aquele lugar à meia-noite, mas nunca mais viu o fantasma. Antes do ocorrido, ele tratava como ridículas todas essas histórias de fantasmas e Espíritos; depois, entretanto, ficou crendo. O crítico não hesita em exprimir a opinião de ter sido a aparição testemunhada por S. o resultado de uma ação sobrenatural (79). Esse fato publicado num jornal de medicina e de reputação antiga e firmada, três anos antes da palavra Espiritismo ser pronunciada, tem uma importância capital.

O incidente aí relatado causou completa revolução nas opiniões da testemunha que de céptico que era a respeito das aparições e dos Espíritos, tornou-se um crente pela evidência dos próprios sentidos. Mas, que é crer na existência dos Espíritos e nas aparições, senão admitir a realidade da outra vida? Podia ele racionalmente continuar a descrer? Esse único incidente lhe deu da futura fase da existência

uma prova tão completa, como cem deles, igualmente evidenciados, lhe poderiam dar. Ainda mesmo que F. quisesse, qual fazem muitos, preferir acreditar que os seus sentidos foram iludidos do que na volta a este mundo, de um habitante do outro, a mudança do seu caráter e seus invencíveis terrores aí estariam para protestar contra a sua pertinaz e ilógica descrença.

CAPÍTULO III

Universalidade das manifestações espíritas

Os milagres cessam, quando o homem deixa de crer neles e de os esperar.
(LECKY)

É isto o que comumente chamamos uma opinião racionalista, mas não uma opinião correta sobre o milagre.

Muitos fatos citados correntemente como miraculosos, indubitavelmente nunca existiram; mas há também grande quantidade deles, que são exatos. Uma crença errônea pode levar a imaginar os primeiros; os outros fatos, porém, não dependem dos nossos pensamentos: - dão-se, quer creiamos, quer não, na sua possibilidade.

É exato que aquilo a que o mundo costuma chamar milagre, cessa de ser tal, quando é criteriosamente examinado.

Não é, porém, verdade que os fenômenos semelhantes aos que os teólogos chamam milagres do Novo Testamento, cessem, quando deixamos de crer neles ou deixamos de julgá-los tais.

Não é também verdade que certas manifestações, que se dão por efeito de uma potência espiritual e são governadas por leis

ultramundanas, sejam uma demonstração de credulidade e desapareçam como a névoa da manhã, ao surgir o sol da razão.

A grande lição colhida nas poucas narrativas que vos tenho feito, em muitas das que se vão seguir e em centenas de outras, atestadas fora de toda negação racional (80), é porque as genuínas aparições espíritas se produzem apesar das desconfianças, da descrença e mesmo da repugnância dos que as testemunham; deram-se quando as visitas de um anjo do céu não eram esperadas, e indubitavelmente com mais freqüência em umas, que em outras épocas do mundo.

Geralmente se crê que de vinte e cinco anos para cá, uma epidemia supersticiosa, nascida na América do Norte, apossou-se de milhares de homens e mulheres fracos, despertando neles a mais antifilosófica crença; nominalmente, a da manifestação entre nós de uma graça, pela qual se estão produzindo fatos maravilhosos e sem exemplo no passado, e especialmente concedida por Deus a esta geração favorecida. Na opinião dos adeptos dessa teoria, a nova fé não era mais que uma mania temporária, destinada a passar, como centenas de ilusões outras.

Essas ligeiras tiradas para dar uma solução às dificuldades do momento são tão cômodas quanto ilógicas. Se elas libertam os homens do embaraço das investigações, não os salvam de erros de caráter mais grave.

Nada mais fácil de alegar-se que, se remontarmos alguns anos do tempo em que a narração dos Golpezinhos de Rochester encheu de desgostos a Igreja e escandalizou o mundo da Ciência, topamos com uma idade despida de toda a insinuação miraculosa, salvo no interior da suspeitosa jurisdição do eclesiasticismo romano.

É fácil dizer-se, mas discorda de fatos notórios. As primeiras manifestações de Rochester deram-se em março de 1848.

Pode-se asseverar que o fato de não se haver encontrado, dez ou quinze anos antes, no seio das nações sóbrias e civilizadas, onde as ciências caminhavam livres e respeitadas, alguma segura evidência dessas ocorrências, tão estranhas quanto impossíveis de ser

explicadas materialmente, isto é, as manifestações espíritas, não quer dizer que elas não se dessem.

Vejamos: O nosso país é novo, empreendedor, crédulo e não inclinado a estudos profundos; passemos, pois, a um outro. Os ingleses são graves, práticos, pensadores, calmos, não muito tolerantes com as novidades temerosas, sensíveis ao aguilhão do ridículo, inclinados suficientemente a seguir às velhas rotinas do hábito e dos costumes, legal, material e espiritualmente. Em nenhum outro país a ciência é mais livre; em nenhum os cientistas são mais intransigentes, cépticos e ativos.

Esses traços nacionais dão imenso valor à seguinte narrativa ou grupo de narrativas, para as quais a minha atenção se dirigiu, graças à bondade de um amigo cuja perda recente o mundo deplora: Roberto Chambers.

Tive em mãos um livro notável, mas pouco conhecido, escrito há trinta anos por um distinto cavalheiro, oficial inglês, membro da Sociedade Real (81). O autor desse livro atesta uma desordem de caráter muito singular, ocorrida em seu país natal, perto de Woodbridge, Suffolk, a qual perdurou dois meses.

Os detalhes são os seguintes:

CINQUENTA E TRÊS DIAS DE CAMPANOFONIA

A manifestação começou a 2 de fevereiro de 1834, na casa de residência do Major Edward Moor, no condado de Suffolk. Na tarde desse dia, que era domingo, durante a estada do Major Moor na igreja e quando só se achavam em casa um criado e uma criada, sem motivo aparente a campainha da sala de jantar tocou três vezes. O tempo estava calmo, o barômetro marcava 29', e o termômetro guardava o nível usual. Não se dava qualquer alteração sensível na atmosfera.

No dia seguinte, a mesma campainha vibrou muitas vezes, ainda sem causa aparente.

No terceiro dia, cinco das nove campainhas suspensas em um recôncavo da casa, vibraram fortemente e muitas vezes, sem que se pudesse saber que força atuava nelas, produzindo e fazendo cessar as vibrações.

Depois, todas as campainhas da casa, em número de doze, excetuando-se a da porta da rua, repetidamente tocaram do mesmo modo, quase sempre cinco de cada vez. Os cordões das campainhas eram visíveis em toda sua extensão, salvo quando por pequenas aberturas passavam através do soalho ou da parede.

O fato reproduziu-se em todos os dias de fevereiro e março.

As campainhas soavam de modo mais ruidoso que o comum. "Nenhum empuxão, diz o Major Moor, seria capaz de produzir tão violentas vibrações." Puxando-se para baixo o cordão horizontal, as campainhas só emitiram um som fraco. O major diz ainda que o movimento das campainhas e suportes espiralados e flexíveis, quando produzido pela mão, era comparativamente lento, tornando-se perceptível; ao passo que no caso observado, era demasiado rápido para poder ser visto distintamente. Naturalmente, esses prodígios surpreenderam muito ao Major Moor; e tanto ele como os criados e amigos empregaram todos os esforços para dar-lhes uma explicação natural, porém, tudo inutilmente. Então, ele publicou uma narração do fato no Ipswich Journal, de 1 ° de março de 1834, descrevendo a colocação das campainhas e dos arames que se lhes prendiam, na esperança de que alguém lhe sugerisse alguma explicação, mas, que não se limitasse a atribuí-la ao embuste, ali reconhecido impossível. Respondendo a alguns investigadores, que provavelmente buscaram indicar-lhe a causa procurada, ele declarou que a sua morada não era infestada de ratos nem tinha macacos em casa.

A última vez que o fato se reproduziu, foi a 27 de março de 1834. É de toda evidência, à vista do livro do Major Moor, que ele não poupou trabalho durante as sete semanas e meia em que a manifestação estranha se deu, para descobrir que artifício fraudulento poderia ser possível em tais circunstâncias. E afirma: "As campainhas tocavam na ocasião em que ninguém passava junto

do edifício ou no terreno vizinho. Eu ficava na cozinha, com todos os criados, por ocasião de dar-se o fato, não podendo nenhum deles ocultar-se às minhas vistas. Mas, então, que era isso? Nem eu, nem os criados, nem outra pessoa qualquer podia ser autor do fato pasmoso, que eu e mais de dez outros observamos." Finalmente, o major declara: "Estou perfeitamente convencido de que esse fenômeno não foi produção de algum agente humano."

Agora, admitido que o que chamamos manifestações espirituais, fatos em que não podemos descobrir vestígios de agência humana, é o moderno fruto de uma epidemia começada em 1848, qual poderemos supor ter sido o resultado provável do artigo de jornal narrando a ocorrência supramencionada e publicada na Inglaterra em 1834? Simplesmente o de ser o articulista considerado como vítima ridícula, ou censurado como impostor.

Mas, que acontece atualmente?

REVELAÇÃO PELA CAMPANOFONIA

No livro do Major Moor, lemos que a sua comunicação ao Ipswich Journal compunha-se de cartas contendo a descrição de quatorze diferentes exemplos de misteriosos toques de campainhas, todos inexplicáveis, todos acontecidos na Inglaterra, nos condados de Norfolk, Suffolk, Kent, Derby, Middlesex, ou nas proximidades das cidades de Chelmsford, Cheltenham, Chesterfield, Cambridge, Bristol, Greenwich, Windsor e Londres; todos eram de data comparativamente recente e a maioria deles atestados pelas assinaturas dos que os testemunharam, com a permissão de publicar seus nomes. Ele recebeu mais três comunicações, revelando outros mistérios, aos quais me referirei adiante.

Cumprе notar que os quatorze exemplos pertencem todos a uma fase particular de manifestações, fase bastante rara, segundo as minhas observações. Possuo notas sobre uma semelhante, sucedida nos Estados Unidos, em uma casa da Pine Street, em Filadélfia, durante os cinco dias da semana que mediaram do dia de Natal ao do Ano Bom, em 1857.

Dessa rara fase de manifestações, porem, podemos imaginar que nos quatorze exemplos apresentados no *Bealings Bells*, não temos mais que uma pequena parcela de casos similares, acontecidos na Inglaterra. As probabilidades são que nove décimos dos homens e mulheres deste mundo fogem da notoriedade, ou evitam o incômodo de verem publicadas tais narrativas.

Neste pequeno livro, porém, milhares de maravilhas que se desvendam, que se podem ter dado em todas as idades, ficaram esquecidas e sem explicação!

Falta-nos espaço para apresentar as quatorze narrações do Major Moor. Limitar-me-ei a apresentar três das principais, onde a evidência está bem demonstrada.

UMA PERTURBAÇÃO DE DEZOITO MESES

Em uma casa vizinha de Chesterfield, pertencente ao Senhor James Ashwell, longos e repetidos toques de campainha se produziram durante dezoito meses, a começar de 1830. Os detalhes são fornecidos, em parte pelo próprio Senhor Ashwell, e em parte por seu amigo o Senhor W. Felkin, de Nottingham.

Segundo o Senhor Felkin, todas as campainhas da casa tocavam em horas diferentes, mas nunca antes das cinco da manhã, nem depois das onze da noite. A oscilação era semelhante à de um pêndulo, sem nenhum decrescimento. Uma campainha, em uma tarde de sábado, adiantou-se separada do suporte e tocou cerca de meia hora. Outra que havia caído e fora colocada em um quarto retirado, aí se conservou quieta por algumas semanas; mas, fixada depois a uma fita de bronze flexível entre um caibro e a parede em que este estava pregado, começou logo a tocar.

Elas tocavam sem parar, com muita força e por longo tempo. Algumas vezes, quando a vibração era mais forte, o Senhor Ashwell segurava uma delas e forçava-a a conservar-se quieta; mas, apenas a soltava, começava ela a oscilar e a tocar.

Todas as campainhas estavam colocadas fora do alcance da mão. Fabricantes de campainhas foram chamados a prestar auxílio,

mas nada puderam encontrar nelas ou nos fios e suportes, que explicasse o fato. Uma vez, enquanto o operário estava reatando os fios, depois de longo silêncio, uma das campainhas começou a tocar junto mesmo da sua cabeça. O homem precipitou-se da escada e, abandonando a ferramenta, partiu correndo e gritando que Satanás estava nas campainhas e que ele não mais nelas tocaria. A casa onde isso se passou era tão solidamente construída, suas paredes tão espessas, os alicerces tão profundos, que podia resistir à fúria dos mais fortes ventos. "Cada uma das partes dessa vasta casa, diz o Senhor Felkin, foi por mim examinada com o maior cuidado e não pude encontrar a causa natural do que estava vendo."

Falando do seu amigo, diz o Senhor Felkin: "Ele é o inverso do homem supersticioso: - ilustrado, filósofo, infatigável investigador." O Senhor Ashwell fez várias experiências com eletrômetros e outros instrumentos de prova, e falou sobre o assunto com muitos homens de ciência, mas tudo sem resultado. Nunca o Senhor Felkin ouviu o amigo atribuir ao acaso o fato que se deu em sua casa.

De vez em quando, realmente, foram feitas tentativas, tanto pela família como pelos visitantes, para descobrir a influência oculta, quer quando as campainhas estavam presas às linhas, quer com as linhas cortadas; circunstância que não produziu nenhuma alteração aparente na disposição das campainhas para tocar. Esses fenômenos realmente desnorteavam os mais perspicazes investigadores.

Esse toque tão persistente de campainhas causava grande excitação, não só na casa, mas, por sua divulgação, na vizinhança. Os criados andavam assustados e alguns abandonaram seus empregos. Os meninos tinham muito medo, mas acomodavam-se por lhes dizerem que as campainhas estavam doentes.

Havia um atalho perto da porta do Senhor Ashwell, mas os viandantes preferiam fazer volta a passar por ali. Outra observação é mencionada em relação a esse caso, para nós bastante inteligível, mas, que sem dúvida era um enigma para o Major Moor, que escrevia num tempo em que ainda não se ouvia falar de sensitivos e médiuns. É esta: As comadres da vizinhança notaram, relativamente a uma jovem que residia com a família do Senhor Ashwell, que os

fatos só se davam quando ela ali estava, cessando quando se ausentava. Não parece, porém, que a mais simples ação voluntária dessa jovem tenha sido suspeitada pela família, que então teria meios de impedir a reprodução do fato. A seguinte narrativa vem de um londrino.

NARRAÇÃO DE UM FATO DE CAMPANOFONIA POR UMA SENHORA

Entre as numerosas cartas recebidas pelo Major Moor havia uma da Senhora Milnes, procedente de Islington e com data de 17 de maio de 1834.

Dizia a escritora: "Na segunda quinzena de fevereiro de 1825, voltando de um passeio (ela residia então em Earl Street, n° 9, Westminster) às quatro horas e meia da tarde, proximamente, encontrei minha família muito assustada por terem as campainhas da casa vibrado, sem motivo aparente. A primeira campainha que soou foi a do quarto das crianças, presa a um arame cuja ponta estava colocada ao fundo da casa, sem ligação alguma com os outros. Tocou por muito tempo, antes das outras começarem a fazê-lo. Depois se seguiu a da sala de jantar; a esta a da sala principal, e afinal as outras; às vezes todas juntas, como se umas incitassem as outras; outras vezes cada uma a seu turno, mas sempre violentamente.

"Assustei-me muito e comuniquei o fato ao Senhor Milnes, que, esperando descobrir a causa do distúrbio, fez examinar os arames. Não achando usual o caso, ele colocou uma pessoa com uma luz em cada sala, ficando ele com um candieiro, de modo a poder observar o fio que ia ter as campainhas. Não lhe foi, porém, possível achar a menor explicação desse estranho repique de campainhas, que durou duas horas e meia.

Aí, como no exemplo precedente, temos um incidente provavelmente dependente da intervenção de algum médium inconsciente. O Senhor Milnes diz: "Foi surpreendente o efeito que isso produziu em uma das nossas criadas, uma jovem mulata. Mais

que qualquer outra pessoa da casa, ela, desde o começo, mostrou-se aterrada e na última manifestação caiu com violentas convulsões, a ponto de se precisar do esforço de muitos homens para contê-la. Essas convulsões continuaram pelo tempo de dezesseis horas, e foram seguidas de uma insensibilidade e de um torpor que persistiram durante uma semana, sendo inúteis todos os meios empregados então para restituir-lhe a saúde. O mais singular é que, desde que ela caiu com esse ataque, as campainhas cessaram de vibrar."

AS CAMPAINHAS NO HOSPITAL DE GREENWICH

Os detalhes deste caso vieram, como os dos precedentes exemplos, de uma testemunha ocular, o tenente Rivers, companheiro de Nelson, que havia perdido uma perna em serviço, e foram dados ao Major Moor em carta datada de 26 de abril de 1841. As campainhas começaram a tocar a 30 de setembro de 1834, no quarto do hospital ocupado pelo tenente Rivers e continuaram por quatro dias. Entre os toques davam-se intervalos que duravam de cinco a dez minutos tocando, às vezes, quatro campainhas ao mesmo tempo. "Certa vez, diz o tenente, perto das oito da noite, atei os badalos das campainhas e enquanto o fazia, notei que elas eram muito agitadas e sacudidas violentamente. Pela manhã, quando os soltei, logo começaram a tocar."

"O capelão, seu ajudante e o Senhor Thame, fabricante de campainhas, procederam a exame sem descobrir a causa do fenômeno. Pediram que a família e os criados lhes cedessem seus quartos. Nós o fizemos, indo jantar à casa de um vizinho, e nessa ocasião ouvimos o som das campainhas. O Senhor Thame e o ajudante do capelão ali se conservaram até onze horas, um vigiando os badalos das campainhas e outro vigiando os fios que as prendiam, ambos estupefatos."

Ele acrescenta: "Muitos homens cientistas vieram ver se descobria à causa do fato. A campainha da parte principal, separada das outras, não tocava. Prendi o botão que ligava à porta principal o

cordão da campainha, para impedir que se utilizassem dele e dando liberdade a esta. Às três horas da tarde vim ao hospital e aí encontrei grande número de curiosos. Quando lhes indicava o que me parecia extraordinário, isto é, que a campainha da porta não acompanhava as outras, ela começou também a vibrar. A causa de tudo isso é ainda misteriosa.

É digna de nota uma outra observação então feita: "O que nos pareceu mais extraordinário foi o movimento dos badalos que, diz o fabricante, não podiam timbrar sem serem puxados de baixo." O tenente Rivers diz ainda que fenômenos semelhantes ocorreram no quarto do hospital ocupado por outro oficial, durante uma semana.

Multiplicar os exemplos tirados do livro do Major Moor seria fastidioso, pois, as narrativas assemelham-se umas às outras. São sempre os mesmos toques violentos produzidos, ora durante algumas horas, ora por meses; os mesmos trabalhos para descobrir algum embuste, e, como remate, sempre os mesmos resultados, isto é, reconhecimento da impossibilidade de atribuir o fenômeno a algum ser humano.

Há uma outra fase de manifestações análoga a que acima foi citada: às vezes, sendo, como ela, de caráter puramente material; mas, outras vezes, denunciando ação inteligente e que, por ter sido pelo povo considerada como visita dos defuntos às suas antigas moradas, é comumente chamada endemoninhamento.

Essa nova fase tem duas variedades; uma caracterizada por golpezinhos e outros ruídos sem causa aparente; outra, freqüentemente, ligando-se às residências de famílias antigas, na Inglaterra e outros países, caracterizada pelo fenômeno das aparições. Uma grande parte dos antigos e conhecidos nomes da classe nobre da Inglaterra possui suas lendas familiares, referindo-se a desordens ou aparições, comumente persistentes através das gerações e geralmente confinadas nas mansões dos seus ancestrais.

É daí que procedem as histórias dos Espíritos familiares, que, fora do círculo das famílias em que se dão, são consideradas como fábulas. Não há dúvida de que tais narrativas envolvem, muitas vezes, exageros, mistificações e enganos; mas, também é certo que,

se em muitas delas separarmos o verdadeiro do superficial, acharemos que encerram sempre um fundo real. Possuímos de testemunhas oculares, provas de alguns desses fatos, cuja inteligência e veracidade não podemos com justiça recusar. Tiremos exemplo de uma recente publicação. Florência Marryat, filha do célebre romancista, há menos de um ano publicou no periódico americano Harper's Weekly; três histórias de aparições, que afirma rigorosamente verdadeiras e bem autenticadas, a última das quais foi testemunhada por seu pai, Capitão Marryat, e é relatada tal como lhe foi contada.

Vou resumi-la, reproduzindo, porém, em muitos pontos as próprias palavras da autora.

Em um dos condados do norte da Inglaterra existe uma quinta, Burnham Green, hoje pertencente por herança e ocupada pelo Senhor Harry e Senhora Bell (82). Essa casa é freqüentada por um Espírito, mas os proprietários nada tendo visto, zombavam dos boatos, como faz a maioria dos sábios, não se importando com as lendas.

Seus numerosos amigos, cordialmente convidados, acudiam a Burnham Green para ver a quinta e seus amáveis hóspedes; depois, porém, de certo tempo, começaram a recorrer a frívolos pretextos para encurtar as visitas e fugir a novos convites. Divulgou-se o que eles tinham ouvido, a cerca do visitante do outro mundo; alguns mesmo, declaravam tê-lo visto e o resto não mais pôde ser persuadido a freqüentar um teto endemoninhado.

"O Senhor Harry e a Senhora Bell ficaram muito vexados e tudo fizeram para dissipar essa superstição. Desenterraram a história do tal Espírito, conhecido como a Dama de Burnham Green, e ficaram sabendo que se supunha ser o Espírito de um de seus antepassados, que vivera no tempo de Isabel e tinha sido suspeitada de haver envenenado o marido. Seu retrato estava colocado em um compartimento pouco visitado.

A Senhora Bell fez reformar esse compartimento, de modo a dar-lhe um aspecto mais alegre, e bem assim limpar e retocar o retrato. Tudo foi inútil! Ninguém podia dormir ali. Os criados se

recusavam, logo que se lhes propunha e os visitantes, depois da segunda ou terceira noite, invariavelmente, pediam mudança de aposento. O medo foi-se apossando dos hóspedes e esses não voltavam a casa. Nesse apuro, o Senhor Harry dirigiu-se ao Capitão Marryat, seu velho amigo, para pedir-lhe um conselho. O Capitão, não crendo absolutamente na história, ofereceu-se para ocupar o cômodo e a oferta foi logo aceita. Com um par de pistolas carregadas debaixo do travesseiro, ele não sentiu perturbação alguma durante muitas noites e pensava já em voltar para casa; mas, não podia escapar assim tão facilmente. Passou-se uma semana e certa noite quando o Capitão Marryat ia agasalhar-se, o Senhor Lascelles, um dos hóspedes da casa, bateu-lhe à porta e pediu para vir ao seu quarto a fim de ver uma espingarda de caça novamente inventada e cujos méritos tinham sido objeto de discussões na sala de fumar. O Capitão, que já havia despido o casaco e o colete, tomou uma pistola dizendo por brincadeira: "Isto é para o caso de encontrarmos o Espírito." Seguiu pelo corredor até o aposento do Senhor Lascelles, e depois de conversar por alguns minutos sobre as virtudes da nova arma, tornou ao seu quarto acompanhado pelo Senhor Lascelles, que, imitando a sua primeira alusão, disse zombando: "A fim de vos defender contra o Espírito." O corredor era longo e estava escuro, por terem apagado as luzes à meia-noite. Quando eles seguiam, viram no extremo oposto uma luz pálida que avançava, trazida por uma figura de mulher. As crianças de muitas das famílias de hóspedes dormiam no andar inferior e o Senhor Lascelles teve a idéia de ser alguma senhora que se dirigia ao dormitório dos meninos. O Capitão, recordando que estava em camisa e não podia assim apresentar-se a uma dama, colocou-se atrás do companheiro. Deixemos que o próprio narrador conclua a história.

A DAMA DE BURNHAM GREEN

"Os aposentos, de um e de outro lado do corredor, defrontavam-se; cada um, além da porta que do corredor dava entrada para uma

pequena sala, tinha ao fundo desta uma outra porta menor, que abria para o quarto de dormir. Muitos dos hóspedes, quando se recolhiam, somente fechavam a segunda porta, deixando aberta a que dava para o corredor. Foi para uma dessas salinhas que meu pai impeliu o Senhor Lascelles quando, para evitar o encontro da dama, tinha-se colocado atrás dele.

"Aí, na sombra, eles se conchegaram, com muita vontade de rir, pela situação em que se achavam, mas, ao mesmo tempo com receio de denunciarem sua presença ao ocupante do aposento e à dama que caminhava para aquele ponto.

"Ela avançava muito lentamente, ou, pelo menos, assim se lhes afigurava; pela porta quase cerrada, observavam a claridade da luz que ela trazia. Meu pai, que não se distraía dessa observação, exclamou com voz meio sufocada: "Lascelles! Por Jove! É a Dama!"

"Ele havia bem fixado na mente as feições do retrato da dama que diziam manifestar-se, bem como todos os detalhes do vestuário e forma do corpo, e sentia que não podia enganar-se à vista daquele corpete de cetim vermelho, com peitilho e saia branca, e daquele penteado formado de tufos.

"Esplêndida figura, disse, mas sem sopro animal. Faça o que fizer, eu conheço o seu valor fictício."

"O Senhor Lascelles não dava palavra. Por vontade ou não, evitava o olhar da Dama de Burnham Green."

"Ela caminhava calma e imponente, sem olhar para qualquer lado; meu pai armava a pistola e conservava-se pronto para sair-lhe ao encontro quando ela passasse, a fim de segui-la ou dirigir-lhe a palavra; mas, a luz parou junto de uma porta e ali ficou.

"Lascelles tremia. Era um homem valente, mas sensitivo. Meu pai mesmo, apesar dos seus nervos de ferro, sentia-se arrastado a conservar-se quieto.

"Depois, a lâmpada moveu-se de novo e, chegando junto à porta meio aberta, a Dama lançou-lhe um olhar investigador, como se estivesse curiosa de ver quem ali estava, fazendo ver aos dois, nessa ocasião, a face pálida e os olhos cruéis da Dama de Burnham Green.

"De repente, meu pai abriu a porta e colocou-se diante dela. Ela parou também, conservando a mesma postura do retrato que se achava no quarto dele, mas com a face contraída por um sorriso de malicioso triunfo. Chocado por essa expressão e bem senhor de si, ele apontou-lhe a pistola e fez fogo. A bala varou a porta fronteira e, com o mesmo sorriso, a Dama desapareceu através das paredes."

Certamente, ficaríamos embaraçados para explicar o fato, se o aparecimento e o desaparecimento da figura não mostrassem que se tratava de uma aparição. Se os Espíritos não se manifestam, que foi o que esses dois cavalheiros viram e em quem foi que um deles atirou?

Nenhuma narrativa semelhante à precedente foi comunicada ao Major Moor; mas, ele em seu livro cita três outros casos de endemoninhamentos. Eles têm em comum que todas as testemunhas afirmam terem-se dado os golpes violentos, acompanhados às vezes de outros ruídos estranhos e perturbadores; mas, diferem em que um deles parece ter sido de um caráter particular, isto é, dependente da presença de um indivíduo sensitivo ou médium, como se dá na fase moderna; ao passo que os outros dois parecem ser independentes dos atributos pessoais, serem locais e permanentes através de muitas gerações ou, se podemos dizer, endêmicos.

Eis um, descrito na carta de um clérigo inglês, em resposta a um pedido do Major Moor.

A CASA MISTERIOSA

Curato de Sydersterne.

Norfolk, 11 de maio de 1841.

Senhor: - Recebi anteontem a carta em que me falais da casa misteriosa. No vasto território da Inglaterra, creio que talvez não possais encontrar um caso análogo. Lamento, porém, ter de acrescentar que não vos posso fornecer esclarecimentos da mesma ordem dos que recebestes sobre o caso das campainhas.

"Os ruídos ouvidos neste curato são de um caráter mais grave; são golpes, gemidos, gritos, suspiros, arrastamentos incômodos,

arrastamentos de pés pesados e pancadas atroadoras, ouvidos em todos os compartimentos da casa e que nos tem atormentado durante nove anos em que ocupo este curato. Tudo isso ainda continua desgostando minha família, alarmando os criados e, por vezes, aterrando alguns deles.

"Precisamente, só vos posso asseverar a existência disso no curato, durante um período de sessenta anos; e, não tenho dúvida de que os residentes anteriores a essa data possam levaras suas investigações ainda há tempos mais afastados.

"Nos anos de 1833 e 1834 tivemos nossa residência quase sempre franqueada a pessoas sérias, que pessoalmente conhecíamos, ou que nos eram apresentadas como desejosas de satisfazer sua curiosidade. Abusaram, porém, da nossa benevolência, envenenaram nossos propósitos e ofenderam mesmo, o nosso caráter, pelo que tivemos de cerrar nossas portas.

"Em 1834 preparei uma memória para dá-la à publicidade por intermédio do Senhor Rodd, conhecido livreiro de Newport Street, Londres; mas, como os fatos continuavam, fui adiando a execução do intento, de um dia para outro, de um para outro ano, até ver como a coisa terminava.

John Stewart." (83)

Aí temos um exemplo de como desaparecem o conhecimento e a lembrança de tais ocorrências. Não vos posso dizer: já foi publicada a memória do Senhor Stewart. O receio de ficar apontado como visionário ou coisa pior, tem dado lugar ao não aparecimento de centenas de exposições semelhantes.

Como noutra obra já falei de muitos outros casos semelhantes, deixo de ocupar-me aqui com o segundo fato citado pelo Major Moor, no qual os golpezinhos e ruídos outros não explicados, são aparentemente devidos à presença de um médium.

O terceiro exemplo que ele apresenta, é o de uma evidente.

PERTURBAÇÃO ENDÊMICA

"Os fatos aconteceram, diz o Major Moor, em antiga e respeitável casa senhorial do nordeste do condado, habitada em tempos imemoriais por uma família de distinção.

Há dezoito anos, essa casa era ocupada por um clérigo conhecido do Major Moor, que afirma ser um cavalheiro da mais impecável veracidade e digno do mais elevado apreço. A notícia foi por ele próprio remetida ao Major, a 28 de junho de 1841.

Durante o ano de 1680, a parte principal da antiga mansão foi demolida e no seu lugar edificada a casa atual. A parte restante da velha construção não sofreu modificação, e apenas separada da nova casa por um muro, ficou sendo uma granja, ocupada pelo rendeiro das terras vizinhas.

A propriedade ficou pertencendo ao pai do atual dono em 1818, quando ela gozava da fama de estar endemoninhada, circulando na vizinhança muitas histórias de visões e ruídos nela ocorridos. A crença popular tudo atribuía ao Espírito sofredor de um antigo proprietário, falecido há mais de cem anos.

Em 1823, o narrador veio ali residir. Ouviam-se freqüentemente ruídos, que, a princípio, a família atribuiu aos moradores da granja; mas quando em 1826 essa parte da velha construção foi posta abaixo, observou-se que os sons se produziam ainda, tais como a família os tinha ouvido nos anos anteriores, repetidos quase todas as noites.

Eis como o clérigo descreve o fenômeno: "No silêncio da noite, usualmente entre meia-noite e duas horas, quando toda a família se achava agasalhada, sem que se lhes possa designar uma causa, ouvem-se seguidos, fortes e distintos golpes como os que produziria um instrumento pesado batendo em uma parede, ou num solo oco. Às vezes, esses sons eram tão fortes que acordavam a todos; em outras ocasiões, mal se podiam perceber.

Certa noite, foram tão violentos que o clérigo apesar de já acostumado a ouvi-los e desprezá-los, saltou do leito e correu para o alto da escada, na convicção de ter sido a porta de entrada violentamente arrombada. Outra feita, quando ia deitar-se, as

pancadas foram tão fortes e continuaram por tanto tempo, que teve de ir à porta da frente, abri-la e sair à rua, para ver o que havia.

Ainda outra vez, os sons se prolongaram muito, parecendo vir da cervejaria ou da adega contíguas, e obrigando o clérigo e dois irmãos a irem colocar-se de observação, dois na cervejaria e um na adega. Tudo cessou então; mas, depois ouviram-se de novo os sons, como se viessem de baixo do solo, de uma profundidade de 50 metros. Muito trabalhamos, diz o clérigo, para reconhecer a causa desses ruídos; tudo foi inútil.

Um antigo e vasto cano que passava por baixo da casa podia, como supusemos, ter alguma conexão com o fenômeno. Examinamo-lo perfeitamente, mandando um homem percorrê-lo de um a outro extremo e os ruídos continuaram como anteriormente.

"A causa desses fatos que aqui se dão há mais de vinte anos, diz o sacerdote, está ainda para nós envolta em trevas. A extensão do tempo em que o fenômeno se tem 'produzido, o fato de, por todo esse tempo, todos os criados terem sido substituídos e o cuidado com que temos estudado o assunto, quando todos, exceto o observador, já estavam recolhidos aos seus leitos, afastam dessa questão qualquer possibilidade de embuste, e convence a todos de não se poder encontrar uma explicação razoável em qualquer hipótese. Os sons produzidos pelas causas usualmente apresentadas não se assemelham aos ruídos peculiares e assustadores, que aqui ouvimos."

Uma outra fase do fenômeno, mencionada pelo clérigo e pelo Capitão Frazer, tinha um caráter singular. Quando o sacerdote era ainda jovem, estando a passar as férias em casa, foi uma noite despertado por um ruído forte, semelhante ao que produziria um carro carregado de pesadas barras de ferro, movendo-se na estrada vizinha, por baixo das janelas. Ele correu à janela, a lua brilhava, mas nada viu, apesar de o ruído continuar ainda por algum tempo. Quando na manhã seguinte narrou o sucedido, todos se riram da sua inquietação. Esse incidente já estava quase apagado da sua memória, quando, onze anos depois, foi singularmente lembrado. Um tio, visitando a família, foi dormir na mesma câmara e na manhã

seguinte, contou durante o almoço que fora despertado à noite pelo barulho de um carro carregado de barras de ferro, rodando sobre o cascalho da estrada, por baixo das janelas; e que levantando-se e abrindo a janela, nada pudera ver; que, então, se deitara de novo, crendo na possibilidade de haver sonhado; que se conservara acordado cerca de meia hora, e ouvira então distintamente reproduzir-se o mesmo barulho.

Agora, pensou, não tenho mais dúvidas e certo de saber o que era, correu à janela, abriu-a e teve de retirar-se de novo, mistificado e desapontado. Nada viu!

Este incidente é atestado em documento separado, passado pelo mesmo cavalheiro. Ele aí diz que o fato se deu às três horas da manhã, no dia 1º. de setembro de 1840.

Três jovens senhoras residentes na casa, também atestam a realidade desses sons.

O Capitão Frazer tendo ali passado uma noite, a fim de estudar essas visitas noturnas, assim descreve os ruídos que ouviu: "Parecia-me que batiam nas paredes com um martelo ou malho envoltos em flanela. No começo, os golpes eram mais lentos, separados por intervalos bem distintos; depois, tornaram-se mais rápidos, e, afinal, sem obedecer a uma regra, se produziam ora lenta, ora rapidamente. Não pareciam vir sempre do mesmo ponto da casa, mas às vezes de muito longe, outras de muito perto. Eram mais estrondosas do que eu esperava, e creio que, se estivesse fora de casa, -ainda os poderia ouvir.

Aí demorei-me três dias e, em duas das três noites, ouvi os mesmos ruídos... Afigurava-se-me que se moviam pela casa, vindo às vezes tão perto que eu esperava ver abrir-se à porta e entrar alguém... O ruído geralmente continuava com intervalos, por cerca de duas horas, colocando-se os intervalos entre grupos formados cada um de cinco pancadas. Estas, não eram igualmente fortes, e só no começo se notava regularidade nos intervalos que as separavam... A mim, esses sons pareciam tornar-se fortes ou fracos, não pela variação da intensidade dos choques que os produziam, mas pela distância donde vinham. A opinião de outra testemunha combina

com a minha, neste particular. Em vão, tento formar a mais simples conjectura acerca da causa de tudo isso."

O sacerdote que ocupava a casa a que se refere o Capitão Frazer, contou-lhe o resultado das investigações feitas pela família a respeito dos antecedentes da casa, como se segue:

"Informaram-me alguns dos mais antigos habitantes da paróquia, que esta casa fora outrora ocupada por um cavalheiro de caráter excêntrico e variável. Esse homem, na mocidade tinha viajado muito pelo continente. Visitou a Itália e daí trouxe um criado italiano, tipo bem caracterizado. Eles viviam reclusos e, depois de certo tempo, suspeitosos rumores começaram a correr a seu respeito e do que se passava na casa, apesar de nada se afirmar definitivamente contra o cavalheiro, a não ser a sua grande avareza. Afinal, morreu ou desapareceu (não me recordo bem) e, logo começaram a ser ouvidos esses ruídos. A legenda corrente dizia que ele tinha sido emparedado pelo criado italiano, e assim morrido dentro da parede de alguma das salas, ou da adega.

"Na família chamavam a isso Espírito perturbador. A inconveniência dessa fama, disse o clérigo ao Capitão Frazer, tem sido grande e nos impede de encontrarmos criados que nos queiram servir. Nas conversações, em geral, todos evitam falar nesse assunto."

Agora, pedindo ao leitor um pouco de atenção, perguntarei:

Que podeis alegar racionalmente para pôr de parte uma evidência como esta, da origem ultramundana? Nada direi da legenda nem da identidade do Espírito perturbador que causava essa desordem. Olhai para os fatos somente! Qual a teoria capaz de os explicar?

O clérigo não nos dá o seu nome: por que vos surpreendeis? Podereis afirmar que, em idênticas circunstâncias, daríeis o vosso nome há trinta anos? O outro clérigo, que dá o nome, franqueou, naquele tempo, a casa misteriosa em que residia, aos investigadores sérios. A recompensa que teve foi ver os seus motivos desvirtuados e a sua reputação atacada; o que nada tem de animador.

O Major Moor afirma que o clérigo anônimo é um cavalheiro digno de todo respeito e de uma impecável veracidade; e o sobrinho do Major, Capitão Frazer, durante a visita de três dias a casa endemoninhada, encontra ali todos os esclarecimentos próprios para justificar o que ele testemunha.

Se, como penso, repelis como monstruosa a suspeita de que esses três cavalheiros, todos profissionais conhecidos, um deles membro de eminente sociedade se tenham combinado para sustentar em público, sem motivo concebível, um tecido de mentiras, como podereis explicar esses fatos não admitindo mais que a origem mundana? Terá havido um embuste? Que é que eles buscavam fazer crer? Tais são as perguntas usualmente feitas pelos adeptos da hipótese materialista, quando se trata de tais fenômenos. Parece não terem outras.

Um embuste? Achareis, se bem considerados o assunto, que essa suposição é ainda mais monstruosa que a primeira.

"Quase todas as noites observei os fatos, e isso durante vinte anos" - foram as palavras do clérigo. Em duas das três noites, o Capitão Frazer testemunhou o fato, e sua duração era de duas horas. Duas noites sobre três, em vinte anos, perfazem quase cinco mil noites. Assim, alguém, por travessura ou por maldade, como quiserdes, dispôs-se a vagar por uma casa, horas seguidas, com o fim de perturbar o sossego de uma família quatro ou cinco vezes por semana, durante um tempo correspondente à metade de uma vida humana! E os golpes que produz são tão atroadores que podem ser ouvidos de fora da casa! E esse alguém se move pela casa, incomodando os outros, sem ser descoberto, durante vinte anos! Seria algum criado o autor desconhecido? Não. Todos eles tinham sido substituídos no decurso desse tempo. Seria algum membro da família? Como? Prejudicar-se a si mesmo, intimidar os criados e fazer propagarem-se tão desagradáveis boatos na vizinhança! Seria algum vizinho? Eis um absurdo.

Havia um acúmulo de dificuldades a vencer. Somente no tempo de residência do clérigo, o fato se reproduz durante vinte anos; porém, remontando a corrente do tempo, acharemos, segundo o

testemunho unânime dos mais antigos habitantes, que isso já vinha de cem anos antes! Quem será esse perturbador centenário, da paz de um lar doméstico?

Peço ao leitor, que reflita sobre isso e indague de si mesmo se a teoria da origem ultramundana é tão inaceitável, que, para se lhe escapar, devamos recorrer a quanta extravagância se possa imaginar.

Neste ponto do nosso livro, talvez algum leitor queira saber que progresso fizemos nesse sentido. Apesar de reconhecer que já temos provas suficientes de, pela intervenção de um médium, se produzirem toques de campainhas e ruídos, cuja causa ocasional só possa ser atribuída racionalmente a uma fonte ultramundana ou espiritual, o leitor pode desejar saber o que lucrámos com isso. Pode ainda sugerir que a evidência do além, através das revelações espirituais, é intrinsecamente tão solene e reverente, que nos não deveria ser dada por toques de campainhas e pancadas nas paredes, fenômenos esses de um caráter frívolo e extravagante.

Posso responder, de um modo geral, que nada, nas obras da natureza que contemplamos, por insignificante que julguemos, é inútil aos olhos daquele que:

**"Com vista igual, do céu contempla a morte
De um herói ou de um fraco verme imundo,
E vê desfeitos, pela mesma sorte,
O átomo, um sistema, o pó e um mundo."**

Mas, disse-me, além da grande verdade que o fato veio demonstrar, que havia de solene e reverente na queda de uma laranja da árvore que a produziu? Uma criança, vendo-o, bateria palmas; um campônio inculto concluiria que a colheita do seu pomar estava madura; mas a Newton sugeriu a lei que regula o curso dos planetas e governa metade dos fenômenos naturais que sucedem no universo.

Quanto ao que se pode ganhar com a prova de incidentes semelhantes àqueles que Southey apresenta, quando, na sua Vida de Wesley, trata de desordens análogas sucedidas no curato de Samuel Wesley, e dos resultados bons que daí podemos colher, diremos que

ganharíamos bastante se um só desses infelizes cépticos, que nada descobrem além da limitada esfera da existência mortal, fosse, pela bem firmada evidência dessas histórias, consideradas frívolas e inúteis, levado a crer na imortalidade. Adiantemos mais. Não estamos habituados com essa comunicação dos dois mundos; foi somente agora que os habitantes de um deles começaram a ter uma percepção clara dos do outro. É certo que, algumas vezes, atribuímos as aparições aos imortais que vinham visitar-nos na terra; mas, nem mesmo aqueles que desejavam sinceramente e acreditavam na outra vida, desconfiavam que a classe mais elevada dos que aqui deixaram amigos e parentes, continuassem ainda a lhes votar simpatia. Hoje, possuímos a segura evidência, como se vê mesmo nestas páginas, de que eles com freqüência desejam ansiosamente convencer-nos, fora de toda negativa possível, da continuação de sua existência, do seu bem-estar, do seu imperecível amor. Essa evidência nos patenteia que eles com freqüência buscam comunicar conosco, vezes por afeição, vezes por outros motivos, e que encontram dificuldades no efetuar tal comunicação; dificuldades essas sabiamente interpostas, não o duvidamos, porque se a comunicação espiritual fosse tão comum como as que aqui temos uns com outros, ninguém trabalhava mais, nem teria aspirações neste mundo tosco e variável .

Eles procuram, de tempos a tempos, visitar-nos; mas, vindos do mundo espiritual e não podendo ser vistos nem ouvidos por nossos sentidos ordinários, como podem denunciar-nos sua presença? Como atrairão nossa atenção? De que modo o viajante que chega, à noite, diante de uma habitação já fechada, procura despertar os moradores e anunciar-lhes sua presença, a não ser por pancadas ou toques de campainhas?

"Que certeza temos nós de que os textos da Escritura não sejam conhecidos e aplicados no outro mundo? Cremos que, nessas desejadas regiões de imortal amor, tem toda a aplicação as palavras de Jesus: "Buscai e achareis, batei e vos abrirão." Os habitantes da mansão a que aporta esse visitante, nada vendo nas trevas, podem a princípio não atender aos sinais por aqueles dados, e o peregrino

então se retira desconsolado. Assim, provavelmente aconteceu milhares de vezes, antes que alguém se aventurasse a buscar o significado desses ruídos. Os homens desconfiavam que eles eram produzidos por um ser inteligente, mas, ou temiam interrogar essa inteligência, ou desesperavam de obter qualquer resposta, pois lhes tinham ensinado que a comunicação espiritual que se dera nos tempos passados era hoje impossível, ou proibida.

Foi isso o que aconteceu nos casos relatados neste capítulo. Em muitos, ou possivelmente em todos os casos citados, alguns Espíritos desejavam comunicar-se com a terra, como no caso da Governanta Arrependida, cuja história já narramos, mas tiveram de retirar-se desapontados. Nos primeiros dias, as testemunhas das manifestações espirituais estavam no caso do povo da praia Galiléia, ao qual de uma barca Jesus falava em parábolas, e do qual disse, "Ouvindo, não ouvem nem compreendem". A colheita não estava madura. O tempo não era chegado. Deixai que vos diga ainda algumas palavras a respeito da aparente trivialidade de algumas manifestações espirituais.

CAPÍTULO IV

Frivolidade aparente de alguns fenômenos espíritas

Nec deus intersit, nisi dignus vindice nodus inciderit.
(HORÁCIO)

Em aviso aos autores dramáticos, Horácio ensina que não é conveniente fazer-se intervir a Divindade senão em casos dignos dessa intervenção. Se Deus interviesse diretamente, isto é, se o milagre existisse, o poeta teria razão de falar assim. Aquilo, porém, que interpretam como milagres, se manifesta freqüentemente, como o arco-íris; realmente, com menos aparência de proveito que este,

porém, com mais capacidade para despertar a esperança no coração do homem, para dar a este uma prova suficiente da não intervenção direta de Deus.

O CONDE BUTLER DE BUCHAN

Thomaz, depois Lorde Erskine, apesar de haver adquirido relativamente tarde a sua elevada posição social, foi no começo do presente século um dos seus mais brilhantes ornamentos. Elevado por seus merecimentos a membro da Câmara dos Pares e feito Chanceler na administração de Grenville, ele, por seu caráter reto e sagaz, inspirava geral confiança. Morreu em 1823. No ano de 1811, primeiro que se seguiu à elevação do Príncipe de Gales, mais tarde Jorge IV, ao cargo de Regente, Lorde Erskine e a Duquesa de Gordon fizeram uma visita à Senhora Morgan, celebridade literária assaz conhecida.

"Então, diz a Senhora Morgan, a Duquesa contou-nos uma história muito curiosa e romântica, de dupla vista, acontecida em sua família, a qual, se me não converteu, ao menos divertiu-me muito, pois que o modo comovente com que a história foi contada garantia a sinceridade da narradora. Ela continua assim:

"Também eu, disse Lorde Erskine, acredito na segunda vista, pois fatos dessa ordem comigo se têm dado. Quando jovem, estive algum tempo ausente da Escócia. Na manhã de minha chegada a Edimburgo, ao sair de uma livraria, encontrei um velho despenseiro de minha família, que me pareceu muito mudado; pálido, abatido e sombrio como um fantasma. "Oh! velho, disse-lhe, que fazes por aqui?" Respondeu: "Queria ter a honra de vos encontrar para pedir a vossa intervenção junto ao Sr, vosso pai, a fim de receber a soma que me ficaram devendo no último pagamento."

"Impressionado com aquele olhar e pelos seus modos, convidei-o a entrar em casa do livreiro a cuja porta nos achávamos; mas, quando me voltei para falar-lhe, havia desaparecido.

"Recordei-me de que sua mulher vivera na antiga cidade, bem como do local e da casa que ocupava quando, ainda menino, tinha

visitado muitas vezes. Dirigindo-me para ali, encontrei a velha imersa na tristeza da sua viuvez. O marido tinha falecido alguns meses antes, e no leito de morte lhe dissera que o despenseiro de meu pai o havia lesado no pagamento do salário, mas, quando o Senhor Tom chegasse, iria reclamar o que lhe era devido.

"Prometi fazê-lo e pouco depois cumpri a promessa. A impressão conservou-se indelével em minha alma e sou extremamente cauteloso para negar a possibilidade das visitas sobrenaturais, da ordem daquelas que a Senhora Duquesa verificou no seio de sua própria família." (84)

O modo como a talentosa senhora nos conta essa história, parece próprio a ser recebida e interpretada pelos investigadores sinceros como urna grande lição.

A Senhora Morgan seguindo os ditames do persistente cepticismo que os homens e mulheres de certa reputação social costumam adotar ou afetar, e com a idéia preconcebida de que isso ia de encontro ao que ensina o mundo esclarecido, ou, em uma palavra, ser uma superstição a crença nas aparições, limita-se a reproduzir a narrativa de Lorde Erskine, atribuindo-a, como ela própria o diz, a abusões e reminiscências de antigas impressões. Ela afirma que a narradora lhe parece sincera, e que Lorde Erskine acredita nessa estranha história, o que não é mais que uma estranha aberração da inteligência, a menos que não seja estranha aberração da verdade. Contudo, afirma que ele crê.

Que modo original esse de se ocupar de fatos asseverados pelos outros? Um cavalheiro distinto, cujo mérito é reconhecido pelos melhores juízes do mundo e cuja fidedignidade não pode ser posta em dúvida, conta o que em certo dia e lugar determinados, viu e ouviu; que o fantasma que viu tinha a aparência de uma pessoa que conhecera em vida e havia falecido alguns meses antes; que essa aparição falou-lhe de uma coisa de que ele não tinha o menor conhecimento, porém, que depois de indagar, ficou sabendo ser verdadeira; fato este que preocupara a alma do falecido, até o momento da sua separação do corpo; ora, admitidos esses fatos, o que se deve inferir é que, em certas circunstâncias que ainda não

podemos determinar, aqueles que passaram pela transformação da morte, continuando a interessar-se com o que diz respeito a terra, podem, por algum tempo, intervir ocasionalmente nos negócios desta, como, por exemplo, trabalhando para a reparação de uma injustiça.

Mas, em vez de admitir essa intervenção; em vez de aceitar essa desinteressada evidência vinda da parte de uma testemunha reconhecida como sincera, e cuja eminente capacidade ninguém no mundo põe em dúvida, que vemos? Uma senhora conhecida no mundo, atribuir tudo isso a abusões e reminiscências de antigas impressões! Assim, é desprezado o testemunho humano como coisa vã e inútil! É tempo de ficar assentado que a hipótese da intervenção dos Espíritos tem o direito de ser estudada seriamente, e de que nesse estudo não nos podemos afastar das regras de uma demonstração científica.

Ou Lorde Erskine, saindo, certa manhã de uma livraria em Edimburgo, esbarrou com a aparência de um antigo fâmulos da família, morto alguns meses antes, ou ele mentiu. Ou Lorde Erskine ouviu palavras que lhe pareceram pronunciadas por essa aparição, referentes a um fato determinado, do qual resultara um prejuízo ao falecido famulo, ou ele mentiu. Ou, finalmente, Lorde Erskine certificou-se, pelo interrogatório por ele mesmo feito à viúva desse famulo, de que este em seu leito de morte se ocupara do mesmo fato que a aparição lhe referiu, ou ele ainda uma vez mentiu. Mas o resultado foi que se reconheceu que o falecido havia sido lesado, sua viúva foi reembolsada do que se lhe devia, a menos que esse fato, atestado por Lorde Erskine também não seja uma mentira. Mas, a própria Senhora Morgan assevera estar convencida de que Lorde Erskine não mente.

Em si mesmo, isto pouco é; milhares e milhares de idênticos casos, de pequenas injustiças se dão e passam sem ser registrados nem noticiados. Para a viúva, sem dúvida se tratava de uma coisa séria; mas, não julgo que algum homem, por sensível que seja, admita houvesse aí motivo para uma intervenção da Divindade. Por esse modo, sendo real o que disse Lorde Erskine, uma aparição é um

fenômeno natural. Há, contudo, casos em que a trivialidade do resultado de fenômenos claramente reconhecidos de caráter espiritual, é mais aparente, ainda, que no exemplo precedente. Eis um:

PREDIÇÃO DE UMA SIMPLES FUTILIDADE

Na primavera de 1853, um jovem cavalheiro muito meu conhecido e ao qual chamarei Senhor X., que não é espírita e nunca prestou atenção aos fenômenos espíritas, teve um sonho notável. Ele morava em uma casa comercial de retalho, na Rua Segunda, em Filadélfia. O sonho foi que no dia seguinte, ao meio-dia, venderia certa porção da mercadoria conhecida com o nome de fazenda de verão, no valor de cento e cinqüenta dólares.

Indo para a loja na manhã seguinte, narrou o sonho, entre oito e nove horas, a um jovem escriturário do estabelecimento. "É um disparate, exclamou este; um impossível. Sabeis perfeitamente que nunca freguês algum comprou tal porção dessa fazenda, em dez anos.

O Senhor X concordou; e, em aditamento, lembrou que segundo o sonho, era ele mesmo quem tinha de efetuar a venda. Aconteceu, porém, que não era ele quem se achava na seção onde o artigo tinha de ser vendido, mas um outro; e só na ausência deste seria ali chamado acidentalmente.

Era tal a impressão produzida pelo sonho que, à medida que a hora se aproximava, o Senhor X sentia-se muito nervoso e sua agitação cresceu quando, pouco antes do meio-dia, o outro foi obrigado a ausentar-se e ele teve de substituí-lo.

Quase exatamente ao meio-dia, entrou um freguês, aproximou-se do balcão e pediu fazenda de verão. O Senhor X. empalideceu e quase não teve a necessária presença de espírito para fazer descer o pacote. O comprador declarou que o pedido era para satisfazer a requisição de uma instituição pública, e a quantidade pedida importou em cento e cinqüenta e oito ou cento e cinqüenta e cinco dólares, não estando bem lembrado o Senhor X.

Foi ele próprio que me referiu o fato, e conheço bastante o seu caráter para assegurar que todas as particularidades que cita devem ser aceitas com toda confiança; que a sua palavra não pode ser posta em dúvida, quando me afiançou, depois do caso passado, não se ter dado anteriormente qualquer coisa que lhe fizesse imaginar estar alguém precisando de tal porção dessa fazenda, ou que lhe indicasse a mais remota probabilidade de se efetuar uma tal venda.

Nesse caso, as minudências de tempo, lugar e mais circunstâncias, a imprevista retirada do empregado, a especificação da mercadoria e a desusada quantidade pedida, cuja importância se conformava tanto com a anunciada, são de tal ordem que somos forçados a pôr de parte a idéia de uma coincidência casual.

No caso Erskine, pode-se compreender o motivo pelo qual se manifestara o Espírito do fâmullo, idêntico ao que se descobre na maioria de tais casos: uma atração para os seus afeiçoados; aí, ele exprime de um modo humilde a sua ansiedade, como a faria um criado escocês daquele tempo, por ver a mulher mergulhada na sua pobreza e viuvez, receber o que lhe pertence; aqui, porém, não se encontra a mínima frase sobre os anelos do verdadeiro amor.

No caso de Filadélfia não se pode imaginar um motivo qualquer de atração, visto que a predita venda, particularizando a importância, hora e dia, não tinha uma consequência para pessoa alguma, a não ser unicamente como prova de que o dom da profecia, um daqueles que Paulo mencionou nos primeiros dias da igreja cristã é um fenômeno que ainda hoje se manifesta, e nada tem de miraculoso.

PARTE TERCEIRA

MANIFESTAÇÕES FÍSICAS

CAPÍTULO 1

A tiptologia espírita

Não é difícil, quando há tempo, paciência e amor à verdade, que qualquer pessoa se convença, vencidas todas as dúvidas possíveis, de que o que chama ruídos espíritas é, como a faísca elétrica, um fenômeno real, com importantes conseqüências. Esses estranhos ruídos podem ser com tanta segurança atribuídos a seres de uma outra esfera, como a faísca de uma botija de Leydem se identifica com a luz do relâmpago. Eles se produzem, como a misteriosa faísca, em determinadas condições; mas não podem, contrariamente ao que se dá com estas, responder ao nosso apelo em qualquer momento; porque, sendo espiritual a sua origem, não estão às ordens do homem.

As condições em que se apresentam são às vezes de um cunho pessoal, outras vezes de cunho endêmico. Ocorrem com mais freqüência e persistência em certas localidades do que em outras, são ouvidos muito mais freqüentemente em presença de certas pessoas chamadas médiuns ou sensitivos, que na de outras. Sua força usualmente cresce com o concurso das circunstâncias locais e pessoais.

Tenho-os ouvido como pequeno ruído de relógio, e como o de pancada atroadora. Já os ouvi não só na América do Norte, mas também na Inglaterra, na França e na Itália. Ouvi-os à plena luz do dia e no escuro, é certo que mais violentos no último caso. Tenho-os ouvido em minha própria casa e em centenas de outras; no mar e na terra firme, no paquete e em barcos de vela, nas matas e nas praias do mar.

Em nenhuma ocasião, porém, testemunhei esse maravilhoso fenômeno em tão variadas condições e com resultados tão satisfatórios como na presença dos dois membros da família, em cuja morada, na parte ocidental de New York, fenômeno se

manifestou pela primeira vez; isto é, na presença da mais velha e da mais jovem das filhas da Senhora Fox. (85)

A faculdade mediúnica ou, para melhor dizer, o dom do sensitivismo espiritual era hereditário nessa família. Em Leah Fox (a Senhora Underhill) e em Kate Fox achei que as manifestações dessa força, ou dom tiptológico, eram mais pronunciadas e fáceis de ser obtidas que em qualquer outra pessoa do meu conhecimento, aqui ou na Europa.

Pelo fato de essas damas e o Senhor Underhill me facilitarem bondosamente esse estudo, tive o desejo de testemunhar não só esse, como outros fenômenos espíritas, com as maiores precauções contra as decepções; bem entendido que tomava essas precauções por causa dos outros, antes que para remover qualquer suspeita do meu espírito. Nunca, no estudo que com elas fiz, descobri o mais simples motivo para crer que o móvel de seus atos fosse outro a não ser o da descoberta e reconhecimento da verdade.

No outono do mesmo ano em que publiquei o *Footfalls* (1860), aceitei um convite do Senhor Underhill para passar uma ou duas semanas em sua casa, a fim de ter melhor oportunidade de investigar esse e outros fenômenos conexos.

Para uma das minhas primeiras experiências sobre o fenômeno das pancadas, pedi à Senhora Underhill me acompanhasse ao outro lado da casa; e, começando pelos compartimentos inferiores, pedi que os ruídos se fizessem ouvir no solo, nas paredes, no teto e em diversas peças da mobília. A cada um dos pedidos, a resposta foi dada prontamente e os ruídos eram fortes para serem ouvidos da sala vizinha. Perguntei se podiam fazer-se ouvir nas grelhas de aço e no mármore da chaminé; os sons se produziram bem distintos, porém, menos agudos, como se fossem abafados. Depois, abrindo uma das portas de comunicação, colocando-me de modo a poder observar as duas salas e pousando a mão sobre uma das portas, roguei à Senhora Underhill que se colocasse a alguma distância, de modo que estendendo o seu braço, pudesse tocar a porta com a ponta dos dedos. Depois de dois ou três segundos, soaram na porta golpes tão fortes como se produzidos pelos nós dos dedos de mão fechada;

vibrando a matéria de modo sensível à minha mão, que eu pousava nela, como se recebesse um forte soco.

Quando atravessamos o corredor e subimos a escada; não mais tivemos necessidade de pedir golpes; eles soavam sob os nossos passos, quando caminhávamos; nos degraus e corrimãos quando subíamos, assim como em vários pontos da sala de visitas e outros compartimentos do segundo andar, dando-se o mesmo na escada que leva ao terceiro andar e nos compartimentos deste. Era evidente que na presença da Senhora Underhill os sons se produziam em qualquer ponto da casa. Busquei particularmente o número de pancadas e a resposta foi sempre exata.

Os sons eram peculiares, não podendo ser imitados com o choque de um martelo, do nó dos dedos ou qualquer outro objeto. Pareciam mais ou menos abafados.

Repeti muitas vezes essa experiência com a Senhora Underhill e com sua irmã, em diversos compartimentos da casa, e sempre obtive o mesmo resultado.

Com outros médiuns as respostas eram mais ou menos prontas, e, muitas vezes, só vinham pela mesa, ao redor da qual estávamos assentados.

Deixando de parte, por ora, centenas de provas que nos demonstram que uma inteligência oculta dirige esse fenômeno e por ele nos fala, tratemos do seu aspecto físico.

NA ÁGUA E NA MADEIRA VIVA

A 10 de julho de 1861 segui com alguns amigos de New York, em barco a vapor, para uma excursão às montanhas de Neversink, fazendo parte da companhia o Senhor Underhill e sua mulher.

Ocorreu-me, em viagem, a idéia de perguntar à Senhora Underhill, se ali poderíamos obter fenômenos tiptológicos. Imediatamente os golpes se fizeram ouvir: primeiro, no convés e depois no barco de madeira em que eu estava assentado e cuja vibração senti. De tarde, todos nós passamos para um barco de quatorze a vinte pés de comprimento, e ainda aí por sugestão minha,

ouvimos os sons das pancadas no tombadilho, no interior da peça ou quilha, em todos os pontos do costado, onde desejassemos ouvi-las.

À noitinha, subimos um outeiro que ia ter ao farol, situado ao lado da hospedaria. Na volta, passando através do matagal da praia, propus se experimentasse se as pancadas podiam fazer-se ouvir no solo e logo as ouvi claramente, vindas do interior do terreno que pisávamos. Era um som surdo, qual o dos golpes feridos sobre a terra. Então, pedi à Senhora Underhill que tocasse uma das árvores com a ponta dos dedos, e aplicando o ouvido contra a árvore, ouvi as pancadas vindas do interior da casca.

Isto foi verificado por outras pessoas da comitiva.

Regressando pela manhã, noutra vapor, ouvimos os golpes na balaustrada da coberta e mesmo no interior de um pequeno bote metálico, que se achava sobre água.

A seguinte experiência julgo que só por mim foi tentada:

VIBRAÇÃO DE UM RECIFE NA COSTA DO MAR

A 24 de agosto de 1861, aceitei um convite dos Srs. S. e U., de New Rochelle, aldeamento costeiro da praia ocidental de Long Island Sound, para passar com eles o dia seguinte, em companhia do Senhor e da Senhora Underhill.

Na tarde de 25, o Senhor U. conduziu-nos no seu carro através da pitoresca região que se estende ao lado do povoado, tomando assento no carro ele, sua mulher, a Senhora Underhill e eu.

Nesse passeio, chegando junto da praia, num ponto onde havia recifes obliquamente estendidos debaixo d'água, acudiu-me a idéia de se nos oferecer ali uma excelente oportunidade para fazer importante experiência. Perguntei à Senhora Underhill se já tinha tentado obter o fenômeno da tiptologia na costa do mar. "Não, disse ela; nunca."

"Julgais possamos consegui-lo?" - perguntei.

"Ainda não achei um lugar, respondeu, onde esses fenômenos me falhassem; por isso, ousou dizer que é possível."

Ouvimos logo, no fundo do cano, três pancadinhas, sinal convencionado de assentimento.

Apeamos a fim de fazer a experiência.

O rochedo onde ficamos, não era isolado; conquanto destacado, ele fazia parte de uma vasta e firme massa de rochedos, cobrindo uma superfície pouco mais ou menos de 50 metros quadrados, e, depois de mergulhar abruptamente, ia surgir adiante, havendo também outros recifes espalhados. Estamos a uma distância de trinta pés do mar e, como a viração era branda, as ondas não nos alcançavam.

Achando-me no rochedo, ao lado da Senhora Underhill e perguntando-lhe pelos golpes, ouvi distintamente seu choque, dominando o ruído produzido pelas ondas; repetindo-se o fenômeno muitas vezes. Então as Sras. U. e Underhill sentaram-se e eu, buscando a parte mais baixa do rochedo, apliquei o ouvido contra o solo e dentro de poucos segundos, os golpes foram ouvidos, como vindos do interior da própria substância da rocha, abaixo do meu ouvido.

Busquei verificar o fato pelo tato e, colocando a mão no solo, a uma distância de poucos pés do lugar em que se achava a Senhora Underhill, ouvi os ruídos e ao mesmo tempo senti, a cada golpe, uma ligeira mas bem distinta vibração, ou estremecimento do rochedo. Esse estremecimento bem acentuado, acompanhava cada golpe. Eu já os havia ouvido por duas vezes, quando um novelo de ondas veio com o seu rumor interromper-me.

Sem comunicar-lhe o que havia observado, pedi ao Senhor U. que colocasse a mão no solo. "Oh! exclamou ele - todo o rochedo vibra!"

Durante todo esse tempo a Senhora Underhill conservara-se completamente tranqüila.

Terá sem dúvida observado que foi por sugestão minha que se fez essa experiência sobre um rochedo. Desde esse dia, julguei não mais precisar de provas da tiptologia espírita.

Antes desta experiência, contudo, quando buscava convencer-me, obtive outras provas de que ainda não fiz menção. Na

experiência acima citada, apelei para dois sentidos: audição e tato. As provas que ainda não mencionei foram evidenciadas por um terceiro sentido, usualmente considerado como de todos o mais seguro.

A VISÃO NO FENÔMENO DA TIPTOLOGIA

Em 22 de fevereiro de 1860 efetuou-se, à tarde, uma sessão em casa do Senhor Underhill. Além do Senhor Underhill, sua mulher, Kate Fox e eu, estavam presentes os velhos pais do dono da casa, veneráveis modelos de Quaker puro e primitivo, ambos profundamente interessados no que se estava fazendo. Durante a produção das pancadinhas espíritas, apagou-se a luz do gás e juntamos as mãos formando cadeia. Bem depressa vimos ao alto da sala luzes flutuantes, de um aspecto fosforescente. A princípio, eram pequenas e apenas visíveis; mas, depois foram crescendo até adquirirem a grandeza e conformação de mãos, não se distinguindo, porém, a posição dos dedos. Essas luzes, mostravam-se comumente no começo, rente ao solo, por detrás e entre os lugares ocupados por Leah e Kate. Depois elevavam-se, ora até a altura de uma, ora até à de outra das duas irmãs. Uma dessas luzes chegou a tomar proporções de cabeça humana. Nenhuma me tocou, apesar de uma se aproximar à distância de poucas polegadas. Outra, descreveu círculos no ar, justamente acima das nossas cabeças. Depois de flutuarem breve tempo no ar, usualmente pareciam voltar para as duas irmãs.

Enquanto nossas mãos estiveram unidas, olhei para debaixo da mesa e vi luzes, por dez ou doze vezes, presas ao solo ou flutuando acima dele.

Uma vez, quando olhava atentamente uma dessas luzes com dimensões de um punho pequeno, vi-a erguer-se e cair como se fosse um martelo, com o qual ferisse o solo. A cada um desses movimentos correspondia forte pancada. Era exatamente como se mão invisível empunhasse um martelo luminoso, batendo no soalho.

Desejando então obter uma prova segura de que a visão não procedia de intervenção humana, perguntei mentalmente: "Poderá o Espírito, com a mesma luz, dar três pancadas?" Deu-se logo o fato, e, depois de pequeno intervalo, repetiu-se.

Outra vez, quando a luz era visível e eu tomava nota da sua correspondência com os sons, um dos presentes disse: "Podereis bater com menos força?" Quase imediatamente vi a luz diminuir e mover-se contra o soalho, produzindo um som brando e abafado, mas perfeitamente distinto.

Outra ocasião, no outono do ano seguinte, obtive ainda manifestações mais notáveis.

TOCADO PELA FORÇA QUE PRODUZ AS MANIFESTAÇÕES ESPIRITUAIS

Na tarde de 12 de junho de 1861, tendo chegado havia dois dias a New York com a incumbência de comprar armas para o Estado de Indiana, fui inesperadamente à casa do Senhor Underhill e lhe propus fazermos uma sessão espírita. Sabendo que eu coligia materiais para escrever um livro, ele e a mulher prontificaram-se a atender-me de boa vontade. Para obter maior tranqüilidade, subimos para um compartimento do segundo andar, achando-se presentes o Senhor e Senhora Underhill, o Senhor Gilbert, cavalheiro idoso e velho amigo da família, que ali chegara ao correr da tarde, e eu.

Logo depois de haveremos tomado assento, nos disseram por pancadas: "Ide para a sala contígua." O invisível referia-se ao quarto de dormir do Senhor Underhill. Ali chegados, assentamo-nos ao redor de uma pequena mesa retangular, ficando o casal Underhill à minha esquerda e o Senhor Gilbert à direita. As pequenas dimensões da mesa nos aproximavam muito uns dos outros.

Nesse compartimento havia três portas; uma dando para o quarto de banho, outra para um corredor que levava à escada do segundo andar, e a terceira para um corredor que conduzia à sala onde a princípio nos tínhamos reunido. Nesse corredor estavam colocados a despensa e o banheiro.

A pedido do Senhor Underhill, antes de nos assentarmos, eu havia examinado cuidadosamente o corredor e suas dependências, o compartimento a que ele ia ter, bem como a porta que do compartimento abria para fora e as do quarto de dormir, que comunicavam com o quarto de banho. A porta que dava entrada para o compartimento vizinho não se fechava, mas as precauções tomadas impediam que alguém de fora pudesse passar de uma à outra sala.

Pouco depois de nos assentarmos, disseram-nos: "Apagai a luz." Feito isso, disseram mais: "Cantai." Enquanto a Senhora Underhill cantava, os golpes produzidos em todos os pontos do soalho marcavam o compasso. Depois de pouco tempo, passavam do solo para a travessa inferior da cadeira em que eu estava assentado, continuando a marcar o compasso. A cadeira era sacudida, sensivelmente, a cada pancada.

Depois de seis ou sete minutos, apareceu flutuando sobre nossas cabeças uma luz de aspecto fosforescente. Sua figura era retangular, com três ou quatro polegadas de face. Depois, ela subiu para o teto, a flutuar, indo e vindo de um para outro ponto da sala. Às vezes, descia até à distância de um ou dois pés acima das nossas cabeças, e lentamente percorria o círculo que elas formavam.

Quando eu olhava atentamente para isso, foi-nos dito por meio de pancadas no soalho: "Vivi perto de vós em uma outra vida, caro Roberto, mas hoje estou ainda mais perto" - "Sois a mãe do Senhor Owen?" - perguntou a Senhora Underhill. - "Não" - respondeu por golpes o invisível - "O vosso primeiro nome não começava por um C?" - perguntei eu. - "Sim" disse o invisível. - "Quantas letras tinha o vosso primeiro nome? - perguntou a Senhora Underhill. - "Sete" foi a resposta. - "Será Carolina?" - perguntou a Senhora Underhill. - "Carolina tem oito letras; disse eu. Será o nome sob o qual muitas comunicações me têm sido dadas?" - "Sim, sim" - respondeu o interrogado.

Então, a luz flutuou para meu lado e ficou estacionária junto ao meu ombro esquerdo. Voltei-me e fixei-a firmemente. Pareceu-me que tinha as dimensões de uma pequena mão humana, envolta em

véu brilhante; contudo, eu não podia distinguir bem a sua forma. Imediatamente ela aproximou-se do meu ombro e depois afastou-se, repetindo-o por cinco ou seis vezes. De cada vez que se aproximava eu sentia no ombro uma espécie de contacto de dedos.

Depois de flutuar por cima da mesa ao redor da qual estávamos reunidos, ela se elevou até o teto. Pedi-lhe que passasse pela porta que dava para o corredor, e, se pudesse, nela batesse. Imediatamente vímo-la passar pela parte superior dessa porta, percebemos-lhe os movimentos e ouvimos a pancada, como se a porta fosse tocada oito ou dez vezes sucessivas. Tornou-se demasiado evidente que não éramos somente nós que ouvíamos isso, porque um cão fraldiqueiro, fora do corredor, ladrou assustado. De novo me veio a idéia do martelo luminoso.

Depois, a luz flutuou junto do Senhor Underhill, crescendo de brilho e parecendo tocá-lo. Ele disse que sentia a impressão do toque de um estofado fino e macio.

Pedi que tocasse a minha mão. A luz moveu-se lentamente sobre a mesa, permaneceu breve tempo sobre minha mão, depois tocou-me no pulso. O que eu sentia era semelhante ao leve contacto de um dedo.

"Não seis tentado, perguntou-me o Senhor Gilbert, a agarrá-la para saber o que é?" - "Tenho razões para crer que não se deve fazê-lo" - respondi. - "Obrigada, disse por golpezinhos o invisível."

Depois, a luz dirigiu-se à Senhora Underhill, tocando-a na cabeça e no pescoço, como ela o afirmou.

Pedi que também me tocasse na cabeça. Vi-a flutuar em direção a mim e experimentei a impressão que produziria o contacto leve de uma fina e macia peça de gaze com a parte inferior da minha cabeça e pescoço. Igualmente, então e depois, senti que além da gaze, me tocava um outro corpo de substância mais sólida, como a da mão que segurava a gaze. A ação se me afigurava de uma pessoa que estivesse ao pé de mim, apesar de haver visto, com meus próprios olhos, a luz, poucos minutos antes flutuando sobre a mesa e me tocando no pulso. Além disso, como esse contacto durasse algum tempo, durante ele falei diversas vezes sobre o assunto, obtendo

respostas de todos os presentes, o que me dava a certeza de nenhum ter deixado o seu lugar.

Depois, a luz levantou-se no ar e eu olhando-a fixamente quando flutuava junto ao teto, observei que junto ao corpo luminoso se moviam alguns corpos escuros, do comprimento e grossura de dedos. Não pude, porém, reconhecer-lhes a forma. Mas o Senhor Underhill disse que distintamente viu dedos.

Enquanto a luz flutuava acima de nós, produzia-se uma ligeira crepitação.

Durante a sessão, não se mostrou o mais leve indício de estar alguém caminhando pela sala; e quando a luz se aproximava de um dos assistentes, eu percebia claramente a figura e a posição destes.

Muitas vezes, quando o espírito que se manifesta é o de uma pessoa que teve na vida terrena caráter violento, os golpes produzidos parecem indicá-lo.

CHOQUES FORTES PRODUZIDOS PELO ESPÍRITO DE UM HOMICIDA

Em uma sessão à noite de 17 de agosto de 1861, na sala do Senhor Underhill, perfeitamente iluminada, ouvimos depois de algum tempo de espera, não as moderadas pancadas do costume, porém choques duros e pesados, como os que poderia produzir um martelo de cinco quilos a bater no soalho. Por esses golpes, combinados com as letras do alfabeto, soubemos que nos queriam falar. Indagando o nome do batedor, foi-nos respondido que era Jackson.

Perguntei se o Espírito tinha, na sua encarnação vivido no Estado de Indiana, onde conhecera um homem com esse nome. Ele por um golpe respondeu que não.

Então lhe perguntamos se fora, na vida terrena, conhecido por alguns dos presentes. Obteve-se esta resposta: "Fui um homem a quem não amastes."

Veio-me logo à mente o Espírito de Jackson, o estalajadeiro de Alexandria, que, dois meses antes, matara o Coronel Ellsworth

quando este fizera arriar a bandeira confederada da fachada da sua hospedaria. Apenas me veio este pensamento, foram ouvidas três fortes pancadas que confirmaram o meu juízo. Falamos-lhe de Ellsworth e, por pancadas, ele disse: "O seu procedimento magoou-me."

A Senhora Underhill replicou: "Lastimo-o, porém ele julgava obedecer à lei." A resposta foi: "Eu também defendia a minha bandeira."

Ele acrescentou que já tinha uma vez comparecido a uma das sessões da Senhora Underhill, e que nos Estados do Sul havia muitos crentes nos fenômenos espirituais.

Experimentalmente, notei que quando esses golpes se davam no segundo andar, eram ouvidos no primeiro e no terceiro, tão distintamente como se fosse um operário mecânico que estivesse ali trabalhando. Eles faziam vibrar o soalho e produziam a convicção de estarem nele batendo com pesado malho, apesar de estarmos vendo que tal não acontecia, de fato.

Ocasionalmente, pode-se crer que o caráter das pancadas deve, até certo ponto, depender do médium, mas não possuo a precisa evidência para afirmá-lo.

GOLPES DE VIOLÊNCIA ASSUSTADORA

Em uma sessão na tarde de 25 de outubro de 1860 na sala da frente da residência da Senhora Fox, na cidade de New York, estiveram presentes Kate Fox, sua irmã Margaret e eu.

A sala tinha duas portas, dando uma para o corredor e outra para um compartimento. Ambas foram fechadas antes de nos assentarmos.

Pelos golpes nos foi dito: "Apagai a luz." Feito isto, depois do aparecimento de alguns fenômenos luminosos, ouviu-se repentinamente um golpe tremendo no centro da mesa; tão violento que todos instintivamente nos inclinamos para trás.

Pelo som, parecia o choque de uma cachamorra manejada por um homem robusto, capaz de espedaçar qualquer mesa ou, pelo

menos, de nela fazer profundo estrago, qualquer que fosse a madeira empregada em sua construção. O mesmo choque, aparentemente com a mesma força, repetiu-se por cinco ou seis vezes. Era impossível testemunhar tão violentas demonstrações sem um certo sentimento de temor; porque, era evidente que havia ali uma força capaz de produzir resultados fatais; contudo, eu não receava qualquer grave ofensa, não conhecendo caso algum em que tal se tenha dado.

Quando depois reacendemos o gás, procedeu-se ao mais minucioso exame da mesa e ficamos convencidos de que ela nada tinha sofrido em sua substância, nem mesmo no seu polimento.

Considero fisicamente impossível que qualquer ser humano, ferindo a mesa com a força que tínhamos observado, deixasse de produzir sensíveis avarias.

Depois, a Senhora Underhill me informou que tinha muitas vezes, em presença de sua irmã Margaret, ficado muito assustada com golpes violentos, semelhantes aos que eu lhe descrevia. Nunca, nem antes nem depois, ouvi mais coisa alguma capaz de aterrar as pessoas nervosas. Muitos anos depois, porém, testemunhei a manifestação de um poder oculto, realmente mais pacífico e menos capaz de assustar, porém, relativamente à intensidade do som, quase da mesma força que o precedente.

PANCADAS ABALANDO UMA CASA

A 10 de março de 1864, achavam-se reunidos o Senhor e a Senhora Underhill comigo na sala da frente do segundo andar de sua casa, para uma sessão à noitinha, a plena luz do gás.

Poucos minutos depois de nos havermos assentado, chegaram-nos aos ouvidos sons de um caráter muito especial. Cada golpe, se o termo aqui pode ser aplicável, soava exatamente como a queda no soalho de uma bala de canhão de médio calibre, descendo de uma altura de dois pés. A cada choque, todo o Soalho da sala estremecia assaz distintamente. Sentíamos o abalo debaixo dos pés, o qual pela mesa se comunicava às nossas mãos.

Às vezes, o som era exatamente o que produziria a bala batendo e saltando para cair de novo, com menor força.

Cinco desses choques indicaram que alguém nos queria falar, e, combinados com as letras do alfabeto, os que se seguiram demonstraram que o Espírito que assim se manifestava não me era indiferente. Disse que o livro para o qual eu estava colhendo material seria bem aceito, pois vinha satisfazer uma grande necessidade pública, e que eu havia de testemunhar algumas coisas assustadoras, de vez em quando. Depois acrescentou:

"A minha mudança foi pequena. U que conheço do mundo espiritual não é tanto como supondes. Hoje tenho a certeza daquilo que eu aí esperava. Encontrei no céu os amigos que me eram caros e conheço que minha vida é imortal. A. D. Wilson.

Só isso? - talvez digam! Só isso e haverá almas superficiais que se contentem com tão breves e simples comunicações? Ah! Se ela for real, que incomensurável é a sua importância! Que infinito consolo nos fornece essa verdade, expressa de um modo tão simples!

O Doutor Wilson, assaz conhecido por mim, e íntimo amigo dos Underhills, era um espírita sincero e excelente homem. Exerceu a medicina em New York, onde tinha grande clientela e faleceu há menos de um ano.

Os sons pelos quais a comunicação (que se dizia vinda do falecido amigo) foi tomada, letra por letra, pareciam produzidos pelo baque de um pesado globo metálico no soalho, a ponto de a Senhora Underhill dizer: "Difícilmente posso persuadir-me não ser isso produzido por uma pesada bala." Depois, pelo mesmo processo nos foi dito:

"Bom, agora examinai!"

Afastamos a mesa e cuidadosamente examinamos o soalho. Nada se encontrou de anormal.

Como em precedente ocasião, desci a escada, e do andar inferior pude ouvir as pancadas tão distintamente como no andar superior.

A Senhora Underhill teve receio de que esse ruído desgostasse os moradores das casas contíguas, e acreditei que eles deviam tê-lo ouvido.

Com mais um exemplo encerro este capítulo.

UMA CASA ENDEMONINHADA

A 22 de outubro de 1860, fui em companhia do Senhor e da Senhora Underhill, Kate Fox, uma outra senhora e um cavalheiro, pagar uma visita aos seus amigos Quakers, Senhor e Senhora Archer, residentes a cinco minutos do porto de Dobb, no Hudson, em espaçosa e antiga casa rodeada de magníficas árvores, e que tinha sido outrora quartel-general de Washington.

Essa casa, havia muitos anos, era reputada endemoninhada. A pessoa cujo Espírito supunha-se visitá-la, tinha sido um antigo dono, Pedro Lisington, que por ser aleijado costumava andar em carrinho de inválido. Na calada da noite, ouvia-se o rodar do carrinho pelos corredores, especialmente em um dos compartimentos da casa.

Antes do anoitecer, nos assentamos primeiro nesse compartimento, pequeno quarto de dormir, com duas portas. Antes de começar a sessão, fechamos as duas portas, deixando as chaves nas fechaduras. Além da nossa comitiva, só estavam presentes o Senhor e a Senhora Archer. Os golpes nos aconselhavam que apagássemos as luzes e juntássemos as mãos, formando cadeia.

Poucos minutos depois ouviu-se um ruído, aparentemente à distância de três ou quatro pés do ponto em que me achava e que depois o soube, foi também ouvido e comentado por alguns visitantes, em uma sala separada daquela em que nos achávamos, por um longo corredor terminando em duas portas fechadas.

Parecia-nos que pesados objetos de ferro rolavam no assoalho. Depois, ouvimos golpes semelhantes aos de um grande martelo, e outros que pareciam produzidos pela ponta de uma bengala. Ouvimos, por fim, um som precisamente semelhante ao rodar de um carrinho sobre as tábuas do soalho. No começo, afigurou-se-nos que o som vinha de local muito próximo de nós; depois a intensidade foi

decrecendo gradualmente, até deixar de ser apreciável, como se o carrinho se fora afastando cada vez mais. Pedimos, então, que ele viesse de novo para perto de nós, e imediatamente começamos a ouvi-lo, como se o carrinho viesse de longe, gradualmente se aproximando, até parecer-nos que tocava o pé das nossas cadeiras. Às vezes, a pressão sobre o soalho era tão forte que o fazia vibrar.

Quando reacendemos a lâmpada e examinamos a sala, achamos as portas fechadas, com as chaves nas fechaduras, e na sala não se encontrou coisa alguma com que se pudesse produzir os ruídos que acabávamos de ouvir.

Então, por sugestão minha, transferimos a experiência para um vasto compartimento oposto àquele onde nos tínhamos reunido a princípio, e que eu julgava ter sido a sala de jantar de Livingston. Fechamos as portas e obedientes a uma comunicação obtida pela tiptologia, apagamos as luzes e juntamos as mãos formando cadeia. Em menos de dois minutos a desordem recomeçou. O ruído foi tão grande então, que não nos podíamos ouvir uns aos outros. Os sons eram inteiramente semelhantes aos que produziam corpos metálicos rolando pelo assoalho. Parecia que um corpo pesado era arrastado por uma corda na extensão de quinze a vinte pés.

Durante todo esse tempo, conservávamos sobre a mesa uma lamparina e uma caixa de fósforos; e sempre que o ruído era mais forte, acendíamos a lamparina para ver o que se passava. Apenas o fazíamos, os sons cessavam e todo o nosso exame na sala era infrutífero. A súbita transição, sem causa aparente, de um ruído atoador para um silêncio de morte, era uma experiência como bem poucas pude fazer em minha vida. Repetimos várias vezes a experiência, sempre com o mesmo resultado, a ponto de sermos tentados a julgar que os nossos sentidos nos enganavam.

A impressão produzida em mim e nos outros assistentes, com quem conversei a respeito, era de que não havia possibilidade de se fazer ouvir tais sons, a não ser pelo arrastamento de corpos pesados.

Depois de algum tempo, a mesa central junto à qual nos assentávamos, foi chocada no topo e depois por baixo, como se nela batessem com um malho e com tal violência, a julgar pelo som, que

parecia que ia ser espedaçada. Quando cessaram os ruídos e reacendemos as luzes, procedemos a um rigoroso exame na sala, mas achamos que ela nada tinha sofrido, pois que não se encontrou objeto algum que pudesse ser utilizado para a produção de tais ruídos, a não ser a simples mobília de uma sala de jantar.

Ambos os compartimentos estavam situados em uma parte da casa que se sabia ter sido construída e habitada por Livingston.

Estou convencido de que esses sons deviam ter sido ouvidos até à distância de cem jardas.

É raro que os investigadores dos fenômenos desta classe hajam conseguido alguma coisa mais notável.

As condições eram especiais: uma localidade onde, no decurso de algumas gerações, se davam manifestações de intervenções ultramundanas, e a presença ali de dois dos mais poderosos médiuns de efeitos físicos que tem aparecido, aqui ou em outros países.

Com toda a razão espero que no fim do presente século, a parte inteligente da sociedade se convencerá da realidade da tiptologia espiritual, como os investigadores instruídos já o estão de que as dimensões e formas do cérebro influem sobre o intelecto, e as influências magnéticas produzem efeitos hipnóticos.

Quando admitimos o caráter ultramundano desses maravilhosos ecos, damos o primeiro passo no caminho do espiritualismo experimental; mas é somente o primeiro. O ruído é ultramundano, mas só esse fato não basta para nos provar que os nossos amigos mortos podem comunicar-se conosco. Cumpre-nos observar, pelas comunicações tiptológicas, que as nossas relações com os Espíritos não devem ser desprezadas pelo homem. Se julgarem que me ocupei mais do que necessário, fisicamente falando, com um fenômeno tão simples, rogarei ao leitor que se lembre dos persistentes disparates que têm sido emitidos verbalmente ou por escrito, acerca dos ruídos espíritos e dos prejuízos resultantes do ridículo que procuram lançar sobre esse fenômeno.

CAPÍTULO II

Movimentos de corpos pesados, por um poder oculto

Quando eles chegaram ao Jordão e cortavam madeira, sucedeu que o machado de um caiu na água; e ele começou a bradar: Oh! Senhor! Era um machado emprestado. Então o homem de Deus perguntou: Onde caiu ele? E sendo-lhe indicado o lugar, este cortou um pau, atirou-o no ponto e o machado veio acima d'água.
(2° REIS, VI, 4, 6)

O levantamento de corpos pesados do solo, ou, seu transporte de um para outro lugar, é uma das manifestações físicas mais comuns e de mais fácil verificação. Já citei muitos exemplos em outra obra (86). Aqui, somente apresentarei dois ou três dos numerosos casos que tenho testemunhado nas sessões espíritas. Uma das mais satisfatórias provas do poder que possui essa inteligência oculta, de levantar corpos pesados, foi-me fornecida pelo experimentador Robert Chambers, hoje falecido, porém, assaz conhecido como autor de uma obra sobre a visita que fez aos Estados Unidos no outono de 1860, e publicada em 13 de outubro do mesmo ano.

Na tarde desse dia, tivemos uma sessão na sala de jantar do Senhor Underhill, estando presentes ele, sua mulher, Kate Fox, Chambers e eu. Nessa sala havia uma comprida mesa de sólido acaju, ao redor da qual se podiam assentar quatorze pessoas. Nós, fazendo correr as tábuas, reduzimo-la à parte centrais, e por meio de uma balança romana, reconhecemos que seu peso era de 55 quilos.

Suspendemo-la pela balança, em perfeito equilíbrio, até cerca de um palmo do chão. Então nos assentamos, e, enquanto fazíamos a experiência, a Senhora Underhill tocava com a ponta dos pés em um dos meus e Kate fazia o mesmo em relação ao Senhor Chambers, por cuja indicação nos colocamos assim, no intuito de evitar qualquer suspeita de intervenção humana. Suas mãos estendiam-se sobre a superfície da mesa, mas sem tocá-la. Havia plena luz na sala.

UMA PROVA CABAL

Achando-se a mesa suspensa e a balança indicando o peso de 55 quilos, pedimos que diminuísse o peso. Em poucos segundos o braço da balança teve de ser diminuído, até indicar o peso de 45 quilos; e depois até o de 36 e 27. Mesmo no último caso, ainda o menor braço da balança mostrava, por sua posição, que o peso era menor de 27 quilos, tendo assim perdido 28 quilos do peso ordinário. Então, pedimos que aumentassem o peso e este subiu a 58 e depois a 65 quilos!

A mudança do peso era notada em cada verificação efetuada com intervalos de três a oito segundos; durante todo o tempo, os pés e mãos das damas conservavam-se na primitiva posição, e o Senhor Underhill esteve afastado da mesa. Não havíamos prevenido ao Senhor Underhill da nossa intenção de fazer essa experiência. A balança foi tomada por empréstimo a uma casa de negócio da vizinhança.

Não posso dizer qual o peso do machado comum dos judeus, no tempo de Eliseu; porém, devia de ser pequeno. O nosso milagre, pois, foi maior que o do profeta, se atendermos ao peso do objeto levantado; mas é também certo que a distância entre o médium e esse objeto era maior no exemplo hebreu.

Justamente na tarde que precedeu aquela em que teve lugar a experiência supracitada, tive, com satisfatório resultado, uma sessão em casa do Senhor Underhill.

SUSPENSÃO SEM CONTACTO, DE UMA PESADA MESA DE JANTAR

Nossa sessão efetuou-se na noite de 12 de outubro de 1860, achando-se reunidos ao redor da mesa e na sala supracitada o Senhor e a Senhora Underhill, Kate Fox, o Senhor Harrison Gray Dyar, de New York, e eu. Havia muita luz e o trabalho durou das nove e meia

às onze horas. Começamos ouvindo fortes pancadas em vários pontos da sala e nas cadeiras.

Depois, quando nossas mãos se estendiam sobre a mesa, esta começou a deslocar-se, ora com um movimento rotatório, ora levantando-se de um dos lados, e, finalmente, elevando-se toda, só descansando no solo uma das pernas.

Buscamos induzir a invisível inteligência a levantá-la de todo, mas, apesar de todos os esforços que ela pareceu empregar, não o conseguiu; apenas, porém, ajudamo-la tocando-a com a ponta dos dedos, ela ergueu-se no ar e conservou-se suspensa durante seis ou sete segundos.

Depois de algum tempo, perguntamos se a mesa se conservaria suspensa no caso de retirarmos os dedos da sua superfície, e à vista da resposta afirmativa, ajudamo-la a erguer-se, como acima, e depois, retirando as mãos, vímo-la toda suspensa, sem auxílio ou contacto humano, por espaço de cinco ou seis segundos. Depois, desceu lentamente e assentou no solo, sem choque.

Desejosos, então, de avançar um passo mais, perguntamos se não podia ser levantada sem auxílio ou contacto nosso. Veio a resposta afirmativa e todos estendemos as mãos a uma distância de três ou quatro polegadas da superfície. A mesa ergueu-se por si mesma, acompanhando nossas mãos à medida que íamos levantando, conservou-se assim suspensa do solo e guardando posição horizontal por seis ou sete segundos, descendo depois lentamente e sem perder a sua horizontalidade até o solo, onde descansou sem chocá-lo.

Repetimos a mesma experiência na sessão do dia seguinte, em presença de Robert Chambers, com o mesmo resultado; e completando-a com a pesagem da mesa, como já vimos. A princípio, como antes, tocamo-la com os dedos e depois de ela elevar-se, retiramos as mãos e ela ficou suspensa por seis ou sete segundos. Também na segunda experiência, suspendeu-se por si só, assim se conservando pelo mesmo tempo. Cumpre notar que tínhamos o hábito de mudar, durante essas experiências, a mesa de um para outro ponto da sala e examiná-la de vez em quando.

Em suma, considero esse movimento de objetos, esse fenômeno de transporte, segundo os espíritas franceses, tão concludentemente estabelecido no seu aspecto ultramundano, como os batimentos espirituais. Levantar ao ar uma mesa de jantar pesando 55 quilos não é uma coisa fácil, quando as condições excluem a possibilidade de qualquer maquinismo oculto. Que esforço corpóreo concebível, escapando à atenção de observadores vigilantes, podiam empregar dois ou três assistentes para à plena luz erguer com as mãos um corpo tão pesado, conservá-lo suspenso e fazê-lo descer lentamente sem chocar o solo? Ninguém que esteja em seu juízo e creia nos seus sentidos, pode ver o que eu vi e conservar-se céptico nessa matéria.

Cumprir notar, ainda, a circunstância de que nesse período de sua vida, a Senhora Underhill e sua irmã não trabalhavam em sessões como médiuns profissionais. Mas, seja como for, no seio de uma família onde ninguém, alguns meses antes, suspeitava sequer a existência dos poderes espirituais, testemunhei fatos ainda mais maravilhosos que os precedentes. É-los:

A ROTAÇÃO DE UMA MESA SUSPENSA NO AR

Na primavera de 1870, fiz uma visita a um amigo, o Senhor B., cuja residência encantadora, em Staten Island, tem magnífica vista sobre a baía de New York, vendo-se de um lado, ao longe, a cidade; e do outro, o canal que conduz ao Oceano.

A família nada conhecia de Espiritismo nem acreditava nos fenômenos, um ou dois meses antes da minha visita, época em que se revelaram num dos jovens filhos do meu amigo a quem chamarei Carlos, excelentes faculdades espirituais.

Deixando de parte, por ora, as mais notáveis, vou reproduzir, pelas notas que tomei, depois de submetidas à correção dos assistentes, uma parte do que testemunhei em duas sessões, ambas efetuadas a 2 de abril de 1870.

A primeira efetuou-se à tarde. Reunimo-nos a princípio em uma sala lateral; mas, por proposta minha, passamos para a de visitas, na

frente da casa, onde ainda não tínhamos entrado. Aí, além de Carlos e eu, achavam-se dois parentes da família, os Srs. N. e L. A sala era escurecida por pesadas cortinas, que cerramos de todo; mas, apesar disso, havia luz suficiente para distinguir as formas dos objetos.

Assentamo-nos ao redor de pesada mesa de pinho, construída expressamente para esses trabalhos, bastante tosca e forte; os pés tinham a espessura de duas polegadas e a tábua superior dois pés e sete polegadas de comprimento e um pé e oito polegadas de largura; seu peso era de nove quilos, duzentos e cinqüenta gramas. Notamos no começo um estremecimento, depois uma elevação, ora de um, ora do outro lado, tomando-se gradualmente cada vez mais forte, e, afinal, tão violento que a mesa se escapou das nossas mãos. Depois, a pedido, ela tornou-se tão pesada, que, usando de todas as minhas forças, dificilmente podia erguê-la a meia polegada do solo, sendo então o seu peso aparentemente de noventa quilos. Ainda a pedido, ela tornou-se tão leve que com um só dedo podia ser levantada de um lado, parecendo que o peso não ia além de quatro e meio a cinco quilos. Depois, readquiriu o peso ordinário, e sem que alguém lhe tocasse, pôde levantar-se. Começou erguendo-se sobre duas pernas, e o emprego de toda minha força foi insuficiente para fazê-la descer.

Finalmente, depois de ter sido sacudida com tal violência que nós, receando ser ofendidos, nos afastamos, tocando-a apenas com os dedos, ela foi lançada ao ar, a tal altura que, levantando-nos de nossas cadeiras, apenas pudemos tocá-la com a ponta dos dedos. Nessa altura ela balançou-se por seis ou sete segundos. Além do tato, a luz, apesar de fraca, nos deixava apreciar tais movimentos.

Às oito horas da noite, assentamo-nos de novo na mesma sala, então às escuras, mas éramos só três: o Senhor N., Carlos e eu.

Provavelmente fortalecida pela ausência de luz, a demonstração começou exibindo-se com uma força física maior que a testemunhada anteriormente. Não há homem algum, tão forte que, sem auxílio de meios artificiais, pudesse mover aquela: mesa com igual violência e atirá-la assim de um lado para outro. Todos sentíamos que uma simples pancada dessa força nos mataria ali mesmo. Depois, a mesa foi jogada ao ar, tão alto, que nós, de pé,

apenas podíamos tocá-la. E foi sacudida de um lado para outro, antes de tornar ao seu lugar. De novo foi levantada, ainda com maior violência, balançou-se no ar descrevendo cinco ou seis vezes, como pelo tato podíamos julgar, um arco de sete ou oito pés. A elevação, pela terceira vez pô-la fora do nosso alcance, mas sentíamos que fez oito ou dez voltas sobre si mesma. Tanto quanto pudemos julgar sem consultar nossos relógios, ela se conservou doze ou quatorze segundos no ar antes de descer. Aí, às vezes, conseguíamos tocá-la, e outras vezes, não.

Então, perguntei se de futuro poderíamos obter aparições objetivas. A resposta foi dada por elevações da mesa, repetidas três vezes, batendo com tanta força que se ouvia distintamente o choque no andar superior. Quando acendemos o candeeiro, vimos que a tábua superior da mesa, de uma polegada de espessura, estava fendida e despregada dos pés, tendo sido arrancados os grandes pregos que a seguravam. Enquanto se davam todas estas manifestações, veio-me a idéia, com poderosa certeza da solicitude dos Espíritos que nos auxiliam, de que por mais formidável que se mostre o poder oculto que se manifesta, nenhum grave dano nos advirá, coisa que antes não tinha ouvido de ninguém.

Uma vez, torceram o punho de N., e por duas vezes seus joelhos e os de Carlos foram chocados com força; mas, apesar de isso molestá-los bastante no momento, poucos minutos depois o incômodo tinha desaparecido, graças à influência dos Espíritos, segundo acreditavam. Por certo, não terei essa confiança quando as demonstrações forem produzidas por mãos humanas.

Manifestei então a minha satisfação e reconhecimento por me ter sido permitido testemunhar tais fatos. A resposta me veio logo pela mão de Carlos: "Ficai certo que a nossa satisfação, dando-vos essas provas, é maior que a que sentis recebendo-as."

Então, eles nos informaram que sua força ia decrescendo no correr da noite. À meia-noite levantamos a sessão.

Convido o leitor a tomar nota das condições em que nos achávamos. O local foi escolhido por mim mesmo, na sala de visitas da casa de um cavalheiro; ali não se encontrava nenhum médium

profissional; os assistentes eram o filho do dono da casa e dois próximos parentes seus; os movimentos deram-se fora do nosso alcance, de modo a haver impossibilidade completa de serem produzidos por algum dos presentes. A mesa ficou desmantelada, dando-nos assim uma prova tangível da violência da força empregada na manifestação.

Como conceber uma suspeita de fraude ou impostura? É totalmente impossível recorrer neste caso à hipótese de uma ilusão ou alucinação!

Tomé, neste caso, acreditaria por haver tocado com sua própria mão. Eu quisera que um discípulo de Berkeley testemunhasse esses fenômenos, a fim de ver se continuaria a duvidar de tais manifestações.

CAPÍTULO III

Escrita espiritual direta

Na mesma hora apareceram dedos de mão humana, escrevendo à luz do candieiro, sobre a caiadura da parede do palácio real; e o rei viu parte da mão que escrevia. - (DANIEL, V, 5)

Um viajante incumbido de importante missão, pode, uma que outra vez, distraído pelos` prosaicos detalhes do que vai encontrando em sua jornada, perder de vista o que vai fazer; mas, à medida que o termo dessa jornada se aproxima, seus pensamentos se vão concentrando no objeto da sua viagem. Isso sucede com o leitor que vai percorrendo as páginas deste livro. Ele percorre-as em busca das provas de uma outra vida, susceptíveis de serem apreciadas pelos sentidos humanos. À medida que avança, os fenômenos, no começo simples, vão adquirindo um vital interesse; porque demonstram, cada vez mais concludentemente, a existência de um poder não

somente oculto e ultramundano, mas espiritual e inteligente. A influência de seres semelhantes a nós, mas não habitantes da terra.

Em 1857, foi publicado em Paris o livro de um jovem titular russo, o Barão de Guldenstubbe (87), que não atraiu a atenção que merecia. Seu autor, com quem tive a dita de travar relações em Paris, um ano depois do aparecimento desse livro, tinha devotado quase exclusivamente a vida ao estudo do que ele julgava o sobrenatural, e das relações entre o mundo visível e aquele que procuramos ver, sendo o fim dos seus estudos a demonstração positiva da imortalidade da alma. Sua obra é a de um escritor clássico e contém curiosas e interessantes investigações a respeito do Espiritismo antigo. Ele exhibe muita sagacidade, deixando-se de parte a crença de que além das influências do outro mundo, devemos contar com a direta e miraculosa intervenção de Deus, podendo produzir a parada da terra e da lua em suas órbitas, pelo tempo de um dia (88). Esse livro, como o título o indica, ocupa-se principalmente com as provas da escrita direta dos Espíritos.

Em dez meses, desde agosto de 1856, quando o Senhor de Guldenstubbe obteve o fenômeno pela primeira vez, até julho de 1857, ele conseguiu mais de quinhentos espécimes dos quais nos forneceu litografados sessenta e sete. Essas experiências foram testemunhadas por mais de cinquenta pessoas, dentre às quais ele publica os nomes de treze, sendo por essas testemunhas fornecido o papel para as experiências.

Tais experimentações foram principalmente feitas e obtinham melhor sucesso nas velhas catedrais, nos antigos lugares destinados ao culto, ou nas residências históricas. Antes, porém, da minha estada em Paris, no outono de 1858, tinha sido publicada uma ordem do governo ou do clero, proibindo tais experiências nas igrejas e outros edifícios públicos. Essa ordem estava em pleno vigor, quando o Barão de Guldenstubbe, sua irmã e eu, visitamos a abadia de S. Denis, a 29 de setembro, e colocamos um papel em uma capela lateral. Não obstante, eu estava resolvido a prosseguir no meu empenho de verificar o importante fenômeno; mas fui chamado por telegrama à Inglaterra, por causa da grave enfermidade que prostrara

meu pai Robert Owen, e o levava à morte seis semanas depois da minha chegada.

O Barão de Guldenstubbe impressionou-me muito favoravelmente por sua sisudez e boa fé; era um homem que investigava com a máxima reverencia. Entusiasta, certo, e por isso um tanto apaixonado; mas, o grande número de suas experiências, feitas sob condições as mais variadas; e o número das testemunhas respeitáveis que permitiram aparecessem seus nomes atestando os resultados conseguidos, deixam pouco lugar a dúvidas sobre a veracidade dos fatos,

Reproduzo três de entre os muitos espécimes que o autor me forneceu.

O primeiro, em francês, foi obtido a 16 de agosto de 1856, na presença do Conde de Ourches, nas seguintes condições: O Conde, crente nos fenômenos espíritas, mas um tanto inclinado para a demonologia, preparou dois papéis, um em branco e outro contendo o seguinte trecho bem conhecido e por ele mesmo escrito: "Por este modo conheceis o espírito de Deus: Todo aquele que confessar que Jesus-Cristo veio em carne, é de Deus (89)." Esses papéis foram colocados um ao lado do outro sobre uma mesa, à vista de todos. Depois de dez minutos, no papel em branco, via-se escrito: "Confesso que Jesus veio em carne. A. v. G." A assinatura foi reconhecida pelo Barão como sendo as iniciais de um seu amigo falecido.

A segunda, em inglês, foi também escrita na presença do Conde de Ourches, a 9 de setembro de 1856, junto da coluna de Francisco II. Na comunicação viam-se duas cruzes tendo escritas por baixo as palavras: Eu sou a vida, com as iniciais em monograma, como usava a infeliz Maria, Rainha da Escócia.

Cumpre-nos lembrar o leitor que na nave setentrional da igreja de S. Denis, junto à porta lateral, vê-se uma coluna composta, de mármore branco, erigida por Maria Stuart à memória do marido, Francisco II, falecido em 1561.

O último dos exemplos escolhidos é também de interesse histórico. É a assinatura conventual da fraca e arrependida Duquesa

de Ia Vallière - Irmã Luísa da Misericórdia - obtida pelo Senhor de Guldenstubbe, a 29 de dezembro de 1856, na igreja de Val-de-Grâce, estando presente o Coronel de Kollmann. Se o leitor for alguma vez à capela da Val-de-Grâce, aí certamente verá um pequeno confessionário com uma forte grade de ferro, abrindo para a igreja e com passagem para fora. Era o confessionário usado por Mademoiselle de La Vallière antes de pronunciar seus votos. Por uma das janelas dessa passagem, vê-se a casa que ela então habitava.

O convento carmelita em que tomou o véu, em 1675, com o nome de Irmã Luísa da Misericórdia, está situado na Rua do Inferno, por detrás de S. Jacques du Haut Pass.

Como tudo isso é estranhamente sugestivo! Percorremos as pirâmides e as catedrais, revolvemos as catacumbas em busca de hieróglifos, esculturas sepulcrais e epitáfios lapidários, sem pensarmos nas relíquias dos finados, muito mais preciosas que todas essas lembranças inanimadas e que nós aí poderemos obter, atestando a continuação da existência e a memória daqueles que, conquanto estejam mais vivos do que nós, os costumes nos obrigam a considerar como celebridades mortais do passado.

Além de ter sido obrigado a voltar a Paris depois da morte de meu pai e de haver aí verificado as observações do Senhor de Guldenstubbe, tive ainda a grande ventura de obter, nos Estados Unidos, provas pessoais corroborando-as. E, nalguns casos, essa evidência foi obtida em condições tais, que julgo nenhum observador sincero e inteligente, testemunhando o que testemunhei, deixará de aceitar aquilo que tantos julgam incrível, isto é, que aqui na terra poderemos receber comunicações ditadas por inteligências e escritas por mãos diferentes das inteligências e das mãos dos terrícolas.

Nada vale a alegação de não ser isso possível, quando se demonstre que é real.

Obtive exemplos de escritura espiritual em uma sessão com Kate Fox, a 27 de fevereiro de 1860 e numa ou duas sessões subseqüentes. Estudando, porém, as minutas dessas experiências, feitas em salas sem luz, notei que até o outono do ano imediato não

tinha tomado todas as precauções necessárias em tais condições, nem conseguido ver a mão que escrevia. Por isso e por me faltar espaço, deixo de me ocupar de outros exemplos, só mencionando os resultados de duas sessões, ambas de um caráter notável. Um caso cuidadosamente autenticado, vale mais que vinte simplesmente atestados.

Na primeira dessas sessões, a 8 de agosto de 1861, em casa da Senhora Fox, na rua West 46, em New York, tive uma dessas experiências, que provavelmente poucas pessoas têm conseguido.

VISÃO DA MÃO LUMINOSA QUE ESCREVIA

Tive uma sessão à noitinha com Kate Fox, na esperança de obter uma aparição que pela tiptologia me havia sido prometida, sem indicar o dia da sessão.

Kate propôs que nos reuníssemos na sala inferior, mas, como eu sabia que havia uma sala mais própria na frente do segundo andar e desejava evitar qualquer interrupção, propus fossemos para lá, no que todos assentiram.

Era uma sala pequena, simplesmente mobiliada com sofá, cadeiras e uma mesa, cuja superfície media dois e meio sobre três pés. A sala não tinha armários e suas duas portas davam uma para o corredor, outra para um quarto. A mesa, que se achava a um canto da sala, foi por nós removida para o centro. Fechei as duas portas e tomei as precauções adicionais, selando-as. Isto se fez com tiras de papel presas com cera de um lado da folha da porta, e do outro à soleira, gravando o meu sinete nos pontos de fixação. Preveni Kate e sei que ela acredita em mim, que eu só o fazia por causa daqueles que pudessem ler o relatório da sessão, e não por abrigar qualquer suspeita a seu respeito.

Quando estávamos em sessão, ela disse rindo: "Senhor Owen, vede debaixo do sofá." Agradei-lhe a lembrança, afastei o sofá da parede, examinei-o e tornei a colocá-lo no lugar. Depois, examinei com todo cuidado os diversos pontos da sala.

Sobre a mesa só havia um tinteiro e uma caneta com pena de aço. Para o caso de uma sessão no escuro, eu trazia um caderno de oito ou dez folhas de papel, tendo cada folha quatro polegadas de largura e todas somente em um dos cantos marcados com um sinal particular.

Coloquei o caderno e um lápis sobre a mesa, ao alcance da mão esquerda. Kate sentou-se à minha direita; e assim aguardamos às instruções. Elas vieram logo, por golpezinhos mandando apagar a luz. Cerramos as janelas da frente, por onde penetrava a luz do exterior, apagamos o gás e retomamos nossos lugares. Vieram-nos então, as seguintes instruções suplementares: "Pousai as mãos sobre a mesa e juntai-as." Pedi que Kate pousasse sobre a mesa as mãos unidas, sobre elas coloquei minha mão direita, ficando com a esquerda livre.

Depois disseram: "Ponde vossa mão embaixo da mesa"; e assentei minha mão esquerda sobre o joelho.

"Cobri vossa mão esquerda, segurando com ela o papel e o lápis." Tive de retirar a mão direita de cima das de Kate para colocar o caderno e o lápis na esquerda e cobri-la com um lenço. Apenas tinha feito isto quando disseram: "Juntai as mãos"; e coloquei de novo a mão direita sobre as de Kate. Há esse tempo o papel me foi arrebatado da mão, onde só ficou o lápis, que um minuto depois também me tiraram, dando com ele três pancadas bem distintas, na minha mão. Não se ouviu o som da queda desses objetos no soalho; mas, depois de um certo intervalo, sentiu-se distintamente o atritar do papel no chão; alternando com o ruído que produz a pena arranhando o papel e continuando com alguns intervalos, por muito tempo, durante o qual a minha mão direita não se separou das de Kate.

Depois, atraída por um ruído produzido à sua direita, Kate olhou para o chão e, com uma expressão de surpresa, chamou minha atenção para o que estava vendo. Erguendo-me e olhando para cima da mesa, mas sem abandonar as mãos de Kate, percebi distintamente, no local por ela indicado, à sua direita, uma aparência luminosa de forma retangular perfeitamente definida e, tanto quanto

me era possível julgar, com a configuração e dimensões de uma das folhas do caderno que me fora arrebatado da mão.

Por batimentos nos foi dito que não olhássemos ainda, pelo que me assentei.

Então, Kate perguntou se o Espírito não podia levantar o papel luminoso e colocá-lo sobre a mesa, diante de nós. A resposta foi: "Deixai primeiro mostrar-nos o lápis."

Pouco depois, Kate informou estar vendo de novo a aparência luminosa, ainda mais brilhante que da primeira vez. Então, olhando, como já o havia feito e fixando-a por algum tempo, vi distintamente sobre aquilo que me parecia o papel iluminado, a projeção da sombra de uma pequena mão, segurando um lápis e movendo-se lentamente sobre o papel. Não me era, porém, possível distinguir o que estava escrito.

Kate exclamou, satisfeita: "Não vedes a mão e o lápis? - e como ela está escrevendo?" Ela via o mesmo que eu; e durante todo esse tempo suas mãos estiveram sobre a mesa, e eu me lembrava disso mesmo, naquele momento.

Disseram-nos então: "Deixai de observar." E eu assentei-me de novo.

Pouco depois, mandaram-me colocar a mão por baixo da mesa e apoiei a mão esquerda sobre o joelho. Nela, delicadamente, senti que introduziam uma folha de papel, sendo por essa ocasião as pontas dos meus dedos tocadas por dedos que pareciam humanos. Pus o papel sobre a mesa e tornei a colocar a mão sobre o joelho. Nela introduziram um objeto que me pareceu uma caneta e que depusitei também sobre a mesa.

Algum tempo depois, como nada mais distinguísse-nos que o roçar do papel, Kate pediu que uma folha do papel luminoso aparecesse sobre a mesa e logo isso se deu e o objeto de novo sumiu-se às nossas vistas.

Depois de um considerável intervalo, minha mão esquerda recebeu o contacto de outra folha de papel, mas esta fugiu-me antes de poder segurá-la.

Seguiu-se outro intervalo, depois do qual nos mandaram acender o gás. Abandonei, então, as mãos de Kate; e, apenas tivemos luz, fui examinar as portas da sala. Os selos e tiras de papel estavam intactos. Tudo, ao redor de nós, conservava-se como antes da sessão, salvo o fato de se ver no chão alguns pedaços de papel com algumas linhas escritas e, entre eles o meu lápis, ao passo que sobre a mesa só estavam a folha e a caneta que haviam posto em minha mão.

Meu pensamento foi de estar ali colocado nas condições de um juiz no seu tribunal, e que, durante a sessão, além de Kate e eu, ninguém havia penetrado na sala. Passei a examinar os papéis.

O que estava sobre a mesa continha uma escrita feita a tinta, ao passo que a dos três papéis que se viam no chão era a lápis; contendo cada um duas ou três linhas. O primeiro dizia: "À noite de hoje não favorece a aparição. Vencerei as dificuldades. Vós me vereis. Acreditai-me".

Esse escrito, apenas legível, era feito evidentemente com uma pena má, que arranhava e feria o papel, como era fácil de notar-se. Em uma das outras folhas estava escrito a lápis: "Não desanimeis. Vós me vereis face a face." Em outra havia uma alusão ao estado da atmosfera, então desfavorável a qualquer aparição de forma corporal.

Com efeito, a noite estava tenebrosa e a chuva caía; o que, como tive muitas ocasiões de verificar, não favorece as experiências espíritas.

No quarto papel, via-se expresso em termos positivos, a ansiedade com que o escritor buscava satisfazer ao meu desejo de obter uma aparição.

Meus sentimentos, quando cuidadosamente examinei esses resultados, raramente podem ter sido experimentados por um outro ser humano.

Tomei o papel escrito a tinta. Alguém, um ser inteligente, um habitante do outro mundo, havia-se apoderado da caneta que se achava sobre a mesa, mergulhado a pena na tinta e escrito essas linhas, e depois havia me entregado tudo por baixo da mesa. Tudo isso se deu quando as duas mãos únicas que, exceto as minhas, se

encontravam na sala, estavam seguras por mim. Além do que, eu ouvira perfeitamente o ranger da pena que escrevia. Tomei a pena e busquei escrever algumas notas sobre a nossa sessão. Ela estava estragada e respingava no papel, como o havia feito nas mãos do misterioso escritor. Depois, deixando a pena, busquei escrever algumas linhas com o lápis.

Era um lápis guarnecido a ouro. Fiz notar a Kate que com um lápis tão pesado e uma pena tão estragada, não era possível que eles tivessem feito melhor.

Seriam do mundo espiritual esses autógrafos? Onde, pois? Não tinha eu visto um deles ser escrito? Não tinha visto uma dessas mãos luminosas erguer-se acima da mesa e depois tornar a descer? Não sentira o contacto das mãos de Kate, ao mesmo tempo em que a mão estranha escrevia e fazia subir e descer o papel? Podia Kate escrever oito ou dez linhas, estando presas suas duas mãos? Podia eu escrever com a minha mão esquerda, coisa que não sei fazer? Ou teria Kate já trazido os papéis escritos? Considerei todos esses pontos, e, com todas as regras da crítica, examinei-os um por um. O meu sinal particular, letras do alfabeto germânico, tudo ali estava no canto de cada folha.

Que foi tudo isso? Deverão assim, serem desprezados os sentidos da vista, da audição e do tato de pessoas sadias e bem dispostas? Terão mais valor a evidência conseguida em um tribunal de justiça, ou as experiências feitas em um laboratório químico?

O senso comum, para mim, afirma que não. Creio que existe uma outra fase de vida, separada da atual, pela transformação chamada morte. Nada vejo de inverossímil, pra não dizer de incrível, na teoria que ensina que Deus pode conceder ao homem provas sensíveis da sua imortalidade. Por isso aceito a evidência dos meus sentidos, quando eles me dizem que os seres humanos que já se acham nessa segunda fase da existência têm, às vezes, permissão de se comunicar, além dos limites terrenos, com os que aqui deixaram.

Para aqueles a quem a comunicação espiritual parece um absurdo, e, mais especialmente, para aqueles a quem a hipótese de uma outra vida tem o aspecto de um sonho fútil, deve-se deixar a

livre escolha dos meios de fugir à dificuldade. Julgo que eles nunca encontrarão teorias mais aceitáveis que aquela que eles se mostram decididos a rejeitar.

Em relação à precedente experiência, cumpre notar que a sala em que teve lugar foi escolhida por mim, quando era outra a proposta; que esperava uma espécie de manifestação e veio-nos coisa muito diferente. A principal objeção que os cépticos poderão apresentar, será a de estar a sala às escuras; mas, um exemplo anteriormente citado, já ficou patente que nos fenômenos espirituais de caráter violento, a luz só consegue fazê-los suspender, mas nunca descobrir suas causas. Contudo, preciso não ficar nisso. É mui raramente e em circunstâncias mui favoráveis, que poderemos obter a escritura direta à plena luz. Contudo, obtive-a algumas vezes. E eis como:

A ESCRITURA ESPIRITUAL DIRETA À LUZ DO GÁS

À noite de 3 de setembro de 1861, achei-me em uma sala dos fundos do segundo andar da casa do Senhor Underhill, juntamente com o Doutor Wilson, o dono da casa e sua mulher. Foram tomadas precauções relativamente ao fechamento das portas e ao mais que o uso aconselha. A sala conservou-se claramente alumiada durante a sessão. Assentamo-nos ao redor de uma mesa retangular, cuja superfície media trinta e três sobre cinquenta e três polegadas, sem gavetas, e da qual retiramos a tábua de cima. A luz do gás esclarecia o espaço situado abaixo da mesa, de modo a poder-se, a todo o momento, inspecionar o que aí se passasse. Fiquei de um lado em oposição à Senhora Underhill, tendo à minha direita o Senhor Underhill e à esquerda o Senhor Wilson, os quais ocupavam as cabeceiras da mesa.

Poucos minutos depois, ouvimos bem distintamente o tinido de uma corrente de ferro; depois, um choque violento na madeira de um dos topos da mesa, como se fosse produzido pela ponta embotada de uma adaga, tão forte que abalou todo o madeiramento da mesa; depois ainda, um som metálico semelhante ao que produziria duas

varas de aço chocando-se uma na outra; e finalmente, o tinido da vibração de chapas de aço.

Durante todo esse tempo, as mãos de todos os assistentes pousavam sobre a mesa, de baixo da qual nada se podia descobrir.

Depois de havermos presenciado muitos outros fenômenos, perguntamos se podíamos obter a escrita direta com luz, ao que, por pancadas, nos responderam afirmativamente. Fomos buscar papel e lápis e eu mesmo arranquei uma folha do meio de um caderno e examinei-a com todo cuidado, à luz do gás: estava completamente limpa. Coloquei-a juntamente com o lápis sobre o joelho, fixando a vista nesse ponto. Apenas, porém, desviei os olhos para observar se todas as mãos se achavam na posição primitiva, o papel e o lápis me foram tirados, sentindo por essa ocasião, na minha o toque de outra mão. Então, durante seis ou oito segundos, ouvimos um som semelhante ao ruído de um lápis escrevendo rapidamente, e, antes que tivesse tempo para olhar de novo, pelas pancadas me foi dito: - "Apanha o papel." Apanhei-o, nele achei escrito a lápis, como se o fora por mão rude e trêmula, as palavras: - "O Norte vencerá." (90) O t da palavra Norte era cortado por um traço rude e as letras da última palavra não estavam todas na mesma linha; contudo, a palavra era legível. Não creio tivessem decorrido mais de vinte ou, no máximo, vinte e cinco segundos, desde o instante que coloquei o papel sobre o joelho, até aquele em que o apanhei para ler.

Esse exemplo me parece bastante para justificar minhas experiências desta categoria. Para corroborar, vou ainda citar os resultados obtidos por dois amigos meus, que de algum modo têm sido mesmo mais favorecidos do que eu nessas manifestações, demonstrativas da realidade da escrita direta.

A primeira, obtida com luz artificial, foi uma experiência do Senhor Livermore, de New York, em sessão de Kate Fox, a 18 de agosto de 1861. Estavam sós, ele e o médium. As portas e janelas foram fechadas, a sala examinada cuidadosamente. As luzes apagadas, mas, de repente, uma luz oblonga, com as dimensões e configuração de um melão, pousou sobre a mesa, conservando-se ali imóvel, por muito tempo. O Senhor Livermore pediu que ela se

levantasse e imediatamente ela elevou-se ao ar, lançando clarões intermitentes e flutuando no espaço. Finalmente, voltou à mesa, com o seu brilho muito aumentado.

O Senhor Livermore levava dois grandes cartões brancos, tendo cada qual um sinal particular, na esperança de obter a escrita direta. Colocou-os perto da luz, sobre a mesa, juntamente com um lapiseiro de prata, ao mesmo tempo em que segurava as duas mãos do médium. Esses objetos foram atirados abaixo da mesa, conservando-se aparentemente, suspensos a umas três ou quatro polegadas do solo; e a luz movia-se de modo que seus raios caíam diretamente sobre os cartões. O que o Senhor Livermore então viu, eu expressei em suas próprias palavras, copiadas da memória que escreveu: "Os cartões se tomaram o centro de um círculo de luz, de um pé de diâmetro. Examinando atentamente o fenômeno, vi uma mão dirigindo o lápis sobre um dos cartões, movendo-se lentamente da esquerda para a direita, e voltando para a esquerda quando, terminada uma linha, tinha de começar outra. No começo, tinha ela a configuração perfeita de uma mão; depois, porém, transformou-se em substância escura, menor que a mão humana, mas ainda aparentemente segurando o lápis, escrevendo com alguns intervalos e conservando-se visível cerca de uma hora. Não me é possível conceber melhor evidência da realidade da escrita direta. Todas as precauções possíveis contra o embuste tinham sido tomadas. Segurei as duas mãos do médium durante todo este tempo. Possuo ainda os cartões cheios de escritura miúda, de ambos os lados. Os sentimentos aí expressos são do caráter mais elevado, puro e espiritual.

O fenômeno, tal como foi observado, continuou a apresentar-se durante uma hora, sob uma luz brilhante e não acesa por mão humana.

O outro exemplo deu-se à plena luz do dia e me foi comunicado por uma testemunha de vista, primeiro verbalmente, depois por carta em que o autor gentilmente me permitiu publicar o seu nome; nome esse que, pelo respeito e consideração que merece, garante a narrativa. É uma senhora, irmã do historiador Bancroft e viúva de

John Davis, antigo governador de Massachusetts, mais conhecido em New England pelo honroso cognome de "honesto John Davis".

O fato ocorreu na sala de jantar da Senhora Davis, em Worcester, Massachusetts, sendo médium o Senhor Willis, antigo estudante da Universidade de Harvard, onde esbarrara com sérias dificuldades por sua franca confissão de acreditar no Espiritismo. "A sala, diz a Senhora Davis, tinha quatro janelas dando para o oriente, para o sul e para o ocidente; eram onze ou doze horas da manhã, de modo que dispúnhamos da plena luz de um sol de verão, apenas interceptada por transparentes verdes. Assentamo-nos ao redor de uma mesa, sobre a qual eu havia colocado papel e lápis; mas não tínhamos a intenção de formar o que se chama um círculo, e simplesmente esperávamos obter alguma das maravilhosas manifestações que havíamos testemunhado na tarde anterior."

Enquanto assim pensavam, o lápis elevou-se da mesa e firmando a ponta, conservou-se formando o ângulo usual, como se estivesse seguro por mão humana, mão que para todos era invisível, e começou a escrever. O espanto da Senhora Davis pode ser imaginado.

O movimento do lápis era regular, ouvia-se um ligeiro atrito enquanto ele se movia; fato atestado pela Senhora Davis e pelo Senhor Willis. O lápis escreveu uma curta e afetuosa mensagem da parte de um amigo íntimo da Senhora Davis, falecido alguns anos antes, e que deu o nome. A evidência, neste caso, é mais direta do que em qualquer das experiências do Barão de Guldenstubbe, porque este nunca observou o ato da escrita; assim, ele tem certa vantagem sobre a experiência do Senhor Livermore e sobre a minha; porque nesses dois últimos casos a luz era artificial e, por isso, merecendo menos confiança que a do dia.

Que elemento de autenticidade falta aí? A escrita foi feita sob as vistas e audição de ambos, à plena luz do dia.

Em relação a tudo aquilo que por nós mesmos não foi observado, quão raros são os testemunhos mais conclusivos do que este!

Entregando essas diversas experiências à consideração do leitor sincero, vou tratar de alguns exemplos de outras espécies de escritura, freqüentemente desacreditadas, mas das quais possuo provas que não devem ser postas de parte.

ESCRITA SOBRE O BRAÇO E A MÃO DO HOMEM

O Senhor Robert Chambers e eu, entretínhamos boas relações com um cavalheiro a quem, por não estar autorizado a publicar-lhe o nome, chamarei Senhor M. É um dos mais felizes e conhecidos negociantes do país.

Não reside em New York, mas ali se achava na ocasião a que me refiro. O Senhor Chambers e eu convidamo-lo a ir conosco à residência do Senhor Charles Foster, um dos melhores médiuns que tenho conhecido. O Senhor M. não acreditava nos fenômenos espíritas, não conhecia o Senhor Foster e só aceitou o convite para nos ser grato. Não avisamos ao Senhor Foster da nossa visita, nem lhe demos o nome do nosso amigo. Lá chegados, assentamo-nos, como para uma sessão ordinária, em volta de uma mesa-redonda.

Depois de obter alguns fenômenos notáveis que omito aqui, o Senhor M, manifestou o desejo de conseguir uma prova da realidade das comunicações espíritas, e o Senhor Foster pediu-lhe que pensasse em algum amigo falecido. Ele lhe disse que escrevesse num pedaço de papel o primeiro nome por extenso e o número dos outros nomes do amigo, e noutro pedaço o número dos nomes e o nome de família por extenso, conservando oculto o que escrevesse. O Senhor M, assim o fez, sendo de vinte e três o total do número dos nomes do falecido. A pedido do Senhor Foster, ele rompeu o papel separando os nomes, fez de cada fragmento uma bola e conservou-as nas mãos, colocadas por baixo da mesa e com as palmas para cima. Depois, o Senhor Foster, que se assentava defronte do Senhor M., segurando com uma das mãos o meu chapéu, levou-o para baixo da mesa e disse: "Espírito, podereis nos dar o prazer de escolher nas mãos do cavalheiro presente as bolinhas onde se acham escritos vosso nome e sobrenome, colocando-os no chapéu do Senhor

Owen?" Em menos de um minuto ouviram-se os golpezinhos e o Senhor Foster ergueu o chapéu e dele tirou as duas bolinhas, que entregou ao Senhor M. o qual examinou-as sem no-las mostrar, e depois disse somente: "São as que contêm o primeiro e o nome de família do meu amigo." Então, o Senhor Foster exclamou de repente: "Eis o primeiro nome escrito em meu braço", e descobrindo o braço, ali vimos escrito em grandes letras cor-de-rosa, o nome Seth. Depois de um minuto ou dois, quando olhamos para o que estava escrito, o nome apagou-se e o Senhor Foster perguntou: "Quererá o Espírito escrever a primeira letra do seu nome de família no dorso da minha mão?" Observamos a mão, onde não se viu o mais leve sinal; mas, apenas passado um curto tempo, começaram a aparecer uns pontos cor-de-rosa, que foram crescendo gradualmente e juntando-se, formaram distintamente a letra C. Pela primeira vez, então, o Senhor M. nos mostrou o papel das bolinhas, em um dos quais se lia Seth e no outro C... O Senhor Foster perguntou então ao Senhor M., se esse Espírito era o de algum parente e depois da resposta afirmativa, pensou um ou dois minutos e disse: "Ah! Ele aí vem. É vosso sogro." O Senhor C. tinha sido realmente sogro do Senhor M., como este então nos afirmou; circunstância que eu e o Senhor Chambers ignorávamos. No correr dessa sessão, o Senhor M. ficou extremamente pálido e, por mais de uma vez, mostrou-se sumamente surpreso. Eu não partilhava do seu assombro, porque na véspera, a 28 de setembro, tinha tido uma sessão particular com o Senhor Foster, na qual obtive uma prova talvez mais satisfatória que a supramencionada. Eu tinha pedido ao médium que descobrisse o braço e então lhe disse: "Podereis dar-me a primeira letra do nome de família de um amigo falecido, no qual estou pensando?" Fixei os olhos no seu braço e, depois de algum tempo, ali vi aparecer a letra W, que depois, gradualmente, se apagou. Era a primeira letra do nome em que eu pensava.

Eis aí dois fatos maravilhosos: uma resposta a uma pergunta mental, escrita num braço humano à minha vista e dada a uma pergunta inesperada.

Mais de um ano depois, tive ainda com o Senhor Foster uma prova semelhante, e, pelo fato de haver na ocasião tomado minuciosas notas, relato a experiência, arriscando-me a ser considerado fastidioso.

A LETRA F

Um círculo de oito pessoas achou-se reunido, ao anoitecer de 15 de novembro de 1861, na residência do Senhor Foster, na bem conhecida casa da rua East 20, de New York, morada de duas senhoras, ambas espíritas sinceras, e cujas recentes perdas o nosso país deplora - Alice e Phoebe Cary.

No começo, fomos todos convidados a escrever um ou mais nomes de amigos mortos, cada qual em um pequeno pedaço de papel, enrolá-los bem e misturá-los no centro da mesa. Eles eram ao todo vinte ou trinta.

De tempos a tempos o Senhor Foster dirigia uma mensagem a um dos presentes e entregava-lhe um dos papelinhos, sem abri-lo, colhido do maço central. Em todos os casos, as mensagens eram apropriadas aos nomes e às pessoas a quem os papéis eram entregues. Em seis casos, o nome do falecido apareceu escrito no braço do Senhor Foster, mas o braço só era descoberto quando ele queria mostrar-nos o nome.

Quando só restavam oito ou dez papelinhos, eu disse ao Senhor Foster: "Entre os que ainda não foram distribuídos, há um escrito por mim. Desejava fizésseis aparecer em vosso braço a primeira letra do nome que escrevi." Ia, porém, acrescentar o pedido para descobrir o braço antes de a letra aparecer, mas contive-me no receio de que se ofendesse, julgando que suspeitasse dele. O Sr. Foster ficou calado por um ou dois minutos, conservando as mãos pousadas na mesa e depois me disse: "Olhai para o meu pulso"; estendendo ao mesmo tempo o braço esquerdo com a mão cerrada e a palma voltada para baixo, e levantando a manga da camisa até descobrir uma extensão de três ou quatro polegadas do braço. Observei que ali não se achava sinal algum, mas, depois de um minuto, mostrou-se

uma mancha cor-de-rosa, que foi crescendo gradualmente até apresentar, depois de cerca de meio minuto, a configuração da letra F. Ela se estendia pelo punho todo até a ponto de junção com a mão, achando-se na linha desta o traço do F. A letra tinha a aparência de manuscrita e não impressa, e, apesar de parecer escrita apressadamente, sem cuidado, era distintamente legível, de modo a todos reconhecerem-na logo. Conservou-se visível por mais de dois ou três minutos, apagando-se depois gradualmente.

Então, o Senhor Foster foi tirando os restantes papelinhos, um depois do outro, entregando-os aos seus donos; quando chegou aquele em que eu tinha escrito a palavra Florência, nome de uma filha que havia perdido na infância, vinte anos antes, circunstância totalmente ignorada por todos os presentes -, ele me entregou.

O cunho particular deste testemunho, mais forte que qualquer outro dos ali obtidos, estará simplesmente na satisfação do meu desejo puramente mental de assistir à formação da letra? O leitor que tire as suas deduções, tendo em vista as circunstâncias. O sentimento que em mim despertou a formação dessa letra, tinha alguma coisa de semelhante ao que experimentei quando, pela primeira vez, observei com o microscópio a súbita aparição da cristalização.

Falta-me espaço para dizer mais sobre a escrita direta. Que mais fortes provas, porém, podia apresentar? Que os que duvidam, busquem obtê-las por si mesmos.

CAPÍTULO IV

Os fatos espíritas

Na primavera de 1858, estando em Nápoles, tive quatro sessões com um médium de reputação universal, D. Dunglas Home, e, em

sua presença testemunhei um fenômeno que nenhum pensador sério pode testemunhar, quando genuíno, sem experimentar um sentimento estranho de se achar noutra mundo.

As sessões se efetuaram na sala de recepção de minha residência, no Chiaja, achando-se presentes além da minha família e o médium, o Conde d'Aquila, ou como comumente o chamávamos, o Príncipe Luiz, terceiro irmão do Rei de Nápoles. As sessões se efetuaram na primeira metade da noite, com a sala brilhantemente iluminada. Assentamo-nos ao redor da mesa central, de três pés e nove polegadas de diâmetro e éramos alumados por um candieiro pesando cerca de 39 quilos.

Na segunda sessão fomos todos sucessivamente tocados, depois de se haver dado uma singular manifestação. Em vários pontos, ao redor da mesa, a tábua superior recebeu pancadas vindas de fora, e ocasionalmente no sentido do eixo, como se uma mão a tocasse de baixo para cima. A Senhora Owen tocou e sentiu, através da cobertura da mesa, alguma coisa que lhe pareceu pequena mão humana, fechada. Pelos golpezinhos, disseram que era a nossa filha Florência, falecida em tenra idade. Depois, puxaram o vestido da Senhora Owen em direção diversa da do Senhor Home, por oito ou dez vezes e com tanta força, que disse que se estivesse dormindo, teria acordado. Isto lhe chamou logo a atenção, e notou que o seu vestido se movia, cada vez que o puxavam.

Então pedi que me dessem três toques, o que foi feito assaz distintamente. Depois, coloquei sobre o joelho a mão coberta com um lenço e, a pedido, foi ela imediatamente tocada por cima do lenço. A Senhora Owen também pediu lhe tocasse a mão, que ela colocou descoberta, por baixo da mesa. O fato sucedeu, não em sua mão, mas através da seda de um dos fofos do vestido.

Depois, de sob a mesa, em lugar oposto ao ocupado pelo Senhor Home, tocaram por três vezes as mãos da Senhora Owen, quando esta as mantinha em cima da mesa.

Durante todo esse tempo às mãos do Senhor Home pousavam na mesa. Logo depois, a mesa ergueu-se inteiramente do solo, a uma altura de quatro ou cinco polegadas, moveu-se para o lado da

Senhora Owen, fazendo um percurso de doze polegadas e aí desceu ao solo. Elevou-se, depois, pela segunda vez e caminhou cerca de seis polegadas na mesma direção. Desta vez, o pé da mesa prendeu ao solo o vestido da Senhora Owen, impedindo que ela se levantasse, como o havia feito da primeira vez, e sendo preciso afastar a mesa para libertar o vestido.

Depois, uma grande cadeira de braços do peso de 20 1/2 quilos, que estava desocupada por detrás do Senhor Home, cerca de quatro pés e meio daquela em que ele se assentava, moveu-se repentinamente para a mesa, em direção ao espaço situado entre o Senhor Home e a Senhora Owen. Ocupando o lugar oposto a esse, sucedeu que eu estivesse olhando naquela direção, de modo a ver-lhe o movimento. Com a rapidez com que ela vinha, esperei que chocasse fortemente a mesa, mas esta estacou sem tocá-la, à distância de uma ou duas polegadas. Convém dizer que ela se movia sobre o tapete.

Nesse momento o Senhor Home estava assentado junto à mesa, com as mãos descansadas sobre ela e sem dar a mínima demonstração de estar fazendo o menor esforço muscular.

Na seguinte sessão, a 6 de abril, os toques repetiram-se e ainda mais distintamente na quarta sessão, a 12 do dito mês, na qual a mão que nos tocou estava nua. Relatemos: a mão da Senhora Owen, colocada sobre o joelho e coberta com o pano, foi tocada por uma coisa semelhante à mão humana, macia, morna e um tanto úmida. O contacto se produzia mesmo na mão da Senhora Owen e era tão distinto que toda ilusão tornava-se impossível. A Senhora Owen havendo já testemunhado esse fenômeno nas duas sessões precedentes, não se alterou e me disse que não se sentia nervosa nem intimidada.

O Príncipe Luiz foi repetidamente tocado, como nós, e depois me exprimi com sinceridade a sua convicção de serem genuínos os fenômenos que havia testemunhado. Ele já tinha anteriormente feito experiências dessa ordem. Logo depois da minha volta a este país, obtive a evidência confirmatória desse fenômeno.

TOQUES ESPÍRITAS AO BRILHO DA LUZ DO GÁS

A 23 de outubro de 1860 reuniram-se em sessão, à noite, na sala de jantar do Senhor Underhill, os Srs. Underhill pai, Seth Underhill, filho, a esposa deste, a Senhora Price de Westchester e eu. Foram tomadas as usuais precauções, relativamente às portas, etc. Disseram-nos por golpezinhos: "Olhai para baixo da mesa." Fizemo-lo com todo o cuidado e nada vimos.

Algum tempo depois, disseram: "Colocai um lenço sobre a mão." Perguntei se era a mim que se dirigiam e, à vista da afirmativa, coloquei a mão direita, coberta, por baixo da mesa. "Mais baixo" -, disseram; e eu fi-lo o mais que pude.

Todos os assistentes tinham as mãos à vista, em cima da mesa, e a pedido da Senhora Underhill as juntaram, formando a cadeia. Como eu tinha a mão direita ocupada, a Senhora Price colocou a sua mão esquerda sobre o meu ombro, a fim de fechar o círculo.

Mais ou menos dois minutos depois, minha mão foi tocada e comprimida pelos dedos de uma outra, sem poder haver ilusão. Pedi que tornasse a tocar e isso foi feito, sentindo eu, então, o contacto da ponta dos dedos e a aguda impressão das unhas na minha mão.

Durante todo esse tempo a luz do gás era brilhante e o círculo das mãos unidas se mantivera, estando à vista as mãos dos assistentes, que eu não cessava de observar.

Se não fosse a lembrança, então vinda, de olhar para baixo da mesa, como antes haviam recomendado, eu teria omitido essa precaução. .

No último ano, fiz semelhante experiência, também à plena luz. Foi na sessão, acima mencionada, de 3 de setembro de 1861, quando obtivemos a escrita direta à luz do gás, estando presentes também o Senhor Underhill, sua mulher e o Senhor Wilson, com uma mesa de trinta e três sobre cinquenta e três polegadas, sem gavetas e sem pano.

Disseram: "Põe a mão para baixo." Coloquei a mão esquerda por baixo da mesa. Meu pé foi tocado e comprimido, minha perna agarrada como por mão forte, ao passo que a mão não era tocada.

Então, disseram: - "O lenço"; - e apenas cobri a mão, nela senti o contacto de um dedo grosso. Depois, meus dedos foram apertados por dois outros e por um dedo polegar, estranhos; em seguida, por três dedos e o polegar de uma mão forte. Algum tempo depois, dedos de mão pequena pousaram docemente na minha mão e por golpezinhos, me foi dito: "Foi Violeta quem vos tocou."

Essa experiência foi feita em uma sala bem iluminada, com a mesa descoberta e estando à vista as mãos de todos os assistentes.

Alguns leitores, simples teóricos, ficarão na persuasão de que um só sentido, especialmente o do tato, não pode dar uma suficiente evidência nos casos supracitados. Que eles experimentem; e quando forem tocados por mão vigorosa e real, com tanta força como se fosse a de um amigo, acreditem que é um produto da sua imaginação e fiquem convencidos de que ninguém os tocou. É um pirronismo que nada lhes dará de bom. Quando do meio dessas sensações lhes vier o testemunho, compreenderão como Tomé, com que dificuldades luta o descrente. Aqui encerro a narração das manifestações usualmente físicas e passo a me ocupar de um problema de mais intrincado caráter: o da identidade dos Espíritos.

PARTE QUARTA

IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS

CAPÍTULO I

Provas reais das relações deste com o outro mundo

Entre os fenômenos espíritas há os de uma classe rara, mas admiravelmente convincente, quando os conseguimos obter. Eles nos demonstram muito mais que a realidade do outro mundo, verdade de incomparável valor; e nos dão uma rápida vista desse mundo, dissipando muitos preconceitos relativos ao seu caráter e habitantes. Por eles ficamos sabendo que nossos amigos lá conservam seus sentimentos terrenos e humanas simpatias; ainda nos reconhecem e podem interessar-se pelos assuntos de que nos ocupamos. Eles não nos fornecem as provas de que todas as comunicações ultramundanas sejam realmente dos Espíritos que lhes emprestam seus nomes; mas dão provas de que algumas o são, fornecendo-nos assim, em certos casos, a sua identidade. Dão-nos satisfatória afirmação de que reconheceremos nossos amigos no outro mundo e que lá os acharemos, muito menos modificados do que no-lo ensinam as fantasias teológicas.

Essas provas são mais valiosas quando se apresentam espontânea, inesperada e importunamente, mesmo no lar doméstico, onde falecem motivos para embustes ou jogos de prestidigitação.

Julgo-me feliz em vos poder oferecer um exemplo que me foi fornecido por amigos, em cuja boa e sagacidade tenho plena confiança. Sei os nomes de todas as pessoas cujas iniciais são dadas na seguinte narrativa, não os publicando por extenso por não estar autorizado. Só quando a sociedade aprender a respeitar e cessar de ridiculizar testemunhos desta ordem, se poderá condenar a reserva dos que nela buscam um refúgio contra tais injustiças, recorrendo ao anonimato.

UM ESPÍRITO REGULANDO SEUS NEGÓCIOS DESTE MUNDO

A Senhora G., mulher de um Capitão do exército dos Estados Unidos, residia com o marido em Cincinnati, em 1861. Antes disso, várias vezes ela ouvira falar das experiências espíritas, mas tinha-lhe faltado oportunidade para experimentar a sua realidade. Além disso, considerava pecado a tentativa das comunicações com o outro

mundo. Nunca se tinha encontrado com algum dos chamados médiuns profissionais. Aconteceu, porém, que no ano supracitado, uma senhora de suas relações, a Senhora C., conheceu que dispunha da faculdade de obter mensagens por meio da tipologia, e ocasionalmente fez algumas sessões com alguns amigos íntimos, entre os quais estava a Senhora G. Essas sessões continuaram pelos anos de 1861 e 1862, sendo de algum modo necessário vencer a repugnância da Senhora G. por tais assuntos e para o que, concorreu sua curiosidade. Deu isso em resultado a sua plena convicção. Em dezembro de 1863 faleceu-lhe repentinamente um irmão do marido, familiarmente conhecido por Jack. Em março de 1864, a Senhora G. no retiro de sua residência de campo, perto de Cincinnati, recebeu a visita de uma amiga, Senhorita B., que possuía a faculdade mediúnica, e as duas resolveram fazer uma sessão. Ao meio do trabalho, a jovem amiga levantou-se, ficando só a Senhora G.; como ela continuasse a tocar ligeiramente a mesa com os dedos, viu-a mover-se pela sala e entrar pela porta que dava para outra sala próxima. Esse movimento, operado sem contacto em sua presença, fez com que a Senhora G. conhecesse que também era médium. Assentando-se as duas de novo, foi-lhes dado o nome de Jack. A Senhora G. perguntou-lhe: "Desejas alguma coisa, irmão?" A resposta foi, "Dai a Ana aquele anel."

Ana M. era o nome de uma jovem com quem ele ia casar-se, quando morreu. A Senhora G. não conhecia o anel, mas se lembrava de que, quando Jack morreu, o marido havia mostrado a um amigo do falecido um pesado anel de ouro, que lhe pertencera. Ela perguntou se era aquele o anel, obtendo resposta afirmativa.

Dias depois, vindo a mãe de Jack visitá-la, ela nada lhe disse acerca da comunicação recebida; mas, no correr da conversação, a visitante contou que a Senhorita Ana M. a tinha procurado e lhe dissera ter dado a Jack, por ocasião do seu ajuste de casamento, um anel de ouro, que ela desejava lhe fosse agora restituído. A Senhora G. e seu marido ignoravam que tal anel tivesse pertencido à Senhorita Ana, pois Jack nada lhes havia dito a respeito. Empregaram-se os meios precisos para a restituição.

Algum tempo depois da morte de Jack, três pessoas, G., C. e S. apresentaram-se separadamente ao Capitão G., dizendo-lhe que seu irmão lhes era devedor de certa importância, quando morreu. O capitão pediu que lhe enviassem as contas.

Contudo, não conhecendo a importância das dívidas do irmão a esses indivíduos, pediu à Senhora G. fizesse uma sessão a fim de obter algum esclarecimento a respeito. Eis o resultado: Jack anunciou-se e travou o seguinte diálogo com o irmão:

"Devíeis alguma coisa a G. quando morrestes? - Sim. Quanto? - Trinta e cinco dólares. - Devíeis a C.? - Sim - Quanto? - Cinquenta dólares. - E quanto a S. ? - Nada? - Mas S. diz que éreis seu devedor - Não é exato. Tomei-lhe emprestado quarenta dólares, mas depois remeti-lhe cinquenta; ele devolveu-me sete; portanto, ficou-me restando três.

A conta de G., apresentada depois, acusava trinta e cinco dólares, a de C. cinquenta. S. apresentou uma conta de quarenta dólares; mas, na ocasião, dizendo-lhe o capitão que Jack lhe havia remetido cinquenta, ele ficou confuso e disse que pensara ter sido aquilo um presente de Jack à irmã dele.

Depois, o Capitão G. fez perguntas à mesa, e travou-se o seguinte diálogo:

"Tendes mais alguma dívida, Jack? - Sim; a John Gr. dez dólares, importância de um par de botas. - E ninguém vos ficou devendo? - Sim; C. G. deve-me cinquenta dólares.

O Capitão G. procurou a pessoa indicada e perguntou-lhe se não era devedora ao seu falecido irmão. "Sim, respondeu-lhe o interrogado; devo-lhe quinze dólares. - Mas, ele vos emprestou cinquenta. - É exato, mas eu restituí-los, menos quinze. - Creio que tendes os recibos do que restituístes." O interpelado prometeu levá-los; mas, afinal, teve de pagar os cinquenta dólares.

Finalmente, o Capitão G. procurou o Senhor Gr., o sapateiro, que não tinha apresentado conta alguma, desejando obter a verificação mais completa que lhe fosse possível. "Senhor Gr., estarei vos devendo alguma coisa?" - perguntou o capitão. - "Não. Nada me deveis, respondeu o interrogado, mas vosso falecido irmão

me estava devendo dez dólares, importância de um par de botas." - Bem. Aqui os tendes."

Isso me foi relatado pelo capitão e por sua senhora quando os visitei em sua casa de campo. Se à vista da exposição acima feita, imaginarmos ainda que houve aí um embuste, deliberado, circunstancial e sem razão de ser da parte de pessoas da maior respeitabilidade, de caráter e de reputação ilibada, violaremos todas as regras admitidas da evidência; se, porém, aceitarmos os fatos, qual a teoria contrária à realidade das comunicações espirituais que nos poderá dar uma explicação satisfatória? Como explicar essa relação estreita, positiva, tangível, que evidentemente prende o espiritual ao material, o mundo ainda oculto às nossas vistas com o outro, que se estende ao redor de nós, palpável aos nossos sentidos?

Que mais segura prova se pode desejar da identidade de uma comunicação espiritual, do que a fornecida por esses detalhes tão simples e familiares? Se julgarmos incompatível com a dignidade do mundo espiritual o fato de conservarem seus habitantes a lembrança dos pequenos detalhes da vida terrena, seremos forçados a admitir que as conseqüências dos nossos atos, bons e maus, não nos acompanham no outro mundo. Não nos poderemos arrepender dos nossos pecados, se não nos recordamos de os haver cometido; e o próprio céu seria para nós um castigo, se nele ainda nos lembrássemos de nossos atos maus. De outra sorte, podemos racionalmente concluir que, como as crianças avançando em anos vão pondo de lado as coisas pueris, assim os Espíritos procedem, à medida que se elevam. Os pequenos interesses irão fugindo dos nossos pensamentos, cedendo lugar a idéias de uma vida melhor.

E isto, sem dúvida, deve dar-se no princípio da fase espiritual, ou no fim da terrenal, na proporção do adiantamento espiritual do indivíduo.

Vou apresentar ainda um outro incidente que tem peculiar interesse, além da prova de identidade que oferece. Ele nos fornece um exemplo da faculdade de distinguir os Espíritos, da qual S. Paulo nos fala, ou daquele que no vocabulário moderno tem o nome de aparição subjetiva, visível aos videntes, ainda que invisível às outras

peessoas; aparições que, apesar do seu caráter subjetivo, não devem ser classificadas como alucinações.

A IRMÃ IZABEL

Uma tarde de domingo, no verão de 1855, um médico notável de New York, o Doutor H., assistia à missa na igreja do Rev. Doutor Bellow.

No curso do sermão, quando a sua atenção estava presa aos argumentos do pregador, foi repentinamente distraída, de modo inesperado, pela aparição de três figuras femininas. Elas se mostraram ao lado esquerdo do templo, e depois, lentamente atravessaram o espaço vazio que ficava em frente ao púlpito, reconhecendo então o Doutor H., em duas delas, sua mulher e sua mãe, ambas falecidas. A terceira figura, colocada entre as duas outras e tendo um braço passado ao redor da cintura da de sua mãe, era a de uma formosa jovem. Suas atitudes e gestos indicavam ser uma filha da outra; mas as feições eram totalmente desconhecidas do doutor, não se assemelhando absolutamente às da única irmã que ele tivera -, Ana, falecida em tenra idade, havia trinta e nove anos.

O grupo parou do lado direito da igreja, e ali, duas figuras -, a de sua mulher e a da jovem foram-se gradualmente apagando, para ficar somente a de sua mãe, que, por alguns minutos, fitou nele um afetuoso olhar, para desaparecer também. O Doutor H. teve tempo bastante para observar todas as particularidades dos vestidos das figuras: a touca lisa da quakers, o alvo lenço de musselina preso ao peito, o vestido de seda cinzenta, justamente como usavam, no tempo que ela morreu, as damas idosas da Sociedade dos Irmãos.

Era a primeira vez que em toda sua vida, o Doutor H, tinha visto uma aparição. Nada, até então, lhe havia dado a mínima indicação de possuir o dom espiritual, a não ser o fato de ter visto, uma vez, quando ia buscar um livro que se achava sobre uma mesa, esta, sem causa aparente, mover-se para o seu lado, aproximando-se de algumas polegadas. O efeito produzido por um fenômeno tão novo e inesperado, qual a aparição dessas figuras, foi grande.

Profundamente pensativo e inclinado a crer que a terceira figura devia ser a de sua irmã Ana, ele foi ter, na tarde seguinte, com um médium, uma das irmãs Foster, a fim de obter explicações.

A pedido do médium, foi pensando, sem pronunciar, em nomes de mulher, para que a tiptologia indicasse o da jovem, mas passou pelo de Ana sem ouvir o sinal esperado, que só veio, quando ele pensou no de Izabel. Em vão o Doutor H. deu tratos à memória, buscando lembrar de alguma parenta falecida, que assim se chamasse. Em segunda prova, começou a pensar nos graus de parentesco que o podiam ter ligado a essa jovem, e quando pensou no de irmã, a pancada se fez ouvir, nítida.

"É engano -, disse ele. Nunca tive irmã chamada Izabel. Uma só morreu, e essa se chamava Ana." Depois, fazendo um apelo à inteligência oculta, perguntou: "Terei meios de verificar que a figura que vi abraçando minha mãe, era a de uma irmã?" - "Sim" - foi a resposta. - "E chamou-se Izabel?" Foi também afirmativa a resposta.

Algo abalado com essa persistência, o Doutor H. lembrou-se de que a Bíblia de sua família, que ele não mais vira desde a meninice, achava-se em poder de sua madrastra, residente a setenta milhas dali. Sucedendo-lhe depois achar-se nas vizinhanças, foi visitá-la e teve oportunidade de examinar o registro do nascimento e da morte dos membros da família. Ali, com grande espanto, encontrou registrado o nascimento de uma filha, com o nome de Izabel, em 1826, juntamente com o do seu falecimento poucas semanas depois.

O fato sucedera durante uma ausência sua, por cinco anos, da casa paterna, há um tempo em que as correspondências postais eram mais difíceis que agora. É provável que se houvesse extraviado a comunicação desse nascimento e morte, sucedidos em sua família com intervalo tão breve.

O certo é que ele ignorava ter tido essa irmã. Uma vida tão breve, passa usualmente sem deixar vestígios, a não ser na memória de uma mãe.

Conheci por muitos anos o Doutor H., como homem inteligente e observador desapaixonado. Tenho muita confiança em sua veracidade e perspicácia. Foi ele mesmo quem me fez essa narração,

que depois de escrita foi submetida ao seu exame e confirmada com pequenas correções.

Cumpre-me observar que o fato indicado pela aparição e confirmado pelo médium, não só era desconhecido do observador, como contrário à sua convicção, a ponto de conservar-se ele incrédulo, até receber uma incontrovertível evidência.

Com mais uma narrativa adicional, semelhante à presente, encerrarei este capítulo.

A PROMESSA DA AVÓ

No mês de março de 1846, três damas - mãe e duas filhas - estavam reunidas na sala de jantar de um prédio, situado à Rua C..., Oeste de Filadélfia, entre uma e duas horas da tarde. A casa compunha-se de dois lancos, separados por um vestíbulo central, ficando do lado esquerdo a sala de visitas, e do direito a de jantar, ambas com janelas para a rua.

A mãe, Senhora R., mulher do Doutor R., assentou-se junto à janela da frente e da parede que separava a sala do vestíbulo. Entre ela e a porta que dava para o vestíbulo, havia um sofá junto à parede, no qual se achava assentada sua filha mais velha, então solteira e com dezenove anos de idade, hoje, porém, casada com o Rev. Senhor T., clérigo episcopal. Ambas estavam em posição de ver a porta de entrada da sala e observar o que nesta se passasse. Em frente de sua mãe, assentada num tamborete baixo, estava a filha mais moça -, A... então com dezessete anos. Todas três ocupavam-se com trabalhos de agulha, conversando de assuntos triviais.

A porta que dava para o vestíbulo, distava dez a doze pés da parede da frente; e no tempo a que nos referimos, ela apresentava apenas uma abertura de três ou quatro polegadas.

De repente, mãe e filha mais velha viram, ao mesmo tempo, adiantar-se silenciosa, como vinda dessa porta, uma figura de mulher. A aparição trazia um vestido de cetim turco, negro; um chalé de musselina branca cruzado ao peito, e, na cabeça, um chapéu branco. Em sua mão as duas senhoras distinguira uma bolsa branca,

qual usavam freqüentemente as damas quakers, com o cardeí enrolado ao redor do punho e a bolsa segura na mão. A filha mais moça, notando os olhares das duas, voltou-se e viu também a aparição, mas não tão distintamente como as outras duas.

A figura caminhou lentamente pela sala, até uma distância de dois a três pés da parede da frente. Ali, parou diante do retrato do Doutor R., colocado no vão das duas janelas da frente, fixando-o por espaço talvez de meio minuto; depois, voltou-se e moveu-se lentamente para a porta, onde surgira no começo. A porta não se abriu, mas a figura por ela desapareceu, quando as damas a fitavam. Na sua passagem pela sala, quer na vinda, quer na volta, ela se aproximou tanto da mais velha das duas irmãs, que seu vestido pareceu roçar o desta. Apesar disso, não se ouvia nem o eco de seus passos, nem o rugir do seu vestido, nem outro qualquer ruído, enquanto a figura se movia. Essa circunstância e o desaparecimento sem abrir a porta, como seria preciso para uma saída natural, não produziram, a princípio, uma impressão extraordinária. Sendo a figura tão distinta e palpável como um visitante humano, apesar de parecer que deslizava antes que caminhasse, os pensamentos só depois se fixaram nisso.

Durante a cena acima descrita, nenhuma palavra foi pronunciada na sala.

"Quem é?!" -, foi a exclamação da Senhora R., dirigindo-se à filha mais velha, apenas interrompeu seu mudo espanto. - "Foi vovó!" -, respondeu a interrogada.

Imediatamente, a Senhora R. deixou a sala, sem dizer palavra. A casa foi examinada desde o sótão até a adega; mas não se encontrou vestígio algum de pessoa estranha.

Para aumentar a certeza do resultado dessas pesquisas, examinaram o terreno ao redor da casa, abaixo do nível da rua e os degraus da escada, tudo coberto de ligeira camada de neve. Em ponto algum, encontraram traços de pé humano. Além disso, dois pequenos que brincavam na varanda, não viram entrar pessoa alguma.

Comparando depois suas observações, as damas verificaram que as impressões produzidas por essa extraordinária aparição, foram exatamente às mesmas.

Fui primeiro informado de todas as particularidades da ocorrência pela filha mais velha da Senhora R., as quais foram, todas confirmadas por esta. A figura assemelhava-se a uma pessoa real, e as informações sobre o vestuário da aparição combinavam perfeitamente.

A figura atravessou a sala, aproximou-se da parede da frente, parou em frente do retrato e fixou-o, voltou à porta e aí sumiu-se. Nenhum som foi ouvido. Convém acrescentar que elas não estavam falando, nem pensando na dama cuja imagem assim se lhes apresentou repentinamente. A Senhora R., como sua filha, tinha logo reconhecido a figura da sogra, falecida havia já dez anos. Não só as feições e a configuração do corpo, mas, também os menores detalhes do vestuário eram a reprodução fiel da sua pessoa e do modo usual de trajar, quando na terra. Tinha ela no começo feito parte da Sociedade dos Irmãos e, até certo ponto, conservara sempre o estilo das peculiaridades do vestuário.

Na tarde desse mesmo dia, as damas relataram o incidente ao Senhor Y., que me informou do que lhe haviam contado, poucas horas depois da ocorrência, combinando tudo com o que depois as damas me referiram. Ele me informou que nunca tinha visto a velha Senhora R., porém, que na manhã seguinte, visitando três velhas irmãs que tinham tido íntimas relações com ela, pediu, sem mencionar o que se havia passado, lhe fizessem uma descrição da sua aparência pessoal e modo usual de trajar. Tudo, ponto por ponto, era conforme com o que lhe haviam contado.

Tratemos, agora, de mencionar outras particularidades que aumentam a importância dessa narrativa. Pouco antes da morte, a mãe do Doutor R. tinha instado com o filho para que comprasse uma casa na vizinhança da que ele ultimamente ocupava, dizendo, nessa ocasião à sua amiga Senhora C., que se o filho o fizesse, ela, se lhe fosse permitido, viria do outro mundo para testemunhar a sua

prosperidade. Isso foi depois contado pela Senhora C. ao Rev. Senhor Y., e por este a mim.

O mais importante é que, no mesmo dia e mais ou menos à mesma hora em que sua mulher e filhas constatavam a aparição de sua mãe, o Doutor R. tomava-se o proprietário legal da casa em que ela apareceu e que então lhe foi entregue pelo primeiro possuidor. Apesar de haver ele falado à sua mulher e à família, da sua intenção de comprá-la, não havia razão para supor que a transação se efetuasse naquele dia. Quando de volta, à tarde, ele narrou o fato, à mesa, mostrando a escritura da compra, causou a todos uma surpresa inesperada. Não será admirável que, passado esse primeiro momento de satisfação pela compra feita, tenha ocorrido simultaneamente à mente da mãe e da filha a lembrança daquela que tão ardentemente o desejava e que lhes havia aparecido, na casa do filho, no momento em que se lavrava o contrato? Não é surpreendente que a Senhora C. tenha-se então lembrado da promessa de sua velha amiga, promessa que tinha sido tão singular e pontualmente cumprida? Talvez o leitor ache esquisito que o Espírito da mãe do Doutor R., nessa ocasião não se tivesse apresentado ao filho, antes que à nora. Mas, terá ele a certeza da sua possibilidade? Parece ser uma regra geral o fato das aparições, do mesmo modo que os outros fenômenos espirituais; só se darem em circunstâncias favoráveis; e o de estarem essas circunstâncias ligadas aos atributos pessoais ou particularidades da organização dos espectadores ou de algum destes. A Senhora R., a nora, evidentemente possuía algum desses atributos, pois já em diversos períodos de sua vida havia tido sonhos de caráter profético. Falarei deles quando me ocupar com o dom da profecia.

A respeito do incidente supramencionado, cumpre-nos recordar que ele se deu dois anos antes do aparecimento do Espiritismo nos Estados Unidos, quando a idéia de uma excitação epidêmica, caso tal alegação tivesse valor, estava fora de questão: - que a aparição, tanto quanto se pode julgar, foi objetiva, vista ao mesmo tempo por três pessoas concordes nas narrações que fizeram; - deu-se à plena luz do dia e num momento em que os pensamentos das testemunhas ocupavam-se com seus trabalhos diários; - que essas testemunhas

eram pessoas desinteressadas e, por sua posição social, incapazes de uma combinação com o fim de iludir aos outros; - e que a coincidência da Promessa condicional e seu cumprimento no momento exato da satisfação da condição imposta é demasiado forte, Para que o fato seja atribuído ao acaso.

Se, em tais circunstâncias, a identidade do Espírito da avó é demonstrada com uma razoável certeza, cabe ao leitor resolver.

CAPÍTULO II

Identidade de um Espírito que deixou a Terra há trezentos anos

O ramo da Pneumatologia, que se ocupa com os fenômenos ultramundanos, é muito novo e tem sido até agora objeto de estudos tão pouco acurados, que só com muita cautela se pode falar de suas leis, especialmente daquelas que determinam as condições em que os Espíritos podem ou não se comunicar com a Terra. É arriscado generalizar-se quando, em comparação, se dispõe de tão Pequeno número de fatos.

Contudo, julgo provável que uma grande parte dos Espíritos que se nos manifestam só o fazem por um tempo limitado, depois de haverem deixado a vida terrena. Seu destino é caminhar e subir, e devemos supor que os da classe mais adiantada ocupem-se mais com as cenas da beleza e bondade que ali se lhes patenteiam, do que com as lembranças da sombria e variável morada que deixaram.

Devemos, contudo, excetuar o fato dos que, algumas vezes, são atraídos para esfera mais baixa por um poder que no céu é maior que na terra, por uma força cujo domínio é mais forte nas naturezas nobres e elevadas.

A mais forte de todas as potências do coração, o amor humano, que tantas vezes sobrepuja aqui milhares de dificuldades, é o

sentimento que vemos comumente vencendo a morte, obrigá-los a transporem o golfo que separa a vida terrena da existência espiritual. É por isso que muitas vezes, no decurso de alguns anos, dez, trinta, cinqüenta, enquanto padecem os seres que aqui deixaram, esse sentimento imortal parece imperar sobre aqueles que partiram.

Divididos entre o céu e a terra, incapazes ainda, enquanto os choram aqui, de gozar daquela paz que excede a tudo o que se pode supor, incapazes de partilhar da alegria dos que vivem contentes, até que esses lamentadores, então afastados deles, como se fossem os verdadeiros mortos, revivam onde eles estão, os que chamamos comumente mortos mostram-se desejosos de patentear-lhes seu afeto sincero e incessantes cuidados, ansiosos por ajudá-los, confortá-los e encorajá-los.

Esses esforços de amor terreno, porém, são apenas transitórios nas altas esferas. A morte ali é um anjo de misericórdia, um arauto das alegrias do céu, cujas mensagens são o objeto dos mais ardentes desejos das almas sofredoras. É por ela, por esse Consolador, que se reunirão em muitas mansões do além os que ainda vagam na Terra, nelas fazendo reinar um vácuo sensível, produzindo essa reunião uma satisfação com a qual os corações não mais se desviarão dos gozos celestiais.

É certo que aquilo a que na Terra chamamos filantropia e que no outro mundo parece, principalmente, tomar a forma do mais ardente anelo de trazer a luz da imortalidade às trevas deste mundo, pode fazer que Espíritos benévolos nos busquem mesmo aqui, quando reine o amor completo em nossas reuniões. É o que nos parece ter-se dado com o Doutor Franklin, como veremos adiante na parte quinta, capítulo quarto.

Julgo, porém, que isso é antes exceção, que regra. Em geral, parece que não são da mais alta classe os Espíritos que continuam, de geração em geração ou, mais especialmente por séculos e séculos, a visitar a Terra; que não são os Confúcio, Sócrates e Sólon, nem os Milton, Shakespeare e Newton. Contudo, isso não é mais que a minha opinião individual. Ainda não obtive provas de identidade de qualquer Espírito, celebrado na Antigüidade por sua bondade ou

talento e que voltasse, depois de séculos, para instruir ou reformar a humanidade. A minha idéia é que eles terminaram sua tarefa na Terra, e hoje só têm deveres de uma outra esfera. Creio que somos aqui confinados para completar nosso progresso terrenal, e que o auxílio que recebemos do alto não invalida nem torna dispensáveis os nossos esforços aqui. Esse auxílio nos leva diretamente a ter uma convicção mais forte e vivificante, em vez da fria e infecunda crença que possuímos da verdade das verdades, isto é, da imortalidade. Uma vez firmada essa convicção, cabe-nos confiar o resto à nossa própria iniciativa e coragem; com a consoladora reflexão de que se os Espíritos que há muito daqui partiram não vêm fazer o nosso trabalho, outros Espíritos amigos, embora sem o sentirmos, vêm, muitas vezes, secretamente ajudar os trabalhadores crentes.

Outros motivos ainda, além do nosso benefício, parece algumas vezes darem lugar a essas visitas ao mundo.

Os Espíritos culpados mostram-se com freqüência aqui, como vimos no caso da dama de Burnham Green e nos de centenas de casas endemoninhadas. Um Espírito mundano, porém, não perverso mas acostumado a ligar grande importância às coisas mínimas da Terra, que nunca, enquanto aqui esteve, pensou no além, pode, mesmo muito tempo depois da sua partida, ser atraído à Terra por seu amor às frivolidades a que dedicou sua inútil vida terrena. Eis um notável exemplo:

MANIFESTAÇÃO DE UM MÚSICO FAVORITO DO REI DE FRANÇA

Nos dias que ainda não vão longe, em que Paris se considerava o centro da civilização e pretendia ser a mais alegre e brilhante das capitais do mundo, no ano de 1865, vivia ali, e creio que ainda vive, um respeitável gentil-homem, que herdara dos antepassados o dom musical.

O Senhor N. G. Back, então com sessenta e sete anos de idade, era bisneto do célebre Sebastião Back, que floresceu na primeira metade do século décimo-oitavo. Apesar de ser a sua saúde um tanto

delicada, ele estava, na época a que nos referimos, no pleno gozo de suas faculdades mentais, era um compositor aplicado e muito estimado por seus colegas de arte, tanto por seus talentos profissionais, como por sua retidão e amabilidade.

A 4 de maio de 1865 o filho do Senhor N. Bach, Léon Bach, um cavalheiro de tipo antigo, encontrou, entre as curiosidades de uma loja de objetos usados, em Paris, uma espineta evidentemente muito antiga, mas de notável beleza e perfeição, e ainda bem conservada. Era feita de carvalho, ornamentada com delicadas esculturas de belos arabescos, incrustada com turquesas e flores de lis, de ouro. Evidentemente tinha pertencido a alguma pessoa de fortuna ou distinção; o negociante, porém, só sabia que tinha sido recentemente trazida da Itália por quem lha vendera.

Supondo que seria mui agradável a seu pai, o jovem, efetuou a compra. Não se enganou. O Senhor Bach, que partilhava do gosto do filho pelas relíquias do passado, ficou satisfeitíssimo com a nova aquisição e passou a maior parte do dia a admirá-la, experimentando-lhe os sons e examinando o maquinismo. Ela media cinco pés de comprimento por dois de largura; não tinha pés, porém era encerrada em uma caixa protetora, de madeira, como um violino. Para tocá-la, colocava-se a espineta sobre uma mesa. Apesar da riqueza de decoração, era pequena, comparada com as fabricadas hoje com seu poder maravilhoso e soberbos tons. Na sua confecção geral, porém, assemelhava-se a estas, sendo o pequeno teclado disposto na mesma ordem; mas as teclas, quando tocadas, moviam uma peça de madeira da grossura de um dedo de mulher, munida cada qual de uma ponta destinada a bater na corda correspondente. Quanto à qualidade do tom, facilmente se pode imaginar.

Antes de findar o dia, o Senhor Bach fez uma descoberta que, para ele, compensou as imperfeições notadas no instrumento. Parecendo-lhe distinguir alguma coisa escrita na estreita faixa de madeira que amparava a prancha, somente. Fixo sobre essa faixa, havia dois cavaletes que a separavam da supradita prancha e escondiam uma parte do que naquela estava escrito. Dando, porém, ao instrumento uma posição conveniente e fornecendo-lhe uma luz.

bastante viva, pôde-se ler o seguinte: In Roma Antonius Nobilis; vinha depois um dos cavaletes, e em seguida: Brena Medislani Patrioe; e depois do outro cavalete: Diexiy Aprillis 1564. Sem dúvida, essas palavras foram escritas antes da construção do instrumento.

Ficou assim o Senhor Bach sabendo que a sua espineta contava mais de trezentos anos; tendo sido fabricada em Roma, no ano de 1564, por um certo Antonius Nobilis, aparentemente dos subúrbios de Milão, e é provável que ficasse concluída em 14 de abril daquele ano. O espécime tinha, pois, a indicação do lugar onde fora construído e o nome do fabricante. Isto, aos olhos dos antiquários, como se dá com os paleontologistas, aumenta muito o valor de uma relíquia.

Assaz contente, o velho fidalgo foi dormir e, como é natural, sonhou com o presente do filho. Mas esse sonho teve alguma coisa de esquisito. Nele se lhe apresentou um belo jovem estrangeiro, trazendo a barba cuidadosamente penteada e trajado elegantemente, à moda da antiga corte francesa: rico gibão com largo colarinho e as mangas justas e golpeadas na parte superior; amplo calção, meias compridas e sapatos de entrada baixa, com tope. O chapéu alto, pontudo e de abas largas, era adornado com uma pluma branca. Esse jovem, fazendo medidas e sorrindo, adiantou-se para o leito do Senhor Bach e assim lhe falou: "A espineta que hoje possui me pertenceu. Dela me servia para agradar ou distrair meu amo, o Rei Henrique. Em sua juventude, ele compôs uma ária que gostava de cantar, acompanhado por mim, e cujas letras tinham sido escritas em memória de uma dama a quem ele muito amava e de quem, com grande pesar, se achava separado. Essa dama morreu, e, nos seus momentos de tristeza ele costumava cantar essa ária."

Depois de algum tempo, esse estranho visitante continuou: "Vou tocá-la e buscarei o meio de vo-la fazer recordar, pois a vossa memória é fraca." Assentou-se junto da espineta e nela acompanhou as palavras que ele mesmo cantou. O velho despertou chorando, tocado pela tristeza do cantor.

Acendendo uma vela, verificou que eram duas horas. Pensando, então no sonho e parecendo-lhe ainda ouvir a dolente melodia daquele cântico, dispôs-se a dormir de novo.

Nada há de notável em tudo isto. Se sucedeu alguma coisa ao Senhor Bach antes do despertar na manhã seguinte, ele de nada se lembrava quando abriu os olhos já pleno dia. Mas, então, achou, com grande espanto, um pedaço de papel no leito, ao alto do qual se liam escritas em caracteres antigos: Palavras do Rei Henrique III. Sua estupefação cresceu quando examinou com maior atenção o escrito. Era um raro espécime arqueológico: as notas eram miúdas, as claves semelhantes às usadas outrora, a escrita cuidadosa e antiquada, aparecendo em um que outro ponto o tipo gótico, que se nota em certas letras, nos manuscritos dos séculos décimo-sexto e décimo-sétimo; uma ortografia muito semelhante à usada há trezentos anos.

Correndo os olhos pelas primeiras notas, reconheceu a música que ouvira em sonho. Depois, notou as palavras do canto: eram também as mesmas. Assentou-se ao piano e ficou logo convencido, sem lhe restar a menor dúvida, de estarem ali reproduzidos exatamente o cântico e os versos que o visitante onírico havia cantado com acompanhamento da espineta.

A princípio, sentiu-se perplexo, perturbado e mesmo assustado. Que queria dizer tudo aquilo? Ao sonho mesmo, apesar de vivaz e notável, ele, quando acordou de noite, não havia ligado importância. Mas que era isso? Prestando atenção ao papel achado no leito, viu que era a quarta página de uma folha de papel de música, nas duas primeiras das quais ele, no dia anterior, tinha escrito uma música de sua composição; folha essa que havia deixado na secretária. Podia alguém tê-la dali tirado durante a noite? Mas, quem foi esse alguém, que assim encheu as duas páginas em branco com essa misteriosa música de uma época passada? Alguém estivera ali...

Teria sido ele próprio? Mas, não era sonâmbulo, não lhe constava que, alguma vez, dormindo, passeasse pela casa e escrevesse. Não acreditava, nem conhecia o Espiritismo; portanto, não havia possibilidade de lhe ser sugerida a idéia de uma

mensagem espiritual. Estava confuso e desorientado, principalmente depois que notou a coincidência dos nomes e datas. O homem da visão havia falado do seu amo, o Rei Henrique; no alto da página em que estava escrito o canto, lia-se que a letra era de Henrique III; a espineta fora construída em 1564, quando Henrique, então Duque de Anjou, tinha quatorze anos de idade. Que haverá de mais natural que o fato de haver ele encontrado esse instrumento, alguns anos depois, em sua viagem, de Roma à corte de França, e tê-lo trazido, quando a história diz que era um compositor musical de algum merecimento?

O Senhor Bach falou dessas maravilhas aos seus amigos, que as foram contando a outros, e bem depressa uma multidão de curiosos, literatos, artistas, antiquários e outros afluiu aos aposentos do conhecido músico, a fim de ouvir de sua própria boca a narração e ver, com os próprios olhos, a maravilhosa espineta. Entre esses visitantes estavam alguns espíritas convictos, e foi então que, pela primeira vez, o Senhor Bach ouviu falar de médiuns escreventes e teve conhecimento de que a sua mão podia ter sido guiada para escrever durante o sono.

Tudo isso, apesar de muito insólito e estranho para firmar sua crença, fê-lo pensar; e, certo dia, três ou quatro semanas depois do sonho, sentindo a cabeça pesada e um estremecimento nervoso no braço, veio-lhe a idéia de que talvez algum Espírito desejasse escrever por seu intermédio, a fim de por esse meio fornecer-lhe qualquer explicação do mistério que não conseguia esclarecer. Apenas tomou o lápis e o papel, perdeu a consciência de si e nesse estado, a mão escreveu em francês: "O Rei Henrique, meu amo, que me deu a espineta, hoje de vossa propriedade, escreveu quatro linhas em um pedaço de pergaminho, que fez pregar na caixa, na manhã em que me enviou o instrumento. Alguns anos depois, tendo eu de viajar e de conduzir comigo a espineta, receando perder o pergaminho, tirei-o e por segurança, coloquei-o em pequena abertura, à esquerda do teclado, onde se acha ainda." Essa comunicação era assinada Baldazzarini. Depois dela estavam as linhas seguintes:

**Le Roy Henry donne cette grande espinette
A Baldazzarini, très-bon musicien.
Si elle n'est bonne ou pas assez coquette,
pour souvenir, du moins, qu'il ler conserve bien**

**O Rei Henrique dá esta bela espineta
A Baldazzarini, um músico excelente.
Se achar que não é boa, se a crer mui singela,
que em lembrança, ao menos, a conserve presente.**

Afinal, aparecia alguma probabilidade de obter uma evidência tangível em relação a esses mistérios. Restava encontrar uma prova para determinar se Baldazzarini era um mito ou um personagem real, capaz de esclarecer os fatos em causa.

Para satisfazer à curiosidade pública, a espineta ficou alguns dias exposta no Museu Retrospectivo do Palácio da Indústria; e foi nesse tempo que a comunicação foi escrita. Imediatamente, mandaram-na buscar.

Imagine-se com que ânsia nervosa pai e filho aguardavam a sua chegada, a fim de verificar se a história do pergaminho, escrito pela própria mão do rei e escondido em uma abertura da caixa do instrumento, era um romance ou uma realidade.

Durante uma ou duas horas, diz o Senhor Bach, eles exploraram todos os recantos do velho instrumento, sem nada encontrarem. Afinal, quando já toda a esperança parecia perdida, Léon Bach relendo o que a mão de seu pai tinha escrito, propôs que, sem inutilizá-lo, se desmanchasse o instrumento. Quando retiraram o teclado e afastaram alguns martelos, descobriram embaixo e do lado esquerdo, uma estreita fenda na madeira, na qual se achava oculta uma tira de pergaminho de onze ou doze polegadas de comprimento por dois quartos de largura, na qual se viam escritas, com mão firme, quatro linhas semelhantes às que a mão do Senhor Bach tinha traçado; mas a quadra recém-achada trazia a assinatura manual de Henrique. Eles limparam-na como puderam, e então conseguiram ler:

**Moy le Roy Henry trois octroys cette espinette
a Baltazzarini, meu músico estimado.
Mais s'il dit mal sone, ou bien (ma) moult simplette
lors pour mon souvenir dans l'etuy garde bien.
Henry.**

**Eu, o Rei Henrique terceiro, esta espineta ofereço
a Baltazzarini mon gay musicien.
Se a achar pobre de tons e de pequeno preço,
que em seu estojo a guarde e que eu fique lembrado.
Henrique:**

É difícil, em palavras prosaicas, traduzir a emoção desses exaltados investigadores quando, afinal, do seu secreto esconderijo sacaram, descolorida pelo tempo e coberta do pó dos séculos, essa testemunha muda. O pai, quando viu aquilo, teve a consciência de que o aviso que o levava a fazer essa descoberta era tanto seu como da pena que o escrevera. Quando despertou do transe, durante o qual havia escrito, ele o leu como se fosse escrito por uma pessoa estranha. Entretanto, em substância, o que estava escrito era real e as provas da evidência ali se achavam!

As diferenças que aparecem no que foi obtido pelo Senhor Bach e no que se lê no pergaminho são insignificantes. Ali se vê: Le Roy Henry; aqui: Moy le Roy Henry trois; ali: trê bon musicien; aqui gay musicien, lá: si elle n'est bonne; e aqui: s'il dit mal soni; ali: pas assez coquette, e aqui; ou bien (ma) moult simplette; etc. O sentido é o mesmo.

Atônitos como estavam, duvido que tivesse ocorrido aos dois, como ocorre a mim, que a evidência assim obtida é muito mais forte, muito mais convincente, porque, sendo as duas quadras substancialmente idênticas na forma, uma não é cópia da outra. No terceiro verso da quadra do pergaminho, lê-se intercalada à palavra (ma), que a princípio não foi compreendida, mas depois ficou perfeitamente explicada. Quando o Senhor Bach exibiu o

pergaminho original ao amigo de quem obtive essa narrativa, disse-lhe: "Ninguém compreendia o que queria dizer a palavra ma entre parênteses, que aí se vê; mas um dia minha mão de novo moveu-se involuntariamente e escreveu: "Amigo mio, o rei gostava de pilheriar com a minha pronúncia francesa. pois que eu dizia sempre ma em vez de mais. Foi por isso que ele escreveu assim." É fato de simples observação que o italiano, falando francês ou o português, diz ma em vez de mais ou mas.

O pergaminho original, enegrecido pela idade, foi levado pelo Senhor Bach à Biblioteca Imperial (caso ainda assim se chame a grande Biblioteca da França), e aí foi comparada com os manuscritos originais. Nestes notou-se que a letra de Henrique não tinha um tipo constante; mas, a respeito da assinatura, a concordância da do pergaminho com as dos outros era perfeita, como disse o Senhor Bach. O exame dos antiquários chegou à mesma conclusão.

Os pequeninos buracos que se viam ao longo das margens do pergaminho, indicavam que ele estivera pregado numa superfície de madeira, como dissera a comunicação; sobre a quadra escrita no pergaminho notava-se uma cruz vermelha; é também uma prova adicional de autenticidade, pois é um sinal de devoção que aparece sempre em todos os escritos de Henrique III, chegados até nós.

Esses maravilhosos incidentes, mais ou menos corretamente relatados, não podiam deixar de aparecer na imprensa jornalística. Vários jornais parisienses com eles se ocuparam e, depois, os de toda parte. Por espaço de uma semana a espineta do Senhor Bach com os seus acessórios sobrenaturais foi a grande sensação dos amadores de novidades na metrópole francesa. O conjunto foi julgado incompreensível, todos admitiam os fatos, classificando-os de mistérios que não ousavam profundar, e confiavam na existência de alguma lei natural que os havia de explicar; mas, ninguém pôs em dúvida os fatos, por causa da reputação sólida de integridade, de que gozava o Senhor Bach.

Depois de algum tempo, essa excitação foi substituída por outras notícias sensacionais, sem que aquela tivesse tido qualquer solução ou explicação.

O cântico foi publicado, e como no original só estava a parte cantante sem o acompanhamento, o Senhor Bach o arranjou com muito gosto e discernimento. A letra era linda e adaptava-se ao sentimento do romance.

Estrilho

J'ay perdu celle pour quy j'avois tant d'amour,
Elle, si belle, avoit pour moy, chague jour,
Faveur nouvelle et nouveau désir;
Oh ouy! sans elle il me faut mourir.

1° verso

Un jour, pendant une chasse lointaine,
Je l'aperçus pour la première fois;
Je croyais voir un ange dans la plaine,
Lors, je devins le plus heureux des Roys!

Mais!

2° verso

Je donnerais certes tout mora royaume
Pour la revoir encore un seul instant,
Près d'elle assis dessous un humble chaume,
Pour sentir mon coeur battre era l'admirant.

3° verso

Triste et cloistrée, oh! ma pauvre belle
Fut loin de moi pendant ses derniers jours.

Elle ne sens plus sa peine cruelle,
Ici bas, hélas!... je souffre toujours!
Ah!

Esses versos encerram duas alusões especiais; uma ao seu real autor, apaixonado por uma pessoa vista na ocasião de uma caçada distante, e a outra a uma dama que terminou seus dias num claustro. A publicação dos incidentes supramencionados e do cântico misterioso deu lugar a várias buscas nos anais do século décimo-sexto, a fim de firmar o valor da história do Senhor Bach. Segundo os melhores biógrafos, logo se ficou sabendo que o objeto dessa grande paixão da vida de Henrique tinha sido a Princesa Maria de Clèves, que parece ter morrido em uma abadia.

Foi encontrada também uma passagem na obra do laborioso cronista, Abade Lenglet Dufresnoy, a qual diz: "Em 1579 Baldazzarini, célebre músico italiano, veio à França e viveu na corte de Henrique III"

Tomei a resolução de obter o maior número possível de testemunhas e encontrei alguns outros particulares, de importância.

HENRIQUE, O ÚLTIMO DOS VALOIS

Esse filho predileto de Catarina de Medicis é mais conhecido por um grande crime de sua vida: o de ter dado o seu assentimento ao massacre de S. Bartolomeu, que se efetuou por instigação de sua mãe e por ordem de seu irmão mais velho, Carlos IX, em agosto de 1572. Henrique, porém, não era destituído de outras qualidades excelentes. Com a idade de dezenove anos, ganhou Para o irmão as batalhas de Jarnac e de Montcontour, adquirindo uma reputação militar que lhe valeu a eleição ao trono da Polônia.

Um dos mais minuciosos historiadores modernos, diz: "Henrique desejava levar uma vida palaciana, dividida entre os exercícios piedosos e os prazeres da cidade, entre o retiro e a ostentação própria da soberana magistratura. Era pouco inclinado a cultivar as relações dos velhos generais, dos políticos e homens de

saber, preferindo a companhia dos rapazes alegres e de bela aparência, que o imitavam na irrepreensibilidade dos vestuários e no brilhantismo dos ornamentos." (91)

Isso, porém, só nos mostra uma das faces do seu caráter. "Sua natureza, diz Ranke, assemelhava-se à de Sardanápalo que, nos tempos de prosperidade, se entregava à enervadora luxúria, mas, nos da adversidade tornava-se corajoso e atrevido... Suas faltas prendiam-se a essas duas qualidades. Sua falta de moralidade, inclinação aos prazeres mundanos e submissão a alguns favoritos, davam lugar a um ressentimento geral e bem fundado. Ocasionalmente, contudo, ele se elevava à altura da sua vocação, manifestando uma capacidade intelectual digna da sua elevada posição; e apesar de estar sujeito a muitas vacilações, era uma alma grandemente suscetível de boas disposições.

Tal foi o monarca que, segundo o alegado no sonho do Senhor Bach, compôs o canto elegíaco acima referido. O nome da dama por quem ele chorava, ali não estava mencionado; mas, admitida a veracidade do canto, não pode restar dúvida sobre sua personalidade. O nome de Beatriz não está mais intimamente preso à memória do Dante, nem o de Laura à do Petrarca, do que o de Maria de Clèves à de Henrique III. Nenhuma história detalhada desse tempo, porém, nenhum biógrafo de Henrique, lhe faz alusão.

Ele encontrou-a, quando era ainda Duque de Anjou, e pretendeu casar-se; ela, porém, era protestante e ele católico, do sangue dos Medicis. Essa diferença de religião, insuperável aos olhos da Rainha-Mãe, parece ter sido o único motivo de se não ter efetuado tal casamento.

Ela casou-se em julho de 1572 com o Príncipe de Condé, um dos principais chefes protestantes; no ano imediato, 1573, Henrique deixou a França para subir ao trono da Polônia levando consigo, segundo Chateaubriand, o remorso do massacre de S. Bartolomeu e, ainda mais forte, a dor da sua derrota no amor. "Ele escreveu com sangue, diz esse historiador, uma carta a Maria de Clèves, primeira mulher de Henrique, Príncipe de Condé."

Carlos IX faleceu em 1574 e Henrique regressou logo da Polônia a Paris, como herdeiro do trono de França. Um mês depois de sua chegada, morreu Maria e essa morte foi-lhe um golpe tão profundo, que passou muitos dias sem comer, encerrado em uma sala forrada de preto, e quando apareceu, foi trajando roupas de luto, semeadas de figuras representando caveiras.

Os poetas daqueles dias fazem alusões ao profundo pesar de Henrique.

Nas obras de Pasquier, contemporâneo de Henrique, encontra-se uma monodia sobre a morte de Maria de Clèves, que o poeta simula ter sido dita pelo próprio Rei.

Tudo isso combina perfeitamente com o que nos diz a história a respeito dessa dama.

MARIA DE CLÈVES

Essa princesa parece ter sido quase tão notável por sua graça e beleza, como a sua tão célebre homônima, Maria da Escócia.

Ela fora objeto de admiração na corte de Carlos IX, por sua amabilidade e virtudes. Os poetas de então celebravam-na com o nome de - A bela Maria; e a fascinação que seus encantos exerceram sobre Henrique foi tal, que a credulidade do tempo atribuiu-a à feitiçaria.

Acharemos um depoimento sobre o caráter dessa dama e o profundo desgosto que a sua perda causou ao Rei, no seguinte extrato de um manuscrito tratando dos reinados de Henrique III e Henrique IV, de Pedro L'Estoile, Senhor de Grand, cavalheiro de nobre e bem reconhecida família, ocupando lugar importante na magistratura e no Parlamento de Paris. "No sábado, 30 de outubro de 1574, faleceu em Paris, na flor da idade, deixando uma filha, a Senhora Maria de Clèves, Marquesa d'Isle, mulher do Senhor Henrique de Bourbon, Príncipe de Condé. Ela era dotada de singular bondade e beleza, motivo pelo qual o Rei amava-a loucamente, a ponto do Cardeal de Bourbon, tio político dela, tendo de receber o Rei em sua abadia de Saint-Germain-des-Près, remover o corpo da

princesa, e ordenando ao Rei que não entrasse enquanto o corpo ali estivesse. No seu leito de morte, ela disse que tinha desposado ao mais generoso, mas também ao mais ciumento Príncipe de França, apesar de ter a consciência de nunca lhe haver dado o mínimo motivo para o seu ciúme.

Não encontrei prova positiva de haver Maria passado seus últimos dias na abadia onde seu corpo foi sepultado; mas, há muita probabilidade de que isso se tenha dado.

Sabemos que ela morreu em Paris e que o marido, Príncipe de Condé, receando que a Rainha-Mãe tentasse contra sua vida, tinha, alguns meses antes, se refugiado na Alemanha, onde se conservou até fins de 1575, isto é, até um ano depois da morte de Maria. O pai dela tinha falecido muitos anos antes. O príncipe, sem dúvida, expatriando-se, confiou a mulher aos cuidados do tio, o Cardeal de Bourbon. O Cardeal, evidentemente, residia em sua abadia e é natural que ali recebesse a sobrinha, órfã e privada da companhia do marido. Triste devia ter sido ali a sua vida, ignorando o destino do esposo! Tudo isso coincide com a letra do canto.

Digamos, agora, alguma coisa acerca do músico, cujo Espírito, como dizem, se manifestou.

BA LTAZZARINI

Este nome não se encontra nem na *Biographie Générale*, nem na *Biographie Universele*. Depois, porém, de longa busca, quando eu já desesperava de encontrar alguma notícia biográfica de tal personagem, tive a felicidade de descobrir na Biblioteca do Ateneu, de Boston, um dicionário francês de músicos notáveis, em oito ou nove volumes; e aí encontrei o nome do favorito de Henrique. Aí se lê: Baltazzarini, músico italiano: conhecido em França com o nome de Belo-alegre (*Beaujoyeux*), foi o primeiro violinista do seu tempo. O Marechal de Brissac trouxe-o do Piemonte, em 1577, para a corte da Rainha Catarina de Medicis, que o fez seu diretor de música e primeiro cavalheiro. Henrique III confiou-lhe a direção das festas de palácio, cargo que ele desempenhou sempre a contento geral. Foi o

primeiro que teve a idéia de um espetáculo dramático, combinado com música e dança."

Baltazzarini, pois, viveu na corte de Henrique com a alcunha de Beaujoyeux (o belo-alegre).

Isso combina com a dedicatória da espineta, escrita pelo Rei, onde este o chama gay musicien, e com a escrita pela mão do médium, onde se lê: três bon musicien.

Não é possível encontrar-se uma prova mais forte de autenticidade, do que nesses pequenos incidentes.

Que diremos agora da história contada ao Senhor Bach? Os documentos que reuni, foram para mim obtidos por um inglês amigo, residente em Paris, a quem nunca terei expressões para patentear, como desejo, a minha gratidão por sua desinteressada e infatigável benevolência e cujo nome muito desejaria tornar conhecido. Esse amigo, tendo travado relações com o Senhor Bach, dele obteve pessoalmente todas as particularidades, confirmadas pelas publicações jornalísticas e pelos documentos que hoje possuo, como fotografias fornecidas pela obsequiosidade do Senhor Bach, acompanhadas do certificado abaixo e do fac-símile da música original: "É um fac-símile correto, da folha de papel de música que encontrei no meu leito, na manhã de 5 de maio de 1865. O canto e a letra são exatamente os que ouvira em sonho. - N. G. Bach."

Em aditamento, o Senhor Bach, respondendo a uma sugestão minha, que muitos talvez julguem importuna, fez-me o favor de me escrever uma carta com data de 23 de março de 1867, na qual diz: "Atesto a existência do pergaminho que ainda se acha em meu poder, contendo o verso composto pelo rei e dirigido ao célebre músico Baltazzarini, e que foi encontrado em uma fenda secreta da espineta que o rei lhe dera; bem assim, que a comunicação anunciando a existência desse pergaminho e o local em que se achava, é rigorosamente real. Acrescento que as fotografias da espineta e do pergaminho, bem como a reprodução do autógrafo da música e da letra, foram executados com cuidado e são perfeitamente exatos."

Tal é o caso, com todos os seus importantes pormenores. Cabe ao leitor decidir se em tais circunstâncias a suposição de impostura é admissível.

Qual o móvel? Nenhum lucro mundano havia nisso.

Antes sério risco e talvez mesmo, prejuízo. O risco de ser iludido, suspeitado, acusado de monomania ou, talvez, de conspirar para enganar o mundo com uma série de combinados embustes, envolvendo uma mentira sacrílega e visando coisas sagradas, relativas não só a este como ao outro mundo. Por esse modo, corre-se o risco de perder uma reputação firmada na integridade de uma vida longa e honrada. E, mais ainda, a atração à sua casa de visitantes inoportunos e impertinentes, questionadores, perturbando a quietação tão cara a um sexagenário ilustrado e estudioso.

Se, porém, o caráter e todos os motivos imagináveis não dão lugar à suspeita alguma, as circunstâncias são de tal ordem, que a fraude só poderia ser sustentada com extremas dificuldades. O amigo a quem devo os meus documentos, mostrou o original do cântico ao Senhor D., um dos maiores harmonistas dos nossos dias, um perfeito tesouro de instrução musical. Esse cavalheiro examinou-o como crítico e declarou que ali se via o estilo exato da época, cuja imitação exigia não só um grande gênio musical, como ainda um estudo especial do modo de vida de então. O Senhor D. que não crê na comunicação dos espíritos, não procurou explicar o mistério e só disse que, apesar de ser o Senhor Bach um insigne músico, julgava absolutamente impossível fosse ele o autor daquele cântico; e, mesmo que o pudesse fazer, não o conseguiria em uma só noite e sem recorrer a velhas autoridades.

E, que dizer das coincidências entre as palavras do canto e os incidentes das vidas de Henrique III e Maria de Clèves? Todas as alusões foram justificadas, exceto a da caçada longínqua. Deixemos que os saduceus zombem da crença no invisível; confesso que tenho essa crença, e, se algum dia tiver a oportunidade de consultar a Biblioteca do Museu Britânico ou a Biblioteca Imperial de França, espero verificar esse ponto.

Pensai nas mínimas particularidades a que fiz referência. Podia alguém combinar um plano de falsidades e indicações, de modo a explicar todas as variações entre a estância predita e a original? e aquele (ma) tão bem explicado? - e aquele si tão correto, apesar de parecer um erro? -, e mesmo as variações, no modo de escrever o nome do músico? - coisa muito natural, se tivermos em vista a ortografia incerta daqueles dias, mas como inverossímil de ser hoje apresentada? Foi só depois de longas meditações e indutivamente, que concluí que as palavras triste et cloistrée estavam em perfeita concordância com os fatos. Como, então, acreditar que uma remota referência pudesse, na noite misteriosa, levar o Senhor Bach à mesma conclusão:

Ainda mais: se a comunicação indicando o esconderijo do pergaminho foi uma invenção, então já o Senhor Bach o havia encontrado, sem indicação alguma, antes de expor a espineta no Museu Retrospectivo.

Mas, estará nos limites do provável, o fato da surpreendente descoberta de um tão interessante documento ter sido calculadamente escondido por alguém; de ser a espineta, sob um falso pretexto, exposta no museu e depois se apresentar a comunicação forjada como motivo para mandá-la buscar e nela proceder-se a um pretenso exame?

Não creio que o leitor desapaixonado aceite tão chocantes improbabilidades; e, se as não aceita, que interessantes sugestões, em relação às comunicações espirituais e à identidade dos Espíritos, se encerram na simples história da espineta do Senhor Bach?

CAPÍTULO III

Manifestação espontânea de um Espírito elevado

Há mais de quarenta anos que faleceu uma jovem inglesa, a quem eu votara íntima amizade.

Ela possuía todas as prendas da mais apurada educação: falava corretamente o francês e o italiano, havia viajado pela Europa, entrando em relações com muitas pessoas distintas, do seu tempo. A natureza e a fortuna haviam-na favorecido; era amável e perfeita, muito amorosa, simples e de um temperamento delicado e espiritual. Chamava-se Violeta. Quando, vinte e cinco anos depois de sua morte, comecei a estudar o Espiritismo, veio-me o pensamento de que, se era permitido comunicar-se conosco, aqueles que na vida nos estimaram, o Espírito Violeta, antes doutro qualquer, havia de manifestar-se a mim. Nunca, porém, evoquei um determinado Espírito, julgando melhor e mais acertado deixar que viessem quando pudessem e quisessem. Passaram-se meses sem receber o que esperava e acreditava de toda possibilidade.

Difícilmente poderei fazer com que o leitor compreenda minha surpresa e emoção no dia em que, em sessão de 13 de outubro de 1856, em Nápoles, ocorreu, presentes a Senhora Owen e eu, o seguinte:

O CUMPRIMENTO DE UMA PROMESSA

O nome de Violeta nos foi soletrado. Passado o meu sobressalto, perguntei mentalmente com que fim era anunciado esse nome de tão grata lembrança. A resposta foi: "Cumprir pro..." Os golpezinhos cessaram, apesar dos repetidos pedidos para prosseguirem. Depois, perguntei se as letras p, r, o, significavam alguma coisa determinada. A resposta foi negativa. Perguntei se a palavra cumprir tinha sido bem apanhada e a resposta foi afirmativa. Então, disse: "Dai-nos de novo o que vinha depois de cumprir; e veio a resposta: - "Cumprir uma promessa escrita para me fazer lembrada, mesmo depois da morte."

Julgo que nenhum ser humano, salvo aqueles que como eu são inesperadamente levados a quase penetrar rios domínios do outro

mundo e de seus habitantes, pode experimentar o que senti ao receber essa comunicação. Ela me trazia uma recordação da minha mocidade, veio-me fazer lembrar uma carta que Violeta, receando morte próxima, me havia escrito, contendo as mesmas palavras da promessa que nesse momento, depois da metade da duração de uma vida vinha cumprir. Isso que para mim é tão evidente, pode não o ser para outros; mas, conservo ainda essa carta, de mim só conhecida e que nunca mostrei a pessoa alguma. Como poderia eu prever, quando pela primeira vez li essa carta, que depois de um quarto de século e em região tão distante, a autora me participava que vinha cumprir a sua promessa?

Poucos dias depois, na sessão de 18 de outubro, anunciando-se o mesmo Espírito, obtive, a várias perguntas mentais por mim feitas, respostas caracterizadas por uma conexão e exatidão idênticas à supramencionada, sendo os objetos dessas perguntas de um caráter privado e as verdadeiras respostas só por mim conhecidas. Não houve um só engano e, no correr dessas respostas, foram alusões a circunstâncias que, creio, ninguém senão eu, podia conhecer.

Sei que muitos têm obtido resultados semelhantes; mas bem poucos os dão à publicidade; e, quando o fazem, é em termos muito gerais e pouco satisfatórios. É necessário, em tais casos, que, como um motor excitante, vença à sua relutância um desejo ardente de servir à verdade, de fornecer um testemunho importante, de vital interesse para a Humanidade.

Examinemos o que aí se passa.

Os resultados obtidos não são devidos, de modo algum, a uma atenção expectante, que muita gente admite como causa de tais fenômenos. Então procurávamos obter algumas das provas físicas que sabíamos terem outros conseguido, tais como: movimentos sem contacto, escritura por mãos ocultas, exibição de mãos e outras semelhantes, quando nos veio uma coisa totalmente inesperada por mim e certamente pela assistência, quando nos apareceu um nome que não vinha certamente como resposta a qualquer pensamento, desejo ou esperança da minha parte, atestados pela minha consciência, ou, tanto quanto me é possível imaginar, oriundos de

outro assistente. Todos eles ignoravam o conteúdo e mesmo a existência da carta; nenhum deles sabia o que mentalmente eu havia perguntado. Para mim, toda influência mundana estava daí banida.

Como prova adicional, afirmo que a minha expectativa também não agiu no caso. Quando, na primeira tentativa Para responder á minha pergunta, soletraram em parte a resposta - Cumprir pro -, me acudiu logo o pensamento de que a palavra incompleta podia ser promessa; e isto me sugeriu a idéia da solene promessa que Violeta me havia feito tantos anos antes. Mas, que aconteceu? A resposta negativa, dada à minha pergunta acerca do modo por que interpretava a palavra incompleta pror..., foi para mim uma surpresa e um desapontamento.

Cresceu a surpresa quando conheci, pela correção pedida, que o fim único da emenda era dar à resposta um sentimento mais completo e definido, tão definido, certamente, como não o teria sido mais, se o próprio documento ali fosse apresentado. Em tais condições, não é concebível que a minha inteligência ou qualquer intento meu tenham, de qualquer modo, concorrido para o resultado obtido. Se, mão espiritual se tivesse tornado visível e tivesse escrito as três letras omitindo na resposta a palavra - escrita, certamente o fato seria mais admirável, dar-nos-ia uma evidência mais perfeita da intervenção, em tudo isso, de uma vontade oculta, de uma intenção que não era a minha? E, se não procedia da terra, a que outra origem, a não ser o mundo dos Espíritos, poderemos atribuir racionalmente essa influência oculta?

Isso, porém, não foi mais que o começo das numerosas provas que no decurso de muitos anos obtive, dando-me a certeza da sobrevivência e identidade de um Espírito amigo. Isso se deu principalmente depois do meu regresso de Nápoles aos Estados Unidos, em 1859.

**PROVA FORNECIDA POR UMA PESSOA ESTRANHA,
RESIDENTE A DISTÂNCIA DE QUINHENTAS MILHAS**

Cinco ou seis semanas depois da publicação do meu livro *Footfalls*, já referido, em fevereiro de 1860, meu editor apresentou-me um cavalheiro que acabava de chegar de Ohio, e que me informou haver sido o meu livro muito bem aceito naquele Estado, acrescentando que eu, com o fim de aumentar-lhe a circulação, devia remeter um exemplar à Senhora B., residente em Cleveland, proprietária de uma livraria e editora de um jornal.

"Ela se interessa muito por esses assuntos, disse-me ele, e creio que é médium."

Eu nunca tinha ouvido falar dessa senhora, mas remeti-lhe um exemplar do livro, com uma nota pedindo-lhe que o aceitasse. A resposta veio com data de 14 de fevereiro.

Em sua carta, depois de alguns detalhes sobre a matéria, a outra manifestava sua grande satisfação pelo que tinha lido no livro, no capítulo epigrafado - *A transformação na morte*, e acrescentava: "Sou o que chamam médium vidente. Quando lia esse capítulo, apresentou-se-me um Espírito de mulher, para mim totalmente desconhecida e que me disse ter sido quem vos havia guiado, procurando convencer-vos da imortalidade da alma." Depois, a Senhora B. fez-me a descrição pessoal da aparição, e mencionando a cor do cabelo e dos olhos, a compleição, etc., tudo correspondendo exatamente aos sinais de Violeta. Ela acrescentou, ainda, que um negociante de Cleveland, então presente e sensitivo, apesar de não ser nem querer ser reconhecido como tal, lhe dissera: "Hoje tendes um novo visitante espiritual, uma dama. Ela diz ter sido relacionada com a Senhora D., dama inglesa já falecida, que a Senhora B, havia conhecido, senão pessoalmente, ao menos por sua reputação literária." Ora, essa Senhora D. era uma irmã de Violeta.

Na minha resposta, que particularmente tocava na questão, não fiz alusão alguma à descrição pessoal que me havia remetido, nem ao que dissera a cerca da Senhora D. Com o fito de obter prova mais completa possível, abster-me de avançar qualquer coisa que pudesse levar a Senhora B. a supor que eu conhecia aquela que lhe tinha aparecido. Dirigi-lhe algumas palavras a fim de fazer com que ela buscasse conhecer o nome do Espírito, ou particularidades que

determinassem sua identidade, acrescentando que isso me seria muito grato.

Em resposta, recebi duas cartas com as datas de 27 de fevereiro e 5 de abril, nas quais vinham consignados o nome de batismo do Espírito, o fato de ser uma irmã da Senhora D. e outras particularidades, relativas a Violeta, tudo rigorosamente conforme com a verdade. A Senhora B. dizia ainda ter obtido outros detalhes, mas esses lhe pareciam referir-se a um assunto de caráter tão íntimo e confidencial, que ela julgava só nos dever confiar pessoalmente, se, regressando ao Ocidente eu passasse por Cleveland. Como tinha de sair da Europa, a serviço, dentro de duas semanas, pedi-lhe em resposta que escrevesse sobre esses detalhes, o que ela fez em outra carta, datada de 20 de abril. Esses detalhes tinham sido, em parte, recebidos por ela própria, e, em parte, pelo negociante acima mencionado. Quando eu disse que a evidência neste caso para ninguém podia ser o que era para mim, fracamente me aproximava da verdade. O leitor, por certo, há de apreciar o sentimento de pasmo que de mim se apossara. Eu havia escrito uma breve carta tratando puramente de negócios, a uma pessoa completamente estranha, residente a quinhentas milhas de distância, em uma cidade que Violeta nunca viu, onde eu mesmo não me recordo de ter ido. Nada aí se podia dar do que de leve se assemelhasse a uma sugestão, leitura de pensamento ou outra relação magnética.

Igualmente, nada podia despertar na mente de uma editora e de um negociante de Cleveland a idéia de uma jovem desconhecida, falecida a muitas milhas desse ponto, noutra hemisfério. Apesar disso, me vem dessas pessoas e de tão longe, espontânea e inesperadamente, como visita do céu, a descrição pessoal do tipo de Violeta, juntamente com o seu nome de batismo e o grau de parentesco com uma pessoa a quem ela se referira em sua comunicação. E tudo sem eu ter fornecido a mínima informação!

Essas coisas estão no domínio da apreciação do leitor e fornecem-lhe admiráveis provas de identidade; quando, porém, como na última carta da Senhora B., se mostram as minuciosas particularidades da vida íntima de Violeta, e da minha -,

particularidades desconhecidas de qualquer criatura deste mundo; particularidades somente indicadas, sem que aquela que as escrevia lhes pudesse compreender a importância; particularidades sepultadas não somente no passado, mas ainda no fundo dos corações como sagrada lembrança; quando essas coisas se patenteiam aos olhos do sobrevivente, elas se tornam para este na mais segura evidência da continuação da vida além da morte, da persistência da memória, dos pensamentos e afetos humanos; evidência tal, tão íntima, que não pode ser transferida de uma a outra pessoa, porém, só pode ser diretamente recebida por cada um.

Nenhuma dúvida pode haver sobre o modo por que o fato se deu. A Senhora B. possui o dom de ver os Espíritos, segundo a expressão de S. Paulo; e ao tempo em que se produziu a aparição, ela estava lendo com prazer o capítulo sobre A transformação da morte, no qual eu externara o que tinha de mais forte e profundo em minhas convicções religiosas. Parece estar aí a causa da atração; pois foi durante a apreciação dessa parte do meu trabalho que Violeta, pela primeira vez, se lhe manifestou.

Será inadmissível essa explicação? Será irracional atribuir tão pequeno motivo à inesperada visita do Espírito?

Chegou, contudo, ao meu conhecimento, um ano antes, um caso análogo, perfeitamente autenticado.

A APARIÇÃO DE UMA NOIVA

Em outubro de 1854 meu pai fez uma visita à Senhorita A., jovem do seu conhecimento residente perto de Londres, e cujas faculdades mediúnicas apesar de só conhecidas no círculo privado dos seus amigos, eram de uma ordem elevada. Ela via habitualmente os Espíritos, desde a sua meninice, alguns anos antes da fase inicial do Espiritismo. Além dessa, várias outras espécies de manifestações se produziam em sua presença.

Meu pai encontrou-a um tanto indisposta, recostada num sofá e entretida com a leitura de um livro. Deixou o livro, quis levantar-se, mas ele rogou-lhe que se conservasse ali, declarando que vinha com

a esperança da oportunidade de examinar alguns fenômenos espíritas. Assentou-se só, junto à mesa, não longe do sofá, a fim de ver se obteria o fenômeno dos golpezinhos. Depois de algum tempo eles foram ouvidos, sem que ela tocasse na mesa. Então, empenhou-se o seguinte diálogo: "Notai a presença de algum Espírito?" perguntou meu pai. - "Sim. Vejo o de uma jovem." - "Podeis saber o nome?" - "Não; ela nunca mo quis dizer, apesar de vê-la sempre que leio esse livro." - E apontou para o livro. "Talvez que lhe obtenhamos o nome por golpezinhos." - acrescentei. Com efeito, as letras indicadas deram o nome de Graça Fletcher, "Como! - disse meu pai; a minha amiga de outrora?" - Quem foi Graça Fletcher?" - perguntou a jovem. - "Nunca ouvi pronunciar esse nome." - "Não podíeis tê-la conhecido, retorquiu meu pai, pois é morta há trinta ou quarenta anos. Conheci-a intimamente e nunca encontrei mais belo caráter, moral e intelectual." - "É singular, tornou a jovem, que esse Espírito sempre me apareça quando leio este livro, e somente então." - "Que obra é essa que estudais?" - "A Filosofia Mental de Thomas Brown." Respondeu, passando-lhe o livro. Ele o recebeu, exclamando: "Como tudo isto é estranho! Que coincidência maravilhosa!" - "Que achais de maravilhoso?" - Então meu pai explicou que o Doutor Brown e a Senhorita Fletcher tinham-se amado muito e iam casar-se, quando ela morreu, aos dezenove anos de idade, e acrescentou: "E creio que o pobre Brown não resistiu ao golpe, pois só lhe sobreviveu três ou quatro anos." Graça Fletcher, que segundo voz geral, era digna do elogio que meu pai lhe fazia, fora filha de uma mãe talentosa, muito apreciada nos círculos literários de Edimburgo, e que, em idade bastante avançada, faleceu há treze ou quatorze anos. Sei, por uma senhora que fora muito relacionada com essa família, que entre o Doutor Brown e a Senhorita Fletcher não existia ainda ajuste de casamento, mas uma simpatia tão grande, que todos os seus amigos contavam com esse evento. Ela faleceu em 1816 e ele em 1820.

Ouvi a narração supra da própria Senhorita A., cuja seriedade conheço bastante para nela depositar toda a confiança. Uma das

recordações da minha meninice me pinta o desgosto de meu pai quando recebeu a inesperada notícia da morte de Graça Fletcher.

Uma coisa que aumenta o valor desse caso é o fato de nunca a jovem vidente ter ouvido pronunciar o nome da Senhorita Fletcher, nem ter a mínima idéia daquilo que meu pai lhe contou, acerca das relações que ligaram em vida aquela cujo nome os golpezinhos soletraram, ao autor do livro durante cuja leitura costumava produzir-se á aparição. Como aí não se pode recorrer racionalmente a uma coincidência, fica essa teoria posta de lado. A aparição de Violeta à Senhora B., uma estranha para ela e para mim, durante a leitura de um livro meu, é um incidente da mesma classe; e, se os reunirmos, teremos uma prova de que o Espírito pode, ocasionalmente, conquanto seja raro, baixar da outra fase da vida a esta, levado pelo desejo de observar o efeito produzido na terra pelos esforços de um amigo caro, com o fim de esclarecer a humanidade. É racional a crença de que os Espíritos benévolos, lá do outro mundo continuem a interessar-se pelo progresso deste mundo.

Não sei que prova mais forte, em casos destes, se possa apresentar. Vou, porém, juntar outras que podem fortalecer a fé do leitor.

PROVAS ORIGINAIS E POSITIVAS

Duas semanas depois da recepção da segunda carta da Senhora B., isto é, a 13 de março de 1860, pela manhã, dirigi-me à casa do Senhor Carlos Foster, a cuja mediunidade já me referi, acompanhado por uma dama bem e favoravelmente conhecida no mundo das letras, a qual chamarei Senhorita P. A visita realizou-se a pedido dela, que nunca havia testemunhado fenômenos espíritas, mas, por muito ouvir falar neles, desejava poder julgá-los por si mesma. Ela nunca tinha visto o Senhor Foster.

Eu disse ao Senhor Foster, de um modo geral, que recentemente havia recebido de pessoa estranha e moradora em ponto distante, uma comunicação que se dizia de um Espírito desencarnado há muitos anos, porém que, para estudo, ocultava-lhe o nome e outras

particularidades referentes à sua identidade pessoal; desejando, contudo, por seu intermédio obter mais algumas provas a respeito. Na primeira parte da sessão, o Senhor Foster só se ocupou com a Senhorita P., cuja incredulidade transformou-se, no correr do trabalho, em sentimento mais grave e profundo. As provas que ali colheu, lançaram-na a caminho de investigações que fizeram dela uma espírita consumada. (92)

Depois, ele voltou-se repentinamente para mim e disse: "Senhor Owen, vejo junto de vós o Espírito de uma mulher, talvez o mesmo de que me falastes. Ela tem na mão um ramalhete, especialmente formado de violetas." - "Perguntai-lhe o nome" -, disse eu. O Senhor Foster fez uma pausa, e, algum tempo depois, acrescentou: "Ela não o quer dar; mas tirou do ramo uma flor, uma violeta só, e colocou-a diante de vós. Tem isso algum sentido para vós?" - "Sim; mas vede se podeis obter o nome pelo meio que costumais empregar.

Então, a seu pedido, escrevi sete nomes de batismo, femininos, inclusive o de Violeta, tendo todo o cuidado de evitar qualquer demonstração de sentimento que o fizesse preferir aos outros.

O Senhor Foster tomou o papel e rasgou de modo a separar os nomes; enrolou-os, formando com cada pedaço uma bolinha.

Depois, juntou-as com outras formadas de pedaços de papel em branco, reunindo em pilha cerca de vinte bolinhas. Pediu-me que as conservasse na palma da mão aberta, por baixo da mesa. Feito isso, depois de algum tempo, disse: "Os Espíritos desejam que ponhais o vosso chapéu embaixo da mesa." Ele mesmo o fez, mas colocou logo as duas mãos sobre a mesa, dizendo: "Espírito: - quando tiverdes escolhido a bolinha, avisai-nos." Passado um minuto, ouviu-se a pancada.

Perguntando qual de nós devia apanhar o chapéu, foi indicado o nome da Senhorita P.

Logo depois, a mesa com um movimento súbito e algo violento, dirigiu-se para o lado da Senhorita P., de modo que sem deixar o seu lugar ela pôde levantar o chapéu do chão. Nele, entre as duas luvas, estava a bolinha que ela me passou.

Ia abri-la, quando o Senhor Foster me disse: "Não o façais. Vejamos se posso obter o mesmo nome, escrito embaixo da mesa." Tomou um pedacinho de papel e lápis em uma das mãos, que, pelo tempo de doze ou quinze segundos conservou embaixo da mesa. Depois, retirando a mão e examinando o papel, advertiu: "Creio que o nome aí se acha." - e me passou o papel. O nome lá estava escrito a lápis, mas não pude conhecer uma só das letras. Então, por sugestão do Senhor Foster, apliquei o papel pelo avesso, contra a vidraça da janela, e nele, em caracteres minúsculos, li o nome - Violeta. Abrimos a bolinha e encontramos o mesmo nome.

Antes de mostrar ao Senhor Foster os nomes escritos no papel e na bolinha, seu braço pareceu estremecer ligeiramente, como se sofresse um ligeiro choque elétrico. E ele disse: - "O nome está escrito no meu braço" - e, arregaçando a manga, pudemos ler distintamente a palavra - Violeta. - Contudo, ainda não quis pronunciá-lo e deixei que ele próprio pronunciasse letra por letra. Estas, pareciam ter sido traçadas pelo pincel de um pintor, com tinta cor-de-rosa; medindo cada letra uma polegada e quarto de altura, em tipo de imprensa; feitas com esmero e perfeitamente legível, com a largura de um oitavo de polegada. ,a, primeira letra estava junto ao cotovelo, seguindo-se as outras ao longo do braço e vindo a ficar a última junto ao punho, na raiz do polegar. A Senhorita P. leu o nome sem a menor dificuldade.

Durante todo o tempo dessas experiências, com exceção do momento em que ele colocou meu chapéu no chão e os poucos segundos que gastou para pôr o papel e o lápis embaixo da mesa, o Senhor Foster conservou quietamente as mãos em cima da mesa.

A sala recebia luz por duas janelas. A Senhorita P. nunca tinha ouvido pronunciar o nome de Violeta; o mesmo sucedera com o Senhor Foster, como verifiquei.

Eis aí quatro provas, não se apresentando espontaneamente, como a que foi dada à Senhorita B., mas, ao contrário, obtidas com o concurso de um médium profissional, a quem eu havia procurado com a esperança de obter ainda alguma coisa que confirmasse a minha íntima crença: - 1º A aparição ao Senhor Foster no ramalhete

de flores e a colocação de uma dessas flores diante de mim, quando eu esperava o nome de Violeta. - 2° A bolinha escolhida de entre vinte, tirada da minha mão e depositada dentro do chapéu. - 3° O nome escrito no papel posto debaixo da mesa e que só podia ser lido pelo avesso da folha em que fora escrito. - 4° O nome escrito sobre o braço do médium.

A singularidade do ramalhete só conter uma espécie de flor e a de corresponder o nome dessa espécie ao do Espírito; juntamente com separação de uma só dessas flores para me ser apresentada quando eu pedia o nome do Espírito, não podem racionalmente ser atribuídas ao acaso.

A respeito das bolinhas, desde que o Senhor Foster colocou as mãos sobre a mesa, à vista de todos, houve uma impossibilidade física de poder ele colher uma delas, ainda que soubesse qual a que devia escolher.

Quanto à escrita aparecida no papel colocado embaixo da mesa, ainda que se possa alegar que há pessoas capazes de escrever, de modo que só se possa ler pelo verso do papel -, e isso com a mão ou com o joelho -, o escrito mesmo que tenho agora diante de mim, parece refutar tal hipótese, pois que examinei o papel cuidadosamente. Ele é fino, escrito por mão de mulher, como se a ponta do lápis só de leve lhe tocasse a superfície, sem produzir qualquer impressão profunda, e sem indícios de poder ser lido pelo reverso da folha. Não julgo possível que alguém, segurando em uma só mão um lápis e um pedaço de papel, no tempo de quinze segundos possa, por baixo da mesa, assim escrever uma palavra. Além disso, o Senhor Foster ignorava completamente o nome. O mesmo se dá relativamente ao nome que lhe apareceu escrito no braço, ainda aqui com dificuldade maior: a de achar-se o braço coberto, até o momento em que o médium arregaçando a manga, nele nos fez ver o nome, tendo, até então, as mãos colocadas quietamente sobre a mesa, como todos viam e achando-se, portanto, impossibilitado de usar qualquer expediente para fazer as letras.

Nos anos de 1860 a 1870, consegui, com o concurso de vários médiuns, numerosas comunicações de Violeta, todas pequenas, com

exceção de uma, a mais longa, na qual tratava do nascimento do Cristo. Elas eram usualmente breves e cordiais mensagens de afeto, ligeiras sugestões sobre assuntos de ética, de filosofia ou de Espiritismo. Em duas ocasiões, separadas por um intervalo de anos, em vez do nome, ela fazia unicamente uma alusão à flor. Uma delas me veio por um médium de Boston, outra por uma dama (não médium de profissão) na cidade de Washington; ambos desconhecedores do nome e da história de Violeta. Finalmente, obtive acidentalmente, como costumam dizer, uma prova notável, caracteristicamente diferente de qualquer das supracitadas.

UM RETRATO COM EMBLEMA

Na primavera de 1867, achando-me em New York, travei conhecimento com o Senhor Anderson, que, sem prévio aviso e por influência espiritual, como ele afirmava, tinha produzido retratos de pessoas falecidas, muitas das quais eram perfeitamente reconhecidas por seus amigos. Ele me informou que um clérigo, seu amigo, desejava encontrar-se comigo, e por combinação nos encontramos em casa do Senhor Anderson, na tarde de 21 de março. Enquanto conversávamos, o Senhor Anderson me trouxe uma folha de papel de desenho, pedindo que observasse bem o que estava em branco, dos dois lados, e que rasgasse um pedacinho de um dos cantos, para poder verificar-lhe a identidade. Tirei pedaços irregulares de dois dos cantos. Então, ele pediu-nos que notássemos a hora e fôssemos para uma sala do interior.

Supus que ia fazer um retrato e, como meu pai tinha sido um homem muito conhecido, do qual existiam vários retratos, pensei que era o dele que me seria apresentado, pelo que julguei logo que essa prova não seria satisfatória.

Depois de vinte e oito minutos exatos, o Senhor Anderson vindo à sala em que nos achávamos, pendurou na parede um retrato feito a lápis e não de meu pai, mas do busto de uma mulher em tamanho natural, que, pela conformação geral e pela expressão, reconheci ser o de Violeta. Firmando de novo, contudo, as feições me pareciam

mais regulares que as do original, e do mesmo modo a fisionomia me parecia mais idealizada. A posição era graciosa. Meus olhos percorriam a linha dos contornos, quando foram detidos de súbito. Desconfiei dos meus sentidos; examinei com maior atenção e reconheci que não havia engano. Como ornamento, na parte inferior da abertura do vestido, sobre o colo, via-se a flor violeta!

Não preciso dizer que nunca havia feito qualquer alusão a Violeta na presença do Senhor Anderson, e creio que ele disse a verdade quando me informou nunca ter ouvido falar dela.

Cuidadosamente, ajustei os fragmentos que tinha rasgado dos cantos do papel e achei que a folha era a mesma que havia visto em branco, vinte e oito minutos antes.

Mostrei o retrato, dias depois, ao amigo Senhor Carpenter, um artista, sem dizer-lhe como tinha sido obtido. Ele examinou-o com atenção e disse: "Salvo pequenos senões, é belo e gracioso; assaz original. Algum artista jovem?" - "Creio, disse eu, que ele não tem muita prática. Que tempo gastaria um bom artista para fazer um retrato como este?" - "Isso é conforme; se ele trabalhar com vontade, poderá fazê-lo num dia; porém, no geral, consumirá dois dias e mesmo mais." - "É possível que um artista comece e termine esse trabalho em meia hora?" - "Nenhum homem será capaz de fazê-lo."

Essa era também a minha opinião, no caso de o artista estar somente entregue aos seus próprios recursos; mas quis ver essa opinião confirmada por um juiz competente.

Depois dessas provas de identidade acumuladas, adquiri a profunda convicção de que Violeta se me havia manifestado, cumprindo a sagrada promessa que fizera tantos anos antes, e mandando-me do outro mundo missivas de amizade e palavras de ensinamento.

Não posso julgar que grau de crença essa narração, seguida de tantas provas, despertará nos outros.

PARTE QUINTA

A PROVA CABAL DA IMORTALIDADE

Quando eles ouviam falar da ressurreição dos mortos, uns mofavam e outros diziam Depois nos falarás disso. - (ATOS, XVII,23)

CAPÍTULO 1

O grande artigo de fé do primeiro século

Se os mortos não ressuscitam, então Cristo não ressuscitou; e, se Cristo não ressuscitou, a vossa fé é vã. - (I aos CORINTIOS, XV, 16)

Segundo as melhores autoridades, o Livro dos Atos foi escrito cerca de trinta anos depois do crucifícamento. É um dos mais interessantes e instrutivos episódios da história, quando o estudamos como bem poucos o fazem, sem a ilusão de arraigados preconceitos.

Naquele tempo, realmente não existia o Novo Testamento. Durante a primeira metade daqueles trinta anos, não havia mesmo uma biografia do Cristo; e, no fim dela, apenas uma, - a de Mateus, não se tendo mesmo a certeza de ter sido conhecida ou lida nas congregações cristãs. Todas as cartas apostólicas de S. Paulo, com exceção unicamente da dirigida aos Tessalonicenses, foram escritas alguns anos antes de ser composto o Livro dos Atos. Dá-se o mesmo com as outras epístolas, à exceção da de Tiago, que foi escrita quinze anos depois.

Assim, a fé dos discípulos durante esse período se baseava somente em recordações pessoais ou nas tradições orais de recente data. É certo que então era ela muito fortalecida pelo aparecimento entre eles, daqueles dons espirituais que o Cristo havia prometido aos que nele cressem (93). Ela, porém, fundava-se principalmente num grande fenômeno: o aparecimento do Cristo depois da morte, a um certo número de testemunhas, das quais muitas ainda viviam. A isso, nas grandes ocasiões, os apóstolos tinham por hábito recorrer (94). Era, certamente, a rocha fundamental do seu credo, sem a qual eles admitiam que todo o edifício viria abaixo. "Se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou; e, se Cristo não ressuscitou, a vossa fé é vã."

A vitória da sua fé consistia em patentear a imortalidade, não apresentando-a como coisa provável por argumentos analógicos ou recomendada à crença por sutilezas de escolas, mas como verdade exposta à luz do dia, onde os sentidos pudessem percebê-la; onde a mais alta de todas as evidências humanas pudesse atestar a sua realidade. E, a prova testemunhal da imortalidade entre esses primeiros discípulos do Cristo, era que os monos podiam voltar (95) pois eles mesmos haviam visto a aparição do Mestre.

Os cépticos negam que o Cristo tenha aparecido aos discípulos. Strauss, considerando que a aparição seria um milagre e reputando todo milagre impossível, busca desacreditar a narrativa. Contudo, ele manifesta a convicção sincera de que os discípulos, iludidos pela excitação de suas próprias almas, acreditavam que o Cristo lhes havia aparecido. Diz: "Segundo as epístolas de Paulo e os Atos, é certo que os apóstolos estavam persuadidos de haverem visto o Cristo ressuscitado. De resto, a afirmativa da primeira epístola aos Coríntios em nada enfraquece o nosso juízo, pois, conquanto indubitavelmente genuína, ela foi escrita no ano cinquenta e nove depois de Cristo e, portanto, menos de trinta anos depois da sua ressurreição. Por essa informação podemos admitir que muitos membros da primeira comunidade, ainda vivos quando essa epístola foi composta, particularmente os apóstolos, estavam persuadidos de haver testemunhado a ressurreição do Cristo. (96)

O texto a que Strauss se refere é a asseveração de S. Paulo a respeito daquilo que lhe haviam transmitido, isto é, que depois de ressuscitado, o Cristo foi visto por Cefas ou Pedro, um dos doze; depois, por mais de quinhentos irmãos reunidos, dos quais a maioria ainda vivia, ao tempo em que ele escreveu, e que também foi visto por Tiago e pelos doze apóstolos.

Note-se que não foram só Pedro e Tiago, nem somente os apóstolos que o viram, mas quinhentos irmãos reunidos, e a crença desses homens na realidade do que tinham visto era tal, que, para sustentá-la, sofriam a prisão, as flagelações, as perseguições e, até a morte. A narração de tudo isso, feita dentro do período de trinta anos, que sucedeu imediatamente ao fato, não podia deixar de ser considerada genuína, por um crítico ilustrado como Strauss.

O repúdio de tão forte testemunho não é um fato anormal. Strauss, apegando-se à idéia de ser tal aparição um impossível, não crê na narrativa; eu, porém, que, como os discípulos, já testemunhei uma aparição, sei, como eles afirmavam que elas não são impossíveis, e acredito no que disseram sobre a manifestação do Cristo.

Compreendo perfeitamente, ainda que fraco para imitá-los, a constância da fé que os levava a arrostar com os sofrimentos e a morte.

Quando o mundo religioso se colocar na vantajosa posição que ocupavam os cristãos da idade apostólica, ele se convencerá de que a aparição é um fenômeno natural, que pode ocasionalmente produzir-se. Uma grande fração da parte inteligente da sociedade, especialmente seus diretores mentais, continuarão ainda a negar, como Strauss, até que, como Tomé, sejam forçados a dizer: "Creio porque vi."

Eis agora a nossa questão: "Haverá importância nesse estudo das aparições?" Ela se prende a esta outra: "Que ganhamos nós colhendo provas seguras da imortalidade da alma?"

Falta-me espaço para apresentar ao leitor a explicação deste e de outros fenômenos correlatos. O mundo tem a obrigação de justificar a sua apatia a respeito desse assunto.

CAPÍTULO II

Aparições espontâneas

As pessoas não dominadas pelos prejuízos populares não podem facilmente acreditar nas aparições que se têm produzido, uma vez que nunca as tenham testemunhado. - (Rev. GEORGE STRAHAN, D.D. (97))

Uma das mais importantes fases do cepticismo é aquela que nega que em todas as épocas se tenha admitido a ocasional reaparição dos chamados mortos. Os fantásticos acessórios das histórias comuns dos Espíritos, como os espectros horrendos, os esqueletos, o tinir de cadeias, o cheiro do enxofre, as luzes azuis; tudo isso, tem assaz contribuído para o aparecimento desse moderno cepticismo. As falsas idéias e o sentimentalismo mórbido no que diz respeito à morte perturbam o nosso julgamento e mesmo as nossas percepções. Aqueles a quem amamos neste mundo passam a causar-nos medo quando vão para o outro. Pensamos com terror no seu reaparecimento; talvez desmaiemos se eles se fios apresentarem de repente, pois o terror cega e gera a superstição.

Nos quartos de dormir, no lar doméstico, nossos filhinhos ouvem contar horríveis histórias de Espíritos, estremecendo com o que escutam. Isso é um veneno espiritual, fatal à sua tranqüilidade de ânimo e à simples verdade religiosa. Quando falarmos dos Espíritos aos meninos, convém que o façamos como se falássemos de outra qualquer coisa natural, que todos seremos também um dia como eles; que só passamos aqui uma parte da nossa vida, da qual a outra parte se passará noutra mundo, que ainda não nos é dado ver, porém, que é melhor e mais belo do que este. Devemos acrescentar

que quando estivermos nesse outro mundo, talvez possamos vir a este e manifestar-nos a alguns amigos que aqui tenhamos deixado, os quais se julgarão muito felizes, antes de partirem também, por verem aqueles que os precederam na viagem.

É possível que, nessas circunstâncias, seus nervos sejam chocados, assim como estremecem os daqueles que ouvem, pela primeira vez, o retumbar do trovão. Assim elucidados, eles poderão sem sobressalto, testemunhar outros fenômenos. Quando os homens, no geral, chegarem a esse estado da alma, as aparições provavelmente se tomarão mais comuns. Os Espíritos lendo em nossos pensamentos, sem dúvida muitas vezes se abstêm de se nos manifestarem, percebendo que só são para nós um objeto de terror.

A angústia do espaço e o fato de em outro trabalho termos tratado, com muito desenvolvimento, o assunto das manifestações espontâneas, levam-nos a apresentar agora 'um exemplo somente: uma narrativa, que podemos comprovar com a citação do nome, lugar e data. É um caso da numerosa classe conhecida com o nome de aparições de mortos.

MANIFESTAÇÃO DE UM PAI, FALECIDO NA EUROPA, A UM FILHO RESIDENTE NA AMÉRICA

No ano de 1862, o Senhor Bradhurst Schieffelin, da conhecida firma Schieffelin & C., de New York, graciosamente me remeteu a seguinte nota acompanhada da narrativa:

"New York, 11 de junho de 1862.

"Caro Senhor: Inclusa tenho o prazer de remeter-vos uma carta do Rev. Frederick Steins, narrando a aparição de seu pai. O' Senhor Steins é um cavalheiro alemão da maior respeitabilidade, pastor da Igreja Presbiteriana da Rua Madison, nesta cidade, vasta congregação alemã. Essa carta, que podeis apresentar como prova, obtive-a para dá-la à publicidade, e muito satisfeito ficarei se ela vos for de alguma utilidade.

O vosso respeitador.

Bradhurst Schieffelin."

"New York, 10 de junho de 1826.

"Em obediência ao vosso pedido, cumpre-me relatar os fatos que se relacionam com a aparição de meu pai.

"A 13 de dezembro de 1847, estando de passeio com meus dois filhos mais velhos pela Rua Grande, em New York, antes do meio-dia e quando muita gente transitava pelas calçadas, repentinamente apareceu-me a figura perfeita de meu pai. Trazia as roupas habituais, o gorro e o cachimbo, e, depois de fixar-me com muita atenção, desapareceu repentinamente.

"Fiquei muito intimidado e imediatamente escrevi para o meu país natal, narrando o acontecimento. Algum tempo depois recebi carta de um irmão, escrita em Neukirchen, Prússia Renana, residência da família, informando-me que na manhã de 13 de dezembro nosso pai havia falecido. No almoço daquele dia, ele de nada se havia queixado e falara em mim com alguma ansiedade. Depois, foi passear pelo pátio e, ao regressar, caiu fulminado por um ataque apoplético.

"Em seguida, vim a saber que quando morreu trazia o mesmo vestuário, o gorro e o cachimbo com que se me mostrou.

Fr. Steins."

O ansioso interesse com que o pai se exprimiu a cerca do filho ausente, pouco antes de morrer, é, no presente caso, um incidente digno de nota.

As narrações de casos semelhantes a este se multiplicam.

Na minha obra *Footfalls*, apresentei uma assaz notável exposição, que me foi fornecida por um amigo, o Senhor William Howitt.

CAPÍTULO III

Minha experiência a respeito das aparições

Segnius irritant animos demissa per aures.
Quam quae sunt oculis subjecta fidelibus.
(Horácio)

Não possuo faculdades mediúnicas, nenhum dos dons espirituais enumerados por S. Pedro e por ele considerados como desejáveis. Nada vejo nem ouço, além daquilo que os outros podem ver e ouvir com os seus olhos e seus ouvidos. Relativamente à realidade das aparições subjetivas, tenho confiado no testemunho dos videntes, ratificado, de vez em quando, por informações no que se refere às coisas mundanas, fornecidas por essas formas invisíveis e depois reconhecidas como reais. Talvez que nesta fase do progresso espiritual haja para mim maior vantagem em receber a confiança dos outros. Se um dia aparecer um homem investido dos mais elevados dons espirituais e dotado do mais eminente poder moral e intelectual, sua influência sobre a sociedade civilizada será imensa. Entretanto, por seu juízo desapassionado, um simples espectador pode merecer mais crédito que um autor.

Lamento, contudo, nunca ter tido a boa fortuna de testemunhar uma aparição objetiva espontânea. É preciso buscar para encontrar.

Se os leitores, porém, me acompanharam na exposição que consegui fazer, creio que ficaram convencidos de ter eu tomado todas as precauções razoáveis para evitar qualquer ilusão ou impostura. Não sou eu quem deve resolver o fato de haver ou não encontrado o que buscava. Se eu quisesse fazer um estudo dos terremotos e fenômenos vulcânicos, certamente visitaria as costas ocidentais da América do Sul, a porção meridional da península italiana e as ilhas de Sumatra, Java e Iceland. O fato de colocar-se uma pessoa nas condições necessárias, não diminui o valor dos resultados que ela obtém nas suas experiências. A minha experiência neste terreno, não sendo tão variada como a de outros, é também

importante. Se a minha vida fosse tão longa como a que atribuem aos patriarcas antediluvianos, no dia da minha morte eu ainda conservaria a lembrança da primeira visita que tive de uma aparição que, segundo todas as circunstâncias em que o fato se deu, era um visitante do mundo espiritual. O fato passou-se há onze anos, em casa do Senhor Samuel Underhill, em New York.

UMA HORA RICA DE FATOS, EM COMPANHIA DE LEAH FOX

Entre as dez e onze horas da noite de domingo, 21 de outubro de 1860, tivemos uma sessão na sala de jantar do Senhor Underhill.

A luz do gás iluminava a sala, onde havia duas janelas dando para a rua e três portas comunicando com um corredor que ia ter à escada do segundo pavimento, outra com uma estreita passagem que conduzia à cozinha, e a terceira com a despensa, onde estavam objetos de louça, etc., e a um canto uma barrica de açúcar. Antes de outras demonstrações, alguns golpezinhos nos fizeram conhecer a necessidade da retirada dos criados. O Senhor Underhill mandou que as duas criadas que estavam na cozinha subissem para seus quartos de dormir, de modo que reinou profunda calma no pavimento em que nos achávamos reunidos. Então, cerramos as cortinas de ambas as janelas, a fim de impedir a entrada de toda luz vinda da rua.

Antes de começar a sessão, a pedido do Senhor Underhill, fechei as três portas supramencionadas, deixando as chaves nas fechaduras para que ninguém com outras chaves pudesse abri-las. Para satisfazer a mim mesmo, examinei cuidadosamente os móveis, verificando que ninguém se achava na despensa nem na sala de jantar; com exceção das três pessoas que comigo assistiam à sessão, o Senhor Daniel Underhill, a Senhora Underhill (Leah Fox) e seu sobrinho Carlos, de doze anos de idade.

Assentamo-nos ao redor de uma mesa de centro, de três e onze polegadas de diâmetro, de nogueira preta e sem coberta. Tive o cuidado de examiná-la bem, por baixo. O bico de gás achava-se colocado acima dela. Fiquei do lado oriental da mesa, tendo à frente

o Senhor Underhill; à esquerda a senhora deste, e Carlos à minha direita. O fogão não tinha lume.

Começamos a ouvir os golpezinhos, que gradualmente foram crescendo em número e intensidade. Depois de curto intervalo, mandaram apagar o gás. Assim se fez, ficando a sala completamente escura. Em seguida, disseram: "Juntai as mãos"; e, logo que o fizemos, senti por diversas vezes uma brisa fresca passar-me pelo rosto. "Não interrompais a corrente" -, foi-nos dito. Assim o fizemos, salvo uma só vez em que por minha causa foi ela quebrada, durante um ou dois segundos. Depois de alguns minutos percebi uma luz de caráter aparentemente fosforescente, à minha esquerda e junto ao soalho.

A princípio a luz tinha forma retangular, com as pontas arredondadas. Segundo a minha avaliação, ela media quatro sobre duas e meia polegadas, assemelhando-se a uma palma de mão iluminada, mas sem que a luz emanada aclarasse distintamente a sua superfície, e sem que se lhe pudesse distinguir os dedos. Por algum tempo moveu-se junto ao solo, depois elevou-se ao ar e flutuou pela sala, passando às vezes por cima das nossas cabeças. Depois, sua configuração mudou e o brilho aumentou, tomando a forma de um corpo oval, opaco, com as dimensões da mão de uma criança, envolta em substância da brancura do linho, mas muito brilhante. Enquanto ela se movia, ouvi, a princípio indistinta e depois mais claramente, o rumor de um vestido de seda ou outro artigo do vestuário feminino, dando-me a impressão de estarem uma ou mais pessoas passeando silenciosamente pela sala. Depois, a luz passou por detrás da Senhora Underhill e parou junto ao Senhor Underhill, diante de mim. Então, o Senhor Underhill disse: "Não podeis ir para junto do Senhor Owen! Experimentai." Imediatamente ela moveu-se, rodeando o meu lado esquerdo. Há esse tempo, o invólucro luminoso pareceu dissipar-se e um rosto, coberto por tênue véu luminoso, aproximou-se do meu rosto, até a distância de cinco ou seis polegadas, quando me volvei para ele e distingui, perfeitamente, os traços de uma figura de mulher, com as dimensões normais. Vi distintamente o movimento dos seus braços. Na extremidade inferior

do braço direito, como se fosse sobre a palma da mão, a figura trazia um objeto de forma retangular, medindo quatro por duas polegadas, segundo pude avaliar. Esse objeto era mais brilhantemente iluminado que o resto da figura. Não era a palma da mão, mas se afigurava ser uma caixa transparente, encerrando uma luz fosforescente. Fosse o que fosse, a figura levantou esse objeto acima da cabeça, e depois o passou lentamente em frente do que parecia ser seu rosto, e afinal, ao longo do resto do meu corpo, tal como se faz correndo uma lanterna ao longo de um corpo que se quer tornar visível. Isso foi repetido muitas vezes. Com o auxílio dessa luz pude ver mais distintamente que antes, os traços gerais do rosto e da figura, tudo envolto num véu semitransparente, de modo a não se poder bem determinar as feições, sem o perfil do corpo, nem as extremidades. O que se via melhor era o movimento do braço direito conduzindo a luz.

Enquanto isso se dava, eu sentia o contacto das mãos da Senhora Underhill e de Carlos. Durante as diversas fases do fenômeno, fazia observações sobre o que estava vendo, e o Senhor Underhill do lado oposto da mesa me respondia de modo a ficar certo de não ter ele deixado o seu lugar.

Exprimi o desejo de que a figura me tocasse e o Senhor Underhill disse: "Desejamos muito que o Espírito, se puder, toque no Senhor Owen."

Imediatamente senti uma espécie de mão humana pousar na minha cabeça; e, quando olhei fixamente para a figura, que estava à minha esquerda, vi a cabeça inclinar-se sobre o meu ombro. Um momento depois senti, e ao mesmo tempo ouvi imprimirem um beijo no meu ombro.

Em nenhum outro fato físico obtive maior evidência dos três sentidos reunidos, vista, tato e audição. Imediatamente, vi esse corpo luminoso passar por detrás de mim, roçar nos meus ombros, dando a impressão de leve contacto de mãos, e fixar-se à minha direita, apoiando-se sobre meu ombro.

Depois da pausa de alguns segundos, dirigiu-se para a janela mais afastada e ouvimos um ruído semelhante ao que produziu alguém que quisesse abrir a janela.

O Senhor Underhill do seu lugar observou que isso poderia dar-se, porque já de outra vez o haviam feito. As folhas das janelas tinham quatro divisões verticais, cada uma das quais se abria ou fechava, levantando-se ou fazendo descer um ferrolho. A figura abriu uma das quatro divisões e uma fraca claridade da rua penetrou na sala. Eu olhava para a janela quando o fato se deu. Nesse tempo, a aparição tornando-se gradualmente mais luminosa, esteve à vista, movendo-se pela sala durante cinco minutos, sem produzir o mais leve choque. Minha audição é muito apurada, pois posso perceber o mais ligeiro som e, no intervalo da conversação, não deixei de notar o menor choque.

Depois, a luz que iluminava a figura foi gradualmente se tomando mais fraca e daí a pouco, não mais se distinguia o fantasma. Contudo, o leve rumor das pisadas continuou a ser ouvido.

De repente, ouvimos o ruído produzido pela abertura da porta que me ficava oposta. A porta foi aberta e fechada precipitadamente, e, como o roçar da seda se aproximasse do meu lado esquerdo, a chave da porta foi depositada na minha mão esquerda.

Deu-se depois o mesmo com outra porta, ouvi a chave cair sobre a mesa diante da minha mão; finalmente, com a terceira porta (a da despensa) cuja chave, como se fosse lançada por cima das nossas cabeças, bateu com força na mesa, ao cair sobre ela. Enquanto isso se dava, eu fazia observações que eram respondidas pelo Senhor Underhill, do lado oposto da mesa.

Estávamos conversando quando se ouviu o ruído produzido pela queda de louça na despensa. A Senhora Underhill mostrou receios de perder a sua preciosa porcelana; mas, o marido advertiu: "Confio muito nos Espíritos"; depois, acrescentou: "Não poderá o Espírito trazer alguma coisa ao Senhor Owen?" Quase imediatamente colocaram sobre a mesa, à minha esquerda, um objeto que, ao fazê-lo pelo tato, reconheci ser um copo quebrado, o que me parecia ser mão humana, tocou a minha mão e depois, por muitas vezes, o meu

ombro. Manifestei desejo de que distintamente me apertassem a mão, desejo esse apoiado pelo Senhor Underhill. Em seguida a mão do Espírito' ou aquilo que pelo tato me parecia perfeitamente tal, se apossou da minha mão e apertou-a; passando depois a fazer o mesmo à parte inferior do braço. Não achei diferença entre este tato e o que fosse produzido por mão humana. Ela era um pouco mais fria que a minha, mas a diferença não dava impressão desagradável. Depois, no curso da sessão, não mais ouvimos o ruído de abertura e fechamento de portas.

Enquanto eu era assim tocado, o Senhor Underhill disse: "Podeis encher com água o copo que trouxestes ao Senhor Owen?" Ouviu-se um pequeno ruído na despensa e o som de alguma coisa que caía no copo; examinando, porém, este com a mão, senti que nele não havia água. Para isso tive necessidade de romper a cadeia por um momento. Então, mesmo atrás de mim, ouvi o som que produziria a tampa de vidro do relógio, se fosse arrancada e lançada sobre a mesa da chaminé; e depois, um som sibilante no ar, por uma ou duas vezes. Quando em seguida nos mandaram, por golpezinhos, acender o gás, achei as três chaves sobre a mesa e dentro do copo um torrão de açúcar. Duas das portas estavam cerradas, mas, examinando-as, achei que não estavam fechadas. Nelas colocamos duas das chaves que estavam sobre a mesa; a porta da despensa, porém, à qual se adaptava a terceira chave, encontrou-se aberta e a tampa da barrica de açúcar havia sido posta de lado. A porta da janela junto à qual tínhamos visto a aparição, estava aberta.

Esses fatos foram registrados resumidamente na mesma noite em que se deram, e escritos na manhã seguinte.

Por golpezinhos soubemos que um dos Espíritos presentes era o de uma filha da Senhora Fox, que tinha morrido jovem, e que outro era de um índio que auxiliara aquela na sua manifestação. Emília era o nome dessa jovem, que tinha sido a irmã favorita do Senhor Underhill, em cujos braços tinha falecido e que muito a havia chorado. O Senhor Underhill me afirmou ter por muitas vezes visto distintamente esse espírito, do qual conservava na mente as feições. Na ocasião presente, parece que ele percebeu a figura toda e

especialmente as feições, mais claramente do que eu, apesar da minha vista natural ter sido sempre boa e tão segura como a trinta anos. Com essa pequena exceção, todos os presentes, qual pode julgar pelas notas tomadas durante e depois da sessão, parece terem visto e ouvido os mesmos fenômenos.

Até então, nunca tinha testemunhado tais fenômenos. Muitas vezes havia duvidado de poder testemunhar uma aparição ou o que considerava tal. Afigurava-se-me que me não assustaria, mas disso não estava completamente seguro, antes da experiência a que acabo de referir-me. Conheço hoje a confiança que devo ter em mim mesmo. Senti certo temor e muito interesse, mas, recordando minhas impressões dessa hora, creio que, se um médico tivesse então me examinado o pulso, no momento justo que a aparição pouco iluminada, pela primeira vez, se me mostrou com o rosto velado a seis polegadas do meu, colocando a mão na minha cabeça e aplicando seus lábios no meu ombro -, não notaria o menor aceleramento nas pulsações, ou se o notasse, estou certo de que ele não devia ser atribuído ao temor, mas, somente ao efeito natural de tão solene demonstração. Se um homem em tais circunstâncias pode confiar no que lhe diz sua memória, afirmo, por minha honra, que durante o tempo em que os fatos se deram, eu não experimentava maior excitação que a do químico quando faz uma experiência buscando resultados que venham confirmar uma longa expectativa, ou a de um astrônomo quando vê aproximar-se o ponto capital de uma observação importante.

As circunstâncias que precederam e acompanharam o fato eram apropriadas a banir-me da mente todo temor. Eu não estava só, não fui apanhado de surpresa; esperava alguns fenômenos e contava que seriam de natureza fosforescente. E conquanto não tivesse a idéia de ver uma figura de forma humana, pela asseveração de estarem presente o Espírito da irmã querida de um dos assistentes, e as demonstrações de que tudo ali era operado por seres amigos, a fim de satisfazer meu desejo de obter as mais seguras provas das aparições, achava-me em condições diferentes daqueles que, embora

fortes, tendo sofrido constantes cheques nervosos, se encontram pela primeira vez com o que chamam uma alma.

Afirmo minha tranqüilidade de ânimo simplesmente como uma das circunstâncias concomitantes, que devem ser levadas em conta na apreciação do testemunho que oferece como prova da aparição, com a forma visível e tangível, de uma figura que disse ser o Espírito de uma pessoa falecida.

Muitas vezes se tem afirmado que o homem que acredita ter visto uma aparição, é, usando de uma frase comum, um, alucinado e não merece credito, como testemunha.

Se objetarem que antes de terminada a sessão as portas estavam abertas, responderei, principalmente que a parte mais notável e interessante dos fenômenos se deu antes de as portas terem sido abertas, e, em segundo lugar, que, tendo as chaves sidas deixadas por dentro, nas fechaduras, não podiam ser abertas pelo lado de fora. Se, em resposta, insinuarem que o Senhor Underhill abandonando o posto por segundos, podia ter aberto uma das portas, cabe-me dizer que eu estava conversando com ele quando ouvimos o ruído da chave girando na fechadura. Acrescento que, em outra sessão, na qual se produziram fenômenos ainda mais maravilhosos, tomei uma precaução, que tomava impossível ao Senhor Underhill ou a qualquer outro dos assistentes abandonar seu lugar, mesmo por momentos, sem ciência minha.

Cinco dias depois se efetuou outra sessão, a que vou referir-me, na mesma sala e com os mesmos assistentes e durante a qual reproduziram-se os mesmos fenômenos e mais alguma coisa altamente digna de nota.

UM ESPÍRITO FALANDO

A sessão realizou-se das dez às doze horas da noite de 26 de outubro de 1860. A respeito das portas da sala e da mobília, tomei as mesmas precauções que na sessão Precedente. Como nesta, as criadas foram dispensadas.

Depois de algum tempo, por golpezinhos, mandaram que apagássemos a luz e juntássemos as mãos. Obedecemos, mas eu tomei outra precaução. Segurando a mão direita da Senhora Underhill e a esquerda de Carlos, levei-as ao centro da mesa e o Senhor Underhill, do outro lado, colocou as duas mãos sobre as minhas. Assim nos conservamos durante toda a sessão, de modo tal, que do começo ao fim a cadeia nunca foi interrompida.

Depois de alguns minutos, apareceu-nos um corpo luminoso de forma irregularmente circular, de quatro polegadas de diâmetro, flutuando entre nós e a porta que ficava por trás da Senhora Underhill. Era algo mais brilhante que o observado na sessão anterior, de 21 de outubro. Ao fim de algum tempo, ouviu-se rumor leve, como o de seda, indicando a aproximação de alguém. A figura desta vez não era tão distinta, e a parte inferior confundia-se com uma nuvem cinzenta. A parte mais brilhante correspondia à posição da frente; eu, porém, não pude então distinguir as feições, nem o movimento dos braços. Depois, tocaram-me de leve na cabeça, no ombro e afinal, ao mesmo tempo em dois pontos como se o fizessem duas mãos de pessoa que se achasse atrás de mim.

Pelo som conhecemos que o manifestante se dirigia para o lado do Senhor Underhill, que afirmou estar a figura aproximando-se dele, e pediu-lhe que, como prova, lhe tirasse alguma coisa do bolso. Não se obteve resposta por golpezinhos, ou qualquer outro meio. Imediatamente ouvi um som idêntico ao que produziria o girar da fechadura na porta fronteira.

Depois, o Senhor Underhill disse que a figura de novo se aproximava dele. Vi o corpo iluminado encostar-se à sua cabeça, mas não pude distinguir a figura tão bem como o Senhor Underhill.

Pouco tempo depois, a aparição encaminhou-se para Carlos, que se assustou muito, bradando: "Vai-te embora. Não te chamei!" Vi-a encostar-se-lhe à cabeça, que a tinha pousado sobre a mesa. Então seu brilho cresceu e pude ver o contorno da cabeça do jovem. Carlos disse tê-la visto distintamente e fora tocado repetidas vezes por uma mão. Quando ela se aproximava de Carlos, tinha para mim o aspecto de um lenço ou outro objeto semelhante, seguro por uma mão ou

coisa idêntica. Não vi, então, a figura. Quando ela se ergueu atrás de Carlos, como para afastar-se na ocasião em que ele gritou assustado, percebi alguma coisa, espécie de mão segurando uma substância iluminada, sobre a qual se projetava aquela qual sombra.

Depois, vi-a mover-se para junto do Senhor Underhill e em seguida vir a mim e tocar-me levemente no ombro. De repente, ocorreu-me que ainda me faltava uma evidência. Perguntei se não lhe seria possível falar. Parece-me que a aparição fazia muitos esforços para consegui-lo, como indicou pelos fracos sons guturais que emitiu; depois, ouvi repetido um som semelhante a sílabas. Por golpezinhos disseram-nos: "Cantai" - e a Senhora Underhill obedeceu. A figura que parecia afastar-se e voltar tocaram-me de novo pelas costas, puxando-me docemente para si. Então, em uma das paradas do canto, ouvi pronunciadas com voz fraca, atrás de mim, as palavras: "Deus vos abençoe." Para certificar-me de não haver nisso uma ilusão de momento, pedi que falasse outra vez, e, num outro intervalo do canto, ouvi de novo, bem distintamente, a frase: "Deus vos abençoe." Pareceu-me que a pronunciavam ao meu ouvido. A voz era baixa, aparentemente voz de mulher, um pouco mais forte que o cochicho, e as palavras pareciam pronunciadas com esforço, em tom comprimido, como costuma falar uma pessoa debilitada pela enfermidade. Observei, também, que as palavras eram pronunciadas separadamente, guardando entre si um intervalo perceptível. No mais, os sons eram os da voz humana, ainda que baixos e suaves.

A, Senhora Underhill disse depois só ter distinguido a palavra voz, e não as outras; e o Senhor Underhill afirmou que ouviu sons articulados, mas não distinguiu nenhuma palavra, concluindo somente que me haviam dito alguma coisa.

Depois de algum tempo, vi a figura passar por detrás da Senhora Underhill e conservar-se, por alguns minutos, junto de seu marido; em seguida, veio colocar-se à minha esquerda. Pude ver o contorno da cabeça e da face, mas, ainda como anteriormente, ela estava coberta com um véu que lhe não deixava perceber as feições. Contudo, vi alguma coisa não observada antes, semelhante a tranças

de cabelos negros, caídos de um e outro lado da face, e o contorno mal definido de um braço, que por mais de uma vez se moveu para lançar para trás a trança que caía para frente, parecendo querer com isso chamar minha atenção. Quanto ao contorno geral da figura, foi nesta sessão menos distinto que na outra.

Depois, a figura colocou-se atrás de mim. Eu estava inclinado sobre a mesa, para evitar que o Senhor Underhill ficasse em posição forçada para alcançar as minhas mãos. Senti beijarem-me os ombros, depois meus dois ombros foram simultaneamente tocados, e, afinal, por cima das costas da cadeira, puxarem-me docemente para trás, comprimindo-me de encontro a uma forma que me pareceu material. Quase ao mesmo tempo beijaram-me a mão.

O Senhor Underhill disse então: "Ah! Vós o estais puxando para trás" - e a Senhora Underhill, um pouco incomodada, acrescentou: "Todos são tocados, menos eu. Não quereis saber de mim?"

Apenas tinha pronunciado essas palavras, quando, assustada, deu um grito, pois que, inesperadamente, tinham-na beijado na testa.

Cessaram então as manifestações. Não mais se percebeu na sala nenhum objeto luminoso, nenhum toque, nenhum ruído ou som de qualquer espécie.

Examinei tudo, atentamente, e estou certo de que nenhuma porta foi aberta ou fechada. Um ou dois minutos depois, por golpezinhos, nos disseram: "Acendei o gás."

Feito, achamos tudo como anteriormente, com uma única exceção. Certifiquei-me, olhando para baixo da mesa e para a despensa, que na sala só estivéramos nós. As três portas estavam fechadas, mas a chave da que estava à minha frente, havia desaparecido. Perguntei onde a tinham posto e os golpezinhos responderam: "Procurai." Revolvemos tudo, e quando examinamos nossos bolsos, foi ela encontrada no do Senhor Underhill.

Então, a Senhora Underhill perguntou se a sua exclamação tinha ofendido o Espírito, e este respondeu que não. Disse a Senhora Underhill: - "Temo muito havê-lo magoado." A resposta foi: - "Ele apenas intimidou-se."

Então, tendo eu perguntado se o grito de susto da Senhora Underhill havia sido a causa da cessação das manifestações, responderam afirmativamente.

Cumpru notar que o Senhor Underhill tinha pedido, como prova, que lhe tirassem alguma coisa do bolso; isso não foi feito, mas ninguém desconhecerá que o aparecimento no seu bolso da chave que todos tinham visto na porta, quando ele não tinha saído do seu lugar, era uma prova mais satisfatória do que a pedida. Quem, senão um Espírito, poderia fazê-lo? As mãos que pesaram sobre meus ombros e apertaram-me os pulsos, eram seguramente materializadas, a ponto de poderem tirar a chave de uma porta fechada e colocá-la no bolso de um dos assistentes.

Todas as portas, durante esse tempo, conservaram-se fechadas, de modo a ninguém de fora poder entrar na sala, a menos que se admita a suposição absurda de haver um Espírito aberto a porta para dar ingresso a algum ser humano.

Apesar de ter toda a razão para estar satisfeito com os resultados obtidos, resolvi prosseguir nas investigações, esperando ver uma aparição à luz do gás ou em pleno dia. Mas, não me foi então possível fazê-lo.

Deveres do cargo obrigaram-me a sair de New York, e no decurso dos acontecimentos que se deram nesses tempos agitados, minhas horas e pensamentos se empregaram em coisas diversas. Na primavera de 1862 o juiz Holt e eu fomos nomeados em comissão, pelo governo, para organizar o regulamento dos fornecimentos do exército, com obrigação de residirmos em Washington; e, um ano depois, nomearam-me presidente de outra comissão do governo encarregada de informar a condição dos escravos recentemente emancipados nos Estados Unidos. Assim, não foi senão no fim da guerra, que pude retirar minha atenção dos negócios públicos, para prosseguir de modo regular e consecutivo, os meus estudos espíritas.

Talvez me tenha sido útil essa mistura de ocupações mundanas e contemplos ultramundanas, dando nascimento à vistas mais claras e um tom mais prático às minhas investigações.

Minha experiência de 1860 fez-me conceber a opinião de que uma aparição objetiva pode ser obra de Espíritos, possível em raras circunstâncias. Algumas vezes, elas parecem totalmente independentes da ação ou intenção humanas; outras vezes podemos, de certo modo, promovê-las e mesmo antecipar-lhes, com mais ou menos segurança, o resultado. Neste último caso, parece que obtemos alguma coisa de certo modo correspondente a um produto da arte humana e, principalmente, da do escultor; mas da escultura em fase espiritual, imperceptível somente na parte material e capaz de, num momento, dissolver-se ou desaparecer.

O que eu mais particularmente desejava, era ter uma oportunidade de testemunhar, à luz, a formação de tal aparição, seus atos, movimentos de um lugar para outro, e seu desaparecimento. Mas, foi só em 1867 que esse desejo foi satisfeito. Durante a primavera desse ano, ouvi falar da Senhora B., de Boston, já idosa, muito conhecida e estimada naquela cidade, como exímia professora de música e dança. Diziam que ela, em círculos privados, tinha obtido numerosas aparições objetivas, com a sala parcialmente iluminada. Isso me foi também confirmado por uma senhora muito estimável, que havia assistido a muitas dessas sessões -, a Senhora Davis, viúva do assaz conhecido ex-governador de Massachusetts, de quem já me ocupei.

A Senhora Davis afiançou-me ter plena convicção da sinceridade e desinteresse da Senhora B. e da veracidade dos fenômenos que havia testemunhado na residência desta.

A Senhora B., segundo diziam, tinha diversas amigas, todas casadas e pertencentes à classe média, que possuíam maior ou menor poder mediúnico, principalmente o que se relaciona com as aparições espíritas de caráter objetivo. Em muitas ocasiões, na casa de uma ou de outra, ela tinha visto aparições.

Nenhuma dessas damas era médium profissional, mas acontecia que, se ocasionalmente se achavam reunidas, os resultados obtidos eram muito interessantes. A Senhora B. ofereceu seus espaçosos aposentos e, foram observados fenômenos de caráter maravilhoso.

Apresentando-se grande variedade de Espíritos, na maioria estranhos a todos os assistentes e trajados de modos diferentes.

A notícia propalou-se e apareceram os pedidos dos curiosos para testemunharem tais maravilhas. Eles foram geralmente aceitos, mas como favor e não a troco de dinheiro.

As opiniões variaram, ficando alguns visitantes convencidos e outros na dúvida de ser aquilo uma exibição para mistificar os crédulos ou ganhar notoriedade. Isso, como é natural, não foi do agrado das damas supramencionadas, e, quando visitei a Senhora B., em maio de 1867, soube que há muitos meses as reuniões tinham cessado. Quando, porém, manifestei à Senhora B. o meu ardente desejo de investigar o assunto durante alguns dias, a fim de dar os resultados à publicidade, ela acedeu com todo o prazer. "Quero apenas, disse-me, que alguém que os testemunhe, ateste publicamente os fenômenos observados, e possa garantir que nenhum outro interesse, a não ser o desejo de propagar uma verdade, nos guie na produção desses trabalhos, a fim de afastar toda e qualquer suspeita."

Às primeiras duas ou três sessões, somente compareceram algumas damas; e a Senhora B. foi de opinião que a interrupção das sessões regulares tinha enfraquecido os seus poderes. Apenas conseguimos obter golpezinhos e alguns fenômenos fosforescentes; estes, porém, de caráter notável. Estrelas brilhantes se mostravam sobre a figura de um dos médiuns, uma faixa de luz rodeou a cabeça de outra, a palavra Esperança apareceu escrita nas costas da mão de uma terceira. Essas aparições eram brilhantes e podiam ser vistas à distância de vinte pés, na sala fracamente iluminada. Os golpes eram tão fortes que, algumas vezes, abalavam o sofá em que nos assentávamos. Até a sessão de 4 de junho, porém, não se deu à aparição desejada. Nessa ocasião achamo-nos em circunstâncias mais favoráveis; porém, não considere a prova como completa, porque não testemunhei nem a formação da figura nem o seu desaparecimento. Somente a 25 de junho pudemos ter reunido todas as damas que formavam o círculo primitivo. Fiquei considerando

esse dia, 21 de outubro de 1860, como notável nas minhas experiências espíritas.

UMA APARIÇÃO DE ROUPAS BRILHANTES

Os aposentos da Senhora B., que ocupavam todo terceiro andar de uma casa de esquina, da Rua Washington, em Boston, constavam de vasto compartimento de trinta pés de frente por trinta e cinco de fundo, comunicando-se por uma porta com a sala de visitas, com vinte pés de comprimento e vinte e cinco de largura. Em cada um desses dois compartimentos havia uma porta dando para o corredor, aonde vinha ter a escada.

O compartimento da frente recebia luz por oito janelas, das quais quatro davam para a Rua Washington e quatro para um pátio. Como nem as cortinas nem as portas das janelas eram fechadas durante a sessão, esse compartimento tinha da rua a luz precisa para que uma pessoa assentada na sala de visitas, a alguns pés da porta, pudesse ver distintamente os contornos das figuras que aparecessem e se movessem no compartimento da frente; não sendo, contudo, a luz bastante forte para se discriminar as feições, a não ser a pequena distância. Destinado a exercício de dança, o soalho do compartimento não era forrado com tapete nem encerado, de modo que o som dos passos era ouvido perfeitamente.

Exceto eu, só havia mais um visitante - a Senhora John Davis. Os médiuns amadores que assistiam à sessão eram seis: - as Sras. S. J. D., George N. B., Sarah A. K., Fanny C. P., William H. C. e Mary Anne C.; todas regulando ter de trinta a quarenta anos de idade.

Antes de começar a sessão, a Senhora Davis e eu percorremos o compartimento, examinando-o com todo o cuidado. A mobília compunha-se de um sofá, um piano e muitas cadeiras encostadas às paredes. Não havia despensa, nem armários, nem recessos de qualquer espécie. Examinamos a porta que dava para a escada e a Senhora Davis conservou a chave dessa porta no bolso, durante a sessão. Depois, fechamos a porta que comunicava com a sala de visitas, guardando a chave.

Assentamo-nos na sala de visitas, justamente em frente da porta, ficando a Senhora Davis, a Senhora B. e eu num sofá colocado a quatro ou cinco pés da mesma, e os seis médiuns três de cada lado do mesmo sofá. A porta da entrada tinha as vidraças cobertas com cortinados de renda, de modo que do ponto em que me achava, podia, através delas, ver três das quatro janelas que davam para a Rua Washington, e o canto da sala que lhes ficava à direita.

Tudo esteve quieto na primeira parte da sessão, que começou pouco depois das oito horas. Apenas, notaram-se alguns golpezinhos e luzes fosforescentes.

Cerca das nove horas e um quarto, estando ali conosco todos os médiuns, vi, vagamente, no canto direito da linha fronteira do compartimento da frente, um vapor pardacento, fracamente luminoso; depois, uma figura vestida de branco. A princípio, conservou-se estacionária; depois, moveu-se lentamente, passando diante das duas janelas da direita, até o centro da linha fronteira, entre a segunda e terceira janelas. Aí, ela permaneceu por dois ou três minutos, ainda não visível distintamente. Depois, muito lentamente, sem fazer sentir o ruído dos passos, encaminhou-se diretamente para a porta e parou a uma distância de doze a quatorze pés do ponto em que me achava assentado. De repente, uma luz brilhante, vinda do lado direito, ferindo diretamente a figura e sem iluminar o resto da sala, permitiu-me ver a aparição tão perfeitamente como se toda a sala estivesse aclarada pela luz do gás.

Era uma figura de mulher, de altura regular, vestida de branco da cabeça aos pés. A fazenda da roupa não se assemelhava a qualquer das que estamos acostumadas a ver. Ela pareceu-me, como em ocasião precedente, um vestuário brilhante. Seu brilho é algum tanto parecido ao da neve caída de fresco, refletindo à luz do Sol, fazendo-nos recordar do que diz o texto sobre as roupas do Cristo na sua transfiguração, que excediam à brancura da neve, ou alguma coisa parecida ao mais alvo mármore, porém, mais brilhante. Ela não tinha o fulgor de lentejoulas nem enfeite brilhante; apresentando em toda a sua vestimenta um tom de uniformidade, semelhante ao de uma estátua recém esculturada. Conservou-se de pé, imóvel, em

posição graciosa. Se eu a visse de repente, em qualquer outro lugar, sem ter testemunhado seus movimentos anteriores, imaginaria que era uma bela peça de escultura, feita de material singularmente puro e maravilhosamente iluminado. A roupa adaptava-se perfeitamente à forma, como vemos nas estátuas antigas, onde não se buscava, como nas modernas, figurar vestidos amplos. Julgo que essa manifestação sob a luz brilhante demorou-se por quinze ou vinte segundos.

A Senhora H. foi ao seu encontro, aproximando-se bastante, e depois voltou ao lugar. A figura acompanhou-a; e quando ela, tendo transposto a porta, parou à direita, a aparição avançou, como deslizando, na sala de visitas, até uma distância, qual pude avaliar, de dois ou três pés. Aí parou. Levantei meu braço esquerdo com a esperança de tocá-la; a figura estendeu para mim o seu braço direito, coberto do seu vestido e deixou cair-me na mão um objeto que reconheci ser uma rosa branca. Sua mão, porém, não tocou a minha.

Depois, sempre com a face voltada para nós, foi se retirando, com o mesmo movimento deslizante; sem se perceber o menor som de passos no assoalho.

Parou pela segunda vez, a cerca de doze ou quinze pés, e aí, uma luz instantânea, vinda da direita e caindo sobre ela, no-la fez ver quase distintamente. Não pude verificar minhas primeiras observações a respeito dessa aparição, senão no que se refere ao caráter de suas roupas ricas e resplandecentes.

Depois, ela foi recuando, sempre com a face voltada para nós, até o centro da parede oposta, diminuindo de brilho gradualmente, até desaparecer a meus olhos.

A Senhora H. tinha acompanhado a aparição e ficou, por alguns segundos, junto ao ponto em que ela desapareceu. Vi-a depois passar diante da janela da direita, quando voltava para junto de nós. Estava vestida de preto.

Tenho certeza plena de que somente uma figura, a da Senhora H., quando voltava para junto de nós, se retirou do ponto onde a figura tinha desaparecido. Tive os olhos fixos naquele ponto, sem desviá-los um só momento; e, a luz vinda da rua era tal, que tornava impossível qualquer objeto, branco ou preto, passasse diante de uma

das janelas sem ser por alguém observado. Um ou dois minutos depois do desaparecimento da figura, conquanto meus olhos estivessem ainda fixos no ponto supramencionado, acudiu-me o seguinte pensamento: "É possível que ali nada exista'?" Esse pensamento, que não exprimi verbalmente, tinha com pertinácia me cruzado a mente, quando, como respondendo a ele, a mesma espécie de luz misteriosa que antes havia iluminado a figura clareou, repentinamente, o espaço da parede situado entre as duas janelas, no qual a figura havia desaparecido, esclarecendo-o completamente, ao passo que as janelas e paredes dos outros pontos da sala não foram iluminados. Essa claridade conservou-se tempo bastante para mostrar-me que ali nada havia mais que duas cadeiras encostadas à parede, como tínhamos visto antes do começo da sessão.

Então, sem afastar os olhos do lugar do desaparecimento, levantei-me e dei uma volta inteira pela sala. Tudo se achava exatamente como antes, tanto quanto me pude recordar. A outra porta achava-se ainda fechada.

Cumprе acrescentar que dois dos médiuns, as Sras. H. e D., informaram-me, depois da sessão, que elas não se lembravam de haver visto figura alguma; tendo ambas despertado como de um transe, ao terminar-se o trabalho; e a Senhora B. afirmou que isso se dava usualmente com ambas.

Não julgo que algum dos assistentes tenha percebido a formação da figura tão cedo quanto eu; mas, as observações que segredavam as damas que estavam junto a nós, enquanto a figura avançava e se retirava Lá está! - Parou! - Vede aquela luz! -, me fizeram conhecer que elas estavam vendo o mesmo que eu. Isso me foi depois confirmado por todas essas senhoras, menos as Senhoras H, e D. Todas as outras haviam observado a súbita iluminação do ponto onde a figura desaparecera.

Como da outra vez, devemos ter presente que, durante a sessão, apesar de ser profunda a impressão produzida, de ser mais solene que tudo quando se possa dizer, nenhum de nós experimentou a emoção do medo. O sentimento que em nós predominava era um profundo desejo de que o trabalho não fosse interrompido, que a

sessão não terminasse sem termos obtido uma evidência incontrovertível do fato; de terem as aparições um caráter espiritual, e de serem tão reais como qualquer outro fenômeno terreno.

O que, por tiptologia nos comunicaram depois da sessão, foi que era Violeta quem se havia manifestado. Sete anos antes, em uma sessão com Kate Fox, eu tinha tido a promessa de que um dia, quando as condições fossem favoráveis, ela me apareceria. O véu escondia-lhe as feições, mas, a altura, a forma e o porte correspondiam tão exatamente aos seus, que, quando se aproximou de mim não tive mais dúvida de que ela vinha cumprir a promessa.

Minha crença na realidade dessa aparição nada pôde sofrer com a hipótese de que ali estivesse um ilusionista ou prestidigitador, com teatro a sua disposição, alçapões, lanternas furta-fogo atrás dos bastidores, todos os recursos necessários para imitar aquilo que testemunhei.

Ali se achavam algumas senhoras de modesta e privada condição de vida, quietamente reunidas em dois compartimentos destinados usualmente ao ensino de alunos, e no terceiro andar de uma casa particular, não contendo lugar reservado onde se pudesse esconder uma cadeira, que fosse. Elas procuravam satisfazer uma curiosidade louvável, admitindo a presença de visitantes somente por cortesia; não exigiam, nem mesmo aceitariam remuneração alguma. Estavam então reunidas a meu pedido; depois de terem interrompido suas investigações durante alguns meses por haverem-nas injustamente suspeitado. Permitiram-nos examinar rigorosamente as salas, antes de tentar-se qualquer experiência. Aí não havia motivo, nem oportunidade para mistificação. O cunho de uma moeda pode ser falsificado, mas é preciso que o falsificador seja um perito profissional, disponha de local apropriado e de maquinismos dispendiosos. É somente a perspectiva do ganho que seduz os imitadores.

O certo é que observei a formação gradual da figura, testemunhei-lhe os movimentos, recebi de suas mãos uma flor natural (98) e vi o seu desaparecimento. Juntai a isso que o lugar

desse desaparecimento havia sido iluminado pelo Espírito em resposta a um pensamento meu.

Se o leitor ainda repele essa crença, julgando que dois ou três exemplos não bastam para provar um fenômeno tão estranho como a formação de um espectro espiritual e sua subsequente desaparecimento, depois de materializada a ponto de poder segurar um objeto material e entregá-lo a um ser humano, acompanhe-me ao capítulo seguinte.

CAPÍTULO IV

Manifestação de um parente

O homem de ciência, experimentando no seu laboratório, antes de oferecer ao mundo o resultado de alguma experiência importante, procura repeti-la mais de uma vez, pois enquanto persistir a mesma lei, o resultado obtido de conformidade com ela poderá ser reproduzido; e essa reprodução, de tempos a tempos, torna-se necessária para assegurar a sua veracidade, visto que um observador falível pode realmente enganar-se ou interpretar mal, quando a sua observação se limitar a um só exemplo.

Há fenômenos físicos que são espontâneos, não podendo ser produzidos à vontade. Não podemos provocar uma aurora boreal nem a queda de um aerólito. As aparições devem, em geral, ser julgadas, de certo ponto de vista, como sendo do mesmo caráter. Entre os supersticiosos prevalece, às vezes, a crença de poderem os mortos ser evocados por certas cerimônias místicas e ilegais, como o fez Saul por intermédio da chamada Pitonisa, do Endor. Tais superstições, porém, contam poucos crentes em nossos dias. O que há de real a tal respeito, é que, em favoráveis condições, de rara e difícil combinação, podemos ocasionalmente obter aparições e,

mesmo testemunhá-las seguidamente, não só durante semanas ou meses, mas ainda durante anos.

Julgo-me assaz feliz em poder apresentar ao leitor um dos mais notáveis, talvez o mais notável exemplo ocorrido ou, pelo menos, referido como tal, com permissão da testemunha para citar seu nome, pois que é um nome muito conhecido nas rodas comercial e social de New York, o Senhor Livermore.

Esse cavalheiro, há onze anos perdeu uma próxima parenta, a quem muito estimava. Chamemo-la Estela. No seu leito de morte, percebendo a dor pungente que empolgava o seu parente, ao pensar na morte próxima, ela manifestou o ardente desejo de, se fosse possível, vir dar-lhe a certeza da continuação da existência após a morte.

Ele ligou pouca importância ao fato, salvo a de ver nele apenas uma demonstração de afeto da enferma, visto que até então nenhuma prova obtivera que lhe satisfizesse a razão, relativamente à vida do além. Nem ele, nem Estela acreditavam nos fenômenos espíritas, tendo-os até então olhado com repugnância.

Quando o Senhor Livermore se viu só, seu extremo desgosto era agravado pela idéia da eternidade dessa separação. Manifestando-se em termos amargos ao seu amigo Doutor John F. Gray, que tinha sido o médico de Estela desde os tempos da sua meninice, esse cavalheiro, um dos mais antigos crentes dos fenômenos ultramundanos, sugeriu-lhe que havia um remédio capaz de lhe aliviar as penas, caso se resolvesse a tomá-lo. A resposta foi uma desdenhosa invectiva contra o espiritismo e suas ilusões, continuando ele a sofrer, abatido e desesperado.

Depois de algum tempo, contudo, acudiu-lhe o pensamento mais sério de que devia haver alguma coisa, nessa doutrina, que um homem tão sisudo e intelectual como o Doutor Gray cordialmente aceitava. Conformando-se, então, com a sugestão do amigo, resolveu assistir algumas sessões da Senhorita Kate Fox.

Tais sessões se efetuavam, umas na sala de visitas do Senhor Fox, outras na do próprio Senhor Livermore. Em todas, foram sempre tomadas às necessárias precauções para lhes dar a certeza de

que durante o trabalho nenhuma pessoa estranha entrava na sala, sendo esta cuidadosamente examinada antes, com portas e janelas seguramente fechadas. Em algumas das primeiras sessões, três ou quatro visitantes foram admitidos como testemunhas adicionais. Mas, depois reconheceram que os melhores resultados eram obtidos quando só havia um assistente e por isso só passou a assisti-las o Senhor Livermore.

Na primeira sessão, a 23 de janeiro de 1861, o Senhor Livermore pela primeira vez ouviu os misteriosos golpezinhos, como usualmente os chamavam. Depois, durante umas dez ou doze sessões, produziram-se os fenômenos usuais de tatos espirituais, comunicações de Espíritos, movimentos de corpos, etc.; e finalmente, escrita direta. Na décima-segunda sessão veio uma mensagem designada como de Estela, dizendo que, se o seu amigo perseverasse, ela se tornaria visível. Depois, durante mais uma dúzia de sessões, apareceram luzes fosforescentes, mostrando-se e sumindo com intervalos, até que, na vigésima-quarta sessão, a 14 de março, viu-se o contorno mal definido de uma figura. Três dias depois, receberam a seguinte mensagem: "Sei que posso tomar-me visível. Reuni-vos amanhã à noite. Assegurai-vos bem das portas e janelas, porque quero, para vosso bem e dos outros, dar uma prova acima de toda dúvida."

A sessão da noite seguinte teve lugar na residência do Senhor Fox, mas, a família estando ausente, só o médium e o Senhor Livermore ocupavam a casa. Este fechou, selou as portas e janelas e colocou pesadas peças de mobília contra aquelas; examinou a sala rigorosamente e apagou o gás. Logo vieram as palavras: "Vou tomar a forma." Depois, apresentou-se uma luz globular, crepitando levemente e que tomou a forma de uma cabeça velada. Daí a instantes, o Senhor Livermore reconheceu as feições de Estela. Depois, uma figura foi vista, iluminada, como a cabeça, por luzes fosforescentes ou elétricas, vindas de diversos pontos da sala. Durante todo esse tempo o Senhor Livermore conservava presas às mãos da médium. Então, o modo de produzir os golpezinhos foi mostrado; uma bola luminosa, das dimensões de uma laranja, com

um bico embotado, apresentou-se, saltando de um para outro ponto da mesa e produzindo um golpezinho, logo que a tocava.

UMA PROVA REAL

18 de abril, 1861. Vento sudoeste. Atmosfera limpa. Depois de estar absolutamente seguro, no que se referia a portas e janelas, assentamo-nos perfeitamente tranqüilos e esperamos cerca de meia hora. Minha fé ia-se enfraquecendo, quando fomos sobressaltados ouvindo tremenda pancada no pesado acaju da mesa central, que, então, levantou-se e caiu. A porta foi violentamente abalada; as janelas abriram-se e fecharam-se; e todos os móveis da sala pareceram mover-se. As perguntas eram respondidas por fortes pancadas nas portas, nos vidros das janelas e no teto, por toda parte.

"Uma substância luminosa, semelhante à gaze, levantou-se do solo por detrás de nós, moveu-se pela sala e parou à nossa frente. Vigorosos sons elétricos fizeram-se ouvir. A gaze-luminosa tomou a forma de pano que se prendia ao pescoço. Tocou-me, afastou-se e aproximou-se de novo. Reconheci um corpo oblongo, côncavo do lado voltado para nós, sendo nessa cavidade a luz muito brilhante. Encarei-a fixamente, mas não tinha as feições de uma pessoa. Ela recuou e de novo se aproximou; pude então distinguir um olho. Pela terceira vez ela moveu-se para longe, acompanhada pelos sons elétricos, e quando veio para junto de mim sua luz era mais viva, a gaze tinha mudado de forma, parecendo segura por mão de mulher, que com ela escondia a parte inferior do rosto, deixando descoberta à parte superior. Era a própria Estela; eram seus olhos, suas feições, sua expressão de íntimo amor à perfeição. Passada a emoção que esse reconhecimento momentaneamente provocou em minha alma, soaram por todos os pontos da sala seguidos golpezinhos, como se um auditório invisível assim nos quisesse manifestar os seus aplausos.

A figura reapareceu muitas vezes, tornando-se o seu reconhecimento cada vez mais perfeito. Depois sua cabeça apoiou-se na minha, caindo-lhe os cabelos sobre a minha face.

Eu e a Senhorita Fox, cujas mãos conservava presas durante todo esse tempo, nos assentamos uma vez, cerca de dez pés da parede da sala, com as faces voltadas para ela. A luz moveu-se em direção a um ponto situado a regular distância de nós e da parede; as crepitações elétricas aumentaram; a parede foi aclarada e apresentou-se uma figura completa de mulher cobrindo aquele ponto da sala, e trazendo aparentemente uma luz em uma das mãos. A forma conservou-se visível por mais de meia hora, distinguindo-se perfeitamente cada um dos seus movimentos. Depois, veio-nos a seguinte mensagem: "Ides ver-me erguida do solo." Imediatamente, com todo o seu brilho, a figura subiu até o teto; aí ficou suspensa por alguns minutos e depois, descendo serenamente, desapareceu.

Em seguida, manifestou-se entre nós e um espelho. O reflexo da figura no espelho era distintamente visível, sendo tio brilhante que se viam os veios da mesa de mármore, sobre a qual estava o espelho. Nessa ocasião caiu um forte aguaceiro, e, pelos golpezinhos nos disseram: "A atmosfera mudou. Não posso conservar a forma"; e logo a luz e a figura desapareceram.

Na sessão que se efetuou dois dias depois, recebemos a seguinte comunicação:

"Meu coração está repleto de alegria. Agradecemos Àquele que nos concedeu tão grande favor. Compreendi o vosso coração. Em vez das sombras que aí se achavam, está hoje a luz que exalta. Sede feliz e nada temais. A paz convosco - Estela."

A princípio, só foi visível a parte inferior do rosto, depois, porém, veio à figura completa. Dando os detalhes de várias manifestações, aparentemente de um caráter fosforescente, o Senhor Livermore diz: "Afinal um globo luminoso, que se havia conservado estacionado à minha esquerda, a uma distância de seis pés, flutuando para frente, chegou até à distância de dois pés. Ele era violentamente agitado, fazia ouvir sons crepitantes e, com a sua luz, tornou visível uma figura. Apresentava a cabeça e o rosto de Estela, com as suas feições e todos os seus lineamentos aperfeiçoados, espiritualizados como um tipo de beleza, que nenhuma imaginação pode conceber e nenhuma pena descrever. Nos cabelos, que pareciam

cuidadosamente tratados, só trazia uma rosa branca. A cabeça inteira e a face desapareceram, depois tornaram-se visíveis, repetindo-se isto umas vinte vezes. O reconhecimento era tanto mais perfeito, quanto maior o brilho da luz."

Nessa sessão, porém, o Senhor Livermore teve outras provas para confirmar a realidade da aparição. A cabeça da figura pousou por algum tempo sobre a sua, a luxuriante cabeleira caindo-lhe sobre o rosto e na mão. Ele diz: - Segurei nesses cabelos que pelo tato me pareceram idênticos aos humanos; mas, depois de algum tempo, eles se dissolveram, nada me deixando na mão."

Das muitas outras descrições que apresenta, tomo acidentalmente o seguinte:

"2 de junho de 1861.

"Por golpezinhos nos foi dito: Examinai a sala e retirai as chaves das portas, o que foi feito.

"Apenas tínhamo-nos assentado, deram-se violentos movimentos sucessivos, a princípio de pancadas em vários pontos da sala; depois, ruídos crepitantes na mesa, semelhantes a trovões em miniatura ou a pesadas descargas elétricas.

"Veio depois um som semelhante ao frufu de seda. Uma figura parou diante de mim, atuando sobre todas as fibras do meu organismo. Seguiram-se golpes embaixo da minha cadeira, toques nos ombros, e, a figura inclinar do para frente, colocou a mão sobre minha cabeça. Uma luz brilhante surgiu por trás de nós e se elevou acompanhada de ruídos elétricos. Beijaram-me na cabeça e uma nítida substância luminosa passou acima de mim. Imediatamente, erguendo os olhos, reconheci o semblante de Estela, perfeitamente visível diante da luz, que vibrava rapidamente, espargindo raios sobre essa figura de beleza incomparável a qualquer outra que se possa imaginar em seres terrenos. Ela fitou-me com expressão radiante de ternura.

"Nessa ocasião, a Senhorita Fox ficou tão excitada que as suas exclamações de admiração e prazer pareceram momentaneamente perturbar a manifestação, que se interrompeu, até que ela se

acalmasse. Depois, apareceram luzes flutuando em diferentes pontos da sala.

"Uma carta de jogar, que eu tinha na mão, foi-me arrebatada e depois restituída visivelmente. Nela encontrei uma bela comunicação, escrita em puro e correto francês, língua de que a Senhorita Fox não conhecia uma só palavra. "

Deixando de lado muitas outras aparições, em sessões diferentes, vou transcrever o que se passou a 4 de junho:

"O ambiente estava fresco e agradável. O vento soprava de noroeste." Depois de dar os detalhes de alguns fenômenos de somenos importância, o Senhor Livermore diz:

"Ouvimos distintamente o frufu da seda e depois se levantou, alguns pés acima da mesa, uma luz tão viva que iluminava todos os objetos vizinhos. Quando ela se aproximava de mim, interpôs-se de súbito um corpo opaco, que, seguindo a direção do raio luminoso, deteve-se a uma distância de cerca de dois pés. Gradualmente foi descobrindo-se e mostrando o semblante de um anjo, tão belo que só a imaginação pode figurar. A figura de Estela ali se achava, trazendo na trança dos cabelos a mesma rosa branca e reproduzindo perfeitamente suas feições e expressão, sob uma auréola de luz. Por seis ou sete vezes sucessivas, essa forma tão viva e tão bela dissolveu-se e de novo se apresentou a meus olhos. Depois de um quarto de hora, a figura e a luz desapareceram; mas daí a pouco, mostraram-se de Povo num dos cantos da sala, tão brilhantemente que todas as peças da mobília, naquela parte, tornaram-se distintamente visíveis. Depois, surgiu uma figura de mulher perfeitamente visível, de proporções naturais, com as costas voltadas para nós e um véu aparentemente de gaze brilhante, cobrindo-lhe a cabeça e caindo até os joelhos.

"Pedi-lhe que erguesse o braço e ela o fez de modo gracioso. Nenhuma pena pode descrever a esquisita e transcendental beleza do que vimos nessa noite."

Não sei como se possa rejeitar ou explicar de outro modo evidências semelhantes às supracitadas, mesmo que a narração se limitasse ao que acabamos de reproduzir. Que dirá, porém, o leitor,

quando souber que mais de trezentas outras sessões tiveram lugar, e nas quais veio sempre confirmação das experiências supra-referidas?

É impossível, dentro dos limites deste volume, seguir o Senhor Livermore em suas recordações. Não faço mais que colher, aqui e ali, alguns dos mais salientes e irrefutáveis resultados por ele narrados.

UMA CORROBORAÇÃO DE MUITOS ANOS

Aqui se mostra alguma coisa relativa às semelhanças deste mundo com o outro.

"17 de julho de 1861. - Cada vez mais, a aparição ia-se mostrando perfeitamente. Nessa noite a figura de Estela veio envolta em flutuantes vestidos de gaze branca e brilhante. Sua mão colocada à altura do queixo, segurava um maço de flores, ficando o pescoço e o seio cobertos completamente de rosas e violetas.

"Perguntei-lhe como havia obtido essas flores e ela me respondeu: O nosso mundo é um traslado do vosso. Temos tudo o que tendes: - jardins e flores espirituais em abundância."

No mês seguinte, entre muitas outras coisas, obtiveram o seguinte:

"29 de agosto. - A figura de Estela apareceu logo depois de entrarmos na sala. Ela aí conservou-se quieta, enquanto uma luz flutuou junto da sua face, cabeça e pescoço, como se nos quisessem fazer observar mais distintamente. Enquanto olhávamos, seus cabelos caíram sobre a face, e vímo-la muitas vezes levantá-los com as mãos. Suas tranças eram adornadas de rosas e violetas, belamente dispostas. Foi o mais perfeito dos seus trabalhos, ela se apresentava tão nítida, como se ainda fosse deste mundo.

"A seu lado parou uma outra forma, trajando, claramente o vimos, um casacão com aparência de pano preto. A Senhorita Fox assustou-se e ficou muito nervosa, pelo que, e ainda por outras razões, a face dessa segunda forma não se tornou visível e desapareceu pouco depois, só conservando-se a de Estela."

Temos aí um incidente, provando que uma aparição pode segurar os objetos terrenos. Como a noite estivesse quente, o Senhor Livermore tinha trazido uma ventarola, que colocara sobre a mesa, à sua frente. A figura tomou-a dali e apresentou-a em várias posições, ocultando às vezes, com ela, uma parte do rosto. O Senhor Livermore acrescenta:

"Nessa sessão a figura conservou-se visível por espaço de hora e meia."

Os vestidos com que ela se envolvia eram de uma substância que, conquanto se dissolvesse em nossas mãos, tinha alguma coisa de material.

"Outubro 4. - A figura de Estela apresentou-se clara e perfeitamente definida. Uma luz flutuou pela sala e ela acompanhou-a deslizando no ar. Acontecendo uma vez em que seus vestidos brancos roçaram na mesa, serem o lápis, o papel e outros objetos leves, lançados ao chão."

O DOUTOR FRANKLIN

Por golpezinhos nos foi anunciado que o vulto negro que havia aparecido já uma ou duas vezes era o Doutor Franklin, mas não nos deram nenhuma prova até a sessão de 11 de novembro. Então, pela primeira vez, pudemos ver-lhe o rosto, iluminado por uma luz que parecia sustida por outra figura.

"Se podemos julgar à vista dos retratos originais do homem, diz o Senhor Livermore, ali tínhamos uma prova de identidade. Ele vestia um jaquetão pardo de estilo antigo e gravata branca. A cabeça grande, adornada de longos cabelos grisalhos ou cinzentos, lançados para trás das orelhas; sua face era irradiante de inteligência e benevolência."

Na noite seguinte ainda voltou. "Os golpezinhos, diz a memória, pediram colocássemos uma cadeira para o Doutor Franklin, junto à mesa oposta à que ocupávamos. Mas, a idéia dessa vizinhança tomou a Senhorita Fox tão nervosa, que eles não insistiram mais.

Passado algum tempo, quando ela se acalmou, ouvimos a cadeira mover-se até o lugar indicado.

"A luz era então fraca, mas vi uma figura escura parar junto de mim. Depois, moveu-se ao redor da mesa; ouvimos um sussurro; a luz tornou-se brilhante e vimos à figura do velho filósofo sentado na cadeira; sua forma e vestuário imitavam perfeitamente o natural. A luz era tão viva e a forma que tínhamos diante de nós tão palpável, que a sua sombra se projetava na parede, precisamente como se fosse um homem que ali estivesse. A atitude era cortês e digna, com um braço apoiado sobre a mesa. Uma vez se inclinou para frente, em direção a nós e observei que os cabelos grisalhos se desarranjavam com aquele movimento. Aí se conservou por mais de uma hora. Finalmente, perguntei-lhe se podia aproximar-se mais e logo figura e cadeira se moveram para nós, e o silencioso vizinho esteve bem perto de nós. Antes de desaparecer levantou-se da cadeira, distintamente visível.

Isto se deu na residência da Senhora Fox, mas a sessão de 30 de novembro teve lugar na própria casa do Senhor Livermore. Este assim nos conta o que viu: "As portas e as janelas foram fechadas e seladas. Sentimos fortes abalos e sons elétricos; uma cadeira moveu-se; pediram-nos fósforos e os tiraram da minha mão, quando os apresentava, estendendo o braço.

"Depois de algum tempo ouviu-se o friccionamento dos fósforos, dos quais, depois de várias tentativas, um incendiou-se. À sua luz vimos que quem o segurava era a figura que supúnhamos de Franklin, que se mostrou perfeitamente, vestida como da outra vez, apenas agora mais distinta a cor do casaco. Com a luz do fósforo a figura desapareceu.

"Depois reapareceu, sempre à luz de fósforos, por umas dez ou doze vezes. Na terceira vez trazia à cabeça o meu chapéu, como o faz uma pessoa viva; depois, passou-o da sua cabeça para a minha. Na última vez que apareceu, a figura de Estela mostrou-se apoiada sobre o seu ombro, mas a Senhorita Fox ficou muito nervosa e suas exclamações, ao que parece, motivaram o desaparecimento das duas figuras. Em seguida, recebemos esta comunicação: "Trabalhamos

muito para conseguir isso. Agora já podeis dizer que me vistes à luz terrena. Voltarei noutra prova. B. F."

Essa promessa foi cumprida a 12 de dezembro, ainda na residência do Senhor Livermore. Diz a ata:

"Sessão em minha própria casa. Eu tinha adquirido uma lanterna furta-fogo, que podia projetar sobre uma parede situada a dez pés de distância, um círculo luminoso de dois pés de diâmetro.

"Coloquei a lanterna acesa sobre a mesa e segurei as mãos da médium. De repente, a lanterna elevou-se no ar e fomos convidados a segui-la. Um Espírito segurava a lanterna, precedendo-nos. O contorno dessa forma espiritual era distinto, suas roupas brancas se arrastavam no chão. A lanterna foi colocada sobre uma secretária e ficamos diante de uma janela, situada entre a secretária e um grande espelho.

"Depois, a lanterna levantou-se de novo, ficando suspensa cerca de cinco pés do solo, entre a secretária e o espelho, e à sua luz distinguimos a figura de Franklin sentado numa poltrona junto à janela, defronte de uma cortina escura. Por cerca de dez minutos, a luz da lanterna suspensa se projetou sobre o seu rosto e sobre o seu vulto, de modo que tivemos tempo bastante para examiná-los. A princípio, o rosto parecia natural, o cabelo real, os olhos brilhantes e tão nítidos que claramente eu lhes via o branco. Notei porém, que gradualmente a aparição, inclusive os olhos, era prejudicada pela ação da luz terrena, e cessou de apresentar o aspecto de vida com que a tínhamos visto sob a luz espiritual.

"Muitas vezes pediram que eu graduasse a válvula da lanterna, a fim de que esta emitisse mais ou menos luz, o que eu fazia enquanto ela estava suspensa ou sustentada pelo poder espiritual.

"Quando terminou a sessão, encontramos escrito sobre uma carta de jogar, o seguinte: Meu filho, buscamos beneficiar o mundo. Foi para isso que trabalhei. - B. F."

Observamos também, nessa sessão, outro estranho fato, sucedido incidentalmente. É o seguinte:

AS FLORES ESPIRITUAIS

"7 de fevereiro de 1862. - Firmamento limpo; atmosfera serena. As portas e janelas foram fechadas e lacradas. "Uma carta de jogar que trazia comigo, foi tirada do bolso; uma luz brilhante elevou-se sobre a mesa e vimos a carta subtraída, em cujo centro tinham fixado alguma coisa que parecia um ramo de flores. A luz extinguiu-se depois e foi-nos feito pedido de acender o gás. As flores eram uma rosa vermelha com folhas verdes e miosótis, muito belas e aparentemente reais.

"Examinei-as durante muitos minutos, em diversas ocasiões, diminuindo ou aumentando a luz do gás por cinco ou seis vezes. As flores continuavam. Em cima delas via-se escrito: Flores da nossa morada celeste.

"Finalmente, as flores começaram a desfazer-se e os Espíritos mandaram apagar o gás. Feito isso, apareceu à luz espiritual sob a qual as flores de novo se tornaram distintamente visíveis. Então, por golpezinhos, nos disseram: Não separeis vossa vista das flores; observai-as cuidadosamente.

"Assim fizemos. Suas dimensões foram gradualmente diminuindo sob nossas vistas, até se tornarem pequena mancha e desaparecerem. Acendi a luz e não encontrei na carta o menor sinal.

"Examinei os selos das portas e das janelas com toda atenção; estavam intactos."

Há ainda outro fato acontecido na sessão de 3 de novembro de 1862.

"Os cabelos da figura de Estela desdobravam-se soltos ao redor da sua face; levantei-os para vê-los melhor. Quando ela se ergueu no ar e passou por cima da minha cabeça, seu vestido roçou minha cabeça e minha face."

Na sessão de 31 de dezembro de 1862, deu-se o incidente assim narrado:

"Diminuí somente a luz do gás e então distingui certa mão, com manga branca rodeando o pulso. Ela segurava uma flor que, com os seus apêndices, tinha a extensão de três polegadas. Estendi a mão para recebê-la, mas, no momento em que meus dedos tocaram-na,

ouviu-se um forte estalo, como o que produz poderosa faísca elétrica. Em seguida, dei toda força ao gás. A mão, flutuando, continuava a segurar a flor, e, depois de algum tempo, colocou-a sobre um pedaço de papel que se achava à mesa. Reconheci um botão de rosa-cravo com folhas verdes, que ao tato se mostrava fresco, úmido e glutinoso. Depois, apresentaram uma flor branca, esquisita, assemelhando-se à margarida. No fim de algum tempo tudo se dissolveu.

"Isso ocorreu sob a luz tão clara quanto o dia."

Sobre a sessão de 21 de outubro de 1863 o Senhor Livermore diz:

"Trouxe comigo a lanterna furta-fogo acima descrita e apenas apareceu à figura de Estela, projetei luz sobre ela. O Espírito perdeu um pouco da sua força, mas conservou-se firme, durante o tempo em que dirigi a luz sobre sua face, olhos e diferentes pontos do vestuário. Depois, desapareceu e recebi a seguinte comunicação: Lutei com grandes dificuldades para não perder a forma.

Observarão que todas as experiências acima descritas só foram testemunhadas pelo Senhor Livermore e o médium, e que a prova seria mais completa se outras pessoas tivessem sido admitidas às sessões. Isto se deu nos últimos anos em que se efetuaram as outras sessões.

DUAS TESTEMUNHAS ADICIONAIS

Todos os que têm experiência das investigações espíritas conhecem bem que a admissão de novo assistente a um grupo diminui, por algum tempo, o seu poder, demorando e enfraquecendo os fenômenos. Às vezes, isso anula para sempre a sua produção; outras vezes, porém, depois de algumas sessões, o novo hóspede parece gradualmente ir entrando nas condições magnéticas do círculo, e os fenômenos readquirem vigor. Foi o que se tornou manifesto, quando novos membros foram admitidos nas sessões do Senhor Livermore. Esse cavalheiro descreve dez delas, nas quais

esteve presente o Doutor Gray e oito nas quais esteve seu cunhado, o Senhor Groute.

O Doutor Gray é muito conhecido em New York, como médico dos mais estimados e hábeis, e duvido haja nos Estados Unidos alguém que, mais que ele, tenha dedicado tempo e atenção ao estudo dos fenômenos e da filosofia do Magnetismo animal e do Espiritismo.

A primeira vez que compareceu no círculo do Senhor Livermore foi à sessão de 6 de junho de 1862. Nessa ocasião apareceu a figura do Doutor Franklin, mas, evidentemente, com muita dificuldade e sem a clara expressão habitual.

Os cabelos e a roupa, contudo, se mostraram como dantes, e o Doutor Gray tocou-os com a mão.

Onze dias depois, o Doutor Gray apresentou-se pela segunda vez e nessa ocasião a figura do Doutor Franklin mostrou-se muitas vezes, mas suas feições, a princípio, não eram reconhecíveis; e, de outra vez, somente se via uma parte do rosto, apresentando um aspecto disforme e desagradável, o que nunca se havia dado nas anteriores sessões do Senhor Livermore. Estela não se manifestou em nenhuma dessas sessões.

Da terceira vez, 25 de junho, a figura do Doutor Franklin mostrou-se perfeita e foi reconhecida pelo Doutor Gray. Durante a quarta sessão, havia uma mensagem, dizendo que se podia, com o fim de o examinar, cortar a tesoura um pedaço das vestes do Espírito.

O Doutor Gray e o Senhor Livermore aproveitaram-se dessa permissão. Uma vez o tecido se mostrou bastante forte, de modo a poder ser puxado sem rasgar-se, e pôde ser completamente examinado antes de dissolver-se.

Outras observações relativas à formação, gradual e parcial das aparições foram feitas pelo Doutor Gray durante as sessões subseqüentes, e serão consignadas no seguinte capítulo.

Nas sessões subseqüentes, a figura do Doutor Franklin apresentou-se ao Doutor Gray tão perfeitamente e sob uma luz tão brilhante, como não se tinha dado antes com o Senhor Livermore.

Estela só se mostrou ao Doutor uma vez, na sessão de 10 de novembro de 1865, em casa do Senhor Livermore. Ela veio com a cabeça coberta por tênue e transparente véu branco, a parte inferior dos vestidos era flutuante e mal definida.

O Senhor Groute esteve presente à sessão de 28 de fevereiro de 1863. Foi ele quem segurou as mãos da médium. Apenas apagou-se o gás, o Senhor Livermore foi puxado, aparentemente por mão grande, para o sofá, no qual se achava o Doutor Franklin, iluminado pela luz que surgira do solo. Quando o Senhor Groute viu e convenceu-se de que ali estava a aparência de uma figura humana, dirigiu-se logo às portas, a fim de verificar se estavam fechadas. Ao voltar, apalpou o vestuário da figura.

Parece, porém, que ele era de um temperamento cético, pois, uma semana depois, voltou resolvido a precaver-se melhor:

Ele próprio encarregou-se de fechar as portas e janelas, dizendo que não seria iludido. Desta vez, a figura do Doutor Franklin apareceu-lhe mais vivaz que antes. Trazia na mão uma luz, como para facilitar o exame, e o descrente Tomé ficou plenamente satisfeito. O Senhor Groute, que desde o começo da sessão segurava as mãos do Senhor Livermore e da Senhorita Fox, aproximou-se da figura, viu-a e tocou-a, e, semelhante ao apóstolo, firmou sua convicção.

Na sessão de 1: de maio de 1863, estiveram presentes o Doutor Gray e o Senhor Groute. A forma do Doutor Franklin mostrou-se perfeita e foi plenamente reconhecida por ambos. Na sessão imediata, na qual o Doutor Gray foi o único visitante, a figura apareceu no ar, cerca de dois pés acima da cabeça do Doutor Gray, como que se inclinando e olhando para ele. Vinha envolta em manto escuro e, por algum tempo, flutuou pela sala. O Doutor Gray apesar de já familiarizado com os fenômenos espíritas, declarou estupenda essa manifestação.

A última vez que a figura de Estela apareceu, foi na sessão de 2 de abril de 1866. Daí em diante, até a data em que escrevo, apesar de o Senhor Livermore receber freqüentes mensagens de simpatia e afeto, não mais viu essa forma bem conhecida.

A primeira coisa que ocorrerá à mente de todo homem reto, que deseja ardentemente o bem da humanidade, é que, admitida a estrita veracidade dessa narrativa, as testemunhas desses fenômenos sem exemplo, particularizados com todas as circunstâncias de tempo, lugar e modo pelo qual se produziram, não têm o direito moral de impedir que o mundo creia nessas experiências permitidas por Deus. Àqueles a quem mais foi dado, mais se pedirá. Sei que o Senhor Livermore sente a natural relutância que experimentam os homens que se expõem, mesmo defendendo as maiores verdades, a serem considerados mistificadores ou mistificados. Sei que ele dá seu testemunho com a solene convicção de que a mais insignificante alteração, o mais diminuto exagero, a mais simples tentativa de acomodar as circunstâncias descritas à produção do efeito, seria, senão uma blasfêmia, ao menos uma traição à sagrada causa.

Ele não poderia ter sido iludido. Conheço Kate Fox já de muitos anos; é uma das jovens mais simples e impulsivas que tenho encontrado, absolutamente incapaz de imaginar ou pôr em prática uma impostura.

O Doutor Gray, que a conhece desde menina, escrevendo a um amigo da Inglaterra, acerca das experiências do Senhor Livermore, em janeiro de 1867, diz: "A Senhorita Fox, o médium, é de uma integridade de conduta exemplar, fazendo evidentemente tudo o que podem a todo tempo, para promover uma prova segura e uma justa decisão a respeito desses fenômenos."

Mesmo, porem, que ela fosse a mais manhosa das impostoras, as circunstâncias concomitantes teriam inutilizado todos os seus planos. O local das experiências era, cada vez, escolhido pelo Senhor Livermore, quase sempre em sua própria casa.

As portas e janelas eram fechadas e lacradas, as mãos da médium ficavam seguras durante a parte mais importante das manifestações. Finalmente, as experiências se prolongaram por seis anos completos, foram observadas em trezentas e oitenta e oito sessões, em todas as variedades circunstâncias. A idéia de tão persistente impostura é, em tal caso, um absurdo.

Resta a hipótese da alucinação, de que tão freqüentemente se lança mão, em último recurso. Mas, aqui ela está singularmente deslocada. O Senhor Livermore é, no rigoroso sentido da palavra, um homem prático. Durante mais de metade da sua vida e mesmo até hoje, ele se tem ocupado de empresas financeiras e industriais de uma grandeza e caráter muitas vezes colossais, tendo sido nelas, como o mundo pode apreciar, uniformemente bem-sucedido. Ao tempo de suas experiências espíritas, ele estava empenhado em vastas operações que exigiam constante vigilância e lhe impunham pesada responsabilidade.

Não é, pois, um sonhador mergulhado em seus estudos, retirado do mundo e só vivendo dos seus pensamentos; não é um teórico sustentando um sistema favorito, e, apesar de ter firmes convicções, não é um entusiasta. O Doutor Gray, escrevendo para um periódico inglês, em 1861, diz. "Além do seu caráter perspicaz e probo, o Senhor Livermore é uma testemunha importante dos fatos que ele narra, porque não é sujeito a ilusões e alucinações, que se supõem ligadas ao transe ou às condições estáticas. Conheço a sua robustez e sou seu médico. Ele é menos suscetível de ser seduzido pelos erros de seus órgãos sensoriais, do que a maioria dos homens que formam o vasto círculo dos meus clientes e conhecidos."

Juntai a isso o fato de não depender a evidência somente do testemunho do Senhor Livermore.

Há também os testemunhos do Doutor Gray e do Senhor Groute. Conversei recentemente (outubro de 1871) COM ambos e eles me declararam, em termos resolutos, a sua sincera convicção na realidade dos fenômenos e na exatidão com que foram registrados.

Qual o motivo por que, com tantos direitos à consideração dos homens, esse amontoado de testemunhos deve ser posto de lado? Será possível imaginar que esses cavalheiros tenham feito uma baixa conspiração para pregarem ao mundo, em apoio da grande doutrina da imortalidade, uma mentira sacrílega? As sessões deixaram de se efetuar? Ou, se elas se deram, nenhuma figura foi vista, tocada e examinada durante meses e meses, durante anos e anos? Não será mais que uma ignóbil fábula a história dessas centenas de aparições

e desapareições, quer à luz terrena, quer à luz espiritual, de suas flutuações no ar, de seus milhares de atos, demonstrações e mensagens escritas por mão não humana? O que se passou nesses seis anos será uma falsidade? Que o leitor por si mesmo resolva a questão. Eu, contudo, não deixarei de emitir minha opinião, de que todo aquele que sustentar uma tal hipótese como suficiente para rejeitar essas provas da continuação da existência do homem no outro mundo e do seu poder ocasional de se comunicar com a terra, firmará um precedente, que, ser for adotado consistentemente, destruirá toda a confiança racional no testemunho humano.

Não creio que tomem esse partido. Temo antes que o mundo, entregue aos mil cuidados, deveres e gozos da vida, não ligue a isso a consideração devida, semelhante aos judeus que ouviam falar Paulo no Areópago de Atenas, alguns dos quais zombaram quando ouviram dizer que os mortos ressuscitariam, e outros disseram: "Nós te ouviremos depois."

Se tais fenômenos de um valor inestimável puderem ser confirmados, são uma brilhante realidade ou uma ilusão perigosa.

CAPÍTULO V

O que são as aparições e como se formam

Apalpai-me e vede: pois um Espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenha - (LUCAS, XXIV, 39,)

Essas palavras são por Lucas atribuídas a Jesus, quando se dirigia aos discípulos atemorizados, por ocasião da aparição entre eles, no terceiro dia depois da crucificação.

Elas não são narradas por outros Evangelistas, pois João diz apenas que Jesus lhes mostrou as mãos e os quadris.

Essas palavras também foram citadas por Inácio (99), um dos mais antigos e eminentes Pais Apostólicos, discípulo e amigo particular dos Apóstolos, mas, em sua citação ele apresenta uma variante da de Lucas, pois diz: "Apalpai-me e vede, pois que não sou um Espírito sem corpo." (daimonion asomaton). Creio ter sido esta a verdadeira expressão. Os fatos parecem favorecer a opinião de ser o homem composto - primeiro, de um corpo terreno ou natural, visível a nós e que, sujeito imediatamente depois da transformação da morte às leis químicas que governam a matéria inanimada, rapidamente se decompõe; segundo, de um corpo que S. Paulo chama espiritual, o qual, como parece, penetra, durante a vida terrena, todo o corpo natural e dele se retira no momento da morte; terceiro, de uma alma, que nada nos demonstra poder aparecer ou existir, sem estar ligada ao corpo espiritual. (100)

Assim, podemos considerar os habitantes do outro mundo como homens desembaraçados do corpo natural; a alma e o corpo espiritual sobrevivendo à morte corporal.

É uma opinião corrente, fortificada por tudo o que ouvimos de origem ultramundana, que o corpo espiritual mostra estreita semelhança de forma com o corpo natural. Parece, pois, haver razões de sobra para admitir que nossos amigos, partidos da Terra, não são sombras impalpáveis, mas personagens reais, individualizados, que reconheceremos no outro mundo como os conhecemos neste, somente as formas apresentando, talvez, a expressão mais calma de uma individualidade mais nobre.

Esse corpo espiritual não é usualmente visível aos olhos humanos. Somente o podem ver aqueles que, segundo S. Paulo, possuem o dom de distinguir os Espíritos. Por esse dom natural, os videntes, sem dúvida vêm o corpo espiritual animado pela alma. Não nos surpreendamos, pois, de ouvir John Stuart Mill dizer: "Que os homens não devem tomar o limite de suas faculdades como limitação inerente dos modos possíveis da existência do Universo.

Como, porém, esse dom de distinguir os Espíritos é raro e essa prova só pode trazer convicção ao próprio vidente, é claro que, para que as pessoas não videntes tenham a mesma convicção, deve

apresentar-se à sua vista alguma coisa mais material que o corpo celestial, pois este pertence à seguinte fase da nossa vida.

A evidência por mim colhida leva-me a declarar que um Espírito pode, em certas condições e provavelmente ajudado por outros Espíritos, fabricar um corpo passageiro, assemelhando-se ao que teve na terra, mas desaparecendo à vista, especialmente quando exposto à luz terrena; estando assim em perfeita concordância com o caráter dos atuais fenômenos, a seguinte expressão de um poeta:

"Ela sumiu-se ao cantar do galo."

Os que têm tido a ventura de testemunhar essa produção da arte espiritual em suas várias fases, afirmam que, quando as condições são favoráveis, ela se mostra às vezes maravilhosamente perfeita e mesmo, transcendentalmente bela. O Doutor Gray, um dos observadores mais meticolosos e desapaixonados, me disse que uma das ocasiões acima referidas, em que a imagem do Doutor Franklin se apresentou, ele fixou firmemente os olhos da figura e neles pôde notar sua vivacidade e expressão características, e mesmo, a mudança dessa expressão, de conformidade com o que se estava passando. "O brilho vivaz desses olhos, disse ele, produziu-me a convicção de ser o velho filósofo mesmo e não um outro, que ali se achava assentado à minha frente.

Por qual processo essa criação temporária (se é correto dizermos criação), se efetua, ainda não conhecemos, com certeza, e talvez não possamos conhecer, até que o aprendamos no outro mundo, com esses artistas espirituais.

O que nos parece justificado, como conjeturamos, é que há uma transpiração invisível no organismo humano, no de todos os seres, mas principalmente no corpo dos sensitivos espirituais, transpiração essa que os Espíritos podem condensar ou, por outra, modificar, de modo a produzir não somente o que apresenta aos sentidos humanos uma forma visível e tangível, mas ainda substâncias semelhantes às roupas terrenas e outros objetos inanimados. Parece que eles podem do mesmo modo produzir o que podemos chamar representações esculpidas de porções da figura humana, como mãos, partes de mão, etc.

Lembremo-nos, porém, sempre de que a realidade de um fenômeno é independente da sua explicação.

Eu mesmo já tive uma oportunidade de testemunhar os fenômenos supramencionados.

APARECIMENTO, DISTINTAMENTE VISÍVEL, DE PORÇÕES DESTACADAS DE UMA FIGURA HUMANA

Na noite de 27 de julho de 1861, estive em casa do Senhor Underhill. A Senhora Underhill propôs que em vez de efetuar ali a sessão, a transferíssemos para a residência de sua mãe, no n° 66 da rua 46 West, a fim de que sua irmã Kate pudesse fazer parte do círculo. Assim o fizemos. Preparamo-nos para a sessão na sala inferior e notando que as portas não eram fechadas a chave, propus fôssemos para a sala superior, com o que todos concordaram.

Pelos golpezinhos, me disseram que fechasse as portas, o que fiz, pondo as chaves no bolso. Examinei com cuidado toda a sala, que não tinha armários nem lugar algum reservado. Depois, convidaram-nos a apagar o gás. Dentro de poucos minutos, ouvimos três ou quatro golpes violentos, como produzidos por pesada cachamorra batendo na mesa. Seguiu-se um intervalo de quietação de uns quinze minutos, ao fim do qual apareceu, de súbito, entre a senhorita Kate e a Senhora Underhill, a figura de um ombro. A mão não era distinta, mas o braço era bem formado e parecia ser de mulher de proporções medianas, com o cotovelo dobrado e a parte inferior voltada para cima. Acima da figura havia uma luz, cujo ponto de emanção não era distinto e cuja claridade assemelhava-se à de uma lâmpada ou candieiro. O braço se mostrava claramente a essa luz, do pulso até o ombro; mas os contornos não eram bem definidos, apresentando-se esbatidos, como se vê nas gravuras não coloridas. Desse braço pendia a manga que descia até cinco ou seis polegadas e assemelhava-se a uma gaze semitransparente. Braço e ombro se aproximaram, movendo-se por cima da mesa e passando pela frente da Senhora Underhill, até à distância de sete ou oito polegadas, balançando-se a manga com o movimento do braço. Aí

se conservou cerca de um minuto; depois, desapareceu e reapareceu por três vezes, com intervalos de quatro a cinco minutos, de modo a podermos observá-lo com segurança, pois a luz, qualquer que fosse o seu ponto originário, se movia com a figura, aparecendo e desaparecendo com ela. Não pude distinguir cabeça nem rosto algum acima desse braço, mas, contíguo a ele, havia alguma coisa mal definida, que parecia a pequena porção de uma forma humana.

Depois de algum tempo, uma aparição luminosa mais brilhante que a primeira mostrou-se sobre a mesa e deteve-se a uma distância de quatro ou cinco polegadas da minha face. Assemelhava-se a um cilindro iluminado do interior, com altura de cinco ou seis polegadas e o calibre aparentemente de uma polegada. Sobre ele viam-se alguns traços escuros. Por golpezinhos, disseram-nos - "Cabelos." Perguntei se me podiam tocar e logo ele moveu-se para frente e tocou-me na testa com uma certa distinção; o contato se assemelhava ao do cabelo humano. Depois de alguns minutos desapareceu. A descrição feita pelos outros assistentes sobre o que haviam visto, combinou perfeitamente com o que foi visto por mim.

Apenas levantou-se a sessão, examinei as portas e achei-as fechadas. A sala em que nos reunimos, convém lembrar, foi escolhida por mim mesmo.

Alguns anos depois, a 5 de maio de 1868, o Doutor Gray falando das sessões que tivera com o Senhor Livermore, me disse que em uma delas, apareceu sobre a mesa, diante de si, um cilindro com as dimensões do que eu vi; porém, mais felizes que eu, eles tiveram a oportunidade de segurá-lo. Parecia-me, disse o Doutor Gray, ser de cristal de rocha ou de algum outro material duro, perfeitamente transparente, e cheio de um fluido incandescente que luzia fracamente quando o cilindro repousava, porém que, quando agitado espargia uma luz muito brilhante. Enquanto o viram e examinaram, não havia na sala outra luz, além da que ele emitia. Por golpezinhos lhes foi dito que o cilindro era a luz empregada pelos Espíritos para iluminar suas efêmeras produções, sendo ela tão efêmera quanto estas.

Na mesma ocasião, o Doutor Gray afirmou-me que tinha visto uma mão isolada aparecer e desaparecer por quatro ou cinco vezes. A princípio tinha a cor escura do bronze; depois, essa cor foi cada vez mais clareando, até que na última exibição o aspecto era o de mão caucásica.

Noutra ocasião, levaram-lhe os óculos e depois os restituíram. Pediu-lhe mostrassem como o tinham feito, e, logo viu dois dedos imperfeitos, assemelhando-se quase a garras, presos a um pedaço de mão que aparecia na sombra. Eles pareciam animados ou, pelo menos, obedecendo a alguma vontade, porque, como tenazes vivas, segurar os óculos, levaram-nos, e depois trouxeram-nos. O Senhor Livermore notou, pelo tato, que esses dedos eram sólidos.

À pergunta do Doutor Gray sobre o motivo pelo qual não se mostrava toda a mão em vez dos dedos somente, responderam que muitos se assustariam ou sentiriam repugnância, à vista de uma formação amorfa.

Outra ocasião, uma massa que parecia de carne foi posta sobre o pé do Doutor Gray, que para essa experiência se tinha descalçado. Deixada ali, a seu pedido, por algum tempo, ela tornou-se intoleravelmente quente e ele supõe mesmo que, se continuasse, queima-lo-ia. Daí lhe veio a sugestão de haver sido o fósforo um dos ingredientes empregado: o que talvez explique as histórias de espectros segurando o pulso e as mãos de pessoas atemorizadas, deixando a impressão de dedos de fogo. O Doutor Gray relatou-me uma observação ainda mais importante. Em uma das últimas ocasiões em que se apresentou a figura do Doutor Franklin, o rosto mostrou-se a princípio imperfeitamente formado, com um só olho, havendo no lugar do outro e do lado da face uma cavidade escura que lhe dava um aspecto horrendo. Contemplando-o, Kate Fox deu um grito de terror, causando a extinção temporária da luz que aclarava a figura.

"Criança tola! - exclamou o Doutor, segurando-lhe as mãos. Não vêes que estás interrompendo uma das mais interessantes experiências que se têm feito no mundo, a da gradual formação de uma aparição?"

Essa apreciação filosófica do caso, acalmou gradualmente os nervos excitados de Kate e expeliu seus terrores supersticiosos, de modo que, quando depois de um intervalo de menos de cinco minutos, a face do sábio reapareceu com as suas feições perfeitas e a expressão de calma e bondade, foi ela a primeira que exclamou: "Bonito!"

Isso deu-se em uma das últimas sessões a que o Doutor Gray assistiu. Em muitas ocasiões anteriores a essa, como ele mesmo informou, a face ainda que distintamente apresentada, parecia, às vezes, enrugada e como feita de massa de trigo; e outras vezes assemelhava-se à face de um cadáver. Omito outros detalhes e menores incidentes, pois tudo o que sabemos ainda nos não fornece uma base suficiente para estabelecer uma teoria a respeito do verdadeiro caráter e processo de formação das aparições. Não duvido que, mesmo neste mundo, possamos algum dia saber muito mais sobre essa matéria. Esses eidolas parece tornarem-se gradualmente mais comuns e pode entrar nas vistas de Deus fazer que no futuro esses fenômenos sejam o fundamento de uma crença universal na imortalidade. Considero-o muito provável, pelo fato de nos tempos modernos o progresso moral e espiritual não acompanhar o intelectual e material. A capacidade mental ou física, porém, tem um valor duvidoso, se o elemento ético ou religioso lhe não der uma benéfica direção. Não vejo como um tal elemento civilizador se possa manifestar em pleno poder, prevalecer contra o erro e o vício e dominar a nossa raça, sem o auxílio, não de uma crença vaga, adotada em credos escritos, mas de uma viva, fume e ardente convicção, como a que fornece a evidência dos sentidos, da existência de um mundo melhor, onde todos os pensamentos e atos terrenos, por mais que aqui se ocultem, produzirão infalivelmente seus frutos, de modo que os sentimentos e os atos maus têm sempre como inevitável conseqüência às penas e sofrimentos, e os bons uma vida de venturas, que ainda não nos é dado conceber.

PARTE SEXTA

OS DONS ESPIRITUAIS DO PRIMEIRO SÉCULO ESTÃO APARECENDO TAMBÉM EM NOSSOS DIAS

Os dons são diversos, mas o espírito é o mesmo. - (I CORÍNTIOS, XII, 4)

CAPÍTULO I

As curas por influência espiritual

A outro a fé pelo mesmo espírito; a outro, o dom de curar pelo mesmo espírito. - (I CORÍNTIOS, XII, 9)

Os fatos comprovativos da coincidência substancial entre os sinais e as maravilhas narradas nos Evangelhos e as manifestações do nosso tempo, mereceriam um volume; no entanto, só lhes posso dedicar dois capítulos.

Se esse assunto for tratado convenientemente, os resultados a favor do Cristianismo estarão acima de tudo o que se pode calcular. Hoje, mil e oitocentos anos depois do seu aparecimento, não era concebível uma evidência comprovativa da narração evangélica, mais forte do que o fato (se é um fato), das obras maravilhosas e dons espirituais, do caráter dos ali mencionados se manifestarem entre nós. Se eles se dão hoje, não há razão para crer tenham sido outrora imaginados ou inventados pelos Evangelistas e por Paulo. Se hoje eles aparecem e se ainda teimarem em considerar fabulosa a narração evangélica, não sei que outro fato, velho de dois mil anos,

possa ser aceito com alguma evidência histórica. César pode não ter vivido em Roma nem ter sido morto no Senado. Sócrates bem pode não ter consumido a vida ensinando a filosofia, nem tê-la perdido em defesa das verdades que pregava.

Dos diversos poderes espirituais exercidos pelo Cristo, foi o de curar o mais importante. Sua missão, segundo ele próprio afirmava, era dar saúde aos enfermos e a Boa Nova aos pobres do mundo. Quando João Batista mandou perguntar-lhe se ele era o que tinha de vir ou se deviam esperar um outro, Jesus em resposta lhe manda anunciar o seguinte:

"Os cegos vêem, os coxos caminham, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres recebem o Evangelho que lhes é pregado." Assim também fizeram os seus discípulos.

Esse poder foi reivindicado pela Igreja de Roma, como tendo sido exercido por seus santos, homens e mulheres, e, depois da morte deles, por suas relíquias. Entre os Jansenistas, classificados como seita dissidente, esse poder, em certo período, mostrou-se de modo maravilhoso. (101)

Temos inconcussas provas de que o dom de curar não é hoje um privilégio da Igreja Romana.

O poder curador, a que se tem dado o nome de magnetismo animal, é admitido por todos, salvo pelos prejudicados, sem esperança de volta. Essa fase do poder curador se tem manifestado principalmente na França, às vezes em grande escala. O Marquês de Guibert, caritativo fidalgo francês, estabeleceu em seu estado de Fontechateau, na Comuna de Tarascon, um hospital no qual, em seis anos que vão de 1834 a 1840, mais de três mil e trezentos enfermos foram gratuitamente tratados pelo poder magnético. O Marquês, magnetizador poderoso, operava pessoalmente e publicou os resultados detalhados em relatório no qual cada caso de enfermidade é tratado separadamente.

Mais de metade dos enfermos por ele tratados se mostrou suscetível de cair no sono sonambúlico, ao passo que mais de quinhentos ficaram impassíveis à influência magnética. Cerca de

três quintos desses doentes (1.948) tiveram alta por terem sido curados nesse hospital, e trezentos e setenta e cinco saíram muito aliviados.

Não afirmo que eles tenham sido curados por agência espiritual, porém que essas curas foram operadas por uma influência com que estamos pouco familiarizados, e que, nas épocas passadas, foi muitas vezes considerada miraculosa. É uma questão ainda não resolvida, se um magnetizador empregando um agente oculto, imponderável e com sacrifício próprio, como o Marquês de Guibert, para dar alívio aos sofrimentos humanos, deixa de receber um auxílio espiritual. Creio que a força da evidência é favorável à teoria de que isto as mais das vezes é real. Julgo-me feliz por vos poder fornecer duas narrativas fortalecidas com as citações dos nomes, lugares e datas, nas quais não se pode racionalmente negar que a força curadora tenha sido espiritual. A primeira foi obtida nos Estados Unidos da América do Norte, a segunda na Europa.

PARALISIA DO NERVO MOTOR

No mês de fevereiro de 1858, uma dama, mulher do Senhor Davis, de Providence, Rhode Island, residia em sua própria casa, nas vizinhanças dessa cidade. Aconteceu que certa manhã, quando um grande e possante cavalo se achava arreado em frente da casa, uma criada passando descuidadamente junto do animal, com o carrinho em que estava a filhinha da Senhora Davis, deixou cair o varal do carrinho perto da pata do cavalo. A Senhora Davis, vendo o perigo que corria a filha, atirou-se à frente do animal e segurou-lhe de súbito a rédea com a mão direita, o que fez com que ele se empinasse violentamente, de modo a quase levantá-la do solo. Ela conseguiu, contudo, afastá-lo da filha, que assim se salvou.

No momento, não sentiu dor alguma; mas depois, quando se entregava às suas ocupações diárias, experimentou em todo o corpo um certo abatimento e languidez. Às dez horas da noite, quando ceava, sentiu pela primeira vez uma dor no cotovelo, e depois quando quis utilizar-se da mão direita, não mais pôde fazê-lo, sendo-

lhe impossível fechar três dedos daquela mão. Somente o index obedecia ao impulso da sua vontade. Depois, a dor aumentou e estendeu-se para cima do cotovelo.

No correr da noite, a perna direita também foi afetada e a dor estendeu-se até o quadril. De manhã, conheceu que por mais esforço de vontade que empregasse, não podia mover o braço e a perna direita.

Os médicos declararam um caso de paralisia do nervo motor, produzido por excitação repentina.

Por muito tempo a enfermidade resistiu à ação de todos os remédios.

Durante sete semanas a paralisia continuou sem diminuição, não podendo a enferma, em todo esse tempo, utilizar-se da mão e do braço e tendo, quando andava, de arrostar a perna direita. A perna mesma, tornou-se fria até o quadril e todos os meios empregados para aquecê-la foram vãos.

No mês de abril experimentou ligeiras melhoras com o uso freqüente da eletricidade, conseguindo, porém, somente por um especial esforço de vontade, mover parcialmente a mão e o braço. Habitualmente, permanecia com o cotovelo sobre o quadril, ou, quando se assentava em uma poltrona, colocava-o com a mão esquerda no braço da poltrona. Mesmo depois do emprego da eletricidade, não readquiriu o poder de endireitar a perna e o braço, nem o calor da perna foi de todo restaurado e quando caminhava, tinha ainda de arrastá-la.

Isso continuou sem alteração ou melhora, até o mês de julho de 1858, quando já tinha de todo esmorecido. A vida nada mais lhe valia, pois que estava estropiada para sempre, era pesada aos amigos e inútil à família. Deu livre curso às lágrimas e ao desânimo.

Na primeira quinzena de julho, uma amiga, a Senhora J., mulher de um cavalheiro muito conhecido nos círculos literários de New York, esteve com a Senhora Davis, declarando que viera visitá-la e voltava para essa cidade. De repente, a Senhora Davis experimentou um impulso para ela de todo inexplicável. Era um invencível desejo de ir a New York e visitar a Senhora Underhill, que ela não conhecia

e de quem apenas tinha ouvido falar à Senhora J. Disse a esta que, se ela se demorasse mais um dia em sua companhia, acompanha-la-ia a New York para visitar a Sra, Underhill, na esperança de melhorar seu estado. A Senhora J. consentindo, deixaram Providence na tarde de 3 de julho, apesar dos receios do Senhor Davis de não poder sua mulher resistir à viagem. Chegaram na manhã seguinte a New York e resolveram ir logo à casa da Senhora Underhill. A Senhora Davis chegou tão exausta que teve de acamar-se até a tarde, quando as Sras. J. e Underhill se reuniram na sala de visitas. Ouviram-se pesados golpes, que aconselharam a tomarem assento ao redor da mesa do centro. Antes de o fazerem, a Senhora Underhill pediu à Senhora Davis, para satisfação dela própria, que examinasse a sala e a mobília. A Senhora Davis, por delicadeza, a princípio recusou-se, mas, à vista da insistência da Senhora Underhill, procedeu a um exame rigoroso, nada descobrindo de suspeito debaixo da mesa ou em qualquer outro lugar, e ficando convencida de que além delas ninguém mais se achava na sala.

Eram três horas da tarde; o dia ainda estava claro. Logo depois, se assentaram colocando as mãos sobre a mesa. A Senhora Davis, sentiu o artelho da perna direita segura, como se o fosse por forte mão humana; o pé foi erguido e o quadril foi firmado pelo que parecia uma outra mão (102). O contacto dos dedos e do polegar era, iniludivelmente, distinto e lhe indicava que era com a mão direita que lhe seguravam o artelho, ao passo que a esquerda sustentava o quadril. Depois de algum tempo, a mão que segurava o artelho deixou-o, e a Senhora Davis sentiu-a fazendo-lhe passes ao longo da perna. Esses passes continuaram por dez minutos. Então ela experimentou uma sensação como se a circulação se restabelecesse no membro paralisado e gradualmente lhe voltasse o calor natural, de que por meses havia sido privada. No fim dos dez minutos, lhes disseram por golpezinhos: "Levanta-te e caminha."

A Senhora Davis levantou-se e achou, com uma admiração que, diz não ter expressões para pintar, andava tão facilmente como nunca em sua vida. Passeou por toda a sala a fim de certificar-se de ser aquilo uma realidade; a dor e a paralisia tinham desaparecido e

ela pôde servir-se da perna até aí inutilizada, do mesmo modo que da outra.

Depois de mais de quatro meses de sofrimento e definhando, readquiriu repentinamente calor natural e vigor, e, como vulgarmente se diz, achou-se milagrosamente curada.

Aí terminou a sessão; mas o braço da Senhora Davis continuava paralisado. De noite, porém, depois da partida dos outros visitantes, as três damas assentaram-se de novo. Desta vez, por golpezinhos pediram que apagassem a luz na sala. Depois de curto prazo, o braço foi friccionado como a perna o tinha sido, porém com maior trabalho, parecendo-lhe que desde o ombro era friccionado por uma peça de metal lisa e algum tanto elástica, semelhante às barbatanas de aço, às vezes usadas nos coletes de senhora. Depois de continuar por algum tempo, o que lhe parecia a peça de aço foi posta sobre a sua mão direita e, por golpezinhos, lhe mandaram fechar os dedos. Ela notou, então, que podia fazê-lo com firmeza. A peça lhe foi violentamente arrebatada.

Desde então recuperou o uso do braço, tão completamente como já possuía o da perna. Não teve mais dor nem sinal algum de paralisia, nem fraqueza, nem perda de calor em qualquer dos dois membros, desde aquele dia até hoje, isto é, durante quatro anos. Comunicando-me isso, diante da amiga que a acompanhou à casa da Senhora Underhill, a Senhora Davis gentilmente me deu permissão de lhe publicar o nome.

O caso seguinte é ainda de um caráter mais notável.

A CURA INSTANTÂNEA

O fato ocorreu a 13 de abril de 1858, em Passy, perto de Paris, na sala de visitas do Senhor B., cavalheiro que ocupou um cargo importante na corte de Luiz Felipe.

A dama que foi objeto dessa cura, Senhora Ema Kyd, é esposa do Senhor A. Kyd, cavalheiro de fortuna, independente, filho do falecido general Kyd, do exército inglês, e tem muitos filhos menores. A família residia então em Paris.

A Senhora Kyd, durante mais de metade da sua vida, sofreu de grave enfermidade. Por vinte e cinco anos, padeceu de uma moléstia cardíaca, cuja violência gradualmente crescia. Ao tempo em que se deu o fato que estamos narrando, tinha ela atingido a um ponto tal, que lhe causava cruel inquietação, privando-a de qualquer sossego durante a noite. Só podia deitar-se do lado direito e sobre as roupas da cama se percebia, sensivelmente, a pulsação forte do coração. Se, buscando algum alívio, assentava-se numa cadeira de braços, era-lhe impossível recostar-se, tão violentas eram as palpitações. Só andava com muita dificuldade, devagar, por curtos lances e freqüentemente tinha de ser carregada para transpor uma escada; apesar de gostar extraordinariamente de cantar, foi forçada a abandonar o canto, de todo. Não era esse o seu único mal. Sofria também de uma diarréia crônica, que já durava seis anos, o que dava motivo a que só se alimentasse de pedacinhos de pão torrado, carne assada, arroz e, às vezes, um pouco de chá. Mesmo com essa dieta, era obrigada a recorrer diariamente a fortes medicamentos, não lhe sendo possível impunemente fazer viagem de uma hora ou visitar uma amiga sem tomar previamente uma dose preventiva.

Essa moléstia lhe produzia freqüentemente violentas câimbras e espasmos. Sofria também de um prolapso do útero, de caráter grave, juntamente com um mal da bexiga, acompanhado de afecção da uretra, produzindo penosa obstrução. Acerca de tudo isso ela consultou o Doutor Philippes, de Paris.

Sua vida, como disse, se consumia toda no constante pensamento de sua enfermidade; e quando se erguia do leito de insônia, para suportar os tormentos de um novo dia, lágrimas de desespero saltavam-lhe dos olhos. Seu marido já havia gastado uma pequena fortuna com as consultas dos mais eminentes médicos. Os Drs. Locock e Chambers, o Senhor Carlos Chark, o Doutor Chelius, de Heidelberg e muitos outros, tinham sido consultados inutilmente: nenhum lhe deu esperança, a não ser de um alívio passageiro.

Foi nessas circunstâncias que, poucos dias antes da data supracitada, ela foi à casa do Senhor B., atraída pelas assombrosas

narrações das maravilhas e dos fenômenos extraordinários, atestados em seus escritos.

Os primeiros movimentos do Senhor B., como sucederia a qualquer outra pessoa, surpreenderam-na muito. Depois, quando ele levantou-se, caminhou para ela e conservou-se por muito tempo com o lápis suspenso no ar, ela exclamou: "Que estais fazendo?" "Estou somente vos examinando", foi a resposta instantaneamente escrita pelo psicógrafo (prancheta). Depois, ele acrescentou: "Vejo que não viestes aqui por simples curiosidade, mas por motivo muito grave." Então, expôs-lhe algumas de suas doutrinas peculiares e concluiu pedindo-lhe que voltasse dali a um ou dois dias, em companhia do marido.

À noite de 12 para 13 de abril foi para a Senhora Kyd uma das mais penosas, e ao despertar sentiu-se inteiramente incapaz de fazer a prometida visita. Encorajou-se, porém, e fortalecida com uma dose do seu medicamento usual, levando consigo outra dose para a volta, compareceu com o marido, em casa do Senhor B.

Aí encontrou sete ou oito amigos do Senhor B. reunidos e assentou-se a um canto da sala, para observar o que se passava. Eles faziam experiências com o psicógrafo, ao qual, como costumavam fazer, duas filhas do Senhor B, fortaleciam com o seu contacto. Os resultados obtidos pareciam à Senhora Kyd ainda mais surpreendentes que os da primeira vez e, quase fora de si, involuntariamente exclamou: "Isso parece ter alguma coisa de divino e creio dever obedecer ao que por esse meio me mandem fazer no mundo." "É enorme a vossa fé, Senhora Kyd" - disse um dos presentes.

Pouco depois, o psicógrafo escreveu: "Ema, vem cá!" Ela chegou-se para a mesa e a escrita continuou: "Toma uma cadeira e assenta-te," Feito isso, o psicógrafo acrescentou: "Mais para a esquerda, mais perto de mim." Aproximou-se mais do psicógrafo.

"Serás curada, escreveu, ser-te-á dado segundo a tua fé." Então, repentinamente e com o maior assombro de todos os presentes, o psicógrafo ergueu-se de cima da mesa, acompanhado pelas mãos das filhas do Senhor B., e pousou na região do coração da Senhora Kyd,

onde se conservou por três ou quatro segundos, comprimindo-a levemente com uma espécie de trêmulo movimento. Depois, tornou de súbito para a mesa e escreveu: "Estas curada. Podes ir sem te utilizares dessa droga nauseabunda que trouxeste. Come de tudo que quiseses, como fazias antes de adoecer. Faze-o, não duvides, e fica certa de que tudo irá bem."

A Senhora Kyd informou-me que nenhuma palavra pôde exprimir o poderoso sentimento, a emoção superior a tudo o que ela havia experimentado em sua vida, que a dominou, dando-lhe a crença da realidade da sua cura. Ela pareceu sentir, como disse, uma revolução em todo o corpo e a volta de muitos de seus órgãos ao seu estado normal. Respirou longa e profundamente, sem esforço, sem sofrimento algum; levantou-se e caminhou, tendo readquirido o antigo vigor.

Quando regressou à casa, subiu as escadas ligeiramente e sem constrangimento algum; em uma palavra. como não o pudera fazer durante quinze ou vinte anos. Repetiu isso por muitas vezes, dificilmente podendo acreditar em tal possibilidade. A medicina estava vencida, daquele dia em diante, não mais consultou médicos nem ingeriu remédio algum.

Nesse dia, ao jantar, olhou os diferentes pratos que até o dia anterior, sob pena de severo castigo lhe eram interditos e hesitava ainda, com relutância natural, em lhes tocar; mas então, a ordem para comer de tudo, sem dúvida lhe veio à mente e ela o fez, nada sofrendo com isso. Passou uma noite de repouso, como já de muitos anos não gozava.

Tinham passado mais de um ano, e durante esse tempo não se lhe manifestou sinal algum de retorno de qualquer das enfermidades que tinham feito de metade da sua vida um longo martírio. Ela me declarou lhe ser impossível descrever a satisfação e a admiração que a sua cura produziu; e com que gozo começou nova vida, afigurando-se-lhe sempre ser tudo antes um belo sonho que não uma realidade terrena.

Qual escreveu o psicógrafo, a cura não foi mais que o resultado da fé potente da Senhora Kyd.

As particularidades desse caso maravilhoso me foram primeiramente fornecidas pelo Senhor B., cavalheiro em cuja residência o fato se dera e a quem visitei em Londres, em janeiro de 1859; depois, com todos os detalhes, durante minha estada em Paris, pela própria Senhora Kyd, na presença de seu marido, que confirmou a narrativa em todos os pontos. Pelo seu ardente desejo de servir à causa da verdade e em sinal de gratidão a Deus, por esse benefício tão inesperadamente recebido, a Senhora Kyd me permitiu, com assentimento do marido, que publicasse sem ocultar o nome. À vista da peculiaridade das circunstâncias, eu, a princípio, relutei em aproveitar-me de tão generoso oferecimento, como fiz também no caso da Senhora Davis. Mas, refletindo melhor, decidi que, no interesse da verdade e da ciência espíritas, não tinha o direito de recusar um tal ensejo de autenticidade.

Fui também autorizado a indicar a morada do Senhor Kyd a qualquer médico ou investigador sincero, que desejasse um testemunho direto do que eles comumente reputam incrível.

O público não pode ter um melhor atestado da sinceridade dos narradores. Eu mesmo tive a mais segura prova, pois, relacionando-me com o Senhor e a Senhora Kyd, posso atestar a sua inteligência e integridade de caráter, resultante instintiva das suas relações com a sociedade honesta e culta.

Devo acrescentar o seguinte, que me foi dito pelo Senhor B. e confirmado pela Senhora Kyd: ele não lhe tinha dado motivo para crer que uma cura pudesse ser efetuada com a intervenção do psicógrafo, nem apesar de saber que a Senhora Kyd não gozava de boa saúde, conhecia os detalhes da enfermidade. O Senhor B. também me disse que a Senhora Kyd tinha feito, depois, muitas visitas à sua família, e que apenas ela via o psicógrafo, apesar de saber que era um instrumento inanimado, as lágrimas lhe vinham aos olhos.

O Senhor B. informou-me ainda que, previamente, de modo semelhante, outra cura não menos notável tinha sido efetuada.

A Senhora Kyd também me contou que já possuía um psicógrafo, e que, colocando nele as mãos e as de uma de suas

filhas, depois de esperarem algumas semanas, conseguiram que escrevesse tão inteligentemente como o do Senhor B.; que até aquele dia, se tinha uma dor de cabeça ou outra indisposição ligeira, colocando as mãos no psicógrafo e conservando-as aí por algum tempo, caía num sono magnético e de qualquer modo ficava curada. Realmente, ela e seu marido pareciam considerar esse pequeno instrumento como um amigo familiar e conselheiro, a quem não deixavam de recorrer em caso de necessidade.

Poderia encher centenas de páginas com os detalhes de curas produzidas entre nós pela influência magnética ou espiritual. Que são os chamados médiuns curadores? Eles se mostram na cidade e no campo às centenas, e apesar de muitos serem simuladores e muitos outros falharem freqüentemente nas suas curas, há milhares que têm o direito de ser admitidos legalmente.

Não precisamos de mais detalhes.

A prova de que o dom de curar é inerente a certas naturezas favorecidas é tão completa e tão susceptível de evidência, como a de que há homens e mulheres que já nascem com o dom da poesia e da música.

Muitas vezes se tem dito que o Espiritismo conduz à loucura. Não conheço, nem achei ainda uma prova disso, apesar de o fato ser possível. Temos centenas de exemplos de manias causadas pela excitação religiosa; que pode, pois, haver de estranho que o Espiritismo, imprudente e extravagantemente praticado, produza o mesmo resultado? Ao meu conhecimento, porém, já chegaram dois casos, nos quais a loucura foi curada ou afastada por influência espiritual, e em cada um desses casos a paciente era viúva.

Durante muitos anos, anteriormente a 1860, a Senhora Kendall esteve recolhida no Asilo de Lunáticos, de Somerville, perto de Boston, considerada pelo médico assistente do estabelecimento como das recolhidas mais perigosas. A sua alienação tinha sido causada pela morte do marido, ocorrida seis anos antes, e continuou até 1860. Então, ela saiu do Asilo e foi recebida em casa de uma família onde havia muitos médiuns. Ali se demorou muitos meses,

obtendo de tempos a tempos comunicações com o nome do falecido marido.

A 10 de janeiro de 1861 tudo isso me foi contado por seu filho o Senhor F. A. Kendall. Sua mãe achava-se então em casa dele, completamente curada. Ele me disse que não era um espírita, por não ter tido ainda uma prova suficiente, porém, que acreditava francamente que a cura de sua mãe fora somente devida à sua estada entre espíritas e à consoladora certeza, que aí encontrara, de que seu marido, a quem tinha sido tão afeiçoada em vida, continuava a viver, a pensar e velar por ela.

A segunda é por mim conhecida pessoalmente, mas não estou autorizado a publicar o nome. Conheci-a ainda em vida do marido, e seu devotamento a ele era tal, que eu partilhava dos temores manifestados por amigos seus, de que se viesse a perdê-lo, a conseqüência talvez lhe fossem fatais. Para seu desespero, foi ele sorteado para o serviço militar, quando a guerra estava no auge, e, com o posto de major, faleceu no hospital de New Orleans.

Quando a notícia, não podendo mais ser ocultada, chegou ao seu conhecimento, ela teve um acesso e por algumas semanas esteve mergulhada em desesperada loucura.

Ela nunca fora espírita e sempre tratou o assunto como ridículo; mas uma sua irmã visitando um médium, na esperança de fazer alguma coisa por ela, recebeu uma mensagem dirigida à inconsolável viúva.

Levou-lhe; e isto foi a primeira coisa que a animou no seu desespero. A viúva foi também ter com o médium; recebeu numerosas mensagens encerrando inconcussas provas de identidade do manifestante; foi-se esclarecendo cada dia mais, e quando a encontrei, muitos meses depois, havia já recuperado todo a sua jovialidade e me disse que sentia que K. (nome familiar do marido) estava vivo e conversava com ela.

Assim, em nossos dias, como no tempo do Cristo, os lunáticos podem, pela influência espiritual, recuperar o uso da razão. Tempo virá em que essa verdade será aceita pelos diretores dos asilos de alienados.

CAPÍTULO II

Outros dons espirituais

Crendo de alta importância a publicação de um paralelo entre os dons espirituais enumerados por Paulo e os Evangelistas, e os que hoje se estão manifestando, preparei cinco capítulos de narrações explicativas da semelhança geral entre os sinais e maravilhas antigas e modernas, mas, o meu manuscrito estendeu-se demais, de modo que a falta de espaço e o desejo de que o preço da obra não se elevasse muito, me obrigaram a excluí-los. Se eu escrever outro livro, essa omissão será reparada. Entretanto, algumas referências ao assunto são aqui bem aceitáveis.

Alguns exemplos, realmente notáveis, do dom da profecia, que Paulo considera um dos principais (103) exibidos durante o sonambulismo, são citados pelos mais nomeados escritores franceses que se tem ocupado de fisiologia e magnetismo animal (104). Neste volume apresento um exemplo (105), pois na outra minha obra apresentei diversos (106). Bunsen, como já vimos, admitia esse dom.

Com o fim de esclarecer o texto de S. Paulo: A um, pelo espírito, é dada a palavra de sabedoria; tencionava dar aqui uma coleção daquilo que, com boas razões, considerava como comunicações espíritas por mim mesmo recebidas, mas resolvi depois limitar-me a uma só, no que se refere a essa faculdade de previsão. Ela me foi dada como vinda de Violeta, por um médium não profissional. Ei-la:

O DOM DA PREVISÃO

"Existe uma faculdade que não é mais que um complemento da memória. A memória faz com que vejamos como presente aquilo que já existiu, porém que agora realmente não mais existe. Do mesmo modo essa outra faculdade a que chamamos previsão, faz com que vejamos como presente aquilo que, realmente, não existe hoje, porém, há de vir depois. Aquela, faz-nos ver o passado; esta, o futuro. A faculdade da memória, porém, é possuída e mais ou menos apurada pela generalidade dos homens, ao passo que a da previsão é, comparativamente, um privilégio de poucos; e, mesmo assim, em graus diversos, indo de um fraco pressentimento ou aviso, até á perfeita previsão.

"A previsão, apesar de não ser comum, é uma faculdade natural como a memória e se nos manifesta tão claramente, ou, mesmo, ainda mais que esta, referindo-se a fatos relativamente mais afastados de nós. Em certas condições, podemos prever melhor que recordar, porque os nossos sentimentos do presente se associam menos às nossas previsões que às nossas recordações.

"Como, na realidade não existem o baixo e alto, que não são mais que posições relativas à nossa, assim, relativamente ao tempo não há, em certo sentido, passado nem futuro. Se essa faculdade de previsão não se tivesse manifestado sempre em todas as épocas do passado do mundo, os profetas e as profecias não teriam á voga que têm."

Essa comunicação fornece, em todo caso, um digno objeto de estudo. Relativamente a esse assunto, que não pode ser nesta obra completamente desenvolvido, recomendo ao leitor o opúsculo notável e sugestivo, intitulado *As Estrelas e a Terra*, publicado há onze ou quinze anos, em Londres, por Baillièrè, e reeditado nos Estados Unidos da América do Norte.

Quanto ao dom, designado no texto, como o de distinguir os Espíritos, ele tem para nós, aqui, menos importância, visto que já apresentei muitos exemplos nesta obra e na outra.

Relativamente à manifestação Pentecostal ou ao dom de falar diversas línguas, o mais notável exemplo moderno que chegou ao meu conhecimento foi o que se deu em Londres, na congregação do

Rev. Irving, o qual, como já vimos, foi reputado genuíno, por um pensador da ordem de Baden Powell.

O Senhor Livermore também atesta o fato de haver recebido, por intermédio da Senhorita Fox, mensagens em línguas que ela e ele desconheciam. Examinei uma delas, escrita em correto alemão, no dia imediato ao da sua recepção.

Havia também o poder que Jesus manifestou junto ao poço de Jacob, o da percepção das coisas ocultas no passado; manifestação que deu lugar à exclamação da Samaritana aos seus vizinhos: "Vinde ver um homem que me repetiu todas as coisas que eu tenho feito." Essa faculdade foi também possuída, como ele próprio nos informa em sua autobiografia, por um bem conhecido e apreciado autor alemão.

Finalmente, quanto ao dom, segundo Paulo, de fazer milagres, ou à manifestação de poderes e produção de fenômenos não especificados, podemos conjecturar o que ele possa ser.

Pessoalmente testemunhei, ou fui por pessoas de confiança informado, de se ter produzido a evidência de vários fenômenos, aparentemente mais miraculosos que qualquer dos relatados neste livro, como as faculdades da levitação, prolongamento, manuseamento de carvões ardentes, sem ofender a mão, e outras semelhantes.

Quanto a algumas dessas manifestações, não posso, ainda mesmo que o espaço o permitisse, dar à publicidade a evidência que tenho em meu poder.

Não duvido que, no correr dos anos, acumulem-se às provas de que vai tendo seu cumprimento entre nós a promessa do Cristo aos seus continuadores, de que eles fariam as mesmas e ainda maiores obras que as suas. (107)

PARTE SÉTIMA

COM VISTAS AOS CRISTÃOS QUE CRÊEM NA LEI IMUTÁVEL E NO PROGRESSO RELIGIOSO

CAPÍTULO I

Sumário

Um autor que busca escrever, tendo em vista o melhoramento da sua raça, deve, antes de se despedir dos seus leitores, apresentar-lhes uma recapitulação clara do que pretendeu fazer, e do modo por que o fez.

Este sumário é dirigido àqueles que estão convencidos do reinado universal e persistente da Lei, que acreditam num progresso espiritual constante e no completo triunfo dos ensinamentos do Cristo, como sendo a religião da civilização. Dirijo-me especialmente a esses crentes, porque eles são os que poderão melhor apreciar o teor geral dos argumentos que presidiram à confecção deste livro.

Estudai, eu vo-lo rogo, as seguintes proposições, em seu encadeamento.

Os ensinamentos do Cristo, como no-los apresentam as narrações evangélicas, estão tão intimamente ligados com os maravilhosos poderes que lhe atribuíram, com a sua ação de ser ele o Mensageiro escolhido da Divindade, e com o seu aparecimento aos discípulos depois da sua morte, que, se rejeitarem essa afirmação e negarem o fenômeno, a fé nos seus ensinamentos será rudemente abalada, muito principalmente nas almas simples e retas.

Nem Strauss, nem Renan, falaram no Cristo como de um impostor; conquanto, o virtual efeito de suas teorias em relação aos sinais e maravilhas do primeiro século, seja apresentá-lo como cúmplice de uma fraude. Mas, um sistema espiritual que se baseia numa fraude, tem fracos motivos para vir a ser a religião do mundo civilizado.

A Igreja de Roma reconhece essa verdade; mas, pelo fato de não crer na invariável lei com que Deus governa, nem na lei natural que preside à manifestação dos fenômenos espirituais, ela considera as obras maravilhosas e os dons que lemos nos Evangelhos como milagres operados por uma das Pessoas da Trindade Divina há mil e oitocentos anos, e que continuam a ser praticado por Ele mesmo, dentro da jurisdição de uma só Igreja. Ela repele todos aqueles que negam os milagres, como se -negassem que essas obras e esses dons tenham existido, e os anatematizam como malditos de Deus.

Vós que credes na lei invariável e também no Cristo como o grande Mestre Espiritual da civilização, podeis dizer à Igreja de Roma: "Admitimos que as obras se deram e que os dons espirituais foram exercidos, mas negamos o caráter miraculoso que lhes atribuíis.

A Igreja de Roma, porém, tem o direito de replicar: "A vossa teoria não é lógica. Dizeis que as obras e os dons em questão se apresentaram de conformidade com a lei natural, e afirmais também as leis naturais e perpétuas; assim sendo, a lei que regulava o aparecimento dessas obras e dons, parece que devia continuar inalterável e operar ainda hoje sinais e maravilhas semelhantes, em todo o mundo. Isso, porém, não acontece. Eles só se dão dentro da nossa Santa Igreja, somente na Igreja do Cristo e em nenhuma outra parte. Eles são ainda uma obra do Cristo, não obedecendo a lei alguma natural, mas entre nós exclusiva e miraculosamente, como prova de que a Igreja Católica é a sua Igreja, e de que Ele não reconhece outra."

É um forte argumento. Ela tem convencido a milhões de pessoas. Ao seu poder, atribuíram, em grande parte, o sucesso do movimento Tratariano na Universidade Inglesa de Oxford, em 1832, arrastando pensadores vigorosos, como John Henry Newman e outros da sua escola. Ao seu poder, foi devida a maior parte do entusiasmo das convicções sinceras e da fé capaz de todos os sacrifícios, que se mostraram na Igreja de Roma. Os fenômenos operavam-se; a Igreja tinha a favor de sua pretensão a evidência dos sentidos, a mesma que tinham tido os discípulos do Cristo. Sobre

isso, ela baseou o seu direito de canonizar, o que foi o mais completo dos seus triunfos.

Agora, que devemos responder? Que os fenômenos não se produzem dentro da jurisdição do catolicismo romano? Isso examinado, ficaria reconhecido como não sendo real, e os homens continuariam a crer que eles ali se operam, ficando vós derrotados nesse ponto, como se vê que o tendes sido nos últimos trezentos anos. Mas, se eu vos provei, nas páginas precedentes, que esses fenômenos se produzem por toda parte, fora da jurisdição da Igreja Romana, por que motivo só dentro dela se deixariam de produzir? Se, porém, não consegui demonstrá-lo, que vos restará? Como respondereis ao Catolicismo de Roma?

Não podeis negar que a lei universal e invariável que operou no primeiro século, deve operar ainda hoje; e se, pelos resultados modernamente conseguidos, não o provardes, a igreja de Roma terá razão para dizer-vos que essa lei nunca existiu, e portanto, que as obras maravilhosas do Cristo não estavam sujeitas à lei, e que, se não foram milagres, foram um produto da imaginação. Ela vos dirá: "Escolhei entre Renan e S. Pedro."

Se tiverdes algum meio de fugir a esse dilema, a não ser o que vos indico neste volume, lançai mão dele e publicai-o. E, se não puderdes sugerir algum outro, pensai na vossa situação!

De um lado, tendes uma Igreja com pretensões a uma exclusiva infalibilidade e, como inerente a ela, o direito de perseguir e mesmo de matar; uma Igreja que se julga com o direito de circunscrever as investigações científicas; uma Igreja que afirma que as suas doutrinas são irreformáveis e seu credo inalterável; uma Igreja que nega o progresso religioso da humanidade.

Do outro lado, tendes um Cristianismo que se baseia em fabulosas lendas; um sistema espiritual cujos historiadores, mistificadores ou mistificados só narram falsidades; um sistema que pretende trazer à luz a imortalidade, apresentando, como prova capital dessa grande verdade, uma superstição pueril. Tal é, com todo o respeito devido aos talentos e à sinceridade do homem, o Cristianismo segundo Renan.

Com a questão posta nestes termos, creio que o Papa vencerá. Não vejo motivo razoável para asseverar que o racionalismo do brilhante francês não tenha de se abater diante da Igreja de Roma.

Tampouco creio que o Secularismo prevaleça contra ela.

Ele nada mais oferece que este mundo, e ao homem isso não basta.

Mas, só vós vos tendes limitado a negativas. "Deixai esses argumentos", dir-me-eis, "e informai-nos, com clareza e precisão, qual o sistema que, em vossa opinião, há de prevalecer."

De boa vontade. O sistema que prevalecerá é o que deste modo puder responder ao argumento Papal: "Admitimos que a lei segundo a qual se produziram os sinais e maravilhas dos Evangelhos ainda está em vigor. Admitimos que esses sinais e maravilhas foram reais e que ainda se operam dentro da vossa Igreja, mas podemos atestar que eles se operam também fora dela; que são ecumênicos: que, dando-se na Igreja ou fora dela, obedecem ao império de uma lei universal e perpétua; e que nos dão da imortalidade uma prova tão segura como a que foi concedida aos apóstolos, mas de modo nenhum demonstram que o católico-romano sejam os filhos prediletos de Deus, ou que fora do redil de S. Pedro não possa existir a verdadeira vida religiosa."

Isso não basta, contudo, para termos um sistema que possa responder ao argumento do adversário. Para triunfamos dele, é necessário que nos emancipemos dos erros pelos quais combatemos ou devemos combater à Igreja de Roma. Devemos repelir: 1º, a crença na infalibilidade, em qualquer grau que seja, sobre qualquer assunto religioso; 2º, a crença no miraculoso, no passado e no presente; 3º, a crença no direito de perseguição, seja pela excomunhão eclesiástica ou proscricção social, seja pelo emprego da tortura, da estaca ou do suborno da opinião pública; 4º, a crença no exclusivismo de qualquer Igreja ou seita, a respeito dos favores de Deus; 5º, a crença de já termos a última palavra em qualquer ramo da ciência humana, inclusive a religião; 6º, a crença em uma reparação delegada, em uma retidão imputada, num demônio pessoal, num inferno eterno e na corrupção original. Devemos ainda

banir, apesar de ser um erro antes protestante que católico-romano, a crença na salvação eficaz pela fé sem as obras.

Continua ainda a existir para nós um dever imperativo. Se, arrastado pelo espírito de condenar em massa, tiver rejeitado alguns dogmas valiosos do credo antigo, pelo fato de não nos ser grata à forma sob a qual nos aparecem, temos a obrigação de reconsiderar a nossa rejeição. Grandes verdades freqüentemente se escondem sob um vestuário pouco decente. Cumpre-nos refletir antes de firmar nossa crença, não num purgatório de chamas, donde os pecadores só possam libertar-se pela intercessão da Igreja, mas num estado de progressão, realizado entre a nossa vida presente e as mais elevadas fases da outra; - não na intercessão dos santos, porque não precisamos que os homens santos vão pleitear a nossa causa diante de Deus, como o faziam alguns antigos profetas judeus, mas na grata recepção do auxílio e dos sábios conselhos que nos podem vir dos habitantes de um mundo melhor; - não na eficácia das missas pagas, achando favor aos olhos de Deus e induzindo-o a libertar do fogo do sofrimento aqueles por quem se fazem essas cerimônias eclesiásticas, mas na influência da prece fervorosa, feita neste mundo, a favor de uma alma que luta buscando a luz, quer seja essa luta na Terra ou na outra vida, suplemento desta, onde o Espírito luta ainda com a tentação do pecado, antes de levantar-se por seu esforço e arrependimento a uma condição melhor. (108)

Quanto ao mais, julgo que têm maiores probabilidades de conhecer o Cristianismo em sua pureza, aqueles que, com os ouvidos felizmente cerrados aos agros murmúrios dos ensinamentos escolásticos, lêem, com o espírito de um menino bem educado, as lições atribuídas ao Santo Espírito de Deus, os Evangelhos Sinópticos de Jesus, interpretando-os ao clarão dessa luz íntima, a que o Cristo se referiu tantas vezes.

Creio que, nos capítulos precedentes, consegui expor-vos, de um modo geral, minhas idéias sobre o aspecto do Cristianismo despido do seu sudário canônico.

Parece-me conveniente desvencilhando-nos de tudo o que se chama ortodoxo, pensarmos nas grandes verdades que nos ficam.

CAPÍTULO II

O que está contido nos ensinamentos do Cristo

Agora pois permanecem a fé, a esperança e a caridade, essas três virtudes das quais a caridade é a maior.

(I AOS CORÍNTIOS, XIII, 13)

Venha a nós o vosso reino.

(MATEUS, VI, 10)

"Arrependei-vos, porque vem perto o reino de Deus." Foram estas, como já vimos, as primeiras palavras recordadas dos ensinamentos públicos do Cristo.

Os fariseus lhe perguntaram: "Quando chegará o reino de Deus?" Ele lhes respondeu: "O reino de Deus não virá com ostentação. Ninguém poderá dizer: ei-lo aqui! ei-lo ali! vede-o! O reino de Deus está dentro de vós."

Está dentro de nós a luz, o divino e inextinguível espírito de verdade. Quão longe vagamos, esquecidos dessas palavras do Cristo, buscando aquilo que se acha no nosso próprio coração!

Buscamos por meio de profundos estudos descobrir Deus, seu reino e seu Espírito. O Espírito de Deus, porém, não está no sopro forte do Dogmatismo, devastando tudo em sua passagem; não está no terremoto dos credos guerreiros, dilacerando e convulsionando o mundo religioso; não está no zelo ardente que persegue e consegue; mas na voz tranqüila e débil que, sem nunca se extinguir, fala na alma de cada um de nós. Obscurecida freqüentemente, abafada muitas vezes por influências adversas e insignificantes cuidados,

desprezada, desconhecida; mas, apesar disso, existindo seguramente no âmago da nossa alma, nos homens inteligentes e nos selvagens, nos nômades proscritos da civilização, como no cristão que vive mais conforme com os preceitos do seu Senhor.

"Venha a nós o vosso reino."

Repetimos muitas vezes essas palavras da prece do Cristo, sem buscarmos compreender perfeitamente seu sentido profundo, sem nos lembrarmos que o reino cujo advento imploramos é, se aceitamos a interpretação do Cristo, uma soberania cuja vinda não podemos testemunhar, à qual não podemos determinar sede num ponto designado, visto que o trazemos dentro de nós. Pedimos, mesmo sem conhecê-lo, que o Espírito de Deus se firme dentro de nós e nos dirija. Pedimos a soberania da consciência lúcida, a vinda do desenvolvimento ético e espiritual e que, quando ele venha, seja o poder diretor da nossa raça.

A consciência é o delegado de Deus, dirigindo com justiça o coração do homem. É somente sob a sua direção que o homem terá uma vida satisfatória. Essa é a doutrina do Cristo. Com que simplicidade e força ele o exprimiu" "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados."

Fome e sede, não da vitória de um dogma ou de uma seita; não de ver triunfantes um ritual, certas cerimônias, as longas e palavrosas preces nas sinagogas; não de prata e ouro, mas fome e sede de justiça, que é o reino dos céus dentro de nós. Cristo manda fazer o bem por amor do bem; praticar a justiça sem calcular a sua recompensa, pois esta pertence a Deus. Aceitai as conseqüências. Não indagueis sobre o que vos será dado.

As coisas podem parecer ir mal, os homens podem buscar desvirtuá-las, persegui-las e desacreditá-las: pouco deve importar isso, quando o próprio Jesus declara abençoado o que pratica a justiça. Que o abandonem, que mesmo lhe arranquem o pão da boca; só no fim ele será saciado. Se buscarmos cumprir a justiça de Deus antes de tudo, tudo o mais, diz-nos o Cristo, nos será dado de sobressalente.

Ele, porém, apresenta isso como um fato e não como um motivo. O motivo deve ser a fome e a sede de justiça e não a perspectiva do lucro. Conformarmo-nos com a lei humana por uma obediência forçada, com temor ao castigo e com a esperança de uma recompensa. A lei de Deus só deve ser cumprida por amor.

Cristo em parte alguma disse que eram abençoados os que praticassem o bem para alcançarem o céu ou escapar do inferno.

O temor não entra como móvel na sua doutrina. Ele não buscou como salmista, inculcar o medo de Deus; sua sabedoria tinha uma origem mais elevada. Baseava-se no amor perfeito e o amor repele o temor.

Um poeta exprimiu perfeitamente o pensamento cristão quando disse:

"Somente pelo bem, ao bem amemos; não por temor ao inferno ou à previdência, das venturas do céu seguir devemos os ditames da nossa consciência."

Esse assunto básico de uma religião, é de grande importância prática. Apreciaremos mal a constituição espiritual do Cristo, se não percebermos que ele procura reformar o mundo, despertando no homem o adormecido amor da justiça, por amor dela mesma; e não estimulando a sua cobiça ou fazendo jogo com o seu temor: Se um menino, saindo das mãos de seus mestres, tornar-se um homem honesto unicamente por julgar que a honestidade o livra das penas da lei, ele poderá ser um negociante honrado e, como tal, recomendável, mas não será um discípulo do Cristo. Se um professor de religião exhibir o mais ardente zelo pela sua Igreja, atuado por um motivo não mais elevado que aquele que levou Luiz XIV a revogar o Édito de Nantes, isto é, a salvação de sua alma do inferno, ele poderá ser útil membro da Igreja, mas não um cristão. Não há cristianismo sem a base permanente do amor à justiça.

Não desesperemos de que um dia a moralidade pública e privada será a base de civilização. Uma pequena previsão nos animará. Quando lançamos os olhos para a nossa juventude, não nos virá o pensamento de que não somos o que devíamos ser, de que a nossa natureza prometia mais do que a educação nos deu? Não

sentiremos muitas vezes, que havia em nós germes de virtudes que raramente foram estudados, generosos impulsos que não procuramos excitar, nobres aspirações que nunca tentamos pôr em prática? Serão somente essas as convicções que nos virão? Levantar-nos-emos no templo para agradecer a Deus por não sermos como os outros homens? Não está escrito que o homem foi feito à imagem do seu Criador?

Não devemos desanimar pelo fato dessa mudança implicar uma reforma radical para o egoísmo hoje dominante, apesar de ser produzida para a nossa regeneração. O Cristo admitia. Ele via quão cego era o mundo que o cercava, em relação às coisas do céu, e por isso disse: "Não verá o reino de Deus senão aquele, que nascer de novo."

Aqui se interpõe uma consideração que se sugere por si mesma. A consciência só, por mais ativa que seja, não basta para reformar o mundo, se não tiver instrução e desenvolvimento.

O mais sincero amor da justiça só pode dar frutos segundo a luz e os conhecimentos adquiridos; mas, essa luz- pode ser fraca e esses conhecimentos escassos. Além do resultado que devemos esperar dele para o progresso geral da civilização, não nos facultará o sistema do Cristo os elementos que ainda nos faltam?

A resposta prende-se ao assunto de que me ocupei no capítulo 2º., da parte primeira desta obra; Jesus, como aí vos fiz lembrar, ao terminar sua vida terrena, declarou aos que o seguiam: "Eu tinha ainda muitas coisas a dizer-vos, mas não o posso fazer agora. Contudo, o espírito de verdade quando vier, vos ensinará toda a verdade, porque não falará por si mesmo, mas só dirá o que tiver ouvido."

Se o Cristo, em virtude do seu poder, previu isso, é porque tal entra nos planos de Deus, que em certa fase do progresso humano permitia que as revelações espirituais ao homem viessem perenemente de um mundo mais adiantado que este; se o autor do Cristianismo indica aí a fonte, onde ele crê que a consciência, se pode aqui empregar a palavra, irá beber a luz e os conhecimentos, a

vós deixo o cuidado de decidir. Nas páginas precedentes vos forneci os elementos para essa decisão.

Rogo-vos, contudo, observeis que tendes de decidir, não se a massa toda das alegadas comunicações espirituais de hoje poderá educar convenientemente à consciência, mas, se quando presidirem no meio a prudência e reverência, um Espírito de verdade, vindo de uma esfera ultramundana e falando, não por si mesmo, mas pelo que aprendeu na sua celestial morada, não será o mensageiro espiritual prometido pelo Cristo para regenerar a humanidade. Prometido condicionalmente, pois que a base de tudo, a condição indispensável para que o fato se dê é a lealdade para com a consciência. A promessa foi feita àqueles que têm fome e sede de justiça. É a sua fome e a sua sede que se saciarão na fonte espiritual.

Reprimo a tentação de alargar-me sobre isso. Uma recapitulação não quer dizer uma repetição do trabalho. Permiti, contudo, que faça uma negação, desnecessária para as almas pensadoras, mas precisa para evitar uma interpretação má.

Longe de mim, asseverar que em nossos dias e nesta geração, a severidade seja sempre deslocada, que as penalidades legais sejam inúteis; ainda menos, que não se deva ensinar às crianças os sofrimentos que lhes advirão da prática do mal e os gozos que resultarão para elas da prática do bem, pois que isso é a rigorosa obrigação do educador.

Digo, porém, que o Cristo repele, no sentido que ligamos a esta palavra, a força, o medo e o lucro egoístico, como móvel dos nossos atos.

Somente vos faço lembrar que para a reforma do mundo o Cristo confia em influências mais elevadas, mais nobres, num impulso tão poderoso como a fome e a sede, na caridade que não visa o interesse, regozija-se com a verdade e prende os homens como por uma cadeia de aço, à prática do que é justo.

Outros ensinamentos característicos do Cristo se nos manifestam claramente: O ensino do perdão em grau ainda desconhecido entre nós; o perdão concedido ao irmão que nos ofende, mesmo setenta vezes sete vezes; a promessa do perdão

àqueles que perdoam, pois que a delinqüente, excomungada pela sociedade, foi mandada embora, livre e sem condenação, apenas com o conselho de não mais pecar.

A beneficência, principalmente em favor dos cansados e sobrecarregados, é outra feição pronunciada desses ensinamentos, do mesmo modo que o auxílio ao pobre, o socorro ao estrangeiro, ao faminto, ao nu, ao enfermo e ao encarcerado, considerando que o que fazemos a eles, fazemos a Deus.

Somos prevenidos contra o perigo das riquezas, contra o exagerado cuidado pelo dia de amanhã, contra a ansiosa procura de empregos e posições. Os tesouros que a traça e a ferrugem destroem, os assentos mais elevados nos festins, os primeiros lugares nas sinagogas, são declarados coisas indignas de ocupar a atenção do homem.

São prescritas a mansidão, a paz e mesmo a não resistência ao mal que nos queiram fazer; a pureza nos pensamentos e nos atos, a resignação à vontade de Deus.

Pelo Cristo somos animados a ter fé e esperança, baseando-nos na certeza de que o Pai conhece as nossas necessidades e as satisfará, antes que nós lho peçamos; mas, sobretudo e além de tudo, como sinal e testemunho do nosso apostolado, como um perfeito cumprimento dos preceitos de Deus, somos concitados a fazer alguma coisa maior que a fé, maior que a esperança, e que se eleva como a lei suprema: - a caridade.

Isso não é mais que um esboço, pois o espaço não me permite dizer mais. Não merecerá esse sistema espiritual a honra de ser considerado como inspirado? Não será ele proveitoso como doutrina, como censura, como correção e como instrução no que se refere à retidão?

Possa esta geração prosseguir nas doutrinas espíritas, sem nunca se afastar dos seus preceitos!

Com o auxílio dos Espíritos que pela triunfal transformação da morte partiram antes de nós para a feliz região sideral, com o auxílio da plácida voz que nos aconselha e do Cristo, nosso guia principal, com segurança e proveito interrogaremos o Inexplorado. Precisamos

conhecer suas leis; precisamos da evidência que os seus fenômenos nos dão. Nas fronteiras dos dois mundos encontramos influências muito mais necessárias, muito mais poderosas que qualquer das terrenas: influências benévolas, destinadas a reerguer a moral degenerada e auxiliar o progresso espiritual.

NOTAS DE RODAPÉ 2º PARTE

(1) Footfalls on the Boundary of another World, liv. IV, cap. I, págs. 219-229 e Isaac Taylor: Physical Theory of another life, págs. 646.

(2) Bacon - Advancement of Learning.

(3) Lecky: Rationalism in Europe, vol. 1. pág. 169.

(4) Leaders of the Reformation, pág. 169.

(5) Culture an Religion, 1871, pág. 128.

(6) Lecky - Rationalism in Europe e European Morals.

(7) Mattos - XVI, 17 e 18.

(8) João - XIV, 12.

(9) Mateus - XXVIII, 20.

(10) João - XVI, 12 e 13.

(11) Paulo - Corintios, XII, 31 e XIV, 1 e 2.

(12) Lecky - Rationalism in Europe, vol. I, págs. 28 a 31.

(13) Pitcaim - Criminal Triats of Scotland.

(14) Lucas - X, 18.

(15) Marcos - VIII, 33.

(16) João - VI, 70.

(17) Marcos - V, 8.

(18) Marcos - XII, 22.

(19) Mateus- XVII, 19 e 20.

(20) Marcos - IX, 38 e 39.

(21) Bibliothèque du Magnétisme Animal, caderno VI, pág. 6.

(22) Upham - Salem Witchcraft, vol. 1, págs. 393 e 394, vol. 11, pág. 373.

- (23) Review of Spir'tua Afanifestations, cap. VI, pág. 65.
- (24) Mateus - XII, 23 e 24.
- (25) Hecky History of Rationalism in Europe, vol 1 págs. 16 e 17.
- (26) lioracio Mann - Repori on Religions Worship - dezembro de 1853.
- (27) Mosheim - Eccl. Hist. 111, 483 e 484.
- (28) Schem's Ecclesiastical Almanac - 1869. Págs. 23 e 24.
- (29) Lecky - Rationalism in Europe, vol. 1, pág. 174.
- (30) Ewer - Sermons on the faiture of protestantism and on Catholicity, sermão II, p, 34.
- (31) Apology, Prop. VI, Pág. 123.
- (32) Apology, Prop. III, Pág. 81.
- (33) Apology, págs. 503 e 511.
- (34) American Cyclopedia, artigo - Os Quakers.
- (35) Wilkinson - Emanuel Sicedenborg, a Biography págs. 156, 225.
- (36) Swedenborg - Divine Providence, pág. 302.
- (37) Swedenborg - Heaven and Hell, pág. 107.
- (38) Swedenborg - Heaven and Hell, pág. 147, 157.
- (39) Swedenborg - Heaven and Hell, pág. 10.
- (40) Swedenborg - Heaven and He11, pág. 312.
- (41) Emanuel Swedenborg, a Biography, pág. 102. - Londres, 1849.
- (42) Swedenborg - Heaven and Hell, págs. 285, 289 e 298.
- (43) Swedenborg - Heaven and He11, pág. 185.
- (44) Swedenborg, eminente homem de ciência, desempenhou durante 31 anos o cargo de Assessor do Conselho das Minas, junto ao Governo da Suécia. Ele resignou esse cargo em 1747, para entregar-se aos seus estudos.
- (45) Hagenbach - History of Doctrines, vol. li, págs. 391 e 393.
- (46) Swedenborg - Divine Providence, pág. 135.
- (47) Swedenborg - Angelic Wisdom concerning the Divine Providence, pág. 70.
- (48) Swedenborg - Divine Providence, pág. 277.

- (49) Swedenborg - True Christian Religion, págs. 4, 81, 83 e 84.
- (50) Swedenborg - Angelic Wisdom concerning Divine Providence, página 231
- (51) Analogy of Religion, parte 2:, cap. II, págs. 195 e 196.
- (52) A. Jackson Davis, o autor da Nature's Divine Revelation, escreveu uma obra inteira sob o ditado das Espíritos.
- (53) Apology §§ 31 e 33. - Plutarco - De genio Socratis. - Apuleios - De Deo Socratis.
- (54) Stanley - History of Philosophy, cap. VI, pág. 19.
- (55) G. H. Lewis - Biographical History of Philosophy, pág. 141.
- (56) Platão - Phaedon, §§ 10, 11 e 12.
- (57) Tuscul, Quest. liv. 1, § 31.
- (58) Cahaget - Arca de la vie Future dévoilés, vol. 1, pág. 117 e 118.
- (59) Bertrand - Traité du Somnambulisme. Paris, 1823, págs. 469 e 470.
- (60) Histoire des Diabes de Loudun, ou de la Possession des Religienses tirsulines.
- (61) Court de Gébelin Histoire de Camisars; Examen du Théâtre Sacré des Cevennes; Nouveaux Mémoires pour servir á histoire des Camisars.
- (62) Galton - Hereditary Genius.
- (63) Life of Shakespeare, edição de 1823, Londres, pág. 14.
- (64) Bartlett - Familiar Quotations.
- (65) Deha Bacon - The Philosophiv of the Plays of Shakespeare enfolded. Boston, 1857.
- (66) Vasári - Lives of the Painters, vol. III, págs. 1, 2 e 58.
- (67) Goethe - Briefwechsel mit tinem Huide.
- (68) Charles Darwin.
- (69) Lucas - XVII, 20.
- (70) Lucas - IX, 20.
- (71) F. W. Robertson - Sermons, págs. 365 e 366.
- (72) Marcos - VI, 3, 5 e 6.
- (73) João - XIV, 12.

- (74) Doutor Holland - Mental Physiology.
- (75) O médium, além de não ter experiência, também não simpatizava com o Espiritismo.
- (76) Cuvier - Anatomie Comparée, tom. II, pág. 117.
- (77) Reichenbach - Der Sensitive Mensch, vol. II, §§ 2662 a 2666.
- (78) Footfalls, págs. 153, 164, 291, 327 e 329.
- (79) Edinburgh Medical and Surgical Journal, vol. LXIV, págs. 1867.
- (80) Footfalls, livs. III, IV e V,
- (81) Edward Moor - Bealings Bells, pág. 142.
- (82) São nomes supostos.
- (83) Realintes Rells, págs. 93 a 95.
- (84) Lady Morgan - The Book of the Boudoir - vol. 1, págs. 123-125.
- (85) Footfalls, págs. 204, 210.
- (86) Footfalls, págs. 74, 75, 113 (Nota) e outras.
- (87) La Réalité des Esprits et le Phénomènes merveilleux de leur écriture directe démontrées, 1857.
- (88) La Réalité de Esprits el les Phénomènes de leur écriture directe. pág. 44
- (89) João - Epístola, IV, 2.
- (90) Tratava-se da Guerra da secessão, e todas as esperanças pendiam para o Sul.
- (91) Ranke - Civil Warsand Monarchy in France, p. 307.
- (92) O médium declarou estar vendo junto dela a figura de um jovem que lhe disse: "Fiel, mesmo depois da morte." E sobre cuja cabeça estava escrito o nome Medway. A dama não deu mais palavras. O autor indagando depois- sobre por uma irmã da consulente, ser o nome do noivo, falecido nas vésperas do casamento.
- (93) CORINTIOS, XII, 8-11 e João, XIV, 12.
- (94) Atas, II, 32; 111, 15; IV, 33; X, 40 e 41; XIII, 30 e 31, e outros.
- (95) Mateus, XXVII, 52, 53.

- (96) Leben Jesus: págs. 629, 652.
- (97) Prefácio da obra, Pravers and Meditations of Doutor Samuel Jolhnson - Londres, 1785.
- (98) A Senhora B. informou-me que recebia de seus discípulos ramalhetes de flama, e que era provável que houvesse entre elas alguma rosa branca.
- (99) Acredita-se ter sido discípulo de Pedro, e foi bispo de Antioquia por volta do ano 70. Sofreu o martírio ao tempo de Trajano, em idade avançada de 107.
- (100) Chamo Espírito à alma presa ao corpo espiritual.
- (101) Footfalls, pág.52.
- (102) Souberam ser o Espírito de um seu irmão.
- (103) 1 Coríntios XIV, 1.
- (104) Alphone Teste. Manuel Pratique de Magnétisme Animal, 4.º edição, Paris: 1853, págs. 120-128.
- (105) parte II, cap. 4.
- (106) Footfalls, págs. 103, 143 e 334.
- (107) João - XIV, 12.
- (108) Footfalls, págs. 316 e seguintes.

FIM